

EDSON BARBOSA DE SOUZA

ENTRE LOBOS



O MAL NUNCA VEM DA FORMA QUE ESPERAMOS



PERIGOSAS

ENTRE
LOBOS

EDSON BARBOSA DE SOUZA

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Para
Minha
Família

Prólogo

As estrelas cintilavam no tecido negro do céu. Cintilavam como naquela noite em que Alberto pediu Irene em casamento, noite em questão, que ambos contemplavam os próprios reflexos no lago da cidade como se fosse uma breve visão do paraíso. Tanto naquela gravada em sua memória como nesta em que vivia, as lágrimas peregrinavam lentamente pelo rosto dela. Há cinco décadas, o pranto era resultado da promessa de uma vida feliz, nesta noite eram as trazidas pela solidão da morte.

A morte de Alberto, por conta de um infarto, havia completado dois meses. Desde então, Irene notou como aquela casa pequena e aconchegante ficara terrivelmente grande e sombria, inclusive em dias ensolarados. O lugar parecia ter sido coberto por um véu negro que permitia a entrada para o frio.

Tony, o bom padre, deu-lhe o conselho de sempre olhar para o céu antes de ir se deitar, lembrar-se do dia mais feliz que tiveram juntos, da importância que ambos fizeram na vida um do outro e rezar. Esse ato virou um ritual, todas as noites a devota Irene o realizava e dormia mais alegre.

Ela viajava na doce trilha das lembranças quando um estrondo fez a paz, que vinha surgindo, desaparecer com brutalidade. Conhecida aquele barulho. Era um tiro.

Silêncio.

O tempo pareceu parar. A mulher podia ouvir a própria respiração assustada e o som do coração batendo aterrorizado como se fosse explodir. Com cautela, Irene começou a se afastar da janela, o mutismo devorando a noite por um tempo que pareceu longo demais. Então, um segundo tiro ecoou e ela deu um pulo.

Após algum tempo sendo assolada por tremores, Irene se aproximou bem devagar da janela, sentindo o coração bater mais forte a cada passo. Ela olhou para a rua. Não havia nada lá, exceto o escuro vazio entre a casa dela e a do vizinho. Ela mantinha o olhar atento sem saber o que esperava ver, mas

rezando aos céus que nenhuma forma surgisse das sombras.

O desejo se realizou.

A quietude perdurou. Seja o que for que aconteceu, havia acabado.

Quando o medo os libertou, Irene e os vizinhos ligaram à polícia que chegou em poucos minutos. Instantes depois, encontraram o que estava escondido nas trevas da mata.

- Liguem para o padre Tony - Disse um policial ao outro - Liguem imediatamente!

O padre logo chegou. O medo incendiava-lhe os olhos. Guiado pelos policiais, o padre entrou na mata próxima à casa de Irene.

De longe, Irene e os vizinhos puderam ver a imagem que lhes garantiram inesquecíveis pesadelos, principalmente quando o padre caiu de joelhos e urrou de modo que os cabelos de muitos ao redor se eriçaram, um grito quase desumano que atravessara com violência o coração de todas as testemunhas.

Felipe Albertini era o nome dele. Um dia ele foi o orgulho do padre Tony, mas, naquela noite, Felipe era um cadáver no meio da escuridão, caído com a cabeça em cima de uma pequena poça formada pelo próprio sangue. Era como se ele tivesse se afogado no líquido escarlate. Na nuca e na perna direita estavam os buracos ensanguentados formados pelas balas.

Ainda de joelhos, aos prantos e deixando os olhos se perderem no negror dos céus para não ver o sobrinho ceifado desta existência, o padre fez uma pergunta:

- Onde está Heloísa?

Essa pergunta pairou no ar por três anos, pois, naquela fatídica noite na cidade de Novo Caminho, Heloísa Albertini desapareceu.

PRIMEIRA PARTE

ELES

“A mais antiga e poderosa
emoção da humanidade é o medo,
e o mais tenebroso dos medos
é o medo do desconhecido”

H.P Lovecraft

CAPÍTULO _ I _

O sol brilhava imponente naquela bela manhã, e o vento gélido do inverno soprava folhas em minha direção enquanto eu caminhava pensando na reação de Camila quando visse os muffins quentes que eu levava comigo. Ela amava muffins.

Eu estava bem próximo daquela casa branca com o telhado alaranjado que contrastava com o azul do céu. Além do portão de grades, havia um longo, e bem cuidado, gramado onde perto da entrada da casa ficava uma amoreira. Embaixo da árvore, eu pude vê-la sentada usando um belo vestido preto, resguardada pela sombra com os cabelos negros que chegavam até os ombros ao sabor do vento. Era Laura.

Abri o portão e acenei, ela não se mexeu.

- Olá, Laura. Como vai? - Perguntei.

A mulher continuou em silêncio. Fui me aproximando e pude vê-la melhor e reparei que embaixo da cadeira de varanda havia uma bolsa pequena. Laura sorria, um sorriso que eu me lembraria por um longo tempo. Um sorriso igual aqueles que crianças bagunceiras dão após cometer alguma travessura.

- Tudo bem? - Perguntei novamente.

Laura apenas me observava sorridente.

E então foi aí que eu vi. Na soleira da porta da sala, deslizavam três tentáculos de sangue.

Acordei ofegante. Mesmo sendo um outono bem frio eu estava com o corpo encharcado de suor. Olhei ao redor, como um homem perdido nas terras do inimigo, e vi o mesmo quarto e o mesmo rádio-relógio que naquele momento marcava quatro e doze da madrugada. Ao meu redor reinava a vil quietude.

Levantei-me enrolado no cobertor e fui até o banheiro.

Acho que todos nos olhamos no espelho ao acordar, seja após um pesadelo em tons escuros ou em um sonho colorido, apenas para ter certeza de que ainda somos nós mesmos. Pelo menos externamente. Por fora, eu era o mesmo homem negro de cabelos bem curtos, mas, internamente, algumas coisas haviam mudado neste quase um ano depois daquele maldito dia.

Fui para a sala com passos lentos, peguei meu rádio portátil e abri as grandes portas que levavam à sacada do apartamento. Lá fora, as luzes da grande São Paulo reluziam. Eu adorava aquela visão, era como se estrelas estivessem próximas de nós a ponto de serem tocadas.

Arrastei uma cadeira e desabei nela. Cobri-me com a coberta e permiti ser abraçado pelo silêncio que rastejava até mim como uma serpente faminta vinda da escuridão. Coloquei meus fones de ouvido, liguei o rádio e sintonizei em uma de minhas estações favoritas, que naquele horário tocava música clássica. Lá fiquei até que a luz do sol surgisse para banhar o horizonte e dizimar as sombras.

...

O relógio marcava nove e meia da noite e todos continuavam a me encarar após uma hora e meia.

O anfiteatro daquela faculdade era imenso, um dos maiores em que eu já havia ministrado uma palestra. Todos os cem ali presentes ouviam atentamente cada palavra que eu dizia, riam das piadas, chocavam-se com algumas experiências e anotavam conselhos. A palestra corria muito bem,

mas logo chegaria aquele momento. Era inevitável.

Olhei para a plateia e disse aquelas palavras que eu odiava dizer:

- Agora estou a disposição para responder suas perguntas. Quem será o primeiro?

Ergueu-se uma selva de mãos. Escolhi uma loira de óculos que tinha nos olhos a curiosidade que eu tinha quando era eu o aluno. Eu sabia o que ela iria perguntar.

Ela perguntou:

- O que o senhor poderia nos contar sobre o caso da “Vampira da rua dos cedros”?

Era possível ouvir o bater de asas das moscas. Todos os olhares se voltaram para mim como se olhassem não a mim, e sim minha alma. Muitos dos alunos ergueram um bloco de anotações e estavam prontos para escrever. A expectativa estava evidente em seus rostos, afinal, era para ouvir a resposta daquela pergunta que muitos estavam ali.

Dei o meu melhor sorriso ensaiado e matei a curiosidade deles.

...

Ao fim de minhas palestras, as pessoas vinham me cumprimentar, agradecer, outras tirar selfies e algumas até entregar currículos. Tinham pessoas que às vezes vinham fazer algo que me surpreendia: Oferecer-me empregos.

- Agradeço muito, mas no momento estou de férias - Era o que eu sempre dizia, mesmo fazendo nove meses que eu havia pedido demissão do trabalho.

Em muitas palestras, havia o coquetel e o bate-papo descontraído que acontecia no final. Aquela era uma delas. Eu estava na mesa me servindo de um pouco mais de refrigerante, olhando para as travessas com sushis, que eram a última coisa que eu imaginava - ou queria ver - em um evento daqueles, enquanto tentava escutar meus próprios pensamentos até o momento em que Roberto veio em minha direção. Como sempre, os sapatos dele estavam sempre engraxados de maneira tão impecável quanto o penteado dos cabelos grisalhos. Ele trazia consigo um embrulho.

- E ai, grande Sam? - Disse ele - Foi difícil chegar até você, parece até uma estrela de Hollywood.

Apertamos as mãos um do outro.

- Com esses sapatos e esse blazer é você que parece um astro - Falei sorrindo - Vim mais cedo apenas para ver sua palestra, você foi incrível.

- Eu era apenas a abertura, era você a atração principal - Disse ele dando um tapinha em meu ombro.

Deixei escapar um risinho que eu sabia não ter sido convincente.

- Não diga isso, todos os apresentadores aqui tem mais experiência do que eu, eles estão de olho no ídolo errado.

- Sempre modesto, Sam, você nunca muda. Parece que está assustado e tenso quando está em uma universidade com um bando de filhinhos de papai só querendo ter algo para postar. Relaxe e curta o momento, você foi um herói e eles te respeitam por isso.

Após ouvir a palavra “herói” meu desejo foi de me despedir e ir logo embora dali, porém, eu estava diante não apenas do homem que foi meu chefe por doze anos, mas também de um amigo e mentor que sempre confiou em mim e em meu trabalho. Meu respeito me manteve parado no mesmo lugar.

- Acredita que daqui a dois meses faz um ano, Roberto? - Perguntei observando as pessoas ao meu redor - Um ano e eles ainda se lembram daquele caso.

Roberto apertou meu ombro.

- E se lembrarão por mais algum tempo - Disse ele com seriedade, olhos nos olhos - Tem certos casos que grudam na cabeça das pessoas e só desgrudam quando acontece outra tragédia. Mas é como eu sempre te disse, nós, jornalistas, temos de nos desprender dos casos, o mundo continua girando e temos de contar os giros e passá-los para a população. Por isso não dá pra ficar preso em uma coisa só - Ele deu um passo a frente - Você se desprende?

Dei de ombros. O desejo de fugir dali rugiu dentro de mim feito uma fera. Roberto se mostrou desapontado.

- Até quando vai ficar nisso? - Indagou ele - Eu já te contei qual foi um dos motivos para eu ter te efetivado quando era um estagiário?

- Que foi por causa da chama nos olhos.

- Sim, aquela chama que todo jornalista investigativo deve ter. - Aproximou-se e abaixou a voz como se contasse um segredo - Aquele olhar de quem não tem medo do mistério; olhar de quem não vai recuar até descobrir a verdade; aquele que diz “não serei derrotado”.

O lugar, que até então era uma barulheira, pareceu se aquietar para ouvir o que ele tinha a dizer.

- Eu não vejo mais essa chama em você - Prosseguiu Roberto com o tom de um calmo pai dando conselhos a um filho - Eu sei que ela está aí. Você a escondeu, mas ela está aí. Sei disso porque das dezenas de jornalistas investigativos que já conheci, você é um dos melhores. Você está se escondendo, Sam. Precisa seguir em frente.

Quis mudar a direção dos meus olhos para algum rosto distante, mas, em vez disso, sustentei o olhar dele.

- Eu ainda não posso, Roberto - Respondi a ele.

Ficamos quietos e os sons ao nosso redor voltaram a reverberar. Roberto abriu um sorriso.

- Uma hora você irá deixar essa chama brilhar de novo, tenho certeza. Até lá espero que se cuide, Sam.

- Vou me cuidar - Garanti sem muita convicção.

Ele assentiu e me estendeu o embrulho.

- O que é isso? - Perguntei pegando o embrulho.

- Eu não sei, eles o deixaram lá na revista. Quem enviou não devia saber que você não trabalhava mais por lá.

Não havia remetente, apenas meu endereço e meu nome: Samuel Dias.

- Estranho, pensei que todos soubessem que eu não estava mais lá - Falei analisando o pacote do tamanho de uma caixa de cereais.

- Com certeza deve ser alguém querendo fazer uma surpresa - Disse Roberto dando de ombros - Bom, vou indo nessa. O coordenador quer falar comigo. Parabéns pela palestra, você foi ótimo como sempre.

- Obrigado, Roberto, mande um abraço para todos.
- Pode deixar.

Nos cumprimentamos e ele deu as costas, depois de alguns passos parou e se virou.

- Sam, saiba que a porta sempre estará aberta.
- Obrigado - Falei com um sorriso sincero.

Roberto se foi.

Olhei novamente o embrulho sem remetente. Roberto estava certo, seria uma surpresa.

...

Ao finalmente chegar ao meu apartamento e acender as luzes, elas vieram até mim: as lembranças. Era como se eu pudesse ouvir os sons que foram proferidos ali há dois anos.

Os sons eram mais altos na sala, pois era onde Camila e eu assistíamos algum dos filmes de minha vasta coleção; local que muitas vezes ouvíamos algum de meus discos na moderna vitrola enquanto comíamos a famosa lasanha que ela preparava; lugar em que tínhamos nossas conversas sobre livros, guerras de almofadas, disputas de quem ri primeiro e também recanto de algumas brigas e de beijos intensos. Todas essas recordações estavam enclausuradas pelas paredes brancas revestidas de quadros de artistas e bandas de folk e rock and roll e de matérias que realizei. As lembranças pareciam brotar das frestas, prontas para gritar em meus ouvidos. Naquela sala estavam confinadas as melhores recordações, isso me fazia adorar aquele cômodo apesar da intensa dor do passado que não iria voltar, feito os mortos no descanso eterno. A sala era como um pequeno lago onde eu podia me banhar ou me afogar.

Joguei-me na poltrona. Após um curto tempo de olhos fechados, arrastei a mesinha de centro e coloquei o embrulho ali em cima. O abri rapidamente e olhei para seu conteúdo que deixei repousar na mesa. Recostei-me novamente na poltrona e fiquei apenas olhando atentamente aquele objeto.

Era um livro.

O livro tinha uma capa negra e gasta, era perceptível que possuía vários anos, uma antiguidade. O título era escrito em dourado, o nome do livro era “Then”. Com a curiosidade queimando em minhas veias pelas palavras naquelas páginas amareladas pelo tempo, eu o abri.

Primeiro um choque.

Uma gravura era a primeira visão ao abrí-lo. Na imagem, havia cerca de quinze pessoas, todas vestidas com mantos negros; o fundo era cinza como um dia nublado, já seus rostos eram brancos e os olhos e bocas eram tão negros quanto suas vestes. Os rostos eram a pior parte. Alguns sorriam com afeto e outros com malícia, outros estavam com a expressão neutra, alguns choravam e outros tinham no rosto apenas horror, estes pareciam gritar. Eles me lembravam...Cadáveres.

Na primeira página, havia o título e o nome do autor Graham Dicker, nenhuma dedicatória ou referência a quem enviou o livro. Havia o índice, mas não apenas ele, tinha algo naquele índice que me deixou atônito.

Meu nome estava escrito desleixadamente em letras de fôrma, ao lado dele tinha uma seta e por fim um número grifado. O número era duzentos e cinco. Fui direto para a página com esse número.

O livro era todo em inglês, ainda bem que eu falava a língua. Na página, encontrava-se grifada uma passagem do texto que era encabeçado pela imagem de uma cruz de pontas pontiagudas que possuía um V no centro:

“ Após sacrificar o filho do pecado, deve-se deixar seu sangue jorrar e banhar o altar. Todos os sagrados irmãos devem, após a purificação, mostrar-se mais poderosos que o pecado devorando a carne do imolado.”

Os pelos de minha nuca se eriçaram.

Fechei-o e tentei encontrar algum motivo para alguém querer que eu lesse aquele texto bizarro. Não encontrei. Fiquei apenas encarando aquele livro da mesma forma que os rostos esbranquiçados pareceram me encarar, fosse aos sorrisos ou aos gritos de pavor.

Uma lembrança apunhalou minha mente.

Eu conhecia aquele livro.

Levantei-me e corri para meu escritório com o coração martelando.

No cômodo, ficava minha amada biblioteca e também “O mural”. Eu havia juntado murais de vários tamanhos e os grudei próximos uns dos outros até cobrir toda uma parede e neles coleí matérias de casos que eu havia trabalhado. Percorri os fragmentos de casos de corrupção, fraudes, roubos, assassinatos e finalmente encontrei o que procurava.

Lá estava uma foto com os itens encontrados na bolsa de um homem que foi achado morto em uma mata com um tiro na nuca há três anos. Entre esses itens estava um livro de capa negra de título “Then”.

Ao lado da foto estava a capa da matéria sobre este crime. A capa consistia em uma fotografia de minha amiga Heloísa Albertini.

O rosto dela era triangular, orbes verdes escuras e cabelos castanhos também escuros. Um par de olhos que me fitava e interrogava. Na parte de cima da foto, estava escrito: Onde está Heloísa Albertini?

- E então, Samuel, onde eu estou? - Os olhos perguntavam.

Embaixo estava escrito em letras menores e vermelhas:

O misterioso caso da jovem desaparecida que é a principal suspeita da morte do marido.

- E então, Samuelzinho, eu o matei? Você é o perito, me responda! Eu o matei? - Os olhos gritavam.

Tudo que eu podia dizer era que não sabia.

A única coisa que eu sabia era que quem me enviou o livro pretendia passar uma mensagem e, por algum motivo, queria que eu fosse o mensageiro.

C A P Í T U L O

II

A duas quadras do prédio da renomada revista semanal “O agora”, há um aconchegante restaurante chamado “ O recanto”. No centro do estabelecimento pintado com cores pastéis, possui um grande fogão a lenha onde suculentas iguarias repousam, eu estava em uma mesa no canto próximo a ele esperando Roberto chegar.

As palavras do livro açoitavam minha cabeça. Fazia mais de trinta horas que eu havia lido o conteúdo da página marcada para mim. Depois de ir à biblioteca fazer uma demorada pesquisa, rondar a internet e refletir, sentado em minha poltrona assistindo o sol se esconder enquanto Bob Dylan cantava em meu toca discos, decidi que tinha de falar com meu antigo chefe.

Roberto entrou, cumprimentou os funcionários do restaurante que ele e os jornalistas da revista tanto frequentavam, cobiçou uma travessa de feijoada e fez um sinal de joia ao me ver. Ele chegou até mim e me levantei.

- Bom dia, Sam. Como vai?
- Estou ótimo, Roberto, obrigado por vir - Respondi apertando-lhe a mão - Você está com aquela cara de quem tem dormido pouco, ou seja, vocês têm um “furo”.
- Acertou. Acho que você sabe sobre o que é.
- O desvio da verba de merenda escolar que todos estão comentando, mas ninguém descobriu muita coisa?

Roberto soltou uma risada maliciosa que eu havia ouvido em praticamente todas as reuniões quando trabalhei na “O agora”, sempre que tínhamos um “furo” em mãos.

- Exato! Descobrimos um “pássaro” que está disposto a abrir o bico e cantar - Falou esfregando as mãos uma na outra.
- Tenho certeza que será uma excelente matéria.
- Espero que sim.

Nos sentamos frente a frente.

- E então, o que aconteceu? - Perguntou Roberto - Você parecia preocupado no telefone.

O livro negro retornou à minha mente com violência.

- Você se lembra do caso Heloísa Albertini? - Perguntei.

Ele se surpreendeu. Aquele crime fez com que nossa amizade ficasse

abalada por uma semana e, nos anos que se seguiram ao assassinato, nunca falamos dele um com o outro, era como se ao mencioná-lo algum ser diabólico despertaria.

- Lembra o que sempre te disse sobre os casos que deveríamos colocar na gaveta de “casos para se esquecer”? - Indagou ele apontando o indicador para mim.
- São aqueles que nunca esquecemos.
- Exatamente. O que tem o caso?
- Lembra o que foi encontrado na bolsa do Felipe?
- Claro, um livro sobre seitas.
- Isso mesmo! No embrulho que enviaram para mim tinha o mesmo livro.

Roberto se empertigou na cadeira.

- Imagino que sem informações sobre quem o enviou - Disse ele.
- Nenhuma, mas alguém escreveu meu nome em garranchos e anotou um número no índice. Fui até a página e tinha uma passagem marcada no texto.

Peguei o livro na bolsa e entreguei a ele aberto na página com o trecho. Roberto, que falava inglês e mais três línguas, colocou os óculos de grau e pegou a obra.

Olhei para a janela. O mundo lá fora estava cinza, igual ao fundo dos desenhos que lembravam cadáveres. O rosto que gritava de horror veio até mim, os gritos dele pareciam ecoar pelo restaurante.

Ouvi o livro se fechar.

Roberto estava com o semblante marcado pela dúvida e por um sutil assombro.

- Meu Deus, Sam! Sei que você pesquisou, essa passagem é simbólica, não é?

“Após sacrificar o filho do pecado, deve-se deixar seu sangue jorrar e banhar o altar. Todos os sagrados irmãos devem, após a purificação...”

- Pesquisei e... Não, não era simbólico. Eles realmente matavam esses tais “filhos do pecado” e... - Senti meu estômago se revirar - Comiam a carne deles.

...Mostrar-se mais poderosos que o pecado devorando a carne do imolado.”

Por alguns instantes o horror deformou o rosto de Roberto. Ele se inclinou. Era o mesmo que dizer: Continue.

- Não achei muita coisa - Eu prossegui -, o livro diz pouco sobre eles, são apenas duas páginas a respeito da seita. O que descobri é que eles surgiram na França no século XV e eram conhecidos como “voraces” que significa devoradores. Essa seita não teve muitos seguidores e todos foram exterminados em fogueiras ou linchados pela população.

“As vítimas desse grupo eram sempre pessoas que a sociedade considerava pecadoras. Para os voraces, esses pecadores deveriam ser eliminados para expurgar o poder do mal sobre a terra. Eles se julgavam juízes, júris e carrascos, escolhidos pelos céus para tornar este mundo um lugar melhor devorando os pecados das pessoas.

Roberto se recostou na cadeira e ficou em silêncio parecendo assimilar tudo o que eu havia dito, enquanto me fitava.

- Você consegue ver alguma ligação entre o caso Heloísa e essa passagem estranha? Eu não vejo - O tom da voz dele sugeria: Convença-me - O que garante que alguém, que sabe que você é um rato de biblioteca, não te mandou este livro para fazer uma brincadeira? Quem sabe logo algum amigo ou parente, não irá aparecer em sua casa perguntando o que achou do presente?

Ele me encarou com um sorriso desafiador e eu retribui.

- Ok, mas por que marcar esse trecho? - Perguntei - E por que tinha de ser este livro, que além de ser uma raridade também foi uma das coisas encontradas na bolsa de um homem morto que era meu amigo?

Roberto ficou satisfeito com o pequeno debate, pois o sorriso dele se alargou.

- A mesma ideia que eu tive quando li aquela passagem está passando pela sua cabeça - Afirmei - Você concorda não é? Tem alguma coisa naquele crime que ninguém mais sabe, além do desconhecido que mandou essa surpresa - Observei o livro negro encostado na mesa. Quantos segredos ele trazia consigo? Quantos

seriam revelados? - Fui escolhido, Roberto.

O rosto dele ficou sombrio.

- E acho que sei o porquê - Disse ele.

Uma lembrança voltou a mim, a qual, Heloísa e eu estávamos em um metrô com as mochilas nas costas, compartilhando os fones de ouvido e rindo alto de alguma piada que ouvíamos na rádio. Todos ao nosso redor estavam sendo ignorados.

Só havia um motivo para mandarem aquele livro justamente para mim, Heloísa era minha melhor amiga desde os tempos da faculdade.

- É, eu também acho que seja por isso - Confirmei.

Roberto continuou recostado, voltou-se para o alto como se procurasse iluminação sagrada. Os olhos cinzentos dele desceram lentamente até se fixarem aos meus castanhos escuros.

- Por que está me contando tudo isso, Samuel?

Esperava aquela pergunta, havia refletido muito para ter a resposta. Foi minha vez de me inclinar.

- Gostaria de saber se posso ter meu emprego de volta.

Ficamos apenas nos observando, enlaçados pelo silêncio. Eu esperava que ele fosse ficar surpreso e depois sorrir, talvez brincar dizendo que me contrataria se eu finalmente trocasse meu rádio am/fm por um ipod. Mas isso não aconteceu. Roberto ficou me olhando de maneira fria, como se olhasse um concorrente e não um velho amigo.

- Quer voltar para investigar o assassinato do Felipe! - Exclamou sem surpresa e sim com reprovação que ardia nos olhos dele, como se eu estivesse pedindo apoio em um crime.

- Sim, é por isso.

Ele tirou os óculos tranquilamente e os depositou na mesa. Quando mirou meu rosto, parecia outro homem. Um que irá dizer coisas que você não vai gostar de ouvir.

- No dia em que me disse que queria sair porque precisava de um tempo, eu aceitei porque vi que não estava bem. Você ainda tem pesadelos, não tem?

Pensei em sangue escorrendo por debaixo da porta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Às vezes - Minha voz saiu fraca.

Um traço de pena percorreu as feições dele, mas logo desapareceu, dando lugar a uma expressão rígida.

- Aquela assassina envenenou sua alma, Samuel, e agora quer novamente investigar um crime envolvendo pessoas que eram especiais para você? - Ele falou mais alto do que de costume, tive a impressão que em breve ele iria gritar.

- Você sabe que dou conta, Roberto! - Notei, tarde demais, que também aumentei a voz.

- Eu sei, mas, também sei que quer fazer isso para se redimir. Não é só para resolver o mistério, é também para tentar provar que ela é inocente, não é?

Ele estava lendo meus pensamentos?

Fiquei sem palavras, apenas sustentei o olhar dele. Roberto se aproximou um pouco mais, ele queria ver um pouco melhor a escuridão dentro de mim.

- E se a resolução desse caso só piorar seu sofrimento, Samuel?

Os segundos em silêncio que se seguiram pareceram durar horas. O barulho das conversas e dos garfos batendo nos pratos, feriam-me os ouvidos.

- Você fala como se não quisesse saber onde esse livro vai nos levar
- Falei de maneira gélida, como se eu me dirigisse a algum inimigo - Eu quero saber e vou descobrir! Mesmo sem meu trabalho de volta.

Imaginei que ele se levantaria e iria embora, se o fizesse eu não o impediria e sim seguiria meu caminho como se aquela conversa fosse um miserável fragmento de um sonho destinado ao esquecimento quando eu acordasse. Ele não se levantou, continuou com a atenção fixa em mim.

- Quero que você volte a trabalhar conosco, todos na revista querem
- O tom calmo voltou. Novamente ele falou como um pai dando conselhos a um filho rebelde - Também estou curioso para saber onde as palavras desse livro podem nos levar, mas quero que me diga olhando nos olhos - Inclinou mais um pouco - Você está bem o suficiente para remexer nos segredos que esse livro pode lhe trazer ? Eu acho que não está.

Pensei outra vez no lento deslizar do sangue. Recordei de uma sacola com suculentos muffins caindo de minhas mãos. Sorrisos. Gritos de dor. Pessoas mortas.

- Cinco minutos, Roberto.
- Cinco minutos? - Perguntou ele de cenho franzido.
- Sim, pelos meus cálculos se eu tivesse chegado apenas cinco minutos mais cedo, eu poderia ter evitado tudo aquilo - Essas palavras, esse pensamento fizeram com que um fogo queimasse minha entranhas.

Ele mudou a direção do olhar para a janela e o céu cinzento através dela.

- Eu falhei, Roberto. Se eu der as costas a este furo, vou estar falhando com mais uma pessoa especial para mim.

“Está bom, talvez eu descubra que ela realmente matou Felipe, mas mesmo assim acho que a família dos dois merecem saber a verdade, e no momento só nós podemos desenterrar essa verdade.

“Entendo sua preocupação - As palavras saiam como se estivessem me causando dor - e agradeço, mas... Eu... Eu pensei que dar um tempo iria me ajudar, mas não ajudou... Só piorou as coisas.

“ Eu quero... Eu preciso resolver esse crime, Roberto. Preciso fazer a coisa certa desta vez.

Apenas quando terminei de falar que percebi meus punhos cerrados e o quanto meu coração batia com fúria.

Ficamos apenas com os olhos fincados uns nos do outro. As palavras eram inúteis naquele momento. Ambos sabíamos o que passava pela cabeça um do outro. Ele e eu estávamos certos.

Roberto voltou seu olhar para o céu novamente, acredito que estivesse vasculhando algum dicionário mental em busca do que deveria ser dito.

- Você ainda se lembra das regras, não lembra? - Perguntou ao voltar a atenção para mim.

Eu sorri, enquanto meu coração se acalmava.

- Claro. Devo te mandar um relatório a cada semana e pedir ajuda caso as coisas se compliquem.

Ele assentiu com um semblante alegre.

- Vou falar com o RH, acho que você poderá começar na segunda. Aproveite estes quatro últimos dias de “férias”.

Tive algo semelhante à sensação de quando consegui o emprego na revista. Uma sensação de vitória e orgulho, mas com um frio na barriga.

- Vou atualizar na minha página que não estou mais dando palestras
- Falei sem tentar esconder o entusiasmo.
- Ótimo!

Soltei uma gargalhada e ele me acompanhou. Parecíamos dois adolescentes rindo de uma piada suja, ao invés de dois adultos de alta-escolaridade familiarizados com a poesia, nem sempre feliz, que é a vida. Alguns rostos curiosos no restaurante se voltaram para nós.

- Obrigado, Roberto.

Ele voltou a me fitar quando a risada cessou.

- Eu posso ver, Sam.
- O quê?
- A chama.

Sentia-me orgulhoso de uma forma que não o fazia há muito tempo, mesmo depois de seis meses sendo aplaudido - muitas vezes em pé - em minhas palestras.

- Vamos comemorar. O almoço será por minha conta - Disse Roberto.
- Obrigado, que tal uma feijoada?
- Depois desse papo de canibais acho que vou preferir uma salada.

...

Você não acha interessante como nós, muitas vezes, admiramos o passado da mesma maneira que perdidos no deserto admiram uma miragem?

Era justamente isso que eu estava fazendo. Contemplando lembranças de quase treze anos atrás que me invadiram quando estacionei de frente ao prédio da “ O agora”. Na época, eu trabalhava em uma livraria e era um bolsista cursando o último ano de jornalismo. Pude sentir o nervosismo me

consumir, afinal, estava em um dos confortáveis sofás da acolhedora recepção de uma revista que eu respeitava e desejava fazer parte. Eu pensava e repensava no que diria quando Roberto de Lins, que era o presidente, fundador e principal editor da revista, viesse falar comigo. Eu torcia para que Elaine, a veterana jornalista investigativa, estivesse junto dele. Elaine estava ministrando uma palestra na faculdade e quando estava indo embora consegui convencê-la a dar uma olhada na matéria que eu estava desenvolvendo. A mulher negra de cabelos encaracolados se impressionou e garantiu uma reunião entre mim e Roberto. Fiquei imensamente feliz quando lhe vi ao lado do homem que seria meu chefe, o apoio dela aumentou minha coragem. Roberto também se impressionou com o inquérito que eu estava realizando sobre um diretor de escola pedófilo, que havia assediado pelo menos vinte e duas crianças e abusado de no mínimo oito delas nos três anos que ocupava o cargo. Consegui o emprego e, com o apoio deles, a matéria foi um sucesso e o criminoso acertou as contas com a justiça. Através dessa investigação, descobrimos muitos outros casos de pedofilia em escolas, que foi tema da, premiada, matéria seguinte.

Com os olhos brilhando de euforia, concentrei-me no presente e fui em direção à mesma recepção de tantos anos atrás. Desta vez, um pouco mais sábio e experiente, mas a curiosidade e disposição semelhantes às de um aprendiz.

Quando passei pela porta de entrada, um sorriso se espalhou pelo meu rosto, era como se eu estivesse caminhando para a liberdade depois de um tempo longo e solitário em uma prisão.

As paredes marfim-claro continuavam ornadas com imagens das milhares de matérias realizadas nos trinta anos de existência da empresa. Bem no alto na entrada da sala de redação, lia-se em letras grandes o lema da revista:

“O mundo na palma da sua mão a semana toda.”

As teclas dos computadores eram marteladas por dedos ágeis, pessoas caminhavam para lá e para cá com copos de café em uma das mãos e os telefones na outra, em cada parte do vasto salão em mesas organizadas em círculos, estavam as equipes de cada segmento. Todos ali lapidando as notícias que seriam levadas ao mundo tanto nas revistas impressas, quanto em conteúdo online.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

De repente, todos os olhares se desprenderam das atividades e se voltaram para mim, da mesma forma que devem ter olhado para Lázaro quando este saiu de sua tumba ressuscitado.

- Bom dia, pessoal! - Falei rindo.

Todos os membros da “O agora” vieram me cumprimentar. Os cinco integrantes da minha antiga equipe me abraçaram e Elaine veio correndo até mim apertando-me com o mesmo gesto.

- O bom filho à casa torna. Senti saudades, Sam! - Falou ela emocionada. Elaine, que era a editora da minha equipe, sempre me considerou o pupilo dela.

Roberto veio em seguida e apertamos as mãos.

- Eles têm uma surpresa para você! - Contou ele piscando um olho.

Todos da minha equipe riram e me pediram para segui-los. Não pude conter a alegria e a emoção ao ver o que era: Minha mesa em meu lugar favorito da sala, próximo à janela.

- Quando soubemos que você iria voltar, trouxemos sua mesa de volta para cá. Ninguém usou este lado, pois era seu cantinho e sabíamos que você ficaria puto da vida se alguém estivesse nele quando voltasse - Disse Elaine.

- Eu pensei em ficar com seu lugar, mas seu jeito esquisito de achar inspiração, não deu certo comigo - Disse o bem humorado repórter Júlio, coçando os cabelos pretos já dando sinais de calvície.

Todos riram. Sempre disseram nunca entender meu “jeito esquisito de achar inspiração”. Eu costumava colocar meus fones de ouvido e olhar para a paisagem enquanto ouvia uma música em alguma estação do meu rádio portátil, quando precisava de iluminação para encontrar ideias.

- Obrigado, pessoal, vocês são os melhores - Minha voz não escondeu a alegria que senti.

Naquele mesmo dia fomos almoçar juntos e relembramos muitos bons momentos. Eles não tinham como saber o quanto eu fiquei grato por terem deixado de fora qualquer assunto relacionado à “vampira da rua dos cedros”.

Eu estava de volta.

CAPÍTULO III

Na primeira sexta-feira após meu retorno à revista, reuni-me com meus pais na casa de minha irmã mais nova Karen. Todos nós estávamos à mesa ainda sentindo o delicioso gosto do carneiro assado feito pelo meu pai enquanto ouvíamos o barulho alegre vindo da sala onde meu cunhado

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Henrique jogava videogame com meus sobrinhos Murilo e Larissa de sete e cinco anos. A lua alta no escuro da noite nos espiava da janela.

O clima alegre sob nós, dissipou-se rapidamente dando lugar para um sombrio. Com delicadeza, Karen fez a pergunta que todos ao meu redor queriam fazer desde que me viram chegar na casa:

- Tem certeza que quer remexer nesse crime?
- Claro que tenho - Respondi com falsa descontração - Vocês sabem que meu lugar é em campo fazendo o trabalho de verdade, e não falando sobre ele em anfiteatros.

Minha mãe mirou meu rosto. O semblante dela estava severo, mas os olhos estavam marejados.

- Você não precisa provar nada, Samuel - Falou minha mãe - Não tinha nada que você pudesse ter feito para salvar a Camila. Se tivesse você teria feito, todos sabem disso.

Todos ficamos quietos por um tempo sentindo o peso do que havia sido dito pairar sobre nós.

- Não se trata de provar, mãe. Eu não posso dar as costas para isso. Estamos falando da Heloísa, isso não tem nada a ver com a Camila.

Mamãe limpou as lágrimas. Meu pai colocou a mão sobre a dela e me encarou.

- Na verdade, você pode deixar isso para lá - Disse meu pai, com aquela voz de trovão - você é que não quer. Entendo e aceito você voltar para o trabalho, mas... Mas não aceito que seja para trabalhar neste crime.

Nos olhamos por um tempo, cada um pensando nas próximas palavras como um condenado no banco dos réus. A fúria crescia dentro de mim, mas a compreensão do motivo da preocupação deles fez com que me controlasse.

- Algum de vocês já parou para pensar que por eu ter sido amigo de Heloísa, talvez eu seja o único que possa descobrir o que este livro quer mostrar? - Perguntei fitando cada um deles.

Mamãe baixou os olhos para o prato e disse baixinho:

- Esse livro me traz um mau pressentimento.

Eu não queria dizer, mas o livro negro me trazia a mesma sensação.

Era como se uma energia maligna estivesse emanando dele.

- Eu preciso de respostas, e elas estão apenas em Novo Caminho - Disse eu - Vai ficar tudo bem, sabem que sou bom no que faço. Desculpa, mas eu preciso descobrir o que esse livro quer mostrar - Inclinei-me- Aquele crime trouxe dor para muita gente, e essas pessoas merecem respostas.

Todos sabiam que aquela discussão não levaria a nada, exceto a mais dor, esse conhecimento fez com que um silêncio perturbador nos envolvesse.

- Quem quer sobremesa? - perguntou Karen e se levantou - Sam, me ajude a pegar os pratos.

Minha irmã sempre soube como aliviar as tensões, admirava muito isso nela. Sussurrei um obrigado no ouvido dela enquanto pegávamos os pratos.

...

Meus pais sabiam que eu estava decidido, acho que por isso não tocaram no assunto o resto da noite. Eles foram embora mais cedo que eu, porém, antes ir me deram um abraço apertado. Era um abraço de “tome cuidado”. Senti vontade de chorar quando os vi indo embora. Aquele gesto de carinho me fez sentir um calor que não sentia há muito tempo.

Fiquei sentado na cozinha grande e decorada de minha irmã. Ela me serviu uma tigela com sorvete e ficamos conversando um pouco. De repente ela se calou e começou a mexer nos cachos do volumoso, e bem tratado, cabelo. Era sinal de que Karen tinha algo sério a dizer.

- Não fique chateado com a gente, Sam, estamos apenas preocupados com você.

- Não fiquei chateado. Eu compreendo, Ká.

Ela semicerrou os olhos e socou a palma da mão.

- Talvez o pai e a mãe não estejam, mas eu estou muito brava com você.

- E por quê? - Perguntei simulando medo.

- Por quê? - Ela me olhou com seriedade e falou alto - Porque você precisou ganhar um livro sinistro, de só Deus sabe quem, para vir aqui.

Senti um forte aperto em meu coração.

Sempre fomos uma família unida. Era um costume nos reunirmos pelo menos uma vez por semana para uma generosa refeição e calorosas risadas. Mas, nos dez meses depois do maldito dia no inverno, limitei-me a visitá-los no natal, ano novo e aniversários.

- Nossa, Ká...Desculpa, Eu... Me desculpe, eu apenas queria ficar sozinho nesses últimos tempos.

A verdade era que eu não queria que eles me vissem sofrer.

Karen apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçou os dedos e apoiou o rosto nas mãos unidas.

- Olha, não gosto da ideia de você ficar trancado naquele apartamento pensando... Naquele dia. Você não precisa de outro crime para sair do seu casulo. Tem muita gente com quem você pode contar, o Henrique e eu estamos aqui sempre para o que você precisar, tem também seus sobrinhos que adoram ouvir suas histórias e seus amigos que sempre perguntam de você - Ela sorriu, o que me fez vislumbrar a pequena garota que voltava para casa ao meu lado depois da escola - Existe uma vida fora daquele apartamento, então comece a vivê-la... Ou pelo menos dê notícias para a mamãe, porque assim ela vai parar de me ligar toda a semana querendo saber de você. Não sabe como fico com vontade de te bater quando ela me liga por sua causa.

Nós nos rendemos às risadas.

- Ok. Vou ligar para a mamãe com mais frequência, mas só se você prometer que fará mais daquele purê de batatas - Falei ainda rindo - Eu até venho passar uns dias na sua casa, posso dividir o quarto com o Murilo.

- Pensando bem... Acho que prefiro você trancado no seu apartamento.

Explodimos em deliciosas e bem audíveis gargalhadas.

Karen se levantou, veio até mim com calma e me abraçou. Eu correspondi.

- Senti sua falta, seu chato - Falou ela quase em um sussurro.

- Eu também senti sua falta, baixinha.

...

Era domingo, no dia seguinte eu iria para Novo Caminho. Naquela manhã eu decidi fazer uma visita que há muito eu não fazia.

Estava bem cedo, então o cemitério estava silencioso e também vazio. Mas quando se está em meio a corpos podres coroados por lápides, é bem difícil se sentir sozinho.

O túmulo dela ficava próximo a uma árvore bordo, cujas folhas estavam se desprendendo enquanto dançavam com o vento para depois se deitarem serenamente no verde da grama.

Eu levava comigo uma cadeira dobrável, armei-na me sentando de frente com o túmulo onde depus um ramalhete de goivos azuis. Na lápide estava escrito o nome dela:

Camila Vidal Seixas

Havia um pequeno texto no epitáfio:

“ Voe alegre rouxinol, voe em direção ao céu.”

Aquela frase a trouxe de volta. Comecei a reviver o meu primeiro encontro com Camila no restaurante oriental que ela mais gostava. Ela estava com aquele belo vestido preto, que contrastava com o branco da pele dela e combinava com o cabelo negro amarrado cuidadosamente em um coque. Os olhos cor de âmbar, brilhavam enquanto o rosto dela era iluminado pela luz serena dos candelabros. A música relaxante que tocava no restaurante naquele dia, pareceu ressoar no cemitério. Escutei a gargalhada que ela soltou ao me ver deixar cair um sushi em uma tigelinha de shoyu e este manchar minha camisa branca. Três dias depois, ela me deu uma camisa nova que se tornou minha camisa da sorte. Recordei de nossa tentativa fracassada de não permitir que nossas profissões tão distintas invadissem nossa conversa. Logo, eu estava falando sobre estelionato, corrupção e assassinatos e ela sobre os melhores escritos de Shakespeare, T.S Eliot e Fernando Pessoa. Senti a arrebatadora sensação de quando nossos lábios se tocaram no nosso primeiro beijo, que ocorreu naquela mesma noite, em um banco de praça sob a luz da lua e de suas filhas estrelas, podendo esquecer do mundo como se ele se resumisse a apenas nós dois. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Uma lágrima começou a rolar e permiti que ela seguisse seu trajeto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Olhando para as palavras entalhadas no túmulo, sorri e comecei a falar:

- Oi, Camila. Desculpe ter demorado tanto para voltar aqui.

“Lembra que você dizia que eu me daria bem com palestras? Bom, eu me cansei de ficar em casa gastando meu acerto e aceitei os convites para apresentar palestras. Eu me saí muito bem, você ficaria orgulhosa.

Fiquei em silêncio como se permitisse que ela absorvesse as palavras. Notei, pela primeira vez desde que cheguei ali, como era afável o som que as árvores estavam emitindo quando o vento fazia suas folhas balançarem.

- Outra novidade, voltei a trabalhar na “O agora”, todos estão contentes com meu retorno. Estou feliz por ter voltado.

“Lembra da minha amiga Heloísa? Acho que alguém sabe algo sobre o assassinato do Felipe, tem sujeira por baixo do tapete, vou dar um olhada nisso, deseje-me sorte.

“Ah, eu terminei de ler aqueles poemas do Fernando Pessoa que você havia me indicado. São sensacionais, agora vou partir para Dylan Thomas.

“Desculpe, mas ainda não pensei na frase pro meu epitáfio. Na próxima visita tenho certeza que terei decidido qual será.

O som do vento foi diminuindo até parecer um sussurro.

Algumas palavras estavam presas na garganta, então permiti que saíssem:

- Sinto sua falta, rouxinol.

Por um tempo que pensei ter sido curto, mas que logo percebi ter sido bem longo, fiquei apenas sentado ali, revivendo aquelas lembranças. Era como se estivéssemos juntos novamente.

...

Eram quatro horas da madrugada, eu já estava de pé. Queria chegar cedo em Novo Caminho então partiria ainda de madrugada.

Na noite anterior, fui jantar com meus pais, minha irmã também foi para lá e levou a fabulosa torta de biscoitos com pêssego que todos amavam. Eles disseram mais de uma vez para que eu tomasse cuidado e sempre
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

telefonasse.

As malas estavam prontas e eu tinha lido, e relido, todo o material da investigação realizada pela minha colega de equipe Isamara. Roberto me passou o endereço da hospedagem que havia conseguido para mim.

Eu estava pronto.

Estava fazendo a barba e, sem querer, deixei o barbeador cair. Abaixei-me e o peguei, ao me levantar, eu a vi pelo espelho. Ela estava atrás de mim. Sufoquei o desejo de gritar. Foi por uma fração de segundo, mas o suficiente para eu ver cada detalhe dela antes de desaparecer.

Era Laura. Ela usava um vestido preto, mas havia algo mais naquele vestido além de terra. Era sangue, uma quantidade exorbitante que ia do tórax aos joelhos e não estava seco, mas sim, fresco e provavelmente ainda quente. Sangue também banhava-lhe as mãos. A pele dela estava pútrida por causa do tempo debaixo da terra. Os cabelos estavam desgrenhados e algumas mechas haviam grudado na pele em decomposição de seu rosto. Os olhos continuavam bem vivos e alegres naquela face deformada. E, claro, ela sorria; um sorriso que exibia dentes escurecidos.

Óbvio que era coisa de minha cabeça. Eu estava sozinho naquele apartamento terrivelmente silencioso, mas mesmo assim senti meu sangue gelar. Provavelmente meu subconsciente a projetou, e não era a primeira vez que ele o fazia. Aquela visão era uma advertência para o caso que eu estava entrando, e também um lembrete do último que investiguei.

Trinta minutos depois, eu estava dirigindo rumo à cidade de Novo Caminho.

Tentei, inutilmente, tirar a imagem de Laura da memória dizendo a mim mesmo que este seria um caso que não haveria morte e nem sangue.

Eu estava enganado.

C A P Í T U L O

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

IV

Fazia vinte anos que Rosângela Pereira era vizinha de Dolores da Silva, uma senhora que já tinha comemorado setenta e dois aniversários. Desde que a idosa ficou viúva e começou a caminhar para a depressão, Rosângela passou a visitá-la para ver se estava tudo bem. Depois de dois dias sem ver Dolores, Rosângela foi procurá-la à noite. A casa estava destrancada e na mesa repousavam duas xícaras com café, uma cheia e outra vazia, próximas de uma travessa com biscoitos; também havia um cheiro desagradável no ar. Quando chegou na sala, Rosângela gritou e perdeu a força das pernas, Dolores estava sentada no sofá com uma faca cravada no estômago e lavada com o próprio sangue. Um dos vizinhos disse que viu uma mulher loura entrando na casa dela junto da senhora. Esse crime foi cometido em outubro, dois meses antes de Heloísa desaparecer.

Edvan Neto, um jovem de vinte e oito anos que diziam ter se tornado muito carente após o término do noivado, levou mais tempo para ser achado. O irmão dele, Mário, foi visitá-lo após uma semana sem conseguir contatá-lo. Mário não gritou, mas quase vomitou as próprias entranhas, quando viu Edvan caído, de cueca, no chão do quarto com uma faca nas costas. Na cozinha de Edvan, acharam duas taças, uma vazia e outra com vinho. Não haviam sinais de que ele consumou o ato que esperava ter naquela noite com a loura que foi vista com ele em seu último dia de vida. Ele foi assassinado no final de março.

Luíza Mendonça, uma aeromoça lésbica, também serviu vinho para a loura que entrou junto dela no apartamento. Ambas estavam embriagadas, pelo menos Luíza estava. Luíza provavelmente não se encontrava em condições de se defender quando foi esfaqueada. O mês era fevereiro, um ano e um mês depois de Felipe Albertini ter sido assassinado.

Vinicius Santos, de dezessete anos, não teve tempo de oferecer uma bebida à loura que ele se gabava para os amigos de estar “pegando”, pois ela decidiu pegá-lo fora de casa. Foi achado quatro dias depois de ter sido assassinado a facadas no meio de um matagal perto da escola de futebol.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Aconteceu em setembro.

Lembram-se de Rosângela? Disse a vocês que ela gritou, certo?

Acho que a empresária Joana Soares gritou mais alto que ela antes de desmaiar. Joana chegou em casa após uma longa viagem a negócios, decidida a terminar com o marido Andrey de trinta e seis anos, que todos diziam ser infiel e na época se encontrava com uma mulher de cabelos longos e loiros. Mas Joana não precisou terminar com ele, pois, ao abrir a porta o encontrou deitado na cama, completamente nu, com uma faca enterrada no peito. Esse crime ocorreu em abril, fazia dois anos e três meses que Heloísa não era vista.

O que todos eles tinham em comum, além de conhecidas loiras?

Todos viviam em São Paulo, na vila dos cedros.

Após a morte de Edvan, eu investiguei a possibilidade de uma assassina em série estar agindo no bairro mencionado. Em minha matéria, dei à assassina o nome de “vampira da vila dos cedros”, baseado nas lendas de que vampiros só podem entrar dentro de uma casa se forem convidados e tudo indicava que as vítimas da tal assassina tinham convidado-a a entrar.

Antes da “vampira” realizar a descida rumo ao inferno, igual a satã quando foi exilado do paraíso, ela cometeu mais um assassinato no dia doze de agosto, e se os planos dela tivessem dado certo teria matado mais cinco pessoas.

Doze de agosto, dez meses antes de eu receber o livro negro.

CAPÍTULO _V_ --- ---

- Samuel? Não acredito.

Esse momento havia acontecido há dez anos. Eu estava na livraria de um shopping, folheando um livro de contos de Raymond Carver, quando ouvi aquela voz tão familiar e me virei vendo-a caminhar até mim.

- Heloísa? - Falei sorrindo

Caminhamos um até o outro e nos abraçamos com vigor.

- Que saudade! Como você está, Helô? - Perguntei sem soltá-la e com a voz deixando claro a alegria em revê-la.

- Eu estou ótima! E você? - Ela me apertou um pouco mais.

- Ótimo!

Ficamos mais alguns segundos abraçados e, quando nos separamos, ainda estávamos com sorrisos estampados no rosto. Ainda podia sentir o cheiro de seu perfume. Cheirava a algo caro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Já faz três anos que não nos vemos, não é? - Perguntou Heloísa.
- Três longos anos. Você não mudou nada, continua linda.
- Obrigada, Sam. Sempre gentil - Colocou a mão no queixo e me analisou - Você também não está nada mal - Apontou para meu livro - E vejo que continua sendo um rato de livrarias.

Soltei uma risada e sacudi os ombros.

- Velhos hábitos costumam a morrer - Falei.
- Sempre com a resposta certa, Sam. E aí? Está na “O agora”?
- Estou sim, eles ainda não enjoaram de mim.
- E acho que não vão enjoar tão cedo.
- Assim espero. E você? O que faz aqui em Sampa? Pensei que estivesse morando em Novo Caminho.

Ela encenou uma expressão de tédio.

- E estou, vim para uma visita ao restaurante.
- Ah sim, e como vão os negócios?
- Estão excelentes, ou seja, estou trabalhando feito louca, vou aproveitar estes próximos dias pra respirar um pouco. Ah, tem alguém que preciso te apresentar.

Heloísa me puxou pelo braço e me conduziu até algum lugar em meio aos inúmeros mundos contidos nas folhas que repousavam nas prateleiras. Um cheiro de café e livros novos se misturavam no ar. O aroma do líquido preto foi se intensificando, e, ao nos aproximarmos da cafeteria com tons avermelhados que ficava na livraria, eu pude ver um homem sentado. Estava concentrado em um livro grosso que estava ao lado de uma xícara.

- Fê, quero que conheça alguém - Anunciou Heloísa com o entusiasmo que eu tanto gostava nela.

Ele ergueu o rosto até mim.

- Fê, este é meu amigão Samuel. Samuel, esse é meu namorado Felipe.

Felipe se levantou com um sorriso. Ele era alto, tinha volumosos cabelos pretos e olhos cinzentos.

- Então você é o famoso Samuel? Heloísa falou muitas coisas boas

sobre você. É um prazer - Disse ele estendendo a mão.

Apertamos as mãos um do outro.

- O prazer é todo meu, Felipe. Heloísa também falou muito bem de você.

- Sam foi um dos primeiros para quem falei sobre o dia que nos conhecemos - Contou Heloísa - Ah, e vocês têm algo em comum.

- Deixe-me adivinhar... Você é um leitor assíduo, Samuel?

- Sou. Inclusive estava lendo um livro quando a conheci.

Heloísa fez pose como se fosse uma celebridade sendo fotografada.

- Heloísa não gosta muito de ler, tentei de tudo, mas ela não tem salvação - Contou Felipe rindo.

Ela colocou as mãos na cintura.

- Não diga isso! Eu leio, mas tem certos livros que prefiro esperar até virar filme - Disse ela sorridente.

- Viu só? E o que você está lendo, Samuel?

- No momento, não estou lendo nada. Geralmente venho sem nada em mente e aí vou procurando até achar algo que me chame a atenção. Hoje acho que vou levar algo do Carver - Falei com empolgação que sempre tive ao falar em livros.

- É uma boa escolha. Eu li alguns contos, são muito bons.

- Você achou qual vai levar para casa? - Apontei para o livro em cima da mesa.

- Ah! Não posso sair daqui sem ele.

- E qual é?

- Moby Dick. Já leu?

- Pra ser sincero, eu comecei. Mas precisei parar, porque acabei mergulhando de cabeça nos livros do Lovecraft .

Ele sorriu, aquele sorriso que apenas fãs de algo em comum conseguem compreender.

- Lovecraft? Eu sou fã...

- Desculpe, rapazes, mas se vamos falar de livros poderíamos comer antes? - Disse Heloísa com as mãos nos quadris.

- Viu só? Não tem salvação - Felipe riu ao falar
- Tem razão - Confirmei rindo também.
- Você já almoçou, Sam? - Perguntou ela
- Não, ainda não. Eu estava ainda decidindo onde comer.
- Por que não almoça com a gente? - Convidou Heloísa.
- É verdade, seria ótimo. Quem sabe nós dois possamos salvar essa mulher - Felipe falou passando o braço em torno dos ombros de Heloísa como se a estivesse cobrindo com algum manto abençoado.
- Acho melhor eu ir embora - Ela disse já em posição de saída.

Todos gargalhamos.

- Bom, se não for incomodar, eu aceito o convite.
- Incômodo nenhum, Samuel - Disse Felipe
- Ai poderemos colocar as novidades em dia - Falou Heloísa, cujo sorriso ficou malicioso - Ah, e tenho que te contar umas histórias sobre comida japonesa, Fê.

Ela olhou para mim sorrindo e eu correspondi. Fui assaltado pelas lembranças de um outro tempo.

- E eu tenho que te falar sobre uma garota bêbada em um trenzinho, Felipe.

Felipe olhou para ela e imitou o gesto dela de colocar as mãos na cintura como se esperasse uma explicação. Heloísa olhou para mim, semicerrou os olhos e apontou o dedo.

- Sam... Aproveite, porque esta será sua última refeição.

Eu gargalhei e logo nós três começamos a rir. Quem passava e nos via poderia supor que eles eram um casal, já que, além de estarem bem próximos, havia uma alegria que transbordava deles. Tenho certeza que essas pessoas seguiram o trajeto a caminho de casa sem jamais pensarem que um dia Heloísa Albertini seria a principal suspeita de dar um tiro na nuca daquele homem e deixá-lo deitado na terra se encharcando com o próprio sangue no meio de uma mata resguardada pelas sombras.

Essa lembrança veio a mim quando eu ainda estava na estrada. Uma névoa não muito densa se estendia à minha frente. Como se materializa-se lentamente, a partir da névoa, a cidade de Novo Caminho apareceu no

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

horizonte.

A cidade era cercada por uma imensidão verde de canaviais, laranjais e, em menor escala, plantações de soja. Era o poderoso agronegócio, a principal fonte de emprego da cidade que possuía cerca de quarenta mil habitantes. Mais adiante, era possível ver uma mata em uma das extremidades e alguns prédios aqui e ali.

Uma placa desejava boas vindas aos viajantes que chegavam a Novo Caminho e viam a cidade aumentar diante dos olhos até estarem dentro dela.

Já conhecia bem o lugar e amava aquela cidade, mas não me senti à vontade por estar lá. Quando entrei no município e vi as primeiras casas irem surgindo, pessoas varrendo as calçadas, outras fazendo caminhada e alguns indo em direção a algum lugar, eu senti um arrepio perambular pelas minhas costas. Seja o que for que eu iria descobrir, começaria ali, no meio daquelas casas e pessoas.

Ainda dirigindo, liguei para o Sr. Pedro, o dono da casa que Roberto alugou para mim. Era um senhor simpático com cabelos brancos como algodão, porém seus olhos castanhos eram joviais. Ele possuía algumas casas para alugar e conseguiu uma para mim que possuía mobília. Encontramo-nos na casa dele e ele me acompanhou até minha moradia temporária.

Era uma casa pequena que possuía um quarto, um banheiro, uma cozinha e uma pequena sala. A mobília consistia em uma cama, um criado mudo ao lado dela, uma mesa na cozinha próxima de um fogão e um frigobar, uma poltrona e uma mesinha na sala. Eu não precisava de mais que isso.

Descarreguei meu ecosport e distribui minhas malas no quarto, feito isso fui para o mercado mais próximo comprar provisões, mostrando não me incomodar com os olhares curiosos que pude captar.

Quando cheguei “em casa” peguei meu rádio portátil e o deixei na mesa. Sintonizei na minha rádio favorita e fui até a janela segurando uma caneca de café. Fiquei apenas olhando a paisagem em minha frente: Uma rua repleta de casas coloridas com uma árvore em cada porta, grandes e pequenas. Poucos carros passavam. O céu estava em um azul límpido que era cortado por pássaros voando em bando.

Saí de dentro de casa para admirar melhor aquela paisagem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Heloísa nunca gostou de cidades grandes, ela cresceu em uma cidade pequena e foi para São Paulo apenas pela faculdade. O amor pelas cidades pequenas era uma das coisas que ela possuía em comum com Felipe. Os dois preferiram morar em Novo Caminho e cuidar do negócio dali mesmo. Olhando aquela paisagem, e sentindo aquela tranquilidade, eu podia entender o porquê.

Prestei atenção nas casas ao redor e notei, pela primeira vez, que dali duas casas de distância havia uma residência com muro pequeno que possuía uma árvore no quintal da frente. Novamente senti um arrepio. Era uma amoreira. Ela dançava com o vento. Aquela árvore me lembrava delas: Laura e Camila.

Antes que eu pudesse ter ideia do que fazia, olhei brevemente para a soleira de minha porta.

...

Eu havia levado comigo um mural, nele coleí informações que eu achava fundamentais para a investigação. Como não podia pregá-lo na parede, decidi apenas deixá-lo encostado. A poucos metros dele, eu estava sentado no chão com várias páginas da excelente pesquisa de Isamara espalhadas em minha frente. Se alguém aparecesse dentro da casa naquele momento, provavelmente pensaria que eu estava realizando algum tipo de ritual macabro e começaria a procurar os pentagramas e os restos sangrentos de algum animal esquarterado, antes de sair correndo.

Não podia dizer que não era um ritual porque era, mas sem pentagramas, é claro. Eu estava observando cada detalhe, fixando-o nas paredes da minha mente e tentando enxergar além daquelas palavras alguma ligação entre o crime e o livro.

O livro era realmente interessante, eu compreendia o porquê dele ter chamado a atenção de Felipe, que era apaixonado por história e sociologia. Em “Then”, o autor apresentou inúmeras seitas de diferentes épocas e crenças. Ele falava do priorado de Sião, dos illuminatis, da ku klux klan, dos maçons, a ordo templi orientis e muitas outras que eu nunca ouvira falar e que provavelmente nem existem mais. Algumas eram citadas com uma riqueza impressionante e assustadora de detalhes e outros, como os voraces,

eram pouco citados, provavelmente por carência de fontes. Ver os atos que muitas vezes se escondem nos cantos sombrios onde o ser humano devota à valiosa fé, é algo perturbador.

Aquela pergunta continuava uivando em minha mente:

O que uma seita de assassinos exterminada no século XV, tem a ver com o crime que Heloísa supostamente cometeu ?

Tal pergunta me levava para outra:

Eles existem?

Essa última fazia meus olhos buscarem o livro negro. Ao encontrá-lo uma nova questão dilacerava minha cabeça:

Onde esse livro vai me levar?

Levantei-me do chão, e caminhei até a varanda levando comigo uma cadeira e meu rádio. Fiquei sentado ouvindo músicas e observando o céu azul ganhar tons alaranjados. Vi alguns ônibus trazendo trabalhadores de volta para seus lares e me lembrei de quando eu era garoto e ficava aguardando, junto de Karen, meus pais chegarem do trabalho.

Logo o laranja se foi e sobrou apenas o céu escuro e as estrelas. Ah, as estrelas, o lugar para onde as pessoas olham do fundo do poço. O lugar para onde as pessoas levantam seus olhos quando fazem preces à noite. E quando elas não são atendidas? É aí que ele vem, o desespero.

Do que um ser humano desesperado é capaz?

Desde que cheguei a Novo Caminho, perguntei-me se o desespero havia dado um abraço apertado em Heloísa. Fiquei deixando a ideia sumir enquanto olhava para o alto. O que eu mais gostava em Novo Caminho era a vista do céu à noite. Você olhava para cima e não via arranha céus, e sim lantejoulas brilhantes no veludo preto do céu.

A primeira vez que estive na pequena cidade, a qual voltei todos os meses para visitar o meu casal de amigos, fiquei olhando para as estrelas e logo Heloísa chegou.

- Lindo, não é? - Perguntou ela.
- Eu sei, olha que nem estou com meu terno e gravata.
- Cala boca, seu bobo - Disse ela rindo.

Sob aquele céu, Heloísa me contou que a cidade recebera o nome de

Novo Caminho porque quando os fazendeiros fundadores chegaram naquela terra estavam procurando um novo caminho para recomeçarem suas vidas.

Pergunto-me se as pessoas naquela cidade olhavam para as estrelas ou se era apenas eu, o cara vindo de uma selva de pedras, quem fazia isso.

Um rock and roll tocava no rádio, o vento soprava docemente, cheiro de comida sendo preparada foi soprado em minha direção e minha barriga roncou. Levantei-me, pois tinha que fazer o jantar e ter uma boa noite de sono, porque no dia seguinte eu iria bater nas portas de meus possíveis entrevistados. Antes de entrar para preparar o jantar, olhei novamente para o alto e me perguntei se Felipe teve tempo de olhar às estrelas antes do último tiro ser dado e ele ser arrastado para a escuridão.

CAPÍTULO _VI_

O crime havia acontecido no segundo domingo de janeiro há três anos.

Por volta das dez horas da manhã, Felipe e Heloísa deixaram a casa deles. Naquele dia, entre seus dois carros, escolheram o hyundai tucson preto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Foram para um dos parques da cidade, que ficava a uma distância considerável da casa, mas não muito longe de uma churrascaria que frequentavam. Os guardas disseram que eles estavam com cara de casal em uma má fase. Eles se sentaram em um banco distante, em um dos lados onde o fluxo de pessoas era menor, e ficaram conversando. Saíram mais ou menos às onze e quarenta e cinco, Heloísa estava pálida e Felipe estava com os olhos marejados.

Aproximadamente ao meio-dia, ambos foram vistos na elegante churrascaria. A garçonete, que estava acostumada a vê-los por lá, disse que pareciam tensos, eles mal se falaram e mal comeram naquele dia. Outra garçonete afirmou que Heloísa estava com a aparência de quem está segurando uma vontade violenta de chorar, enquanto Felipe parecia ter o peso do mundo sobre os ombros. Os dois deixaram o restaurante aproximadamente a uma da tarde. As garçonetes que os viram atravessar aquela porta não tinham como imaginar que aquela seria a última vez que ambos seriam vistos juntos.

No momento em que eles deixaram a churrascaria, Marcelo Costa estava trabalhando em um restaurante oriental no shopping da cidade.

Maios ou menos às quatro da tarde, Felipe foi a uma cafeteria no estilo rock and roll do shopping e pediu um café forte. Ele parecia angustiado, disse o balconista que também observou que ele estava trêmulo. Felipe estava sozinho. Ele se dirigiu à saída e foi até o estacionamento, destrancou a tucson, olhou ao redor, entrou e se foi.

Aproximadamente às oito e meia da noite, Marcelo e a namorada Betty estavam chegando a uma pizzeria popular na cidade.

A frente da mata, havia uma rua de paralelepípedos; em seguida, um terreno sem nenhuma construção e mais adiante dele iniciavam as casas do bairro que era um dos mais antigos de Novo Caminho. Em torno de nove e cinquenta da noite, Marcelo estacionou a mais ou menos vinte metros à frente da rua de paralelepípedos que era muito bem iluminada, Betty estava junto dele. Notaram que defronte com a mata estava parado um tucson preto.

Às dez e sete da noite, ouviu-se o primeiro tiro. Marcelo e Betty disseram terem tido a impressão de ouvir algo semelhante a um grito de agonia que vinha da mata. Um imenso número de pássaros voaram do negror

do matagal , eram corvos.

Trinta segundos depois, veio o segundo tiro. O casal no carro apenas observou assustado, sentindo o silêncio devorar a noite.

E então, ela surgiu da escuridão.

Uma mulher saiu correndo da mata, destrancou o tucson, entrou e saiu em disparada como se fugisse de uma corja de demônios. Ela tomou o cuidado de ficar de costas para o lado onde tinham casas, impedindo que o casal visse o rosto dela. Mas, graças a iluminação da rua, Marcelo e Betty identificaram que a mulher usava jeans e camisa preta.

De manhã, quando saiu de casa, Heloísa usava jeans e camisa preta.

Marcelo ligou para a polícia, mas não foi o único, muitos que ouviram o som dos tiros ligaram. Seis minutos depois da fuga da mulher, os policiais chegaram ao local e encontraram o corpo de Felipe.

A investigadora Dayana Rangel foi chamada minutos depois do corpo ter sido encontrado. Ela pediu que um alerta fosse emitido na região. Pedágios, rodoviárias e aeroportos receberam a descrição e uma foto de Heloísa. Ela não poderia ir muito longe.

Pelos cálculos dos bombeiros, às dez e quinze da noite atearam fogo em um carro no meio de um canavial. O canavial ficava a poucos quilômetros depois da saída da cidade e a trinta do primeiro pedágio. O morador de um sítio que ficava próximo ligou para os bombeiros antes do fogo se tornar um incêndio de grande proporção. Quinze minutos depois, o fogo já havia sido controlado. O carro que fora incendiado era um tucson preto. Não havia corpo nenhum dentro do veículo e nenhuma pista do incendiário.

Após três dias do assassinato, os policiais descobriram que uma conta poupança no nome de Felipe, se encontrava zerada, sendo que um mês atrás possuía o montante de R\$ 300.000,00. Os saques foram realizados com a digital de Felipe.

Mesmo depois de uma minuciosa inspeção na casa de Felipe e Heloísa, não foi achado nenhum dinheiro nem nada que levasse a ele.

Os dias se tornaram semanas, as semanas em meses e os meses em anos. Mesmo com toda atenção que o caso recebeu da mídia e com a investigação da polícia, Heloísa Albertini nunca foi encontrada.

Era como se ela tivesse sido reduzida a cinzas. Cinzas que foram sopradas ao vento.

CAPÍTULO _VII_ ---

A casa era grande e impecavelmente pintada na cor marfim, as janelas e o portão eram marrom barroco. O muro alto com cercas elétricas também era marfim, podia-se ver as folhas das palmeiras que ficavam do outro lado dele. Havia câmeras nas laterais do muro. O bairro era bonito, bem arborizado e silencioso. Talvez por ser um bairro tão quieto eu tinha a impressão que olhos curiosos me observavam pelas janelas.

Apertei o interfone e esperei. Enquanto aguardava olhei ao redor, admirando aquelas construções. Belas residências de cores e tamanhos variados, muros altos, árvores nas calçadas e quietude. Era como se nenhum ser vivesse naquelas casas. Parecia que todos estavam se escondendo de alguma entidade que os devoraria até os ossos.

- Sim? - Disse uma voz feminina vinda do interfone.
- Olá, bom dia. Meu nome é Samuel Dias, sou jornalista da revista “O agora”.

Ela ficou em silêncio.

- O que você quer?

Pelo tom de voz estava claro que aquela mulher não gostava da minha

profissão. Esse tipo de reação sempre me dava vontade de rir. Aqueles que relutam em falar acabam sendo os que mais trazem revelações.

- Estou revendo o caso Heloísa Albertini e gostaria de saber se a senhora se importaria de responder algumas perguntas - Falei com animação, ignorando a grosseria.

- Qual você disse que era seu nome? - A voz demonstrava surpresa.

- Samuel Dias.

A quietude voltou.

- Você é aquele cara que deu fim à “vampira da vila dos cedros”?

Sempre que alguém falava desse caso uma dor parecia atravessar meu peito. Tinha a impressão de que as pessoas nunca iriam se cansar de perguntar sobre aquele dia sangrento.

- Sim, sou eu.

O interfone ficou calado. Aquele mutismo me fazia pensar na propagação de um grito de dor naquele bairro mudo.

O portão se abriu. Ela apareceu. A mulher não estava careca como em uma foto que eu tinha visto, os cabelos, que eram ruivos, estavam curtos como os de um homem, era sinal de que o tratamento vinha dando resultados. O rosto dela era oval e possuía poucas sardas nas maçãs do rosto e os olhos azuis claros eram penetrantes. Usava um vestido verde florido, estava mais magra que na foto que eu vira dela quando o assassinato de Felipe aconteceu. Olhando-a com aquele visual e o corpo magro, podia-se dizer que era uma mulher frágil. Mas não era. Aquela mulher era uma respeitada investigadora da polícia de Novo Caminho, tendo sido uma das investigadoras mais eficientes que a cidade já teve e foi a responsável por investigar o assassinato de Felipe. Fazia um ano e meio que ela havia se afastado da polícia.

A mulher segurava uma revista que eu pude reconhecer. Era uma das revistas da “O agora”.

- Está vendo esta capa? - Perguntou ela.

Eu movimenteiei a cabeça em concordância.

- É por causa disso que vou deixá-lo entrar.

Eu tentei não olhar outra vez para aquela revista. Na capa estava enquadrado do busto para cima um homem negro de cabelo cortado bem curto, com

expressão séria e embaixo escrito em letras vermelhas:

Herói.

Esse homem na capa era eu.

Na parte de baixo lia-se:

O jornalista que sozinho derrotou, desvendou e destruiu os planos da sanguinária “vampira da vila dos cedros”.

Em uma das páginas - Precisamente na página 15 - havia uma foto de um corpo coberto por um lençol caído em uma cozinha. Havia marcas de sangue no lençol e o corpo por baixo dele era de uma mulher. Embora tenham fotografado o segundo corpo feminino, também coberto e deitado em um sofá, Roberto a deixou de fora da revista a pedido meu.

Os meus olhos deixaram a revista e encontraram os de Dayana Rangel.

- Não me leve a mal, Samuel. Você não precisa provar suas qualidades, mas não simpatizo com jornalistas. Muitos de vocês são enxeridos e inconvenientes.

- E mesmo assim vai me deixar entrar na sua casa? - Perguntei com um sorriso.

Dayana deu de ombros.

- Vou, afinal, você é um herói. Merece meu respeito.

- Obrigado. Será breve.

- Ótimo. Entre.

Entrei. O quintal era maior do que eu podia supor. A trilha de pedra por onde caminhávamos dividia o bem cuidado gramado. De um lado ficava uma horta e do outro um roseiral. Na varanda, tinha uma mesa grande de madeira com seis cadeiras e, próximo dela, uma churrasqueira de tijolinho a vista que me fez lembrar do meu pai. Entrando na casa, um cachorro da raça Lhasa Apso veio até mim e ficou brincando com meus pés enquanto eu caminhava.

- Belinha gostou de você - Brincou Dayana

- Sempre levei jeito com cachorros.

A casa tinha móveis modernos, alguns quadros de pinturas abstratas e de paisagens enchiam de vida as paredes impecavelmente brancas. Chegamos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

à sala e Belinha latia enquanto tentava lamber minhas botas.

- Fique à vontade, Samuel. Você aceita café ou refrigerante?
- Eu adoraria um copo de água.
- Ok, só um minutinho. Vem, Belinha!

O cachorro obedeceu. Fiquei sozinho na grande sala. Sentei-me no sofá confortável. Em uma prateleira, repousavam um número considerável e diversificado de livros, um exemplar de Vidas Secas, de Graciliano Ramos, estava fechado sobre a mesa e do lado havia uma xícara, era lá que Dayana devia estar quando cheguei. Um potinho com comprimidos repousava do lado da xícara. Na mesinha de centro, havia algumas fotos da família Rangel, mas uma me chamou a atenção. Na foto, uma atlética Dayana com os longos cabelos soltos e a família estavam todos abraçados com o mar azul da praia ao fundo. O marido dela era um homem negro, alto, de ombros largos e com uma aparência carismática. Eles tinham filhas gêmeas, na casa dos dezoito anos, que puxaram à altura do pai. Todos pareciam estar felizes. Essa foto era maior que as outras e estava posicionada em um ponto onde se destacava das demais. Eu sabia que se um incêndio ocorresse e apenas um item pudesse ser salvo naquela casa, o item seria aquela foto.

- Eles crescem rápido - Comentou Dayana entrando na sala e me entregando o copo.
- Obrigado. Você fala dos filhos?
- Sim. Um dia estão na sua barriga e no outro estão indo para a faculdade. Você tem filhos?

Notei a saudade daqueles tempos transparecer no rosto dela.

- Não, não tenho - Respondi

Dayana se sentou no sofá menor que ficava em um ângulo de 45° de onde eu estava.

- E por que não? - Quis saber a mulher.
- Bom, nenhum dos meus relacionamentos durou tempo suficiente. Teve um que eu acreditava que chegaria na parte dos filhos, mas... Você sabe o que aconteceu.
- Sei, sinto muito por isso.

Dei um sorriso forçado.

- Gostaria de te dar parabéns pela investigação que realizou no caso Heloísa - Disse a ela - Minha parceira elogiou muito seu trabalho.

- Obrigada, mas não adiantou muito, não consegui encontrá-la. Queria resolver isso antes de me afastar, mas infelizmente minha família insistiu que eu saísse para me tratar.

- Você deu o seu melhor e isso é o mais importante.

Dayana assentiu. O rosto dela se iluminou.

- Obrigada por não ficar me olhando com cara de pena - Disse ela.

- E como poderia? Você não parece alguém que se rendeu à doença.

- E não pretendo. Como sempre fiz exames de rotina, o médico diz que descobrimos a tempo, então tenho grandes chances de me recuperar - Ela se voltou para a foto da família na praia e eu sabia que ela estava naquele momento recebendo a luz da mais brilhante estrela da constelação das lembranças - Mas quando você está doente, e sabe que talvez não vá viver para ver seus netos correndo pela casa, tudo que se quer é aproveitar o melhor possível do tempo que te resta e deixar claro para todos que você ama, o quanto os ama.

“Estou fazendo o que posso para aproveitar minha vida e minha família, se for este câncer o meu assassino, - Deu de ombros - que seja, vou estar preparada.

Senti uma forte admiração por aquela mulher incrível. Sorri para ela e ela retribuiu. O sorriso desapareceu e ela me encarou com seriedade.

- Descobriram algo sobre a Heloísa? - Perguntou Dayana.

Claro! Não muita coisa, mas através de uma pista dada por um desconhecido tenho motivos para acreditar que o crime tem alguma relação com uma seita antiga de assassinos canibais.

- Infelizmente, ainda não - Afirmei.

Aqueles olhos azuis examinavam os meus. Dayana parecia ler os pensamentos que singravam minha mente. Tive a sensação que muitos devem ter tido quando eram interrogados por aqueles olhos que pareciam enxergar todos os erros que você tentaria esconder nos recantos da alma. Uma sensação de estar exposto e encurralado.

Ela se recostou no sofá.

- Então, por que está aqui? - Perguntou ela concentrada em meu rosto - O caso foi investigado não só por mim, mas por vários jornalistas e não descobrimos nada, então o que espera encontrar? Ou é só uma matéria pra tocar no assunto do crime que ninguém desvendou?
- O semblante dela ficou austero, quase ameaçador - Vou perguntar de novo: Descobriram algo?

A encarei com frieza e respondi:

- Não!

Ficamos quietos. Dayana mirava minha face como se esperasse que eu adicionasse algo à minha afirmação. Uma confissão.

- O caso se enquadra no “é só uma matéria pra tocar no assunto do crime que ninguém desvendou”. Mas, tem uma diferença - Disse eu encarando-a.
- Qual seria? - O tom dela era semelhante ao tom de voz do tipo: Surpreenda-me.

Inclinei-me para encará-la melhor, a mulher parecia não piscar.

- Sou eu quem estou investigando. Estou de volta à ativa depois de quase um ano longe do jornalismo e eu era um grande amigo da Heloísa.

Consegui. Dayana se surpreendeu.

- Então por que não investigou quando o crime aconteceu? - Indagou a ruiva estreitando os olhos.
- O meu chefe não deixou. Dizia que eu não estaria com uma atitude imparcial na investigação. Acreditava que eu estaria procurando...
- Motivos para provar que ela era inocente.

Lembrei-me de Roberto gritando comigo quando insisti para ele me deixar entrar no caso. Estávamos no meio da sala de redação e após o grito todos os dedos pararam de teclar e as cabeças ao redor se voltaram para nós.

Embora eu tenha ficado furioso por Roberto ter me negado a investigação, não demorou para eu perceber que ele estava certo, pois passei a ficar de olho no andamento da investigação sobre o paradeiro de Heloísa, sempre torcendo para que uma prova de inocência dela surgisse e de certa forma, ainda estava torcendo.

- Exato - Respondi.
- Eu entendo.
- Só estou aqui porque insisti muito para fazer esse inquérito e só voltaria à revista se ele me deixasse rever o crime.

A mulher mostrou acreditar em minhas palavras meneando a cabeça.

- E como você quer que eu te ajude? - O tom de voz dela ficou amistoso. O rosto continuava fixo no meu.

Endireitei-me na cadeira, sentindo a breve tensão que havia surgido ir desaparecendo no ar.

- Desde quando o crime foi cometido eu reparei que todos têm se perguntado onde está Heloísa - Disse a ela -, eu entendo o porquê de todos terem essa curiosidade, mas eu sempre me fiz outra pergunta: Por que ela o matou?

Na sua opinião, o que levaria alguém a matar a pessoa que acorda e vai dormir ao seu lado, deixando para trás uma bem sucedida rede de restaurantes, uma grande e confortável casa, que vale o triplo do dinheiro que ela levaria consigo, além de ter a polícia a persegui-la?

Muitos tentaram responder tal pergunta alegando que Heloísa pretendia fugir com um amante, e assim o fez após matar o marido. Outros acreditavam que era Felipe quem tinha uma amante e que o dinheiro que estava sacando era para silenciá-la ou fugir com ela, mas, antes dele fazer tal coisa, Heloísa o matou. Alguns defendiam que Heloísa era vítima de violência doméstica e decidiu fazer justiça com as próprias mãos. Outros creem que ela foi possuída por um demônio.

Nenhuma evidência surgiu para mostrar qual teoria estava correta, o que provou que todas deviam estar erradas. Os fatos mostravam apenas que o crime foi muito bem planejado, e executado, e que o casal de empresários bem sucedidos tinham algum segredo obscuro por baixo da imagem de casal perfeito.

Pergunto-lhe novamente:

O que faria uma pessoa assassinar aquele a quem jurou amar diante de um sacerdote, amigos e familiares?

Dayana assentiu e entendi que ela, além de concordar, também me

incentivava a prosseguir.

- Será que se soubéssemos o que motivou o crime, não seria mais fácil achar a trilha de migalhas que levam até ela? - prossegui com calma deixando cada palavra ressoar no espaço entre nós - O que ela escondia? Por que era tão importante protegê-lo? Do que tinha medo? Nós dois sabemos que basta revelar um segredo para que todos os outros venham à tona. Quantos segredos podemos desenterrar se revelarmos o que lhe motivou a cometer o crime?

Dayana concordou com um aceno e reparei que ela considerava o que eu havia dito, embora eu tenha certeza que ela pensou nas motivações de Heloísa tanto quanto eu depois que o crime aconteceu.

- Então, Dayana, eu gostaria de saber se você se importa em compartilhar sua opinião, profissional ou pessoal, sobre o que fez Heloísa assassinar o Felipe. Mas, por favor, não me diga que você acredita naquela teoria maluca de que ela foi possuída por um demônio.

Dayana pôs-se a rir. A risada calorosa de uma mulher pronta para morrer, mas disposta a viver o melhor possível. Dayana apesar de doente não aparentava ter quarenta e sete anos, e aquela risada te faria duvidar que ela tivesse tal idade caso ela lhe falasse. Uma daquelas risadas contagiantes que clareiam dias sombrios. Logo, eu também estava rindo. As risadas cessaram, mas Dayana tinha um sorriso no rosto.

- Acho que você é o jornalista mais legal que já vi, Samuel.
- Obrigado - Respondi com um sorriso.
- Bom, você queria saber se me importo em dar minha opinião? - Ela sacudiu os ombros - Eu não me importo.
- Ótimo, posso usar o gravador?
- Sem gravadores, por favor.
- Tudo bem.

Peguei o bloco de anotações e caneta da minha bolsa, virei-me para Dayana e com o sinal de joia indiquei que ela poderia começar.

Com tranquilidade, Dayana começou a falar sem olhar para mim e sim para algum lugar acima de minha cabeça, o que me fez pensar em mim olhando para as estrelas.

- Não acho que ela o matou por ganância, traição e, muito menos, porque foi possuída. Acho que ela, depois de um tempo, começou a odiá-lo por alguma razão, e então, fingiu que ainda tinha sentimentos para que ninguém suspeitasse de nada. Armou um plano, convenceu o Felipe a sacar o dinheiro, talvez para não sair perdendo, e aí o matou.

“ Acho que o Felipe fez algo que a desagradou ou ele começou a representar algo que ela desprezava - Dayana moveu lentamente aqueles olhos penetrantes até os meus, e, só quando eles estavam cravados em mim, ela movimentou a cabeça - Ela só queria vê-lo morto.

Aquelas últimas palavras retumbaram em meus ouvidos como trovões em uma tempestade.

- E por que acredita nisso, Dayana?

Os olhos dela continuavam fincados nos meus.

- Modéstia à parte, mas sou uma ótima atiradora, assim como muitos dos meus colegas da polícia também são, mas mesmo assim nenhum de nós acertaria a panturrilha de um homem correndo para salvar sua vida no meio de uma mata no escuro. Então como a Heloísa acertou? Simples, ele estava parado. Ela atirou na perna e só depois de mais ou menos trinta segundos deu o tiro que o matou. O que isso sugere?

A resposta me incomodou.

- Que ela queria que ele sofresse - Respondi.

Dayana se mostrou contente por eu ter dado aquela resposta.

- Exatamente - falou ela baixinho mirando meu rosto - Não era só matar ele, ela queria que ele sofresse antes de morrer, que sentisse dor e medo, que visse que era o fim - Dayana se inclinou e ao fazê-lo tive a impressão de que ela podia ver todos os pecados que cometi em minha vida - Na minha opinião, pessoal e profissional, a morte de Felipe foi pessoal.

Anotei em um tamanho bem grande a palavra “pessoal” no meu bloco de anotações.

- É tudo que eu tenho a dizer sobre a motivação dela, Samuel. Desculpe por não ser muita coisa.

- Ajudou bastante. Obrigado, Dayana.

Dayana sorriu, entrelaçou os dedos e se empertigou no sofá me observando de uma maneira que me indicava que ela ainda esperava que eu revelasse alguma coisa.

- Posso te fazer uma pergunta? - Indagou ela.

- Claro!

- Você acredita que ela o matou?

Fiquei quieto apenas retribuindo o olhar dela.

- Acredito sim.

Dayana começou a rir. Era um riso de deboche. De repente ela se calou.

- Eu acho que está mentindo para mim - Disse ela apontando o dedo em minha direção.

Ficamos apenas nos olhando, cada um pensando no que o outro iria dizer ou fazer.

- Sabe o que nós jornalistas temos em comum com vocês policiais? - Perguntei baixinho.

- O quê? - A pergunta soou como um desafio.

Deixei o vácuo do silêncio se espalhar pela sala de Dayana.

- Nós vemos em primeira mão as atrocidades que um ser humano pode fazer com outro - Minha voz estava calma e fria - Ficamos frente a frente com o sangue e as lágrimas. Nós não somos tão diferentes, Dayana, todos estamos procurando revelar o que está escondido, mesmo que seja perturbador.

Apontei para a revista com minha foto e ela seguiu com o olhar a direção que meu dedo apontava.

- Depois daquele dia, eu não duvido mais do que um ser humano é capaz. Então quer saber se acredito se minha melhor amiga matou o marido? Sim, eu acredito!

Eu realmente acreditava que ela poderia ter matado Felipe, mas eu tinha esperança de que tanto eu quanto o resto do mundo estivéssemos errados. Alguma coisa nos olhos azuis diante de mim diziam que Dayana sabia disso.

- Torcendo para o melhor, mas preparado para o pior, não é Samuel?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respeito isso - Falou ela.

- Obrigado!
- Tem mais alguma pergunta?
- Na verdade eu tenho sim. Estou trabalhando nesta matéria, mas estou preparando terreno para a próxima.
- Voltou animado.
- Ah, fiquei muito tempo longe do que gosto de fazer, tenho que compensar o tempo perdido.

Embora ela tenha rido, eu consegui notar tristeza nela, pois Dayana estava longe do que gostava de fazer, e que fazia muito bem. Diferente de mim, ela não se afastou do ofício porque queria.

- O que quer saber? - Perguntou ela.

Os olhos negros em rostos pálidos como a morte se apossaram de meus pensamentos. A gravura dos homens prontos para realizar atos desumanos e sujarem as mãos com o sangue de outros perfurou minha cabeça.

Eu desejava a resposta de uma certa pergunta desde quando adentrei à cidade engolida pela névoa.

- Dayana, poderia me dizer se aqui em Novo Caminho já houve algum crime de natureza ritualística?

As sobrancelhas de Dayana se contraíram.

- Do tipo pentagramas, animais sacrificados e algum desenho do belzebu? - Perguntou ela.
- Isso também, mas você ficaria surpresa com os tipos de rituais que tem por aí. Eu pesquisei alguns e vi uma seita que até comia o coração da vítima.

Pela expressão dela ficou visível que uma lembrança cortou a mente de Dayana. Uma daquelas lembranças que desejamos que se afundem no limbo.

- Não sei se foi um ritual, mas há quinze anos aconteceu um assassinato que retiraram o coração da vítima - Disse ela.

Um calafrio percorreu meu corpo.

- Sério? Importaria de falar sobre ele? - Ocultei a excitação e o

assombro.

Dayana me fitou por algum tempo como se estivesse caçando motivos para me contar ou não contar a história.

- Há quinze anos, se você seguisse uma trilha em um dos canaviais chegaria em uma pequena floresta com lago - Iniciou ela de maneira calma - Muitos casais iam até lá para economizar com um motel. Um dia, dois casais, em carros separados, estavam indo até lá e de longe viram um carro estacionado e as silhuetas de quatro pessoas que pareciam carregar alguma coisa. Antes dos casais se aproximarem o suficiente para ver quem eram, as pessoas entraram no veículo e saíram em disparada. Os jovens foram sensatos e não seguiram o veículo, até pensaram no assunto, mas quando acharam o que foi deixado para trás eles desistiram da ideia, pois viram que os homens eram perigosos.

“ Os jovens encontraram um cadáver envolvido em um lençol. Graças a Deus eles não o desenrolaram, foram os policiais que o fizeram, e um dos rapazes era um novato, ele quase desmaiou e meu amigo que investigou o crime disse que nunca vomitou tanto na vida.

“ O nome da vítima era Marco Guedes. Não era nenhum homem exemplar. Era um bêbado inveterado e brigão, mas mesmo assim não acho que mereceu o que fizeram com ele.

“ O cadáver estava estripado. Não tinha mais coração, fígado, rins e a língua. Além de terem o espancado e estrangulado, também escreveram em seu peito com uma faca as palavras: Filho do Pecado.

Senti que meu estômago estava sendo retorcido e o sangue em minhas veias congelou.

- Meu Deus, isso é horrível! - Disse a ela - Encontraram os responsáveis?

Dayana balançou a cabeça em negativa com uma evidente vergonha.

- Garanto que meu amigo deu o melhor, mas é bem difícil achar um culpado quando a vítima não é um bom modelo de cidadão. Era óbvio que ele se meteu com algum traficante de órgãos, que queria se vingar, isso explica o porquê de terem o espancado tanto e arrancado a língua, mas nunca encontraram ninguém.

- Nem sempre podemos vencer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Infelizmente.

Dayana olhou de relance a foto. Eu podia ver que ela se perguntou se venceria o câncer.

- E os traficantes voltaram a fazer vítimas? - Perguntei.
- Não, nunca mais - Ela fez uma pausa e levou o dedo ao queixo - Bom, pelo menos não no mundo real.

Empertiguei-me.

- O que quer dizer?
- Três anos e meio atrás, Benício da Silva foi achado em uma praça pelo padre Tony. O homem havia sido esfaqueado e espancado. Também era um bêbado brigão mais tinha uma mente fértil.

“ Ele jurou que foi sequestrado por um grupo de pessoas vestidas de preto que queriam matá-lo e o chamavam de “filho do pecado”, mas um dos membros desse grupo não deixou.

Meu coração parou.

- Sério? E... Era verdade ?

Dayana me encarou como se eu fosse louco ou estúpido.

- Bom, ele não só estava mais bêbado do que de costume, como também levou uma pancada na cabeça depois de uma briga de rua. Acho bem difícil acreditar nele - A mulher deu de ombros - Mesmo assim investigamos e no final confirmamos o que sabíamos: Não se pode acreditar em um bêbado.
- Eu entendo, mas e a parte do “filho do pecado”? Poderia ser coincidência?

O semblante dela se assemelhava ao de uma rígida professora diante de um aluno teimoso que deveria ser castigado.

- Ele era amigo do Marco - Disse ela -, penso que ele imaginava que seria o próximo na lista dos assassinos na época que o amigo morreu. Naquele mesmo dia, ele foi beber no mesmo bar em que Marco foi visto pela última vez. Acho que teve lembranças do assassinato do amigo que misturadas à bebida e os ferimentos causaram um delírio.

Fiz a anotação, mas parei ao perceber que minha mão tremia.

- É, faz sentido - Falei olhando de relance minha bolsa onde o livro ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

negro repousava - Sabe onde posso achá-lo?

Senti mais uma vez que ela devia pensar que eu havia perdido o juízo.

- Ele foi embora daqui poucas semanas depois de ter alta do hospital. Não sei para onde, mas o padre Tony deve saber, eles eram amigos.

- Ótimo, muito obrigado, Dayana.

- Não por isso.

Ela me fitava com curiosidade e descrença.

- Bom já tomei muito do seu tempo. Eu vou indo, tenho de fazer mais algumas visitas.

- É voltou mesmo animado - Falou ela bem humorada e me fazendo dar um falso risinho.

Nos levantamos. Dayana me acompanhou até a saída. Seguimos o trajeto em silêncio com Belinha brincando com nossas pernas e avistamos borboletas se agitando sobre as rosas do jardim. Chegando na saída, ela abriu o portão para mim.

- Muito obrigado pelo tempo, Dayana. Foi um imenso prazer conhecê-la e desculpe o incômodo - Disse eu lhe estendo a mão, a qual, ela apertou com firmeza - Lhe desejo melhoras.

- Obrigada. Sei que fará uma excelente matéria, mas, mesmo assim, boa sorte, Samuel.

- Acho que vou mesmo precisar. Obrigado!

Sorri para ela e Dayana correspondeu com aquele sorriso jovial que ela não permitiria que o câncer arrebatasse.

Dei as costas e fui para meu carro. O portão da casa se fechou.

Sentado no carro comecei a pensar em Heloísa. As palavras de Dayana ecoavam em minha cabeça. Será que ela fingiu por tanto tempo que amava Felipe? Pensei nos sorrisos que eles davam um para o outro. Liguei o carro e vi aquela rua tácita diminuir no retrovisor.

Será que ela realmente fingiu tudo apenas para matá-lo? Essa pergunta me açoitava.

Será que tinha tanto ódio por baixo daqueles sorrisos e beijos? Por que não?

Mas também haviam as revelações sobre Marco e Benício. Pensar nelas faziam um temor erguer-se dentro de mim.

Logo uma lembrança alcançou minha mente aflita.

Na faculdade, sempre gostei de trabalhar sozinho, mas às vezes algum professor exigia duplas ou grupos maiores. Certa vez, em um sorteio, tive de trabalhar com Eliandra, uma morena bonita, bem humorada e inteligente. Fomos à casa de uma tia dela para realizarmos uma entrevista. A alegre mulher chamada Suely nos serviu um primoroso guisado e pediu que comêssemos sem perguntar do que era feito. Comi duas vezes e recusei a terceira por mera educação. Praticamente limpei o prato. Perguntei que iguaria era aquela e a morena disse com um sorriso no rosto que era um guisado de miúdos. Uma velha receita de família feita dos seguintes miúdos bovinos:

Rins, coração, fígado e língua.

Quase vomitei ao pensar nos ingredientes.

Enquanto seguia meu caminho eu me peguei torcendo para que realmente fossem traficantes de órgãos, mas uma voz perversa gritava em resposta:

- Você sabe quem foram!

CAPÍTULO _VIII_ --- ---

A torre da igreja se erguia imponente. Tinha um estilo gótico e um jardim radiante ao redor, uma grande escadaria levava até a entrada da basílica. Tentei imaginar quantos casais subiram aqueles degraus como noivos e desceram como marido e mulher, ambos se deparando com o início do novo capítulo do livro de suas vidas ao som das palmas e dos desejos de felicidades vindos dos convidados.

A igreja estava aberta e quase vazia. Duas senhoras rezavam com terços nas mãos, estavam tão concentradas que nem me notaram. Sempre achei curioso como as pessoas esperam milagres mesmo quando não os merecem, e também como tentam barganhar com o reino dos céus. Cruzei o suntuoso altar de onde o padre podia ver os devotos ouvirem suas palavras. Por trás do trono de madeira onde o padre se sentava, havia uma grande cruz de madeira escura. Uma porta, não muito longe do altar, estava aberta e então pude vê-lo. Tony estava sentado e em sua frente tinha uma tela que ele estava pintando. Era o desenho realista de uma pomba voando.

- Acho que se tentar vender poderá conseguir um bom dinheiro - Disse eu pelas costas do homem.

O sacerdote encostou o pincel em uma mesinha ao lado da tela e se virou para mim com um sorriso no rosto.

- Sam! Que ótima surpresa.

Tony retirou os óculos e veio me dar um aperto de mão e um abraço.

- É um prazer revê-lo, Tony, como tem passado?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Estou ótimo, tem sido um bom ano para a igreja e para os centros de reabilitação, tenho muito pelo que dar graças.
- Fico muito feliz em saber disso.
- E você, meu amigo? Como vão as coisas?

O rosto dele revelou que ele se referia às mortes do ano passado. Sei disso pois pude ver compaixão no rosto a minha frente. Mesmo depois de receber tantos olhares piedosos, ainda não tinha me acostumado. Eu continuava odiando tal olhar.

- Tudo vai bem, obrigado - Respondi olhando o desenho para não precisar ver a piedade na face do padre.
- Sente-se, aceita um café? Tem também um bolo que uma das senhoras lá fora trouxe para mim, é de cenoura.
- Como recusar um bolo de cenoura?

Sentei-me em uma das cadeiras que estavam próximas a ele. Tony, caminhou até a mesa e logo trouxe um pedaço do doce para mim e um copo de café. Sentou-se de frente comigo.

- E então, quais as novidades? - Perguntou ele tomando um gole da bebida.
- Bom, eu voltei para a revista.
- Ah, isso sim é uma boa notícia. Tenho certeza que ficaram contentes com isso.

Comi um pedaço de bolo.

- Isso está delicioso. Uma das coisas que mais gosto nesta cidade é que todos aqui sabem fazer uma comida gostosa.
- Por que acha que estou nesta diocese há vinte e cinco anos? - Perguntou ele rindo.
- Está explicado.

O homem mordeu um pedaço do bolo também, farelos caíram na camiseta branca e no jeans. Ele vestia roupas semelhantes àquelas quando o vi pela primeira vez, se não fosse por Felipe e eu estarmos em uma igreja, eu teria duvidado que ele era um padre.

- E como você está? Você... Bom, conheceu alguém? - Quis saber ele um pouco sem jeito.

- Não, padre. Eu não tenho pensado muito nisso - Eu também odiava quando me faziam aquela pergunta, mas não deixei que minha voz me entregasse.

- Eu entendo - Tony me olhou com o olhar que precede uma advertência - Você sabe que tem que seguir em frente, Sam.

- Eu estou fazendo isso.

- Fazendo ou fingindo que faz?

Mesmo com um forte desejo de desviar o olhar e pregá-los naquele chão sagrado eu o mantive no rosto do padre e falei:

- Um pouco dos dois.

- Camila está no paraíso, Samuel, olhando por nós. Um lugar sem dor, sem tristeza, sem maldades, apenas amor. Um infinito amor e paz. Não tenha pena dela, e sim dos vivos que ainda não encontraram o caminho certo.

As palavras foram ditas em um tom solene que permitiria que você visse por baixo daquelas roupas comuns, cheias de farelos de bolo e manchas de tinta, o sacerdote que acalentou inúmeros corações despedaçados e almas agonizantes.

Não pude evitar que um sorriso se formasse em meu rosto.

- Tenho certeza que sim - Respondi.

- Ela quer te ver feliz e, para isso, você terá de seguir em frente, Sam. Não só por você e por todos que te querem bem, mas por ela.

- Vou fazer isso, padre.

Era o que eu sempre dizia quando me mandavam seguir em frente, mas quando eu chegava em casa e fechava a porta para o mundo, era coberto pelo véu das lembranças e desejava mais que nunca atravessar a barreira para o outro lado da vida e poder estar com ela de novo naquele lugar que chamamos de paraíso.

Tony se recostou na cadeira e comeu um pedaço generoso do bolo com evidente prazer.

- E o que te traz a Novo Caminho?

- Trabalho. Estou revendo o crime da Heloísa.

Tony parou a caneca com café a poucos centímetros da boca.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Encostou ela de volta na mesinha entre nós e levantou morosamente os orbes verde claros até os meus. Aquela expressão calma desapareceu e se tornou sombria. Olhou para o alto e coçou a cabeça bagunçando os cabelos grisalhos, cujos fios brancos travavam uma luta vitoriosa para possuir os fios negros.

- Heloísa... - Disse ele como se estivesse cansado de ouvir ou pensar naquele nome.

- Sim, Tony. Estamos realizando uma matéria sobre o caso e eu quem estou cuidando da matéria.

- Descobriram algo? - A expectativa na voz dele era semelhante a de um enfermo diante de uma possível cura.

Pensei em dizer a verdade a ele. Dizer que uma luz surgiu em meio às sombras. Mas, revelar que uma antiga seita poderia ter alguma relação com o assassinato do sobrinho dele traria alguma paz?

- Não! Nada ainda. O caso é um labirinto. Quanto mais você tenta responder uma pergunta, mais perguntas aparecem.

Tony concordou desapontado.

- Eu sei. Fiquei não sei quantas noites pensando nesse caso e muitas outras tentando não pensar - Contou ele - Talvez nunca encontraremos as respostas.

- É provável, mas vou dar o meu melhor para encontrar alguma. Estou me concentrando em descobrir o motivo, assim, poderemos ter uma visão melhor do crime e um norte para tentar encontrá-la.

- Então você quer me entrevistar? - Perguntou bem humorado como se fossemos falar de um assunto divertido.

- Isso! Eu gostaria de saber sua opinião sobre o porquê dela ter cometido aquele crime... Claro, se não se importar. Se não quiser falar eu vou compreender.

- Não, não tenho motivos para não falar. Sinceramente, será bom. Nesses últimos anos eu tenho começado a acreditar em coisas que eu duvidava na época. Será um desabafo, uma confissão.

Não esperava que ele fosse aceitar tão bem falar sobre a morte do sobrinho.

- Podemos usar o confessionário? - Brinquei.

Ambos soltamos risadas calorosas.

- Acho que aqui será mais confortável - Afirmou Tony.
- Como quiser. Importa-se de eu usar um gravador?
- Fique à vontade.

Bebi um pouco do café e comi mais um pedaço do bolo antes de pegar meu gravador e o bloco de notas. Foi estranho segurar o gravador, pois tive a impressão de que o usei em outra vida.

- Pronto? - Perguntei ao meu entrevistado

Tony assentiu e eu liguei o gravador.

- Caso Heloísa Albertini. Depoimento de Antonio Albertini - Disse para o gravador me lembrando da excitação que senti na primeira vez que o usei na faculdade. Voltei-me para Tony - O que você acredita ter sido o motivo de Heloísa para ter assassinado seu sobrinho?

Ele respirou fundo. Um ato que fez a entrevista se parecer mesmo uma confissão.

Após um curto silêncio Tony começou:

- No início, eu tentei não acreditar em nada. Tinham tantas pessoas falando do crime, vindo à minha porta dar pêsames e rezar ao meu lado que eu decidi não pensar nisso, tinha muita gente para pensar por mim. O tempo foi passando e só depois que o crime foi ficando para trás é que eu comecei a realmente formar minha teoria.

Tony apertou os olhos até que se tornassem uma fenda negra. Ele disse em um tom calmo:

- Adultério.
- Eu também acreditei nisso por um tempo.
- Quase deixei de acreditar, mas há dois anos recebi a ligação de um padre jovem que queria um conselho. O jovem disse que uma mulher veio até ele. Ela tinha arrancado da bíblia a passagem onde uma pecadora lava os pés de Jesus com lágrimas. Ela não queria se confessar, queria apenas desabafar com o padre e pedir um conselho. A mulher falou que um vizinho novo se mudou para o bairro dela e ambos se encontraram no mercado e começaram a conversar - Tony se

inclinou em minha direção com um semblante sério - Falou que sentiu um desejo tão intenso pelo rapaz que fez amor com o marido pensando nele. O desejo cresceu tanto que ela começou a seduzir o vizinho, disse que foi involuntário e admitiu aos prantos que se ele tivesse correspondido ela teria deixado tudo para trás e ido embora com ele - Tony se endireitou na cadeira. A lembrança vindo para a superfície dos pensamentos - A mulher disse que se sentia uma prostituta, implorou por perdão e aconselhamento. O padre estava inseguro sobre qual conselho dar, então pediu para ela ir para casa, orar e voltar no dia seguinte. Ele me ligou e dei os conselhos que ele deveria dar a ela e, ao que parece, tudo acabou bem. Mas, a mulher estava disposta a deixar tudo pelo que? Por mero desejo carnal. A luxúria se apossou dela, e essa mulher teria a abraçado se as circunstâncias tivessem permitido.

O padre se levantou, deu as costas para mim e ficou olhando para a janela. Ele era um homem alto. Mesmo estando com sessenta anos, ele estava em boa forma. Resultado de um hábito antigo de levantar às cinco da manhã e correr pelo menos dez quilômetros diariamente, adicionado aos bons hábitos alimentares.

- Existe moral em nós, Sam, mas somos seres feitos de carne. Se não tivermos um espírito forte - Ele se virou. Os olhos enterrados nos meus
- a carne nos controla e nos leva para o abismo. A luxúria pode transformar boas pessoas em seres que elas desconhecem.

Anotei essa última parte em letras grandes. Ficamos em silêncio por um tempo e logo ele se virou para um quadro na parede. Uma pintura de três cruzeiros em um monte. Elas estavam distantes, mas era possível ver que havia três corpos, um em cada cruz. A cruz do meio era mais alta e bem embaixo dela se reuniam um grupo de pessoas. O céu estava cinza.

- Depois desse acontecimento, eu comecei a acreditar que poderia ter sido isso, adultério - Prosseguiu Tony.

O padre não desviou a atenção do quadro, parecia hipnotizado por ele.

- Mas, nunca encontraram provas disso - Comentei - e nem sinais de que ela estava o traindo.

Tony continuou encarando a pintura enquanto falava:

- A mulher que te falei conseguiu esconder bem o que estava

fazendo. O marido chegava em casa, ela o dava boas vindas, jantavam, falavam sobre o dia e sobre os planos e iam dormir como se nada estivesse acontecendo. O homem com certeza não sabe até hoje que a mulher, com quem fez votos e que deu à luz aos filhos dele, estava pensando em fugir com outro. Por que deveria saber? Por que ela contaria? - Tony se voltou para mim - Acho que a Heloísa fingiu bem, igual a essa mulher.

- É possível. Hoje com a internet você pode conhecer alguém que vive em outro continente, e se você for discreto ninguém saberá. É possível.

Nos aquietamos deixando as palavras se dispersarem no ar daquela igreja. Tony prosseguiu:

- Esta é a minha teoria: Ela conheceu alguém, planejou fugir com ele, o Felipe não concordou e ela o matou para ficar junto dessa pessoa. Como a mulher que te falei, ela quis deixar tudo para trás... Só não acho que Heloísa chorou igual a pecadora da passagem bíblica.

Movimentei a cabeça em concordância, embora duvidasse da opinião do padre.

- Mas, Sam, é só uma teoria de um simples padre - Disse ele com um tom divertido.

- Uma teoria interessante, obrigado por compartilhá-la.

Tony sorriu e novamente olhou para o quadro que eu tinha certeza que fora pintado por ele.

- Eu olho para esta pintura e... Sabe o que descobri depois de ela ter matado o Felipe?

- O quê?

A tristeza dominou os olhos dele.

- É mais difícil do que eu pensava perdoar o inimigo.

Ficamos os dois encarando o quadro que representava o dia em que os pecados do homem foram perdoados.

Eu podia entendê-lo. Felipe o idolatrava e via no tio um exemplo para seguir. Tony tinha um grande apreço por Felipe, a quem tratava como filho.

Tente imaginar uma pessoa que come à sua mesa, alguém que você

admira e recebe de braços abertos. Imaginou? É bonito sentir que esse alguém faz uma pessoa importante para você feliz? Agora imagine esse mesmo alguém que você acolheu em sua casa, com toda a hospitalidade que possui, um certo dia matar uma pessoa que você ama, deixá-la mergulhada no próprio sangue no meio de um matagal e fugir na calada da noite.

Imaginou?

- Você acha que conseguirá perdoá-la? - Perguntei.

O pesar feria-lhe o rosto.

- Estou tentando - Respondeu ele - Não desejo que ela esteja morta ou sendo castigada fisicamente, eu... Eu desejo apenas que ela se arrependa e tente encontrar a paz.
- Acho que você não está só tentando, está conseguindo.

Tony sorriu.

- Sam, era tudo que tinha para dizer. Espero ter ajudado.

Desliguei o gravador.

- Ajudou mais do que imagina. Tenho mais uma pergunta, se não se importar.
- Pode perguntar.
- Estou aproveitando minha estadia aqui na cidade para cuidar dos detalhes da minha próxima matéria...

A gargalhada dele ecoou.

- Voltou com tudo, fico feliz em ver isso - Falou Tony.
- Ah, tenho um ano de forças guardadas que preciso gastar. Quero entrevistar um homem que teve uma experiência que me interessa. O nome dele é Benício, era um alcoólatra que não mora mais aqui, disseram-me que você talvez saiba onde ele está morando.

O padre ficou surpreso.

- O Benício? É um bom homem, mas ele é meio paranóico. Não sei se irá colaborar com você.
- Não custa tentar.
- Ok. Bom ele mora a quarenta quilômetros de Novo Caminho, em uma cidade menor que se chama Frei Batista.

Anotei o nome da cidade.

- Qual o endereço?
- Não me lembro o nome da rua, mas fica perto do supermercado local. Será fácil de achar, tem apenas um, os outros são minimercados e mercearias. O número da casa é 851.
- Certo, vou visitá-lo.
- Posso ligar para ele e avisar que está indo para lá, assim suas chances com ele serão maiores.
- Eu agradeço muito.
- Farei isso hoje à tarde.
- Obrigado, Tony. Eu acho que vou indo nessa.

Comi o que restou do bolo e tomei o café que já estava meio frio. Levantei-me.

- Espero que venha me visitar antes de ir embora - Disse ele.
 - Pode deixar. Ah, adorei o quadro, está ficando fabuloso.
- Tony olhou para o quadro como se tivesse se esquecido dele.
- Ah, obrigado, já é o décimo. Vamos vendê-los na próxima quermesse, e com os lucros ajudar famílias carentes.
 - Parabéns pela iniciativa. Gostaria de comprar um, minha irmã adoraria um desses na sala dela.
 - Vou pintar um especialmente para você, e aí quando estiver pronto te ligo avisando, pode ser?
 - Perfeito. Eu troquei de celular, vou te passar o novo número.

Passamos nossos números um para o outro. O padre foi junto de mim até a saída. A igreja estava vazia e silenciosa. Já na grande porta que levava à escadaria, Tony me fez uma pergunta:

- Você acha que irão encontrá-la?
- A pergunta me pegou desprevenido. Olhei-o por um segundo e sorri.
- Acredito que sim - Respondi com convicção.
- Tony assentiu sem muito entusiasmo.
- Foi um prazer revê-lo, Tony.

- O prazer foi meu, espero que se cuide, Sam.
- Vou me cuidar.

Apertamos as mãos e eu descí as escadas com aquela pergunta retumbando em meus ouvidos:

Irão encontrá-la?

Estatísticas dizem que depois de seis dias de desaparecimento começa-se a perder as esperanças de encontrarem o desaparecido. Seria certo alimentar esperanças depois de, mais ou menos, mil e cem dias? Bom, o que Pandora encontrou por último na caixa não foi a esperança? Que por sinal é a última coisa que devemos perder?

Entrei no carro e dei partida ainda pensando naquela pergunta. Enquanto seguia, vi um homem sair de uma sorveteria que ficava de frente com a Igreja. O homem tinha cabelos longos e grisalhos. Vestia roupas de aspecto caro. Ele me viu e as sobrancelhas dele se contraíram. O que me incomodou foi que ele ficou me seguindo com o olhar... Um olhar nada amistoso. Passei por ele e vi pelo retrovisor que o homem continuou me encarando por alguns segundos, depois olhou para o nada como se um pensamento tivesse rasgado sua memória e só aí seguiu seu caminho.

Uma vez uma mulher me olhou de um modo semelhante. Essa mulher em questão, não muito tempo depois... Tentou me matar.

CAPÍTULO _IX_

Em meio a um dos muitos rostos do restaurante “O tempero” estava meu próximo entrevistado. O encontrei próximo ao balcão, estava conversando animadamente com um dos garçons. Ele era alto, tinha cabelos castanhos bem penteados e uma camisa impecavelmente branca. Fui até ele tentando ignorar o ruído em meu estômago e os sedutores pratos que estavam em uma pista bem próxima. O homem me viu. O nome dele era Marcelo Costa e foi o homem que testemunhou Heloísa deixando a mata, entrar no carro e correr como um roedor fugindo das presas de um predador faminto. Marcelo estava com um sorriso no rosto, mas notei que ao me ver o sorriso foi se desvanecendo até dar lugar a uma expressão de medo e então ficou séria.

- Bom dia, meu nome é Samuel...
- Sei quem é você!
- Ótimo! Marcelo, estamos revendo o caso Heloísa Albertini e gostaria de saber se você se importaria em responder algumas perguntas.

Marcelo olhou ao redor como se estivesse procurando alguém. Alguém perigoso. E então me encarou, sustentei o olhar de maneira amigável. Ele recuou e me mostrou o dedo do meio. O homem deu as costas para mim e começou a andar.

- Posso ver que esse caso mexe com suas emoções, acredite falar sobre ele vai aliviar, garanto que sou um bom ouvinte - Disse a ele antes que se afastasse demais.

Ele se virou. A raiva havia se apossado dele. Mas, havia algo mais por baixo daquele semblante nervoso. Um certo... Medo. Algo dizia que não era de mim.

- Será breve, só algumas perguntas e te deix...
- Vá se foder! - Gritou Marcelo.

Todos ao redor nos olharam quando o silêncio dominou aquele restaurante. Garfos pararam próximos à boca, olhos curiosos nos observaram, olhares que perguntavam o que viria a seguir. A raiva de Marcelo se transformou em vergonha. O mutismo continuava nos abraçando. Sorri e me aproximei dele. Marcelo cerrou os punhos.

- Vamos fazer o seguinte, assim que você se acalmar me ligue e
- ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

poderemos conversar como seres humanos de verdade, entendido? - Perguntei fitando-o.

Peguei um cartão do bolso da calça.

- Este é meu cartão, é só me dar um toque.

Estendi o cartão e ele o pegou com relutância. O semblante do homem continuava feroz.

- Bom, ouvi dizer que a parmegiana daqui é ótima, poderia me servir uma com um refrigerante, por favor?

O homem respirou fundo, deu as costas e disse para um garçom no caminho:

- Anote o pedido dele.

Com violência, Marcelo abriu uma porta que levava à cozinha. As pessoas ao redor ainda me olhavam, mas aos poucos voltaram a atenção para seus pratos e para a conversa que estavam tendo antes do “show”.

- Posso ajudar? - Perguntou o garçom.

- Bom dia, gostaria de uma parmegiana.

...

A comida era realmente deliciosa, e a porção era bem grande o que me deixou satisfeito. Vi Marcelo andando pelo restaurante - onde pude notar que ele era um dos encarregados - duas vezes e, em ambas, nossos olhares se cruzaram e ergui meu copo como se brindasse a ele. A raiva ainda estava clara nas feições dele.

Na hora de ir, fui até o caixa e no momento era ele quem estava lá. Marcelo me falou o valor e eu paguei, até deixei uma gorjeta para o garçom que me atendeu muito bem. Foi aí que ele passou um cartão do restaurante para mim, mas o cartão estava ao contrário, naquela parte branca, só que havia uma mensagem escrita:

“ Me encontre na praça São Pedro às 18h. Vá sozinho ”

Voltei-me para Marcelo que apenas assentiu e agradeceu pela preferência.

- Eu quem agradeço - Disse eu.

Dei as costas e me dirigi até a saída do estabelecimento. Antes de atravessar a porta, olhei para o balcão onde Marcelo estava. Ele parecia perdido em pensamentos, os quais não eram nem um pouco felizes. Era a expressão de quando você está pesando o pior de dois males, ele só se recompôs quando um casal chegou até o caixa.

Atravessei a porta e fui atingido pelo sol do meio-dia, mas o calor que eu sentia percorrer meu corpo era devido à inquietação da, muitas vezes perigosa, curiosidade e de um mau pressentimento.

CAPÍTULO X

Era cinco e quarenta e cinco da tarde quando cheguei à praça São Pedro. Uma estátua do apóstolo ficava bem no centro dela, ele estendia os braços em um gesto de “seja bem vindo”, árvores ficavam ao redor do monumento e muitas das folhas delas repousavam no chão. Na outra extremidade da praça, uma figura solitária estava sentada no banco. Era Marcelo. Mais adiante, estacionado na esquina, havia um food truck vermelho, nele estava escrito em letras brancas “O famoso lanche”.

Fui me aproximando de Marcelo que estava com o rosto tenso. Fiquei de frente com ele.

- Desculpe pelo que aconteceu no restaurante - Disse ele encarando o chão.
- Não precisa se desculpar, você teve seus motivos.

Sentei-me ao lado dele. Marcelo balançava a perna e era como se eu pudesse sentir seu coração batendo acelerado, se alguém encostasse no ombro dele subitamente, ele se levantaria com a cara que temos ao acordarmos de

um pesadelo.

- Preciso que você tente relaxar, Marcelo, ok?

Ele aquiesceu ainda contemplando as folhas no chão.

- Ótimo. Quer que eu faça as perguntas, ou você tem algo que queira me dizer? - Perguntei.

Pela maneira que Marcelo estava preocupado, eu sabia que ele tinha algo queimando por dentro e tinha de desabafar.

- Vamos entrar - Disse ele se levantando e olhando ao redor com extremo cuidado.

Marcelo caminhou até o trailer, abriu uma porta do veículo e entrou. Eu o segui. O interior era bem apertado, porém meticulosamente organizado e higienizado, fotos de Marcelo e os clientes ficavam colados nas paredes junto de um grande crucifixo, havia dois banquinhos colocados frente a frente. Nos sentamos nos banquinhos.

- Tenho duas exigências - Avisou ele ainda tenso.
- Estou ouvindo.
- Nada de gravadores e não diga para ninguém que fui eu que te falei. Posso confiar em você? Vai deixar meu nome de fora da sua matéria?
- Se você quer que seja assim, assim será.
- Jóia!
- Está mais calmo?

O homem respirou fundo.

- Estou pronto - Falou com firmeza.

Peguei meu bloco de anotações e a caneta.

- Comece quando quiser - Disse a ele.

Marcelo começou a falar olhando para o chão.

- Minha mãe assina a revista onde você trabalha, então lembrei que vi uma foto sua em uma das edições e também no jornal ano passado. Se um jornalista vem até aqui e quer falar comigo é óbvio o motivo: Heloísa Albertini. Esse caso me incomoda porque... Bom, tem algo mais sobre este crime que ninguém sabe, só eu - Os olhos dele se

enterraram nos meus - E acredite, cara, isso tem me perturbado muito nos últimos anos, por isso explodi com você, não queria falar sobre ele, mas... Eu preciso.

A voz dele estava tomada pela angústia.

- Sou todo ouvidos, Marcelo.

- Três anos atrás, eu estava tentando juntar uma grana pra comprar este food truck. Na época eu trabalhava em um restaurante no shopping, mas, dois meses antes, eu tinha sido demitido de outro trabalho. Tinha algumas economias e também o dinheiro que recebi com a demissão, mas mesmo assim me faltava quinze mil para poder começar meu negócio - O olhar dele se perdeu em algum lugar além de mim - Um dia eu recebi uma ligação de um número desconhecido. Era uma mulher, ela estava engrossando a voz por isso não consegui reconhecer. A mulher disse que dali a quatro dias aconteceria uma coisa e que ela precisava que eu estivesse de frente com a mata antes de faltar dez minutos para dez da noite. Falou que o que eu precisava fazer era ficar de olho até uma coisa acontecer e aí ligar para a polícia e contar o que eu vi, não só para os policiais, mas para qualquer um que perguntasse. Ameacei desligar, e então ela me contou que pagaria quinze mil para eu fazer o trabalho.

Aquela informação fez os cabelos da minha nuca se eriçarem. Marcelo continuou o relato fitando o chão. Pude notar que os pelos dos braços dele também estavam arrepiados.

- Eu mandei ela enfiar as mentiras dela no rabo e parar de me encher, e aí desliguei. No outro dia tinha um envelope em minha caixa de correio e nela tinham dez notas de cem e um bilhete que dizia:

“Acredita em mim agora?”

Isso é só um bônus, se aceitar minha proposta ainda haverá quinze mil te esperando. ”

“ Ela me ligou naquela mesma noite - A respiração dele estava pesada - Eu pensei e pensei enquanto segurava aquele envelope e... Eu aceitei. A mulher disse que seria uma boa ideia minha namorada... Ex-namorada, Betty, ir junto comigo, aí seriam duas testemunhas. Concordei, passei minha conta poupança para ela e no dia seguinte o dinheiro estava lá. Assim que pegou a

conta, a mulher me disse que se eu não estivesse lá eles iriam me achar e não pegariam de mim só o dinheiro. O resto da história você já conhece.

Marcelo me olhou da maneira que um réu deve olhar para o júri que vai condená-lo à pena de morte e, talvez, vê-lo sendo amarrado em uma maca e depois dando seus últimos suspiros rumo às trevas, graças a uma injeção letal. Eu apenas o observei e acredito que por eu não ter manifestado a reação hostil que ele esperava, um traço de gratidão passou pelo rosto dele.

A palavra “eles” fustigava minha cabeça.

- Você falou que “eles” iriam te achar? - Perguntei.

- Foi o que ela me disse no telefone. Na verdade ela falou: nós vamos te achar. Não sei quem eram eles, mas, não quis arriscar.

Marcelo aparentava estar perdendo aquele nervosismo e medo que antes o governavam.

- Eu entendo. Ela entrou em contato com você de novo?

- Não, nunca mais.

- Muita gente sabia da quantia que você precisava para abrir seu negócio?

- Eu conheço muita gente nesta cidade já que sempre trabalhei em restaurantes e lanchonetes, então tenho muitos amigos e conhecidos. Acho que contei para quase todos eles. Tem os putos dos dois bancos que procurei financiamento; os amigos dos meus pais e do meu irmão que também sabiam; a Betty, os pais e amigos dela; meus tios e primos...

- Eu já entendi, Marcelo. Teriam muitas maneiras dessa informação ter chegado ao seu... “Doador anônimo”, seja por você, por algum conhecido seu ou por alguém que apenas ouviu a conversa quando você e mais alguém conversavam no cabeleireiro ou na fila do supermercado. Hoje em dia conseguir o número de alguém, que tem muitos amigos igual a você, é algo bem fácil. Algum amigo seu te falou que passou o número do seu telefone para alguém?

Marcelo negou. O silêncio reinou por alguns segundos até que uma dúvida explodiu em mim.

- Por que decidiu me contar essa história? E por que quis que fosse

aqui e não lá no restaurante?

- Não sou paranóico, cara, mas é igual o que eu te falei, se alguém na cidade vê um jornalista vindo falar comigo, eles sabem sobre o que é e... Bem, as pessoas conhecem você.

- Tem medo que eles te procurem?

Novamente os pelos nos braços dele se arrepiaram.

- Dias depois do crime eu tinha a impressão de que estava sendo seguido, não sinto mais isso, mas... Ainda fico de olhos abertos.

- Mas, já faz três anos.

Ele se inclinou. Marcelo estava ficando pálido como um cadáver.

- Estamos falando de caras que pagaram quinze mil pra um desconhecido só para ficar sentado olhando pra uma mata e depois falar sobre o que viu. Pessoas que sabiam sobre um assassinato e não fizeram nada para impedir e que me ameaçaram - Ele levantou os olhos em minha direção - Não duvido que eles deixariam de dar uma olhada de perto no “investimento” deles se um jornalista começasse a fuçar nesse crime

Marcelo tinha razão. Eles iriam segui-lo e com certeza machucá-lo ou, quem sabe, matá-lo. Será que comeriam o coração dele depois de o assassinarem?

- Eu compreendo - Falei imaginando o destino sangrento que ele poderia ter.

- Eu pensei bem, então decidi que nos encontrássemos aqui o mais rápido possível antes de espalharem por aí que você veio me procurar. Eu ia deixar você ir embora, mas... Você é minha única chance.

- Chance?

Marcelo se voltou para o chão e o ficou observando como se visse os sonhos de toda uma vida rastejarem para longe dele.

- Sim. Meu negócio vai bem, tenho uma boa reputação, uma ótima freguesia, mais um pouco e vou poder abrir mais um food truck, maior e melhor e aí não vou precisar trabalhar mais no restaurante. Minha mãe diz que estou progredindo, ela está orgulhosa, mas... Eu não consigo me orgulhar disso tudo, porque o dinheiro para conseguir este

lugar - Bateu na parede do veículo - está sujo de sangue. Se eu pudesse voltar no tempo teria pulado fora da proposta, só que não posso voltar. Não posso ir até a polícia já que sou, bem dizer, um cúmplice. Você é minha única chance de me redimir. Sei que essa informação não ajuda em muita coisa, mas acho que você pode aproveitar de algum jeito.

- Acredite, Marcelo, ajudou muito. Obrigado.

O homem esboçou um sutil sorriso.

- O que você acha que isso tudo tem a ver com a Heloísa? - Ele me perguntou.

Aquela pergunta me pegou de surpresa, mas não era difícil achar a resposta.

- Que ela tinha inimigos. - Respondi - Mas antes deviam ser amigos já que, possivelmente, ela falou do crime para eles. Heloísa não tinha problemas só com o marido, pelo visto.

- Foi o que eu pensei também, mas por que eles não impediram ou contaram para polícia?

- Esse é o mistério.

Marcelo assentiu e manteve o rosto fixo no meu.

- Se ela estiver viva, onde acha que ela está? - Perguntou ele.

Eu já havia imaginado a resposta para aquela pergunta incontáveis vezes. Ela inclusive está no “mural” em meu apartamento.

- Eu diria que iria para alguma cidade pequena da França - Comentei pensando nos velhos tempos quando conversávamos sobre cidades que gostaríamos de conhecer -, ela gostava do país, principalmente de Paris. Mas, como todos que a conhecem irão te dizer que ela foi para a França, seria inteligente que ela não fosse para lá. Acredito que Heloísa foi para alguma cidade movimentada por onde passaria despercebida. E você? Tem algum palpite?

Marcelo se inclinou como se fosse revelar algum outro segredo.

- Acho que ela mudou de sexo, trocou o nome para Alonso e foi para o México.

Nós dois soltamos gargalhadas que ecoaram naquele pequeno espaço.

- Acho que deveriam investigar essa hipótese - Falei ainda rindo.

Continuamos gargalhando por um curto tempo.

- Tem algo mais que você gostaria de dizer? - Perguntei ao homem.
- Apenas isso. E espero que cumpra com sua palavra. Não nos vimos mais depois do que aconteceu no restaurante e nunca te disse nada, combinado?
- Combinado. Pode ficar tranquilo, ninguém nunca saberá.
- Obrigado.
- Eu que te agradeço. Eu vou indo então.
- Certo.

Levantei-me e, antes de abrir a porta para sair, Marcelo olhou para os dois lados daquela rua silenciosa e quase fantasma. Ele falou que eu podia sair e assim o fiz, sendo recebido por um sopro gélido do vento. Olhei Marcelo nos olhos.

- Não se condene tanto, Marcelo, duvido muito que outra pessoa no seu lugar teria agido diferente. Você pelo menos está tentando corrigir o erro, mais do que muita gente faz. Obrigado pelos depoimentos.

Apertamos as mãos e havia um sorriso franco no rosto de Marcelo. A espada de Dâmocles que estava sobre ele pareceu ter sido retirada, pois os ombros dele aparentavam estarem mais relaxados. Sorri e dei as costas. Poucos segundos depois o food truck deu partida e saiu.

O vento aumentou varrendo algumas folhas derramadas no chão. Seria uma noite fria. Compreendi porque ele escolheu aquela praça para conversarmos, o lugar era pacato. As casas ficavam de costas para a praça, mas eram separadas por um campo vazio que tinham traves de futebol, mas que devia ser usado só nos finais de semana. Atrás da praça, havia uma longa cerca e do outro lado um canavial. Segui meu caminho e logo o único ser naquela praça era a estátua de São Pedro. Durante o caminho até o carro todas as informações que recebi naquele dia vieram até mim como se trazidas pelo vento cortante.

Sentei-me no carro e desfrutei do calor. Olhei para a praça e fiquei tentando organizar o turbilhão de pensamentos que estavam torturando minha mente. Fechei os olhos para tentar me concentrar, criar alguma conexão lógica com o assassinato de Felipe, o paradeiro de Heloísa, aquele livro

maldito, o cadáver sem órgãos, a ligação que Marcelo recebeu e os voraces.

Um tremor violento flagelou meu corpo quando ouvi o grito de dor. Meus olhos se abriram assustados como se eu tivesse despertado de algum sonho satânico.

Escutei o som ao redor e ouvi apenas o som do vento. Respirei fundo e segui meu caminho com o coração ainda acelerado.

O grito continuou ferindo meus ouvidos por todo o trajeto. Um grito que eu ouvi no inverno passado. O grito de Laura.

...

Depois da conversa com Marcelo, fui para casa pensar a respeito de tudo o que havia descoberto naquele dia. Montei um relatório sobre os depoimentos e pensei em como as histórias se cruzavam.

E se Heloísa fosse uma vorace? Supondo é claro de que eles existem.

E se por algum motivo a seita queria eliminá-la? Ela então descobriu a intenção deles e executou o plano de matar o marido e fugiu?

Mas, por que avisar Marcelo para que este ficasse de frente com a mata? Armaram uma armadilha para ela então? Deixaram-na encurralada na intenção de que ela desse a eles o que queriam, mas ela foi mais esperta e deu um jeito de escapar?

Como ela descobriu o plano deles a tempo de planejar uma fuga? Como eles sabiam que ela queria matar, Felipe e quando e onde seria?

E se por acaso Tony estivesse certo e ela tivesse um amante? Um amante que fazia parte da seita? A seita por algum motivo queria se vingar dela?

Eu estava sentado no chão com cada uma dessas possibilidades escritas em folhas e jogadas ao meu redor. O livro negro estava no chão também, próximo a mim. Eu, às vezes, o observava como se ele pudesse me dizer algo.

Levantei-me, peguei o sanduíche que estava em um prato na mesa e que aquela noite seria meu jantar. O mordi pensando no assassinato de Marco Guedes e se antes de morrer pessoas de mantos negros o cercaram.

Não pode ser possível! Eles não podem existir, e se existissem,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Heloísa não poderia ser um deles. Disse tudo isso a mim mesmo fitando o livro jogado no chão do mesmo jeito que o cadáver de Marco esteve há quinze anos.

Caminhei até meu rádio, o peguei e fui até a varanda. Eu segurava o sanduíche e o levantei para mordê-lo. Não cheguei a morder o lanche, pois naquele momento eu vi o sujeito no escuro.

Na esquina, do lado direito do outro lado da rua, havia uma pessoa, provavelmente um homem parado. Estava em um canto mal iluminado, então eu não podia ver o rosto dele. Vestia uma blusa com touca e esta lhe cobria a cabeça. As mãos estavam nos bolsos da blusa. Embora eu não pudesse ver o rosto dele eu sabia que ele me encarava.

Ficamos ali parados sob o negrume do céu, nos observando naquela rua deserta e escura. Eu não ousava recuar, mesmo com o temor devorando minhas entranhas. Dei mais passos para frente, abri o portão e fiquei parado ali na calçada no canto iluminado. Não mostraria medo, se ele quisesse vir até mim, eu estava disposto a lutar.

Ouvi o homem rir. Uma risada gélida de deboche. O sujeito no escuro deu as costas e foi embora.

Continuei parado ali por não sei quanto tempo, esperando que ele voltasse, mas ele não voltou.

Voltei para dentro olhando de relance para trás, a rua continuava vazia da mesma forma que um cemitério deveria estar naquele horário.

Marcelo tinha razão, era muito fácil supor o que eu, Samuel Dias, aquele que alguns jornais chamaram de herói, estava investigando naquela cidade. E, como descobri naquela noite, não era difícil me encontrar.

CAPÍTULO XI

- É um lugar incrível! É um pecado eu nunca ter vindo aqui - Disse eu admirando cada centímetro do lugar.

Felipe sorriu.

Era o dia em que reencontrei Heloísa no shopping e conheci Felipe, fomos almoçar no restaurante que pertencia à franquía que ele começou junto de dois amigos. A decoração tinha a paleta de cores da bandeira da Itália e o restaurante era iluminado por candelabros bem distribuídos. Uma música clássica tocava suavemente e um cheiro agradável de tempero pairava no ar. Nas paredes, havia fotos em branco e preto do país e de famílias que lá viveram, pinturas de Leonardo Da Vinci e desenhos de personalidades como Pavarotti, Rafael Sanzio, Sandro Botticelli, Dante Alighieri e o próprio Da Vinci. Em cada mesa estava escrito o soneto de Michelangelo. Isso havia sido, segundo Felipe, uma das ideias de Heloísa que adorava o poema. Havia cinco restaurantes “ Comida da Nona”, três em São Paulo e dois em Novo Caminho. Estávamos sentados próximo à janela. Do outro lado, pessoas iam e viam com sacolas e sorvetes nas mãos.

- Obrigado, Samuel - Disse Felipe.
- E o que vocês me indicam?

Heloísa e Felipe se entreolharam e disseram em uníssono:

- Ragu à bolonhesa.
- Ok, então será Ragu à bolonhesa.

Felipe acenou e um garçom bem educado de camisa e gravata

borboleta veio até nós. Felipe falou os pedidos e ele se foi.

- E então... de onde surgiu a ideia para este restaurante, Felipe?
- É uma história meio longa.
- Pode ter certeza que o Sam não se incomoda - Afirmou Heloísa - Ele adora histórias e é um bom ouvinte. Lembra daquela noite em que briguei com meu ex?
- Claro! - Soltei uma risada - Como esqueceria? Só não sei por que você escolheu comida japonesa.
- Ah, nosso primeiro encontro foi em um restaurante japonês - Contou Felipe se entregando ao riso.
- Mas você se saiu melhor que o Sam quando usou os hashis.
- Ela nunca vai me deixar esquecer daquilo.

Heloísa, pôs-se a rir.

- Fê, ele deixou o sushi escorregar direto no copo de refrigerante e depois tentou de novo e deixou cair no shoyo e só para piorar...
- Não, você prometeu que nunca diria isso para alguém
- Eu estava de dedos cruzados.
- O que o Sam fez? - Perguntou Felipe com a curiosidade estampada no rosto.

Antes de prosseguir, Heloísa foi dominada por um acesso de risos. Era uma das coisas que mais gostava nela.

- Ele colocou o wasabi direto na boca e cuspiu no chão do restaurante.

Felipe segurou o riso, mas podia ver que logo ele o libertária.

- Meu Deus, Sam! Sério?
- O gosto daquilo era horrível. Como alguém paga para comer aquele negócio? - Perguntei também me contendo para não rir.

Todos nós nos entregamos às gargalhadas. Heloísa se recostou no ombro do namorado ainda rindo e Felipe segurou a mão dela. Eram realmente um belo casal.

- Nossa todo mundo olhou pra gente, Fê. Eu teria morrido de vergonha, mas foi tão engraçado que não consegui segurar e ri como

nunca tinha rido na vida, até me esqueci que tinha sido chifrada.

- Eu prometi que nunca mais voltaria naquele restaurante, mas, era o único lugar que a Heloísa gostava de ir - Contei sendo dominado pela nostalgia.
- Depois que comi o ragu que o Felipe faz eu me converti.
- Você fez um milagre. Porque nunca vi alguém gostar tanto de comida crua e sem gosto, igual a ela.

Heloísa se inclinou e diminuiu o tom de voz como se fosse dizer algo sigiloso.

- Depois de tantos anos você aprendeu a usar os hashis?
- Não provoca.
- Pelo visto não.
- Sempre disse para ela, que eu venho de uma família que sempre comeu comida de verdade e que sempre fazia um churrasco no domingo, então sushi com shoyu e arroz empapado é difícil de aceitar - Contei para Felipe.
- Eu entendo seu ponto de vista - Disse Felipe.
- Já que ela me expôs... Vou ter que retribuir.

Foi minha vez de me inclinar. Ao longe pessoas gargalhavam e sons de garfos batendo nos pratos iam se espalhando no ambiente junto de um aroma que fazia o estômago chorar por uma porção das refeições ali servidas.

- Uma semana depois de ela largar do ex, teve uma festa dos cem dias de uma amiga dela...
- Sam, se você contar vou te matar - Falou ela tentando inutilmente parecer séria.

Felipe a encarou animado e depois olhou para mim e falou:

- Se você não terminar, eu que irei te matar.

Dei de ombros.

- Ok. Já que vou morrer de qualquer jeito, eu vou contar. A Heloísa decidiu afogar as mágoas e bebeu tanto que acabou vomitando para fora do trenzinho acertando um dos professores.
- Não acredito - Afirmou Felipe se virando para Heloísa com aquela

expressão de “ me dê uma explicação”.

Heloísa cobriu o rosto enquanto ria.

- Sério. E depois vomitou no carro do irmão da moça.
- Sam, você vai morrer! - Ameaçou Heloísa com a expressão alegre que era característico dela.
- Aposto que o carro fede até hoje.

Todos nós caímos nos braços das risadas mais uma vez.

- Espero que já tenha um testamento pronto - Heloísa ameaçou apontando um dedo em minha direção.

Continuamos gargalhando por mais algum tempo.

- Nós divagamos, você ia me falar a história do seu restaurante.
- Ah, é verdade.
- Está sendo uma manhã bem nostálgica - Comentou Heloísa.
- Adoro isso - Admiti animado.

Ah, o papo nostálgico de um tempo que não volta mais! Incrível como o ser humano muitas vezes menospreza o presente e no futuro venera o passado.

- Eu também. Bom, eu era bem problemático quando era garoto - Começou Felipe
- Não acredito!
- Eu também fiz essa mesma cara quando ele me falou isso, Sam - Confessou Heloísa.
- Ninguém acredita, mas eu era. Brigas, notas ruins, suspensões, matar aula, fumar na escola... Fiz tudo isso. Meu professor dizia que eu estava a caminho de ir para a prisão.
- Meu Deus! E o que te tirou desse caminho?

Os olhos de Felipe pareciam emanar uma luz quando as lembranças vieram à mente dele. Ele começou a deixá-las saírem de dentro e ganharem vida com as palavras.

- Minha nona! Minha avó Giulia foi morar lá em casa quando meu avô morreu. Ela e meu tio Tony me fizeram abandonar aquela vida desastrosa. Meu tio tentava, mas eu sempre rejeitei a ajuda dele, mas a

minha avó mudou isso.

“Eles viraram meu ídolos. Todos os domingos minha avó fazia uma lasanha ou um ragu e me pedia para ajudar - Fez uma pausa como se estivesse degustando a lembrança - Aos domingos, meu tio me levava um livro e exigia que eu terminasse de ler até o próximo domingo, e aí nós conversávamos sobre o que achei da leitura. Domingo era meu dia favorito. Os dois juntos dos meus pais me premiavam conforme os hábitos ruins iam sumindo. Vovó me ensinava uma nova receita a cada boa nota. Ela e o meu tio me desafiaram a ser melhor e... Dei o meu melhor. Não sei quem eu seria sem a ajuda deles.

“Disse para ela, quando fiz meu primeiro ragu num domingo para toda a nossa família, que um dia seria um chef de cozinha e teria meu próprio restaurante.

Uma tristeza se apoderou de Felipe.

- Ela morreu cinco anos depois - Ele ficou quieto um instante. Os olhos olhando acima de nós. Parecia que ele tentava vê-la no céu acenando para ele do paraíso - O nome “ Comida da Nona” é em homenagem a ela.

Nós três ficamos inesperadamente mudos.

- Sinto muito, Felipe.

Ele apenas sorriu. Eu prossegui olhando aquele casal que depois de um tempo considereí como membros da minha família.

- Eu não acredito que a gente venha para este mundo e apenas desapareça depois de uma vida de aprendizados, então sei que ela está muito orgulhosa de você em algum bom lugar.

Pensei nas pessoas passando do outro lado daquele vidro e em todas as partes deste vasto mundo. Todos nós com algo em comum:

Trilhando um caminho misterioso e cheio de aprendizados rumo ao desconhecido.

- Também acho que está - Disse Felipe baixinho.

Heloísa segurou a mão dele e beijou-lhe o rosto.

Um cheiro incrível chegou até mim e o garçom veio e depositou três pratos em nossa frente.

- Obrigado! Bon appetit, Samuel - Desejou Felipe.
Experimentei e nunca havia comido uma massa igual a esta.
- Meu Deus! Isso está maravilhoso. Parabéns!
- Obrigado. Às vezes acho que a Helô só está comigo por causa deste ragu.
- Como adivinhou? - Perguntou Heloísa com a melhor imitação de surpresa que pode fazer.
Mergulhamos em uma gostosa risada
- Não sei se pode culpá-la, pois esse ragu é ótimo - Comentei ainda rindo.

Comemos e conversamos nosso papo nostálgico por mais um tempo. Heloísa me contou que eles se conheceram no ano seguinte da formatura dela em um workshop sobre empreendedorismo. Eles sentaram um do lado do outro e no intervalo conversaram e acabaram trocando telefones. Um ano depois estavam namorando e Heloísa estava trabalhando com eles.

- Só existe este “Comida da Nona” aqui neste shopping graças à Heloísa ter feito de tudo para que chegássemos até aqui - Disse Felipe com o braço envolta dos ombros dela.

Ver os dois juntos me fez desejar encontrar alguém para compartilhar histórias, conquistas... Uma vida.

Quando estávamos nos despedindo, Felipe disse:

- Por que não vem nos visitar em Novo Caminho?
- Verdade, seria ótimo - Falou Heloísa.
- Será um prazer - Eu disse sorrindo.

Eles me passaram o endereço e no fim de semana seguinte estava jantando na grande casa deles na cidade de Novo Caminho. Uma vez por mês eu ia até lá. Estive presente no jantar que eles estavam dando quando anunciaram o casamento e também estive na cerimônia realizada no campo.

Lembro-me até hoje dos olhos marejados de Heloísa naquele vestido de um branco imaculado. Flores enfeitavam aqueles cabelos castanhos que esvoaçavam ao vento enquanto o padre Tony dava as palavras sagradas que tornavam aquelas duas almas apenas uma. Ainda posso ouvir o som das palmas que foram dadas e da banda tocando a canção clássica de casamento

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quando eles se beijaram, o beijo que sela uma nova vida. Felipe, em seu terno azul marinho, abraçou a mãe e chorou no ombro dela como uma criança, o irmão os envolveu nos braços também em lágrimas. Uma chuva de bênçãos em forma de arroz caiu sobre eles naquela bela manhã. Duas almas vindas solitárias para esta existência finalmente, naquele dia, encontraram o par para trilhar o restante da caminhada. Risos, lágrimas, grama verde, céu azul e amor. Um momento digno de uma pintura.

Essa lembrança se esvaiu de meus pensamentos quando vi a placa que dizia:

Frei Batista

10 Km

Na noite passada, o padre havia me ligado avisando que ligou para Benício e que ele me receberia na casa dele às onze da manhã. Era dez e três.

Um rock leve tocava no rádio. A manhã estava fria como a noite que havia passado.

Sempre que me lembrava de Heloísa e Felipe, uma outra recordação vinha. O dia em que liguei o rádio às seis da manhã e ouvi o locutor dizer que um jovem chamado Felipe Albertini havia sido assassinado, a xícara com chocolate quente que estava em minhas mãos se estilhaçou no chão e me despertou do transe em que me encontrava. O locutor com aquela voz grave anunciou que a principal suspeita era a esposa dele, Heloísa Albertini. Meu coração batia tão violentamente que senti que ele iria estraçalhar o meu peito e inundar o chão com o meu próprio sangue, assim como acontecera com Felipe. Vesti-me e corri para a revista. As palavras do locutor repetiam furiosamente em minha cabeça, a vontade de gritar que era mentira estava presa na minha garganta. Quando cheguei no trabalho, anunciaram que Roberto queria me ver imediatamente. Fui inquieto até a sala dele. Meu chefe me olhou por cima dos papéis. Suspirou fundo ao me ver. O olhar dele estava severo.

- Roberto, você ficou sabendo do crime?
- Sim.
- Então, sabe que eu tenho de investigar esse assassi...

Ele levantou a mão, ordenando silêncio.

- Você não vai investigar esse crime, Sam. Não insista.
- Mas, Roberto, eu conhecia os dois, convivi com eles...

Roberto se levantou.

- É por isso. Você não vê? Tudo que quer é provar que ela é inocente. Não irá investigar de maneira imparcial como tem de ser. Sinto muito por tudo isso, Sam. Sei que está nervoso, mas quando se acalmar irá ver que é a coisa certa.

Ele caminhou até mim e colocou as mãos em meus ombros.

- Sinto muito, Sam, sei que eram muito amigos. Não consigo imaginar o turbilhão de coisas que devem estar passando pela sua cabeça. Se precisar de alguma coisa, pode contar comigo.

Não respondi, apenas o olhei de uma maneira nada amigável. Roberto saiu da sala. O segui.

- Roberto, você está enganado, eu...

Ele se virou com agressividade e gritou:

- VOCÊ NÃO VAI!

Todos ao redor se aquietaram e levaram os olhares curiosos até nós. Roberto olhou em volta e todos voltaram a atenção para seus afazeres. Ele me deu as costas. Pude sentir as pessoas me olharem novamente.

A lembrança que veio naquele momento foi a de Heloísa jogando o buquê que uma amiga dela pegou. Ela a abraçou e desejou boa sorte. Veio até mim, deu um soquinho no meu braço e falou:

- Que pena, queria que você tivesse pegado o buquê.

Pensei nas lágrimas escorrendo do olhos dela e borrando a maquiagem. Pensei neles se beijando após o padre dar permissão.

Lembrei-me dela dizendo para mim:

- Este é o dia mais feliz da minha vida, Sam.

Ainda em pé sentindo o peso daqueles olhos pensei em um conjunto de palavras proferidas pelo padre na cerimônia:

- Até que a morte os separe.

Talvez já estivessem separados antes, a morte veio apenas aumentar a distância. Dar fim às vírgulas e colocar um sangrento ponto final.

Aumentei o som do rádio e segui para Frei Batista.

...

Na noite anterior de minha ida a Frei Batista, eu tive um pesadelo.

Nele, eu estava em uma mata, era noite e uma lua imensa com um brilho amarelo e assustadoramente intenso se assomava no céu. Comecei a caminhar e senti que meus pés descalços pisavam em algo quente e molhado. Era sangue. Olhei ao redor e vi a quem ele pertencia. Meu grito de terror ecoou na vastidão daquelas trevas. O sangue era de Felipe que estava caído a poucos metros de mim.

Foi aí que ela surgiu.

Muito longe do corpo caído havia uma mulher vestida em um manto negro. Meu coração morreu em meu peito quando vi quem era.

Era Heloísa segurando um livro negro como se fosse uma bíblia.

De trás dela, eles começaram a surgir um a um. Logo cerca de vinte rostos cadavéricos e pálidos me observavam. Ao fundo uma árvore cuja os galhos secos se assemelhavam a garras se erguia contra aquela lua cheia cujo o brilho foi se avermelhando como se a lua estivesse sendo tingida por sangue.

Todos gritaram meu nome enquanto corriam em minha direção.

Acordei assustado. Estava sentado na poltrona que eu havia arrastado até a janela para poder olhar à rua e ver se o estranho retornaria. Depois de duas horas, ali sentado com fones de ouvido e meu rádio, não havia surgido ninguém.

Era uma e seis da madrugada, eu tinha muito tempo, então iria para a cama. Antes de ir para o quarto, meus olhos se prenderam nos papéis colados do mural. Neles estavam escritos em letras grandes:

VORACES EXISTEM?

SE EXISTEM POR QUE NÃO APARECERAM MAIS CRIMES COM AS
CARACTERÍSTICAS DELES?

QUEM SÃO OS “ELES” QUE LIGARAM PARA MARCELO? POR QUE
NÃO IMPEDIRAM A MORTE DE FELIPE?

COMO SABIAM DO CRIME?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

POR QUE HELOÍSA LHES CONTARIA?
HELOÍSA PODERIA SER UMA VORACE?

Rumei para meu quarto dizendo a mim mesmo que eles não podiam existir e que estavam todos mortos e esquecidos desde o século XV. Tudo não passava de um mal entendido, eles não poderiam existir.

...

A cidade era minúscula e não havia um único prédio cortando o céu. A tranquilidade era encantadora e invejável. Algumas construções antigas estavam espalhadas aqui e ali e uma bela igreja num estilo barroco se erguia no centro da cidade. As pessoas se moviam de maneira calma, os pássaros pareciam seguir o mesmo ritmo com seus bateres de asas cheios de serenidade. Uma cidade onde a guerra contra o tempo e suas horas parecia não existir. Vi na internet que a cidade contava com doze mil habitantes e que o nome era uma homenagem a um frei que guiou viajantes até ali e os catequizou, alfabetizou e ajudou a conquistarem uma vida digna. Uma grande estátua dele guardava a entrada da cidade e um museu sobre o inicio do município abrigava a história dele.

Dois senhores que jogavam xadrez na praça me indicaram educadamente como chegar ao supermercado e de lá consegui chegar à casa de Benício da Silva.

A casa de cor creme era pequena, devia ter quatro cômodos e tinha uma pequena varanda e um muro baixo com um portãozinho de madeira. Bati palmas e logo a porta se abriu. Benício era um homem baixo com o corpo bronzeado pelo trabalho ao sol, tinha braços fortes, cabelos encaracolados com fios brancos em sua maioria. A maneira lenta que ele abriu a porta e dirigiu o olhar até mim mostrava que era um homem cauteloso.

- Bom dia! O senhor é Benicio da Silva?

Ele me fitou com desconfiança ficando ainda bem próximo da porta.

- Bom dia! Sou eu sim.

- Sou Samuel Dias, jornalista da revista “O agora”. É um prazer, senhor Benício. Acho que o padre Tony avisou que eu viria.

A expressão dele relaxou um pouco, mas ele não se aproximou.

- Ah sim, o jornalista! O padre me ligou ontem avisando.
- Que bom. Quer ver minha identificação?
- Não, não precisa. Pesquisei sobre você na internet. Sinto muito pelo que aconteceu.

Eu sorri por mera educação.

- Vamos, entre.

Pedi licença, abri o portão e apertamos as mãos. Para um homem de aspecto forte ele tinha um aperto de mão um tanto sem vida e rápido como se temesse que a mão fosse ser arrancada.

- Obrigado por me receber, senhor Benício.
- Não precisa me agradecer e pode me chamar só de Benício.
- Ok.

Entramos na modesta casa. O interior era tão simplório quanto sua fachada. A sala tinha uma poltrona, uma mesinha no canto onde repousava uma bíblia e uma estante onde estavam a tv, o rádio, caixas de som e algumas fotos. Em uma das fotos um jovem Benício segurava uma menininha nos braços; em outra ele estava usando um terno e abraçando uma moça que parecia ser a menininha da foto anos mais tarde, ela vestia uma beca. Havia outra foto que parecia ser muito antiga de um casal segurando um bebê nos braços, o homem na foto deixava claro que era o pai de Benício.

Benício seguiu para a cozinha.

- Aceita um café ou um refrigerante? - Perguntou da cozinha.
- Não, obrigado.

Ele voltou para a sala com uma cadeira em uma das mãos e um caneca escrita “The Beatles” na outra. Se sentou e tomou um gole do café que exalava um agradável aroma.

- Por favor, sente o senhor na poltrona e eu fico com a cadeira - Disse a ele.
- Hoje você é a visita, fique com a poltrona - Falou ele com um sutil sorriso.
- Tudo bem, obrigado.

Benício usava um moletom preto com uma foto de Raul Seixas e

calças também pretas e chinelos. Eu podia imaginá-lo em uma banda de rock. Benício provavelmente seria o guitarrista.

Abri minha bolsa e peguei meu bloco de notas e caneta.

- O padre não me disse o que você queria falar comigo - Perguntou ele com aqueles olhos castanho-claros e cautelosos que um homem pisando em um campo minado deve ter.

- Bom, nós da revista iremos realizar uma matéria sobre seitas e fiquei sabendo que você teve uma... Experiência relacionada a um culto.

Aquela expressão cautelosa deu lugar a um aspecto satisfeito e confiante.

- Eu sabia! Não tenho nenhuma grande experiência, além dessa, para interessar um jornalista igual a você. Só podia ser daquela noite fodida.

- É, foi aquela noite que me trouxe aqui.

Um sorriso surgiu no rosto dele.

- Tenho que te falar que todos em Novo Caminho acham que tudo foi um pesadelo. Pesadelo de um bêbado - Avisou ele.

- Essa é a visão deles, estou aqui para ouvir o que você tem a dizer e compor a minha visão. Não estou aqui para te julgar ou insultar, apenas para ouvir sua história.

Ele pareceu contente e pela primeira vez totalmente relaxado.

- Certo! E o que quer saber?

- Se não se importar, gostaria de saber tudo sobre aquela noite. Todos os detalhes que se lembrar e quiser compartilhar.

- Ok.

- Tudo bem se eu usar o gravador.

- Sem problemas.

- Posso usar aquela mesinha?

- Sim.

Coloquei a mesinha entre nós. Liguei o gravador, o aproximei de mim e falei:

- Depoimento de Benício Silva - Coloquei-o na mesa e mantive o

bloco de notas em minhas mãos - Bom, Benício, conte-me sobre a noite em que foi sequestrado. Tudo que se lembrar e quiser dizer. Quando quiser pode começar.

O semblante tranquilo de segundos antes desapareceu e no lugar dele surgiu uma expressão soturna. Benício tomou um gole do café e ficou segurando a caneca com as duas mãos. O silêncio lá fora era cortado pelo sopro do vento nas árvores e mais nada, era como se o mundo ao redor tivesse parado para ouvir nossa conversa sobre morte, sangue e gritos de sofrimento e terror. Benício começou a falar com calma:

- Naquela época, Samuel, eu não era um cara dos bons. Não que eu fosse um ladrão, um estuprador ou assassino, mas eu era um desses vermes sobre a terra. Eu era um bebado brigão há um bom tempo, foi isso que destruiu meu casamento. Na época, eu estava separado há quatro anos, minha filha não queria me ver e eu já estava me acostumando, ou pelo menos bebia para fingir isso. Depois que fiquei sabendo que minha espo... Ex-esposa se casou de novo eu piorei - A tristeza o dominou - Vi ela com o novo marido e minha filha em um restaurante que eu nunca as levei, e naquele dia vi que eu tinha perdido elas para sempre. Eu afundei mais ainda no abismo. Aconteceu nessa época.

“Mesmo sendo um bêbado eu era trabalhador. Um ótimo pedreiro e nunca fiquei sem trabalho, mesmo depois que vim para cá, mas naquela época eu já havia torrado meu dinheiro e estava duro e precisando beber. Você bebe?

- Não, eu nunca gostei do sabor do álcool.

- Faz muito bem. Você não tem ideia de como é para um alcoólatra não poder beber.

O olhar dele se perdeu nas trincheiras da lembrança.

- Fui para o bar - Prosseguiu -, ia pedir dinheiro emprestado para algum dos outros vermes, mas... Trombei em um cara no caminho, na verdade ele trombou em mim, eu gritei com ele, mas ele nem me deu bola, nem se virou, apenas seguiu em frente. Continuei, estava mais frio do que hoje e eu estava com as mãos nos bolsos do moletom e senti uma coisa lá dentro, uma coisa que não estava lá antes, sei porque andei seis quadras com as mãos nos bolsos - Ele levou o olhar até mim

- Dentro do meu bolso tinha uma nota de cem.

Surpreendi-me e precisei segurar uma vontade de rir. O tipo de risada que damos para um político fazendo promessas que sabemos que ele não irá cumprir.

- Espera aí, você está me dizendo que uma nota de cem, simplesmente apareceu no seu bolso?

Benício riu.

- Agora entende por que ninguém acreditou na minha história? Pode parecer mentira, mas uma nota de cem apareceu no meu bolso - Havia uma poderosa convicção na voz dele.

- Uma vez vi uma mulher tirar uma carteira do bolso de um cara e ele nem notou. Não duvido que aquela mulher poderia colocar uma nota de cem no bolso de alguém com a mesma habilidade.

- Foi o que aquele cara fez. Senti que meu anjo estava sorrindo para mim e fiz o que um bom alcoólatra faria com aquela nota de cem.

- Foi beber.

- Sim e se você conhece bem o bar, sabe como fazer cem reais renderem. Eu bebi muito naquela noite. Eu estava deprimido, nervoso e perdido, muita gente se mata de beber por bem menos que isso.

O homem disse essas palavras com o tom amargo da vergonha. Benício fitou o chão com pesar.

Quantas vezes ele não desejou poder ter feito tudo de um modo diferente? Ter sido alguém diferente?

- Quando sai, eles me pegaram - Continuou ele com o ar sombrio retornando a ele - Alguém me xingou de algo que não me lembro. Sei que fui para cima deles, eram três, mas tinha outro que eu não vi. Antes de eu chegar ao cara que me xingou, senti uma dor na cabeça e depois um cara com uma bastão me acertou e desmaiei.

As mangas do moletom dele estavam dobradas, pude ver os pelos do braço dele se eriçarem como se um espírito amaldiçoado tivesse passado por ele.

- Eu acordei amarrado em um tipo de cama de concreto. Tinha um lençol preto em cima...

- Um altar! - Exclamei me segurando para não arregalar os olhos.
- Isso! Era um altar. Eu estava acorrentado e só de cueca. Os pisos e azulejos eram todos brancos, até o teto era pintado de branco. Acho que tinham câmeras no lugar. Uma música que parecia um daqueles cantos gregorianos de igreja estava tocando e depois parou do nada e ficou tudo quieto. Comecei a gritar, mas não aconteceu nada. De repente, uma porta abriu e apareceu um cara. Ele estava com um tipo de beca de formatura preta e com um capuz preto também. O homem veio até mim e disse de um jeito, meio carinhoso, que eu era um “filho do pecado” e que por isso estava ali. Falou que eu seria sacrificado e meu sangue ao ser derramado no altar ia me purificar...

Deixei meu bloco cair no chão. Meu coração parecia que iria retalhar meu peito e minha boca estava seca como a de um cadáver em decomposição.

- Desculpe, continue - Falei pegando o bloco do chão.
- Tudo bem?

Um calafrio se alastrava por minha espinha.

- Estou bem sim, continue.

Benício assentiu e continuou o relato:

- O homem encostou a testa na minha e começou a dizer alguma coisa em outra língua e depois se afastou, bateu palmas e aí eles entraram.
- Eles? - Cada centímetro do meu corpo pareceu se arrepiar.

Pude notar um tremor em Benício. Ele abriu a boca trêmula, mas nada saiu. Ele suspirou e olhou além de mim, para a janela e para as árvores lá fora que estavam sendo punhaladas pelo vento.

- Apareceram umas quinze pessoas, todas de becas pretas e com capuzes. Eles fizeram um círculo em volta de mim. Eu podia ver os olhos deles. Todos olhavam para mim como.... Meu Deus, como se eu fosse um banquete.

Senti como se algo atravessasse meu corpo com violência.

Benício prosseguiu ainda de pelos eriçados e a voz vacilante:

- Todos eles começaram a cantar algo em outra língua. Um tempo

depois estavam gritando a música. O cara que tinha entrado primeiro levantou as mãos e todos ficaram quietos. Ele pegou a faca e aí todos começaram a cantar em voz baixa. O cara se aproximou de mim... E me esfaqueou. Eu gritei como um animal e todos os outros começaram a gritar alguma coisa em outra língua. Ia ser meu fim. Eles iam me matar e tenho certeza que iam.... Iam...Me comer... Mas, ouvi uma voz. Todos se calaram. A voz era de homem, não vi quem era, mas ouvi ele dizer que bastava. O cara de capuz me olhou e me deu vários socos até eu desmaiar.

“Acordei no hospital. O padre estava fazendo a caminhada dele e me encontrou sangrando na praça, sem minha carteira e com um pano amarrado na ferida - Os olhos dele me encontraram - É essa minha história, Samuel.

O cômodo parecia lúgubre e mais frio como se a luz do sol não nos alcançasse.

- Meu Deus! Que história. Como foram as investigações, Benício?

O homem riu com escárnio.

- Inúteis. No fundo a polícia sempre achou que era tudo um delírio de um bêbado e eu entendo - Ele sorriu com amargura - O que eles deveriam procurar? Um bom samaritano que doou cem reais para um desconhecido? Homens andando na rua de berras e capuzes pretos? Bater nas portas e perguntar se eles tem um lugar grande nos fundos da casa onde possam reunir pessoas para uma celebração? No primeiro depoimento que dei, eu sabia que minha história era maluca e que qualquer bom policial não me daria ouvidos. Se eles investigaram? Sim, mas investigaram meliantes que bateram em um bêbado brigão, enfiaram uma faca nele e levaram uma carteira vazia.

O homem começou a gargalhar. Um riso rouco e penoso que faria uma criança se esconder atrás do pai.

- Se eu estivesse no lugar da outra pessoa eu também não acreditaria
- Disse ele desviando o olhar.

- E você acha que tudo isso foi um delírio?- Perguntei.

Benício se inclinou. As mãos ainda trêmulas. Um espírito assustado por trás daqueles olhos.

- Eu, às vezes, acordo durante a noite lembrando do grito de dor que

soltei naquele maldito lugar quando aquela lâmina gelada entrou na minha carne. Ouço aquele grito sempre que duvido que aquilo tudo aconteceu. Não foi um delírio.

Concordei com um menear de cabeça enquanto fitava o sujeito a minha frente. Tinha algo na voz dele, algo no rosto que me impediria de duvidar dele, mesmo se o livro nunca tivesse sido entregue a mim.

- Você já ouviu falar de uma seita chamada Voraces? - Perguntei a ele
- Nunca. E o que diabos é isso?
- Esqueça, não é nada com que deva se preocupar.
- Certo.
- Eles de alguma forma fizeram contato com você de novo?
- Não sei se foi só pelo medo, mas tinha a impressão de estar sendo observado, mas passou quando vim morar aqui.

Ser observado! A mesma sensação que Marcelo sentia. E eu não havia sido observado na noite passada?

- Mudou para fugir deles? - Perguntei a Benício.
- Não, foi para fugir das pessoas zombando de mim e me olhando como se eu fosse algum maluco que fugiu do hospício e, principalmente, para fugir do olhar da minha filha.

A boca dele tremeu novamente, mas não por medo, e sim porque estava segurando o choro.

- Minha filha me olhava como se eu fosse um desconhecido que se deve ter nojo. Vim e recomecei. O padre me indicou em uma obra e tenho conseguido trabalho desde então.

Benício se voltou novamente para o chão.

- Continua bebendo? - Eu quis saber.
- Não - Deu ênfase na palavra não - Eu comecei a ir nos alcoólatras anônimos e à igreja, isso me fez achar o meu caminho. Tomei coragem e conversei com minha filha para pedir desculpas - Apontou para a foto na estante - Aquela foto foi na formatura de faculdade dela. Quando ela me convidou... Acho que foi um dos dias mais felizes da minha vida. Ela me perdoou e agora nós falamos. Não nos falamos com a

frequência que eu gostaria, mas já é um começo.

O homem em breve iria se entregar às lágrimas, estava visível.

- Parabéns, Benício. As pessoas pensam que é fácil se reerguer, mas não é. Exige força e fé, você teve os dois e muita gente não tem. Parabéns.

O homem assentiu procurando não me olhar, pois ainda lutava contra o choro que ameaçava se libertar.

- Obrigado, Samuel.

- Tenho outra pergunta.

- Sim?

- Ouvi dizer que há quinze anos um homem chamado Marco foi encontrado morto e com órgãos faltando. Ouvi dizer também que você o conheceu.

A face de Benício se tornou uma máscara de piedade e horror.

- Conhecia, mas não éramos próximos - Disse ele quase em um sussurro como se temesse falar de Marco - Às vezes nos encontrávamos em bares e conversávamos assuntos inúteis, mas... Não diria que éramos amigos e sim conhecidos de bar. Não era o tipo de rapaz que você gostaria que seu filho tivesse como exemplo, mas não merecia aquilo que fizeram com ele.

- Falaram que ele foi espancado, estrangulado e teve os órgãos retirados e depois deixaram o corpo dele em um matagal.

As sobrancelhas de Benício se ergueram.

- Não te falaram sobre a cova? - Perguntou ele quase sussurrando.

- Cova? - Perguntei surpreso e um pouco assombrado.

- Sim. Os filhos da puta iam enterrar ele em uma cova que cavaram no meio daquele matagal, mas chegou um pessoal lá e então os assassinos fugiram e deixaram o corpo do Marco estirado lá como...Como lixo.

Isso explicava a pergunta de “por que não haviam sinais de outros assassinatos realizados pelos Voraces”. E se eles mataram as pessoas e enterraram os corpos? Ou quem sabe queimaram, jogaram no rio ou deram para os cães ou porcos comerem?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Meu Deus! - Falei horrorizado - Disseram que, com uma faca, escreveram nele as palavras “filho do pecado”. Você vê as semelhanças com o que fizeram com você?

- Sim - Afirmou ele estarecido.

De repente tudo estava em silêncio como a quietude obscura de uma sepultura.

- No dia em que ele desapareceu, nos encontramos em um bar e ele estava assustado - Continuou ele -, muito assustado, acho que foi por isso que ele bebeu mais que de costume naquela noite. Ele me disse que sentia que ... Demônios estavam seguindo ele.

Engoli um seco e perguntei:

- Você teve essa impressão depois do que aconteceu com você?

- Sim! - Confirmou ele com o terror queimando-lhe o rosto.

Ouvimos um grito vindo da rua. Benício deu um pulo na cadeira e meu coração disparou. Um grito de criança. Um grito que logo se transformou em risadas. Logo uma outra criança estava dizendo:

- Te peguei, te peguei, tá com você!

Benício suspirou envergonhado.

- Esses garotos adoram brincar de pega- pega na saída da escola - Contou ele.

- É uma brincadeira sadia.

Inesperadamente ele me encarou com tristeza.

- Posso dizer uma coisa?

- Claro, Benício!

Ele se voltou para a foto onde abraçava a filha. Um pecador olhando para a imagem iluminada de um anjo. Os olhos dele ficaram marejados. Voltou a atenção para mim. Com a voz carregada de dor, uma dor a muito tempo sentida, ele falou:

- Naquela noite, enquanto eu gritava por causa da dor, uma coisa passou pela minha cabeça. Se eu morresse... Ninguém sentiria minha falta.

Senti meu coração se apertar. Ele me olhou como se implorasse por

alguma palavra minha. Desliguei o gravador, levantei-me e apertei o ombro de Benício.

- Todos cometemos erros - Disse a ele -, é da nossa natureza, eu acho, mas nunca é tarde para sermos melhores que ontem. Você está fazendo exatamente isso, sendo alguém melhor. Está valorizando a segunda chance que teve. Erga a cabeça e continue.

Benício assentiu e agradeceu limpando as lágrimas que deslizavam pelo rosto.

Guardei minhas coisas na bolsa e estendi a mão para ele. Ele se levantou e a apertou.

- Obrigado por me receber e responder minhas perguntas.
- De nada.

Dei as costas.

- Obrigado, Samuel.

Virei-me para encará-lo.

- Obrigado pelo quê?
- Por ser o único que ouviu minha história e pareceu acreditar em mim.

Sorri.

- É porque eu acredito - Respondi.

Sai da casa e vi as crianças sentadas na calçada na esquina daquela rua. Um menino e uma menina, que deviam ter oito anos, vestiam os uniformes escolares e olhavam para desenhos que haviam feito no caderno, provavelmente na aula de artes. Não muito longe se erguia o telhado alto do que parecia ser a escola de onde elas deviam ter vindo. As duas crianças tinham um sorriso imaculado nos lábios. Sorrisos que trariam luz à mais desolada das paisagens.

Por um segundo aqueles olhinhos me encontraram e acenei para eles. Os dois retribuíram timidamente. Aquelas duas crianças afastaram pensamentos que estavam cortando minha mente.

Entrei no carro, dei partida e segui de volta a Novo Caminho. Quanto mais me afastava, mais os depoimentos de Benício ecoavam em minha cabeça feito lamúrias de um homem sendo torturado. Liguei o gravador e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ouvi tudo que foi proferido naquela pequena sala. Talvez fosse arriscado acreditar nas palavras de um homem que estava alcoolizado quando disse ter sido vítima de um ritual, mas tudo o que ele disse batia com o que estava escrito no livro negro.

Coincidência?

E tinha os olhos e o terror queimando neles ao falar da noite onde quase foi morto.

Coincidência?

As vozes em minha mente gritaram duas palavras. Duas palavras que eu queria duvidar. Mas, depois de tudo que Benício disse, vi que o benefício da dúvida já não me pertencia. As vozes gritaram novamente e um calafrio assolou o meu corpo. As palavras eram:

Eles existem!

CAPÍTULO

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

XII

Era noite e uma chuva intensa caía sobre São Paulo.

Despertei quando um grito reverberou pelo quarto...Um grito de mulher. Olhei ao redor. A casa estava imersa no breu da noite e ouvia-se apenas o som da chuva. A porta que levava a outro cômodo se abriu e uma impetuosa luz se revelou. Eu sabia o que me esperava lá, e esse conhecimento fez com que um tremor me dominasse. Quando dei por mim eu estava caminhando rumo à luz como um espírito perdido.

A porta dava para uma grande sala. Ao entrar e ver os ocupantes do cômodo, um desejo brutal de gritar incendiou minhas entranhas.

Era uma sala totalmente branca. Pisos, azulejos e o teto. No centro, havia um altar onde estava acorrentado um corpo nu de mulher. Sangue escorria vagarosamente do cadáver. Mas não era um cadáver solitário. Não, não era. No chão, havia vários deles. Não precisei contar, pois, eu sabia que eram trinta e oito mortos. Homens e mulheres, brancos e negros de diversas idades. Todos nus, espalhados em todas as direções feito sepulturas em um cemitério. O sangue deles inundava o chão que antes fora branco.

Lá fora, o barulho da chuva aumentava, mas o som que produzia não era de chuva e sim de chamas estalando. Antes que eu pudesse me virar para correr de lá, ouvi a porta batendo atrás de mim.

Em minha frente, todos os cadáveres abriram os olhos. Olhos que não possuíam íris. Meu corpo todo ficou paralisado, enquanto os mortos se levantavam desajeitados. Havia uma abertura na barriga deles de onde pendiam-lhes as vísceras.

- AJUDA A GENTE, SAM - Bradaram eles em uníssono com os rostos pálidos se contorcendo de dor - POR FAVOR, AJUDA A GENTE.

Os “filhos do pecado” começaram a se aproximar de mim com as mãos estendidas, feito mendigos do inferno. Só quando as mãos finalmente me alcançaram que eu consegui gritar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Acordei gritando e sentindo a camiseta grudar em meu corpo por causa do suor. A chuva continuava, mas estava se acalmando. Respirei fundo e olhei ao redor. Só escuridão. Levantei-me e liguei as luzes. Era três e quinze da madrugada.

Peguei meu rádio am/fm, meus fones e fui para a cozinha.

Na cozinha, me servi de um copo generoso de café forte. Coloquei meus fones de ouvido e deixei em uma estação que tocava músicas clássicas durante a madrugada. Dirigi-me para meu escritório ao som de Mozart.

Sentei na poltrona e fiquei olhando o mural. Havia se passado dois meses desde que conversei com Benício. No mural, possuía fotos com anotações sobre o desaparecimento de trinta e sete pessoas. A maioria era de pessoas que viveram na região de Novo Caminho. Todos podiam ser chamados de “cidadãos não exemplares”. Alcoólatras, garotas de programa, maridos e esposas infiéis, viciados e encenqueiros. Todos desapareceram misteriosamente nos últimos vinte anos. Eu tinha certeza que aquele era um mural de obituários.

Fui para a escrivaninha terminar o relatório que iria apresentar para Roberto no dia seguinte. Liguei o notebook e, enquanto o esperava iniciar, acabei visualizando o livro “A revolução do bichos” em minha estante com quase duzentos livros. Aquele livro me fez reviver um dia.

Era meu primeiro ano na faculdade de jornalismo. Eu estava no metrô voltando para casa, aproveitando o silêncio daquela linha naquele horário para terminar de ler “A revolução do bichos” quando uma voz feminina disse:

- Com licença?
- Sim? - Respondi.

A garota estava sentada do outro lado. Os cabelos castanhos amarrados em um rabo de cavalo, vestia uma camiseta pólo da turma de administração, tinha um livro aberto no colo.

- Oi - Disse ela com um sorriso.
- Olá, tudo bem?
- Sim, obrigada. Desculpe, mas esse livro que você está lendo é bom?

- Claro. George Orwell é um ótimo escritor .
- Eu tenho que fazer um trabalho sobre esse livro, mas não é bem meu tipo de livro. Eu estava preocupada dele ser ruim e eu não passar da primeira página.
- É um livro muito bom, mas eu sou suspeito para falar dele, já que sou um leitor assíduo.
- Ah eu queria ser também, mas não consigo. Prefiro livros de poesias e dramas - Disse ela fazendo uma careta como se esperasse que eu fosse zombar dela pelo gosto literário.

Sorri e vi que ela ficou grata pela minha reação.

- Então, talvez você não vá curtir muito este - Falei para ela fechando o livro.

A moça fez uma expressão engraçada de dor.

- Quem não chora não mama - Disse ela sorrindo - Bom, obrigada.

Ela voltou a atenção para o conteúdo do livro que lia.

- Se você quiser, posso anotar as páginas que poderão ser mais úteis para seu trabalho e aí você lê só elas - Falei para ela.

A estudante abriu um sorriso deslumbrante.

- Faria isso para uma estranha? - Perguntou ela em um tom divertido.
- Claro! E de certa forma não somos estranhos, já te vi várias vezes aqui e na faculdade!
- Nossa, eu agradeço muito. É tem razão, não somos exatamente estranhos. Eu te vejo sempre saindo da biblioteca.

Nunca a tinha visto por lá, provavelmente pelo fato de eu sempre ir a um canto mais reservado, colocar meus fones e me perder nas páginas dos livros, fossem ficcionais ou de estudo.

- É o meu canto favorito naquela faculdade - Conteí a ela.

A moça se inclinou um pouco para frente.

- Como você suporta aquela bibliotecária? Ela é uma vaca! - Disse ela.

Gargalhei e logo ela fez o mesmo.

- Você foi educada. Eu diria que ela é coisa pior, mas ela se acostumou comigo e acho que agora está quase gostando de mim.

- Você é milagroso então.

Ela diria isso muitas vezes nos anos que se seguiriam.

- Qual seu nome? - Perguntei.

- Heloísa. E o seu?

- Samuel.

A conversa se estendeu até chegarmos ao ponto dela. Nossa amizade começou ali, naquele metrô. Dali para frente, se seguiram muitas conversas, conselhos, risadas e apoio mútuo.

Estive na formatura dela que foi um ano antes da minha. A decoração estava impecável como o paraíso e ela estava radiante de felicidade e orgulho. Anos de dedicação estavam sendo encerrados e um futuro novo ali estava sendo iniciado. Heloísa veio me abraçar quando chegou a hora de ir embora, e, nesse momento, os anos juntos e nossas vivências passaram diante de meu olhos. Vislumbrei ela chorando no ano seguinte a nos conhecermos, pois o namorado com quem estava junto há dois anos havia lhe traído; lembrei que ela adorava tomar sorvete com calda extra quando tirava uma boa nota; do brilho que ela parecia ter no olhar ao ler um novo poema; da maneira bem humorada com que ela lidava com desafios e adversidades.

- Vou sentir saudades - Sussurrou ela chorando enquanto estávamos abraçados.

- Eu também. Mas vamos nos falar sempre, eu prometo. Estarei sempre aqui para o que você precisar - Respondi também sussurrando para que só ela pudesse ouvir.

Ela me abraçou mais forte.

- Digo o mesmo.

Nós dois sabíamos que o tempo divide as pessoas e que nossos trabalhos iriam nos distanciar. Heloísa voltou para a cidade natal quando recebeu uma boa oferta de trabalho. A cidade ficava a mais de cem quilômetros de São Paulo. Nos falávamos por telefone e internet, mas, com o tempo e as responsabilidades, essas conversas foram ficando cada vez menores, porém me lembro de uma delas. Eu havia lhe contado que consegui

o emprego na revista e ela gritou em comemoração. Nunca me esqueço das últimas palavras dela:

- Sam, mesmo que fiquemos a um continente de distância, saiba que estarei sempre torcendo por você. Você continua sendo meu melhor amigo.

O tempo nos uniu novamente três anos depois, quando por acaso nos encontramos em uma livraria de shopping.

Antes do fatídico dia em que ouvi pelo rádio que ela assassinou Felipe, se alguém me perguntasse:

- Se você pudesse escolher apenas um amigo para atravessar o inferno ao seu lado, quem você escolheria?

Eu diria imediatamente:

- Heloísa!

Desviei da estrada das lembranças e voltei a atenção para o notebook. Por um momento tive a impressão de ouvir a doce risada dela pairar na casa. Rindo de uma piada, de uma de minhas imitações ou da confusão que eu fazia quando tentava usar hashis. Imaginei que meu celular iria tocar e quando eu atendesse a voz dela do outro lado da linha diria:

- Oi, Samuelzinho que tal ir tomar uma surra de hashis hoje à noite?
- Não me chame de Samuelzinho e aceito o convite, mas só se depois irmos tomar sorvete.
- Ok, não vá de camisa branca.
- E vê se não vá exagerar na bebida, não quero vômito de bêbado no meu carro.
- Estou te mostrando o dedo do meio neste exato momento.
- Sua mãe não te ensinou que esse é um gesto feio?
- Bom... Ela tentou, mas nunca dei atenção.

Iríamos rir como duas crianças que desconhecem as preocupações e as dúvidas do mundo.

Mas nada aconteceu. O apartamento continuava ocupado apenas por mim e as lembranças. Voltei a atenção para meu trabalho. Eu estava sorrindo.

...

Na manhã seguinte, fui para o trabalho e após cumprimentar o pessoal fui direto para a sala de Roberto. A parede da sala era de vidro para que - Segundo ele - todos soubessem onde ele está e para ele poder ver onde todos estão. Bati na porta e ele fez sinal para que eu entrasse. Faltava vinte minutos para a nossa reunião, mas ele e Elaine já estavam lá. Aproxime-me deles e apertei a mão de Roberto e dei um abraço em Elaine que, como sempre, estava bem perfumada.

- Bom, vamos adiantar a reunião? - Perguntou Roberto.
- Acho uma ótima ideia - Concordou Elaine.
- Sam?
- Por mim tudo bem.

No escritório, em imensas letras vermelhas garrafais, as palavras “O Agora” se encontravam escritas atrás da mesa de Roberto. Um pouco à frente, ficava uma mesa grande de vidro com doze cadeiras em volta. Lá eram feitas as reuniões com cada departamento ou cada editor. Roberto sentou na ponta e Elaine e eu sentamos em um ângulo de 45° dele de forma que eu ficava de frente com Elaine e seus cabelos encaracolados.

- Bom, Sam, começo te dizendo que tanto eu quanto Elaine estamos orgulhosos com seu progresso nas investigações - Disse Roberto.
- Obrigado - Respondi com uma alegria semelhante a primeira vez que o ouvi me elogiar há mais de uma década.

Roberto apoiou os cotovelos na mesa e entrelaçou os dedos, o rosto dele se fixou em mim com uma curiosidade feroz que ele sempre tinha diante de uma matéria em progresso.

- O que mais você descobriu? - Perguntou ele.

Abri minha bolsa e despejei minha papelada na mesa e peguei meu notebook. Liguei-o e abri a pasta para onde eu havia transferido as gravações das minhas últimas entrevistas. Aumentei o volume e então comecei:

- Nessa última semana conversei com duas pessoas. Uma delas é o filho de uma das possíveis vítimas que vive em Amparo, a cerca de trinta quilômetros de Novo Caminho, e a outra uma mãe de outra possível vítima que é de Luiz Pedroso, que fica a cinquenta

quilômetros de Novo Caminho. Vou começar com o depoimento da mãe. A filha está desaparecida há dois anos.

Apertei o botão e minha voz ali gravada retalhou o silêncio da sala.

- Caso “Desaparecidos”, depoimentos de Marina Almeida. Dona Marina, o que poderia me dizer sobre o desaparecimento de sua filha?

A mulher de cinquenta e um anos estava fitando o chão. Os cabelos dela estavam ficando grisalhos e segurava um lenço em uma das mãos. Ela tremia. Ela levantou o rosto e depois de suspirar começou:

- Minha filha saiu para procurar emprego e disse que logo voltaria. “Trarei uma boa notícia mãe”, foram as últimas palavras dela. Ainda estou esperando. Nos meus sonhos, alguém bate na porta e quando eu abro é ela quem está lá me dizendo que tem algo bom para falar.

Os olhos dela ficaram marejados. A casa era grande e um cheiro de limpeza infestava o ar. A sala tinha um tapete felpudo, os sofás eram confortáveis e a luz do sol que atravessava a janela deixariam mais visíveis as lágrimas que em breve estariam resvalando pelo rosto dela.

- Ela não voltou naquele dia, nem no outro e nem nos dois anos depois.

Deixei a mulher se recompor um pouco antes de prosseguir.

- A senhora acha que ela tinha inimigos? - Perguntei após alguns instantes.

Marina se voltou para os próprios pés.

- Minha filha era rebelde - Disse ela - Se meteu em brigas e... era usuária de drogas. Posso dizer que alguns por causa do jeito que ela... Bom... Levava a vida algumas pessoas não gostavam dela.

- Ela tinha dívidas com vendedores de drogas?

- Não! - Afirmou com veemência - Ela sustentava o vício com o dinheiro do trabalho. Depois que foi demitida, ela ainda sustentou o vício com o dinheiro que recebeu do seguro. Acho que ela queria o novo emprego para poder continuar pagando. Sei que é um vício horrível, mas ela era equilibrada.

- A senhora disse que ela se metia em brigas. A polícia deve ter investigado as pessoas com quem ela teve alguma desavença. Eles não

descobriram nada?

- Não. Todos eles pareceram surpresos com a notícia. Claro que eles poderiam estar fingindo, mas de qualquer maneira, conversar com eles não levou a nada.
- Sua filha teve alguma briga recente antes de desaparecer?
- Não. A última tinha sido há oito meses.
- Para quem era brigona foi um bom tempo sem problemas.

Uma recordação extirpou a mente dela. Uma recordação dolorosa, pois lágrimas começaram a deslizar pela face da mulher.

- Na última vez que ela brigou, meu marido e eu ficamos furiosos com ela e estávamos começando a ameaçá-la. Ele estava dizendo que ia expulsá-la de casa, quando... Ela começou a chorar e disse que o namorado dela desfez o namoro. Disse que ela não era uma boa pessoa. Ele queria mudar e disse que não conseguiria se estivesse com ela. Naquele dia minha filha prometeu que iria mudar, que iria destruir essa ideia ruim que as pessoas tinham dela - Marina limpou as lágrimas e grudou os olhos cor de mel nos meus. Olhos brilhando de dor e dúvida
- Ela estava progredindo. Ainda usava drogas, mas diminuiu, estava parando de beber e reduziu os número de cigarros. Estava tentando. Ainda tinha muito o que melhorar, mas... Ela estava tentando, Samuel.

Marina começou a soluçar e as lágrimas começaram a sair violentamente. Antes de eu desligar o gravador nossos olhos se cruzaram e ela disse quase sussurrando, igual a uma criança prestes a fazer uma confissão:

- Pode não parecer, mas no fundo ela era uma boa pessoa, Samuel. Ela só estava perdida, mas ia se encontrar. Eu sei que ia, ela... Era minha filha, eu sei que ia se encontrar.

A gravação se encerrou. Pude notar o desconforto nos rostos de Roberto e Elaine.

No dia da entrevista, quando desliguei o gravador, fui até onde a mulher estava e segurei-lhe gentilmente o ombro. Ficamos lá em silêncio. Quando ela parou de chorar pediu desculpas e eu disse que estava tudo bem. Eu tinha o suficiente. Perguntei se podia ver o quarto dela. Marina me acompanhou até o quarto da filha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Está do jeito que ela deixou - Disse ela admirando o lugar ao redor como se fosse um santuário.

O quarto era grande e tinha posters de bandas de heavy metal coladas nas paredes azuis. Na mesa, próxima à cama, havia uma foto dela com um rapaz de cabelos grandes usando uma camiseta do Black Sabbath. Ambos estavam abraçados. Tinha também uma escultura de gesso de uma caveira segurando um coração nos braços estendidos. Na parede, tinha uma foto grande de um grupo com oito pessoas. O rapaz cabeludo estava ao lado dela novamente. A desaparecida usava uma saia curta e pude ver que na coxa direita ela tinha uma tatuagem do rosto de Alex DeLarge. Todos na foto estavam de preto e seguravam grandes canecas transparentes com cerveja. Na camisa deles, estava escrito em letras vermelhas a palavra “demente.” Na parede, acima da foto, havia uma frase de Shakespeare escrita em letras pretas e pontiagudas:

“Choramos ao nascer porque estamos assomando a um imenso cenário de dementes”.

Virei-me para a mãe.

- Dona Marina, sua filha em algum momento comentou se estava sendo seguida ou se sentindo observada?

Marina me encarou surpresa.

- Comentou um dia, mas falou brincando. Disse que teve a impressão que alguém a estava seguindo quando voltava de um bar - Disse ela.

Contei isso para Roberto e Elaine que trocaram um olhar que dizia tudo. Um olhar que dizia: São eles.

- O nome dela era Valéria e tinha vinte e seis anos - Contei para meus superiores.
- A idade do meu sobrinho - Falou Elaine olhando a foto da moça desaparecida.
- Meu Deus! - Exclamou Roberto - Quantos desaparecidos dessa cidade têm relação com os voraces?
- Oito - Peguei um dos papéis do bloco e arrastei-o até um ponto onde os dois pudessem vê-lo - Aí estão marcados os nomes e as

idades. Novo Caminho é a cidade com o maior número. Nos últimos vinte anos, foram treze desaparecimentos.

- Quantos deles alegaram estarem sendo observados? - Perguntou Elaine.

- Cinco. No total das trinta e oito supostas vítimas, onze em algum momento antes de sumirem disseram estarem sendo observadas. Ninguém acreditou muito neles já que eram pessoas que as outras não tinham motivos para confiar.

- Filhos do pecado - Disse Roberto semicerrando os olhos.

- Sim! - Afirmei. Aquelas palavras me incomodavam. Lembravam-me do pesadelo.

Roberto se recostou na cadeira.

- Você disse que tem outra gravação? - Indagou ele.

- Sim, é de um rapaz de vinte e nove anos. O pai dele desapareceu há dez anos. O nome do desaparecido é Honório dos Santos, não era brigão, mas bebia muito e, às vezes, se drogava com cocaína.

Apertei o botão e as vozes começaram a ecoar.

- Caso “Desaparecidos”, depoimento de Luan Oliveira. Luan, o que poderia me dizer a respeito do seu pai.

O rapaz morava com a esposa e o filho em uma casa de tamanho satisfatório com uma decoração colorida. Na sala, havia um poster de um time de futebol e um diploma da faculdade de ciências contábeis. Nossos reflexos estavam em um sombrio tom esverdeado na televisão absurdamente grande. O rapaz loiro estava sério. Segurava carinhosamente o bebê nos braços. A criança era a cara da mãe que havia acabado de sair para fazer compras.

- Bom, ele era... Pra ser sincero, Samuel, ele teve o que merecia - Disse ele com uma raiva evidente na voz.

Roberto se empertigou na cadeira.

A voz de Luan continuou:

- Ele não era um bom pai, não era uma boa pessoa. Era um bebedor e drogado - O volume da voz aumentou, parecia que em breve ele começaria a gritar - Ele traiu minha mãe, tivemos que entrar na justiça

para ele pagar uma pensão pra mim e minha irmã, fora que demorou um bom tempo para ele pedir perdão ou mostrar arrependimento. Em poucos palavras era um... Mau exemplo. Acho que por isso faço o que posso para ser um bom pai para meu filho. Quero que ele se orgulhe de mim.

Luan disse as últimas palavras olhando o pequeno ser nos braços dele.

- Você disse que demorou para seu pai demonstrar arrependimento? Ele em algum momento sugeriu uma mudança? - Perguntei.

- Sim, mas já era tarde. Uma vez ele foi até a faculdade e me disse que sentia muito e que amava a mim, minha irmã e minha mãe. Disse que se alguma coisa acontecesse a ele, queria que soubéssemos disso.

Elaine e Roberto me olharam e se curvaram para ouvir melhor o som que vinha do notebook.

- Ele passou por alguma coisa para dizer isso? Ou só estava tentando te comover? - Interpelou minha voz vinda da gravação.

- Não sei. O maldito estava meio assustado. Falou que duas noites atrás, quando saía da casa de um amigo, duas pessoas estavam o seguindo e continuaram até que ele chegou na esquina da casa e aí mudaram de rua. Ele falou que ficou olhando da janela por um tempo, os caras passaram em frente a casa, ficaram observando e conversando entre si e foram embora. Uma semana depois ele desapareceu. Foi visto pela última vez saindo da casa do mesmo amigo de antes.

Mesmo vindo de uma gravação, o tom gélido com que Luan falava do desaparecimento do pai me inquietava.

- Seu pai fez alguma descrição sobre quem estava seguindo ele?

- Ele não conseguia se lembrar dos rostos e isso não me surpreende. Ele estava bêbado e também era um mentiroso. Eu não acreditei no que ele disse, porque pensei que era uma história para se aproximar de mim.

- Acreditou nele depois que desapareceu?

Um silêncio ocupou a sala daquela casa. Aquela expressão rígida vacilou. Pude confirmar que no fundo ele queria saber onde o pai estava, mesmo que fosse para ligar e insulta-lo.

- Na verdade, acreditei e... Não me orgulho de dizer isso, mas, eu... Eu fiquei feliz. Ele estava pagando pelos pecados dele.

Luan voltou o olhar para o bebê. Uma das mãos dele seguraram as pequenas mãozinhas do filho que deu uma risada quando Luan tocou-lhe o nariz. Um som que aqueceria o mais gélido dos corações. Amor e zelo presentes nos olhos de Luan. Ele seria um bom pai.

- Ele devia ter muitos inimigos - Comentei.
- Não sei, ele era bem inofensivo. Era um bêbado e tudo mais, só que não era de brigar ou se meter em confusão. Era até meio covarde. Acho que alguém simplesmente escolheu ele.

Roberto, Elaine e eu nos entreolhamos.

- Isso é tudo, Luan. Obrigado.
- Espero ter ajudado.
- Ajudou muito.

Desliguei o gravador. Cumprimentei Luan e me despedi. O inverno havia começado e o frio daquela manhã estava intenso. As palavras “Alguém simplesmente escolheu ele” foram sopradas até mim pelo vento frio.

Ficamos em silêncio no escritório. Roberto olhava para o alto e Elaine para as fotos sobre a mesa. Havia uma janela atrás dela. Estava chovendo serenamente lá fora.

- Até agora nada contradiz sua teoria, Sam - Disse Elaine. Ela moveu calmamente os olhos castanho-escuros até os meus - Eles escolhem as vítimas baseadas em um padrão, observam elas de perto, estudam a melhor maneira de sequestrá-las sem deixar vestígios, fazem o ritual, as matam... Comem e depois somem com o corpo.

Tanto Roberto quanto eu assentimos.

- Então existe uma grande chance de que essa teoria esteja certa - Afirmei.
- Você não parece contente com isso - Elaine se inclinou - Eu também não estou.
- Eu preferia achar algo que prove que eles não existem, mas... Parece que eles estão por aí.

Todos nos aquietamos sentindo o reverberar daquelas palavras.

- Encontrou mais algum cadáver que possamos ligar a eles, Sam? - Perguntou Roberto.
- Nenhum. Só o do Marco.
- Só pode ter sido um iniciante. Um novato que planejou mal onde iria enterrar o corpo.
- Provavelmente.

Elaine se curvou um pouco mais em minha direção. Eu imaginei que ela iria esboçar o sorriso que precede uma surpresa, mas ela não o fez. A surpresa não era bem uma daquelas que arrancam belos sorrisos.

- Na verdade, tem mais um corpo, Sam - Revelou ela com mais assombro que empolgação.

Encarei Elaine atônito e depois Roberto que apenas deu de ombros.

- O que quer dizer, Elaine?
- Achei difícil de acreditar que eles não conseguiram sumir com apenas um cadáver, então liguei novamente para os policiais da região de Novo Caminho e perguntei sobre crimes rituais acontecidos nos últimos trinta anos - Ela falava e gesticulava com calma - Encontramos uma vítima que apresentava semelhanças com os “modus operandi” dos voraces que foi morta a vinte e sete anos atrás.

Fiquei olhando os olhos dela por alguns segundos sem saber o que dizer, embora um bom número de perguntas estivessem rasgando meus pensamentos.

- Quem era?
- Era uma prostituta chamada Tamara. Pescadores encontraram o corpo dela boiando em um rio. Estava nua e faltavam os rins, o fígado e o coração. Vocês sabem o que estava gravado, a faca, no busto dela?
- Sim. “Filha do pecado”.

Pude imaginar os doces sonhos que aqueles pescadores tiveram. Provavelmente pesadelos com uma mulher nua, encharcada e estripada, arrastando o corpo pútrido pela escuridão da casa, até chegar as camas deles, onde iriam se deitar lado a lado feito um casal de recém-casados.

- Exato, mas faltava a letra “o” no final e o “d” não havia sido finalizado - Prosseguiu Elaine - , ou seja, foi feito às pressas. Deve ter

aparecido alguém e eles tiveram de se livrar do corpo. Deviam estar próximos do rio e então, em vez de enterrá-la, eles a jogaram lá. O legista acreditava que ela foi jogada no rio na noite anterior. O corpo não foi muito longe porque se prendeu em pedras.

- Desgraçados. Posso conseguir uma entrevista com o delegado?

Elaine sorriu triunfante.

- Eu consegui o telefone do delegado da época. Ele ainda vive na cidade de Luiz Pedroso. Liguei para ele avisando que você irá visitá-lo a qualquer dia. Falou que trinta minutos serão seu limite de entrevista e que tem de ir lá no máximo até o meio dia. Tenho o endereço e nome dele anotados, já já te entrego.

Eu sorri para ela e soprei um beijo.

- Eu te amo, Elaine.

- Eu sei, também te amo.

Roberto deu tapinhas na mão de Elaine.

- Obrigado a vocês dois pelo apoio - Disse os olhando.

- Não precisa agradecer - Disse Roberto - Lembra do que disse depois de entrevistar o Benício?

- Que quero encontrar esses malditos e fazê-los pagar.

A expressão de Roberto ficou sombria.

- É o que nós queremos também. Nós vamos achar esses desgraçados, vamos mandá-los para a cadeia e cuspir na cara deles.

Era o que eu mais queria no mundo.

- Vamos sim - Afirmei convicto.

Roberto se endireitou na cadeira.

- Alguma ligação entre eles e a Heloísa? - Perguntou.

- Nenhuma.

Minha teoria nos últimos dois meses era de que Heloísa era uma vorace. Um dia Felipe descobriu e então ela o matou. Mas, a pergunta sobre a ligação que Marcelo recebeu me fazia pensar que ela não fazia parte daquele maldito grupo. Afinal por que eles pagariam para que houvesse uma testemunha no crime de um membro da fraternidade deles? Eu pelo menos

rezava para que ela não fosse parte daquele círculo de assassinos.

- Posso te pedir uma coisa, Roberto?

- Claro.

Foi minha vez de me inclinar.

- Eu vou precisar de ajuda na investigação.

Eles se surpreenderam. Pude sentir a incredulidade irradiando neles.

- Logo você que gosta da independência de trabalhar sozinho? - Indagou Elaine ainda sem acreditar.

Eu já esperava aquela reação deles e aquela pergunta.

- Eu sei - Respondi - , mas vamos ter que desenterrar muita coisa até chegar aos voraces. Preciso de ajuda para desenterrar mais rápido. Eles podem estar neste exato momento observando a próxima vítima.

Os dois ficaram em silêncio refletindo sobre aquela possibilidade.

- Tem alguém em mente? - Quis saber Roberto.

- Eu sugiro a Isamara - Indicou Elaine.

- Na verdade, tenho sim, mas não é um dos nossos jornalistas.

Meus superiores me olharam espantados, como se eu tivesse dito que cometi algum crime sangrento.

- Como assim, não pode ser um dos nossos? - Interpelou Roberto um pouco alto demais - Não está pensando em um jornalista rival, está?

- Não, claro que não. Eu preciso de alguém que conheça Novo Caminho e a região.

- E um... “guia”, saberá investigar?

- Quem eu estou pensando, sabe sim - Deixei um sorriso escapar - Acho que vocês têm uma ideia de quem é.

Os dois sorriram. Eles sabiam.

...

Vinte minutos depois a reunião havia acabado. Eu estava arrumando minhas coisas quando Roberto colocou a mão em meu ombro.

- Sam, eu estou preocupado.

- Com o quê?
- Sua segurança - Disse Elaine.
- Por quê?

Roberto se aproximou como se fosse me contar um segredo ao pé do ouvido. Um segredo aterrorizante.

- Uma hora eles podem descobrir que você está os investigando.

Já havia pensado nisso há um bom tempo. Eu estava sendo o mais cuidadoso e discreto possível. Depois de voltar da entrevista com Benício, eu liguei para Roberto e contei a ele sobre o sujeito no escuro. Ele ordenou que eu voltasse para São Paulo. Passei a fazer toda a investigação de São Paulo e sempre que iria realizar uma entrevista eu ia de carro a Novo Caminho e às quatro cidades da região onde eu realizava minhas entrevistas. Para todos nas cidades em que passei, eu estava fazendo uma matéria sobre pessoas desaparecidas e me preparando para uma matéria sobre seitas que seria feita em breve. Mas o que garantia que uma hora ou outra eu não iria tropeçar? E se eu tropecasse e eles me pegassem?

- Eu sei, é um dos motivos para eu pedir ajuda - Admiti.

Roberto assentiu e Elaine continuava me fitando com preocupação. Uma preocupação que crescia conforme a investigação avançava.

- Tome cuidado e qualquer coisa, por menor que seja, eu exijo que me avise para que possamos te ajudar - Disse Roberto.
- Obrigado, Roberto. Estou sendo o mais discreto e cuidadoso possível. Eles não vão me pegar.

Ambos sorriram um sorriso que não escondeu a preocupação e assentiram. Eu também sorri na expectativa de esconder o terror que a ideia de uma seita de assassinos estar me espreitando nas sombras me trazia.

CAPÍTULO

XIII

Eu estava sentado em minha poltrona próximo às portas de vidro, que levam à sacada, e que estavam abertas me trazendo o frescor da manhã. De frente ao meu apartamento, há um parque que ocupa todo um quarteirão. No centro do parque arborizado, há um lago. Pássaros pousavam nos galhos de grandes árvores para vislumbrar o sol que a pouco havia raiado. O lago refletia os prédios, as árvores, as pessoas que corriam e o astro-rei. Parecia a passagem para um outro mundo semelhantemente. Um mergulho e você estaria do outro lado do universo.

Uma tranquila canção de Tom Waits tocava na rádio. Levantei-me e fui para o quarto sentindo o cheiro de café que se espalhava pela cozinha, iguais aos raios de sol quando eu a atravesssei.

Encostei-me no beiral da porta do quarto e fiquei admirando a silhueta coberta pelo lençol branco. Camila se virou e abriu os olhos. Mesmo com a cara de sono ela sorriu.

- Bom dia! Dormiu bem? - Perguntei retribuindo o sorriso.
- Bom dia. Dormi sim. Por que já está de pé tão cedo em um domingo? Volta para a cama.
- Estou desperto agora, Mila. Acho que não vou conseguir dormir mais. Mas pode voltar a dormir, não vou te acordar.

Ela deu de ombros e falou.

- Vem pelo menos ficar deitado de conchinha comigo?

A música havia chegado ao refrão.

- Não precisa pedir duas vezes - Falei indo em direção a ela.

Deitei-me e ficamos ali de mãos entrelaçadas. Beije uma das mãos de Camila e ela beijou a minha em seguida. Ela logo adormeceu e eu, mesmo acreditando que não, fiz o mesmo. Nossas mãos não se soltaram.

Um mês depois, Camila já estaria morta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

...

A mesma música de Tom Waits estava tocando na rádio enquanto eu dirigia até Novo Caminho. A canção me fez voltar no tempo. A trouxe de volta para mim. Aumentei o volume.

...

Parei para abastecer em um posto na entrada da cidade. Havia uma lanchonete ao lado da conveniência de onde vinha um apetitoso aroma de bacon sendo frito. Pensei em fazer uma visita ao lugar e comprar algo para comer enquanto rumava para meu destino. Terminei de abastecer e, enquanto pagava a conta, avistei ao longe um homem e uma mulher caminhando. De longe, eu podia reconhecer Tony, e, embora não tivesse certeza, eu achava que a mulher era uma das ministras da igreja que uma vez vi em uma das missas dele quando estava em Novo Caminho visitando Heloisa e Felipe. Acenei e ele correspondeu, quando me virei para seguir até a lanchonete um homem saiu de lá de dentro.

A risada que ele estava soltando se calou ao me ver e o semblante dele foi ficando hostil, como da última vez que me viu dois meses atrás quando eu deixava a igreja. O homem de cabelos longos e grisalhos esboçou um sorriso não muito amistoso e caminhou até mim. Eu o encarava de maneira neutra. Uma parte queria que ele fosse embora, outra que ele ficasse e me provocasse.

- Bom dia - Disse ele se aproximando e ficando a cerca de um metro longe de mim.
- Bom dia! - Respondi com ânimo.

Por um curto espaço de tempo ficamos nos encarando, como se esperássemos para ver quem tentaria dar o primeiro golpe. O homem então falou:

- Acho que conheço você, você não é aquele...
- Sim. Eu sou aquele jornalista.

O homem riu e tive a impressão de que já havia ouvido aquela risada.

- Olha só, temos um herói em Novo Caminho - Disse ele em um tom

de deboche - E então, herói, descobriu alguma coisa sobre a Heloísa?

Dei um passo em direção a ele, o homem não se moveu. Eu estava certo que ele também desejava que eu cometesse uma besteira, para dar-lhe uma desculpa para vir para cima de mim.

- Por que tanta gente tem feito essa pergunta? - Indaguei o fitando - Será que é por que querem que eu descubra alguma coisa, ou tem medo que eu a encontre?

Ele disfarçou - Tarde demais - a raiva com um sorriso.

- O que está insinuando? - Quis saber ele.

- Não sei, apenas falei sem pensar. - Respondi rindo - Mas, se o que eu disse te traz alguma ideia e estiver a fim de compartilhá-la, eu sou a pessoa certa.

O homem riu, mas os olhos dele entregavam a fúria dentro dele que ele adoraria deixar vir à luz.

- Acho que você não sabe com quem está falando, sabe? - Replicou ele em tom de ameaça.

Coloquei a mão no queixo em pose de quem está pensando, levantei o polegar e respondi:

- Wilson Mauá, vereador da cidade que cumpre o segundo mandato. Você é o proprietário da sorveteria perto da praça da igreja e também dono de terras onde cultivam seringueiras e cana-de-açúcar. Estou certo?

O choque feriu as feições suaves do homem.

- Como você?... Como descobriu?...

- Eu sou um jornalista, Wilson, meu trabalho é descobrir coisas. Por falar em descobrir, gostaria de saber como foi que se livrou daquelas suspeitas de corrupção.

O homem explodiu, ele me segurou pelo colarinho da camisa e por breves segundos vislumbrei o que existia por baixo da imagem de bom homem e do sorridente companheiro do povo. Por trás daqueles olhos, existia um ser sombrio que não mediria esforços para causar dor física a alguém e que sentiria prazer em fazê-lo.

- Ora seu futriqueiro de merda!...

- Não será nada bom para seus eleitores verem você fazendo isso -
Respondi com calma.

Wilson voltou a si, mas as mãos ainda tremiam. Olhou ao redor e viu que dois dos frentistas e uma mulher com um garotinho o olhavam. Havia alguém mais o vendo, alguém que acabara de chegar à esquina do posto usando roupas de caminhada. Padre Tony observava Wilson com reprovação e ao lado dele uma mulher de cabelos louros em um corte Chanel que também vestia roupas de caminhada o olhava boquiaberta.

Wilson abaixou os olhos até o chão. Durante anos, ele fora um dos ministros do padre, mas foi afastado por ter batido na esposa em um acesso de raiva ao descobrir ser estéril dois anos atrás. Ele desejava muito ser pai.

A vergonha que emanava dele teria me deixado com pena, se não fosse pela forte suspeita que eu tinha de que era ele quem estava me vigiando no escuro sessenta dias atrás. O tamanho e o porte físico eram praticamente os mesmos do homem no escuro.

- Bom dia, Sam - Cumprimentou Tony em um tom casual
- Bom dia, Tony - Respondi descontraído.

Wilson se voltou para o padre.

- Bom... Bom dia, padre. Bom dia, Carmen - Disse ele desviando o rosto dele do da mulher.
- Bom dia - Replicou o padre, em um tom severo a qual eu nunca ouvi.

Carmen não respondeu e nem o olhou. Ela manteve os olhos pregados em algum ponto além de Wilson. Wilson levou até mim um último olhar. Um olhar que deixou claro que ele me faria pagar pelo que fiz. Pagar caro. O homem caminhou a passos largos em direção ao carro dele.

Tony se aproximou de mim e ouvi o carro de Wilson dando partida.

- O que aconteceu, Sam? - Perguntou Tony.

Sacudi os ombros.

- Sabe quando alguém que não gosta de você tenta deixar isso evidente? - Conteí a Tony.
- Sei sim e você aceitou a provocação? - O tom calmo dele deixava a repreensão pior.

- Você me conhece, eu não resisto a uma provocação.

Após algum tempo me olhando com seriedade o padre sorriu.

- Ah, Sam, esta é minha amiga Carmen - Disse ele indicando a mulher loura que devia estar na casa dos cinquenta anos.

Carmen veio até mim e apertamos as mãos.

- Olá, Carmem. Sou Samuel, é um prazer.

A mulher sorriu. Eu sabia quem era ela. Carmen Moura, além de ser uma das principais ministras da igreja e uma grande amiga do padre, era ex-esposa de Wilson. Os motivos do divórcio diziam ter ligação com as suspeitas de corrupção do marido somado ao possível caso de violência doméstica que ela sofreu. Foram casados por oito anos, estavam divorciados há dois e não tinham filhos devido a esterilidade de Wilson.

- O prazer é todo meu, Samuel - Falou ela um pouco envergonhada, pois ela devia suspeitar que eu tinha conhecimento do casamento fracassado.

- Bom... Temos que ir, Sam - Falou Tony consultando as horas - Hoje é dia de preparar as coisas para a quermesse. Bom dia e estou esperando sua visita

- Certo, vou visitá-lo em breve.

Apertamos as mãos. Cumprimentei também Carmen. Assim que eles deram as costas o padre se virou para mim.

- Não julgue o Wilson pelo que aconteceu hoje, Sam - Pediu ele quase em um sussurro - Ele é um bom homem, mas às vezes perde o juízo muito fácil.

- Pode deixar, Tony.

Tony se mostrou contente e se foi.

Fui até meu carro pensando na reação do padre se soubesse quem era e o que fazia Wilson quando Tony, os eleitores, amigos e a sociedade, não estavam por perto para vê-lo e condená-lo.

Embora meu instinto me dissesse que ela iria recusar, eu pretendia entrevistar Carmen para descobrir se em oito anos Wilson nunca apresentou nenhum comportamento estranho. Eu queria confirmar se os motivos do divórcio e da agressão eram os mesmos que todos diziam, ou, se por acaso,

Carmen não acabou por descobrir a escuridão lacrada dentro do homem que lhe dera o sobrenome. A escuridão que resguarda um monstro.

...

- Bom dia. Quem é? - A voz no interfone perguntou.
- Bom dia! Aqui é o Samuel Dias.
- Só um minuto!
- OK.

Pouquíssimo tempo depois, ela abriu o portão. Usava um vestido azul marinho simples e elegante, um casaco de tricô e um lenço branco e florido amarrado nos cabelos. A dúvida brilhava naqueles olhos azuis claros.

- Oi, Dayana, como vai? - Cumprimentei.
- Oi, Samuel. Vou bem e você?
- Estou ótimo.
- Como vão as investigações?

Tentei achar a palavra certa. Acho que essa palavra seria: Assustadora.

- Surpreendente - Respondi.
- Muito bom! E em que posso ajudar? - Ela riu - Quer me entrevistar de novo?
- Não exatamente.

O olhar de dúvida ficou mais evidente.

- Entre! - Disse ela, mas não soou como um pedido.

Ela se virou e começou a andar. Eu a segui e fechei o portão atrás de mim. A rua estava quieta, mas ao fechar o portão senti como se tivesse me enclausurado em um alguma fortaleza solitária.

Dayana parecia mais forte, sinal de que o tratamento estava dando certo. O jardim parecia mais vivo igual a ela. A horta estava com um canteiro a mais onde pequenas mudas despontavam com um verde que reluzia sob a luz do sol.

Uma mesa com quatro cadeiras estava na varanda. Um livro de Agatha Christie estava fechado sobre a mesa próximo a uma xícara e um bule.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dayana se sentou.

- Tudo bem se for aqui na varanda? - Perguntou ela.

Olhei novamente para o roseiral e a horta e parei para prestar atenção na sensação terna que aquela visão me trazia.

- Na verdade, eu até prefiro aqui - Respondi.
- Meu lugar favorito na casa - Disse ela também olhando de relance para o jardim.
- Você parece muito bem, Dayana - Falei sorrindo.
- O tratamento está indo bem. Estamos todos confiantes.
- Fico muito feliz. Vai ficar tudo bem, tenho certeza disso.

Ela sorriu. Aquele sorriso que a esperança nos traz.

- Aceita um chá? - Perguntou - Tenho alguns biscoitos caseiros também?
- Aceito sim, obrigado.

Dayana entrou na casa. Olhei para o jardim novamente e organizei os pensamentos que cortavam minha cabeça feito navalhas. Eu tinha muita coisa para contar à Dayana.

Ela voltou, colocou chá em uma xícara que trouxera e me empurrou gentilmente uma travessa com belos biscoitos. Comi um.

- Está delicioso, você que fez?

Dayana riu intensamente.

- Não, foi meu marido. Ele sabe que eu adoro esses biscoitos, então sempre faz.
- Ele está de parabéns.

Dayana me olhou e o sorriso foi diminuindo até sumir. Aqueles olhos azuis penetrantes voltaram a ficar curiosos.

- E então, Samuel, o que vai me perguntar hoje?

Mesmo tendo pensado nisso durante a viagem, e no tempo sozinho na varanda, essa pergunta me causou um ligeiro desconforto.

- Dayana, eu não fui totalmente sincero com você na nossa última conversa.
- O que quer dizer? - Perguntou ela franzindo o cenho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Surgiram novidades sobre o caso Heloísa, mas de certa forma não sabemos o quê.
- O que apareceu? - O cenho dela ainda estava franzido.

Abri minha bolsa e tirei o livro negro de dentro dela. O depusitei na mesa e o arrastei até ficar bem próximo de Dayana que o olhou demoradamente e depois para mim.

- Abra-o. Esse livro vai te dizer o que fazer.

Ela abriu o livro. Fiquei quieto observando o mover daqueles olhos que viram muitas das consequências da maldade que existe nas profundezas negras do ser humano. Eu havia deixado marcado em um pedaço de papel a tradução do texto e quando ela o leu uma expressão de assombro dominou-lhe o rosto. Ela o fechou.

- Este não é o livro que encontraram nas coisas no Felipe? - Perguntou ela.
- Exato!
- Por que está mostrando ele para mim?

Empertiguei-me na cadeira.

- Alguém enviou esse livro para a revista - Disse a ela - Estava lacrado em uma caixa, sem remetente e endereçada para mim.
- Logo para você? O melhor amigo de uma assassina desaparecida que, por coincidência, é um jornalista investigativo.
- Isso é o suficiente para alguém pensar que aí tem coisa - Falei sem desenterrar os olhos dos dela - Por isso voltei para a revista.
- Entendo. Aquele trecho do livro se refere a quê?
- A uma seita de assassinos canibais do século XV. Eles eram conhecidos como voraces. No português, devoradores.

Ela ficou me olhando em silêncio. Endireitou-se na cadeira. Um lado do rosto iluminado pelo sol e o outro lado nas sombras da varanda.

- E o que esses devoradores tem a ver com a Heloísa?
- É o que estou tentando descobrir.
- Essa seita ainda existe?

Peguei uma pasta dentro da bolsa. Eu podia sentir o peso daquele

olhar sobre mim. O silêncio nos cingia. Novamente pensei em como um grito de dor iria retumbar em meio à quietude daquele bairro, feito as trombetas do apocalipse. Um grito de dor semelhante ao do meu pesadelo. Os mortos-vivos com as vísceras pendendo de suas barrigas estraçalhadas vieram até mim.

- AJUDA A GENTE, SAM - Pude ouvi-los implorar aos gritos.

Coloquei a pasta sobre a mesa. Abri e tirei as páginas que estavam impressas fotos de pessoas desaparecidas e provavelmente... Mortas.

- Estas são as provas que tenho de que essa seita existe - Falei enquanto empurrava as páginas para Dayana.

Ela as pegou e começou a folheá-las minuciosamente.

- Pelo que sei, essa seita foi exterminada na caça às bruxas no século XV - Prossegui - Ou eles começaram uma nova ou ela vem atuando desde o fim da matança das prováveis bruxas. Essa seita possui um padrão para escolher suas vítimas - Dayana desviou os olhos dos papéis e os levou até mim - O padrão consiste em pessoas que, em poucas palavras, não são exemplares. Pecadores.

- Todo o ser humano é pecador - O tom de voz de quem está ouvindo uma piada sem graça.

- Sim, mas tem aqueles que passam do limite que os voraces aceitam - Olhei os rostos nas fotografias. Quantas famílias teriam esperanças de encontrá-los? - As pessoas nessas páginas, são as que passaram desse limite. São pessoas desaparecidas nos últimos vinte anos. Todos das cidades de Novo Caminho - Um traço de espanto percorreu-lhe o rosto - Luiz Pedroso, Frei Batista, Amparo e Serra dos Viajantes. Dessas trinta e oito pessoas, onze, em algum momento antes de desaparecer, mencionaram estarem sendo seguidas.

Dayana soltou os papéis. Inclinou-se em minha direção como ela devia fazer quando era policial na hora de dizer que era o fim da linha.

- Só porque elas desapareceram e eram... Pecadoras, não significa que um grupo de assassinos esteja envolvido, Samuel.

A expressão dela estava fechada, senti que em breve ela me expulsaria de lá. Se eu não tivesse recebido o livro e alguém viesse me contar sobre seitas de assassinos, não sei se terminaria de ouvir a história.

- Você me disse que há quinze anos faltavam no corpo do Marco os rins, o coração, o fígado e a língua - Disse a ela - Miúdos que podem ser consumidos e, com exceção da língua, todos podem ser usados em transplantes, mas, nesse caso, eles poderiam usar essa ideia de tráfico para desviar a atenção do que realmente fazem. O corpo foi abandonado próximo a uma cova e estava escrito, a faca, no peito dele as palavras...

- Filho do pecado.

Nossos olhares se cruzaram. A quietude era tão intensa que parecia que éramos os únicos seres com vida naquele bairro.

Eu continuei:

- Ele se encaixa no padrão da seita e vejamos bem: Se ele fosse enterrado, pode ser que nunca fosse encontrado. Ele admitiu a um conhecido que tinha a impressão de estar sendo seguido.

Dayana pareceu concordar, mas tinha a expressão de quem te desafia a contar mais e mantê-la impressionada.

- Eu conversei com Benício, e tudo o que ele disse sobre o ritual condiz com a passagem desse livro.

Dayana tinha um semblante cético como o de um ateu em uma palestra sobre o diabo.

- Benício era um bêbado, não é muito inteligente confiar nele - Replicou ela.

Eu a encarei e disse:

- É nesse pensamento que está o trunfo dos voraces.

Aquelas palavras pareceram afetá-la. Uma combinação de assombro e compreensão fluíam daqueles orbes azulados. A chama que inicia um incêndio foi acesa. O silêncio nos abraçava pesadamente ao ponto de nos esmagar.

Ela levou os olhos até os papéis e começou a movimentar lentamente a cabeça para a frente e para trás.

- Quer me dizer que um grupo de assassinos seriais estão há pelo menos vinte anos matando pessoas nesta região - Dayana disse. Uma voz lenta e firme - , e que seguem as vítimas e depois os sequestram,

matam, comem e somem com o corpo?

- Exato!

- Quando pretendia relatar tudo isso à polícia, Samuel? - Um tom de voz que premeditava uma condenação.

- Quando eu tiver nomes, provas e a garantia que todos esses desgraçados serão condenados.

Dayana se inclinou um pouco mais em minha direção. Olhos brilhantes que poderiam congelar até os ossos.

- Por que está me contando isso, Samuel?

Deslizei para frente. Olhos enterrados nos olhos um do outro. Falei:

- Eu gostaria que você me ajudasse a achar esses malditos.

Dayana continuou a me fitar. Recostou-se na cadeira e voltou a olhar para os rostos dos condenados nas páginas.

- Já falei com meu chefe, e se você aceitar podemos chegar a um acordo financeiro, será creditada na matéria quando publicarmos e...

Ela não estava prestando atenção em mim. A boca dela estava ligeiramente aberta. Puxou uma das fotos e a segurou com as duas mãos. Dayana mostrou a foto para mim. Era uma moça desaparecida há onze anos. O nome dela era Roseane Lima.

- Estudei com ela - Disse Dayana baixinho, mas pude perceber a dor que a foto despertou - Na sétima série, eu jogava futsal no time da escola e a Roseane também. Ela era a melhor. Podia ser brigona, libertina e não era do tipo que tirava boas notas. Mas, quando estávamos na quadra, não havia um que não torcesse por ela.

Dayana estava abrindo a fenda que leva ao passado. Relembrando os passos, as visões e os pensamentos de outrora.

- Eu estava apavorada no meu primeiro jogo. Íamos jogar contra uma escola particular que diziam jogarem muito bem. Eu estava querendo correr pra casa, para meus pais e me esconder embaixo das cobertas, mas então a Rose começou a imitar o que ela chamou de andar de “perua rica” - Dayana sorriu - Naquela hora, meu medo se foi. Mais tarde, quando vencemos o jogo, fomos embora imitando o andar das “peruas ricas” - Ela deu uma risada baixa - Nossas rivais odiaram.

Não sei por que ela não seguiu carreira no esporte, mas sei que ela teria se saído bem - Um breve sorriso sutil se formou - A Roseane era durona, sempre pronta para o que der e vier e sabia te dar coragem quando você mais precisava.

“ Eu estava trabalhando em outro caso quando ela desapareceu - Os olhos dela se perderam em algum lugar no céu - Rezei para que ela estivesse bem, mesmo sabendo que ela provavelmente não estava.

Dayana se voltou para mim. Os traços do ódio em suas feições.

- Já vi muitas pessoas que os outros diziam serem virtuosas cometerem os crimes mais cruéis, crimes que a Roseane jamais cometeria, no entanto, é ela quem está morta agora se sua teoria estiver certa. E por quê? Por que ela não estava no padrão de conduta de pessoas que pensam ser carrascos divinos?

Pela primeira vez ela levou os olhos ao chão. Quando ela os levantou havia uma luz vinda deles. Um brilho que trazia uma determinação capaz de causar pavor.

- Não sei se essa sua teoria está totalmente certa. Ela ainda parece um pouco absurda, mas é certo que aí tem coisa. Vou te ajudar, Samuel.

Eu sorri. Por um instante, pensei em estender a palma da mão para que ela batesse nela, mas abandonei a ideia.

- Pode me chamar de Sam - Disse a ela.

Dayana sorriu brevemente e voltou a atenção para a foto de Roseane, como muitos dos parentes das vítimas dos voraces devem ter feito.

Uma das palavras dela voltou em minha mente:

“Todo ser humano é pecador.”

Era verdade. Faz parte da nossa humanidade pecar. E perdoar?

- Qual seria seu próximo passo na investigação, Sam?

- Vou para Luiz Pedroso - Olhei para o relógio de pulso - São nove e doze da manhã, tenho de estar no local da entrevista até às onze.

- Ótimo, vou com você.

Impressionei-me.

- Não pensei que iria querer ir hoje. Talvez você queira conversar

com seu marido e seu médico. Se quiser pode se juntar a mim amanhã ou depois.

Ela balançou a cabeça e falou dando ênfase em cada palavra:

- Se estarei com você nessa, eu tenho que estar com você nessa.
- Como quiser, Dayana.

Dayana se levantou e percebi nela um vigor que até então devia estar adormecido.

- Vou ligar para meu marido.
- Ok.
- O almoço será por sua conta se chegarmos tarde.
- Acho justo! - Respondi rindo.

Dayana adentrou a casa.

Fiquei olhando o jardim bem cuidado. A horta com um verde brilhante e as flores onde pequenas abelhas pousavam e depois subiam levando consigo o pólen que seria espalhado em algum lugar além do horizonte. Enquanto eu admirava a vista uma pergunta me atravessou:

O que me espera?

Levei meu olhar até as fotos. Vi Roseane com belos cabelos loiros e um sorriso nos lábios. Tive a certeza assombrosa que em algum momento, antes de serem acorrentados a um altar e cercados por pessoas que pareciam os seres em guerra com o céu, às vítimas talvez tenham feito a mesma pergunta.

Qual resposta deve ter surgido nas mentes deles?

Afastei a ideia de meus pensamentos e voltei a olhar o jardim e o voo das abelhas.

...

Quinze minutos depois, estávamos em meu carro rumando para outra pequena cidade. A pergunta pairou novamente sobre mim feito moscas pairando em carne morta:

O que nos espera?

Nada demais. Disse a mim mesmo. Serão algumas perguntas, algumas

respostas e voltar para Novo Caminho. Viu? Nada demais.

Como eu estava equivocado.

CAPÍTULO _XIV_ --- ---

A estrada se estendia em nossa frente, à direita o sol se erguia imponente jogando luz dourada sobre as colinas verdes que antecedem Luiz Pedroso. Neil Young tocava na rádio e Dayana lia minhas anotações. Um grande outdoor anunciava a lasanha de um restaurante local.

Ver aquela imagem me fez ver algo mais além da estrada à minha frente.

Já fazia três meses que Heloísa estava desaparecida. Eu investigava os crimes da recém intitulada “vampira da vila dos cedros”. Eu já havia entrevistado muitos moradores do bairro onde havia acontecido dois assassinatos. Naquele dia, eu pretendia conversar com os moradores de uma casa que ficava a três quadras da casa de Edvan. A casa era branca e depois dos portões de grade havia um gramado pequeno e bonito. Tinha também uma grande amoreira na entrada da casa. Apertei a campainha e então alguns segundos depois ela saiu de lá dentro. Uma mulher de cabelos longos e

negros vestindo camisa, jeans de barras dobradas até os tornozelos e calçando sapatos oxford.

- Bom dia - Falei assim que ela se aproximou do portão me permitindo ver os belos traços que compunham o rosto dela.

- Bom dia!

- Desculpe o incômodo. Meu nome é Samuel Dias, sou jornalista da revista “O agora” e estou investigando o assassinato da Senhora Dolores e do Edvan, e gostaria de saber se você aceitaria responder algumas perguntas para minha matéria.

- Samuel Dias? - Ela tentou trazer à tona alguma coisa de algum lugar da memória - Ah sim, foi por isso que achei você familiar. Meus pais são assinantes da revista onde você trabalha, eles gostam bastante de suas matérias.

A revista sempre colocava uma foto do jornalista responsável pela matéria no final da mesma. Isso facilitava muito a identificação por isso sempre levava pelo menos duas revistas comigo, junto de documentos e credenciais.

- Fico muito feliz em saber disso. Obrigado - Falei sorrindo.

A mulher correspondeu o sorriso. Poderia ficar olhando aquele sorriso por horas.

- Serei breve eu prometo.

- Eu tenho de ir pro trabalho daqui vinte minutos, dá tempo?

- É mais do que eu preciso.

- Tudo bem, então.

A moça de cabelos negros abriu o portão.

- Entre, Samuel.

- Obrigado.

Ela deu as costas e eu a segui. Uma brisa suave fazia alguns fios do cabelo dela balançarem serenamente iguais as folhas da amoreira, a qual algumas frutinhas estavam caídas no gramado.

- Gostei muito daquela matéria que você fez sobre a violência doméstica - Falou ela dando uma rápida olhada para mim. O sorriso ainda nos lábios - Você sabe bem como usar as palavras.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Obrigado. O sucesso está na forma que você expõe o assunto.
- Tem razão.

A moça abriu a porta. As paredes eram pintadas de um azul claro que parecia acalmar os olhos, e os móveis eram bem coloridos dando um aspecto caloroso ao lugar.

- Quer se sentar?
- Claro.

Sentei-me no sofá e percebi um cheiro agradável de lasanha.

- Você tem uma bela casa, moça - Falei tentando ignorar a fome que aquele cheiro despertou.

- Obrigada. Comprei ela pronta, mas parece que foi feita para mim.

Um sorriso largo se formou em meu rosto. A moça correspondeu.

- Bom, acho melhor eu começar para não atrasar você. Qual seu nome?

- Camila.
- É um nome bonito.

Camila agradeceu timidamente. Eu pegava meu gravador quando uma voz veio até nós.

- Camila, ficou deliciosa...

Uma mulher usando roupas de academia apareceu na sala. Ela parou de falar ao me ver. O canto da boca dela estava sujo de molho vermelho. Lembrava sangue.

- Bom dia - Disse a ela.
- Bom dia - Disse a mulher que me fitava com desconfiança mesmo esboçando um sorriso educado.

Ela se sentou ao lado de Camila que disse:

- Esta é minha irmã Laura.

A lembrança se desfez quando ouvi alguém chamar meu nome. Era Dayana. Ela queria meu notebook para ouvir minhas gravações. Entreguei-o a ela.

Tentei inutilmente não pensar no dia que conheci a mulher que mais amei na vida... E que ainda amava. E também a outra mulher. A mulher que

desgraçou a minha vida.

...

- Se me lembro daquele dia? - O homem falou enquanto olhava para as árvores além da cerca da varanda - Faz vinte e sete anos, mas me lembro como se fosse hoje de manhã, senhor Dias.

Valdir não era um homem gordo, mas possuía uma barriga que passava do cinto, o que evidenciava que, mesmo aposentado há dez anos, ele não perdera o gosto por caminhadas e, muito menos, pela boa e nem sempre saudável comida. Tinha uma grande barba grisalha que contrastava com a cabeça desprovida de cabelos. Cachimbo na mão e olhos verdes como o da paisagem da propriedade na qual ele investira para passar os dias que o separavam da sepultura.

- O senhor se importaria de compartilhar alguns detalhes? - Perguntou Dayana segurando em uma das mãos uma caneca com um café, absurdamente forte, servido por Dulce, uma cordial senhora de cabelos grisalhos e esposa de Valdir.

Valdir abriu um sorriso.

- Claro que não, minha jovem!
- Posso gravar nossa conversa, senhor Valdir? - Perguntei. A ideia de me livrar daquele café martelava em minha mente.
- Fique à vontade.

Liguei o gravador.

- Caso “Desaparecidos”. Depoimento de Valdir Borges. Valdir, o que poderia nos contar sobre o desaparecimento e descoberta do corpo de Tamara Brito?

Ele deu uma sugada profunda no cachimbo e expeliu a fumaça como se este ato libertasse todas as lembranças do âmago dele.

- Eu conheci Tamara quando ela foi agredida por um cliente. Um dos muitos clientes fiéis, pois ela tinha uma certa... Fama no ramo. Era uma garota durona, mas havia espaço para delicadeza dentro dela, podia ver pela forma que ela tratava os sobrinhos, que na época eram crianças, e o filho que os pais dela cuidavam. Ela sumiu por dois dias e

então no terceiro nos avisaram.

Os olhos dele se voltaram para as árvores. O sítio que ele vivia não era gigante, mas tinha dois pés de manga, talvez dez de laranja, dois de limão, dois de acerola, três de jabuticaba e uma imensa horta, juntos possuíam uma beleza e paz invejáveis. Eu imaginava como aquela vegetação deveria dançar quando o vento soprava. O ar naquele lugar era tão puro que poderia revitalizar uma alma cansada. A casa toda feita em tijolinhos a vista, era aconchegante e tinha um fogão a lenha que me trazia memórias de infância no sítio de meus avós. Mas não era toda a beleza do lugar que aqueles olhos estavam olhando, eles pareciam procurar algo além de todo aquele verde. Provavelmente algo, ou melhor, alguém nada belo. Um alguém mutilado.

- Nem tivemos tempo de procurá-la direito - Prosseguiu assumindo um tom solene - , pois no dia seguinte ela foi encontrada pelos pescadores, igual a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Dayana o olhava com atenção. Ele expeliu mais fumaça. A fumaça subiu lentamente e eu pensei por um minuto que antes de desaparecer ela tomaria formas. Formas de alguma coisa com traços, dignas dos mais tenebrosos pesadelos. Mas ela apenas desapareceu. Valdir continuava flutuando no ar das lembranças.

- Os pescadores a encontraram na margem do rio. Era nove horas. Quando chegamos lá, parecia haver vômito a cada metro. Os quatro homens pareciam que tinham visto satanás. Eles puxaram o corpo para a terra e o cobriram com uma capa de chuva. O policial disse que quando tirou a capa de cima dela, ele sentiu as pernas bambearem e vomitou também junto com os outros policiais, eu me segurei para não fazer o mesmo, mas tive uma tontura que quase me derrubou.

Os olhos dele encontrou os nossos.

- Já vi muitos crimes e muitas vítimas, mas nunca, nunca vi algo parecido com aquilo - Um traço de rancor percorreu-lhe o rosto. Um leve tremor nas mãos que ele logo fechou com tanta força que pensei que logo sangue iria escorrer por entre aqueles dedos - O desgraçado que a matou não só a estrangulou...Ele retirou o fígado, os rins, a língua e o coração dela. Como se não bastasse, ainda escreveram com faca no

busto dela que ela era uma “filha do pecado”.

Meu coração gelou.

Dayana se inclinou.

- Foi possível deduzir quanto tempo ela esteve na água e quando foi morta? - Perguntou Dayana

- Ao que parece ela foi assassinada e jogada no rio na noite anterior.

Uma imagem esvoaçou diante de meus olhos. A imagem de uma mulher com partes do corpo retalhadas boiando em águas negras refletindo a luz prateada do luar. Um cadáver sendo seguido pelo olho da lua acima das árvores, rumando para o desconhecido.

- Nunca surgiu nenhuma pista sobre o assassino? - Perguntou Dayana.

Valdir balançou a cabeça negativamente com os olhos cravados no chão como se admitisse um fato constrangedor. As mãos continuavam cerradas.

- Procuramos entre os clientes, os amigos, a família, pessoas que tiveram desavenças com ela e logo só sobraram os mendigos. Eu garanto, olhamos em todas as direções até em baixo das pedras - Valdir olhou de novo para as árvores em busca do corpo sem entranhas - Nunca encontramos nada que nos colocasse no caminho certo.

Valdir deu uma forte baforada no cachimbo.

- Houve um homem que eu acreditei cegamente ter cometido o crime, mas também nunca acharam provas concretas.

Dayana se empertigou na cadeira.

- Um ano depois da morte de Tamara, um professor chamado Osnir se suicidou e deixou uma carta. Nela, ele dizia que havia presenciado o assassinato de três pessoas e que ele não só viu, mas... Também devorou o coração delas.

Um vento gélido nos acometeu. Um vento que uma vez um entrevistado meu, que era espírita, disse ser a passagem de um espírito. Se era uma alma caminhando entre nós eu não sei, mas pude notar um arrepio em cada um de nós.

- Ainda acredita que Osnir foi o culpado? - Perguntei.

Valdir deu de ombros.

- Nunca surgiram provas. Ele era um homem sossegado e um católico fervoroso, não acho que ele faria esse tipo de coisa. Mas o ser humano é falho. Um homem é capaz de tudo quando acha que tem direito de fazer alguma atrocidade, então continuamos a investigação em cima dele e não apareceu nada. Osnir estava com uma forte depressão, a família e os amigos mais próximos diziam que ele estava a um passo da loucura. Talvez a doença tenha vindo pelo remorso dos crimes que cometeu, ou talvez tudo na carta fosse alguma metáfora para algo que ele pensa que deveria ter impedido. Quem sabe foi algum tipo de ilusão causada por um forte sentimento de culpa.

Valdir tomou um gole do café, o gosto forte não o incomodava, na verdade parecia agradá-lo.

- Nunca encontramos nada que comprovasse que o que estava escrito na carta realmente era real, então uma parte de mim, a parte instintiva, acredita que ele cometeu aquele crime, mas a parte racional diz que não. Eu prefiro não tentar escolher entre elas, pois, afinal, se Osnir era culpado ele pagou pelo crime. Ele já não pode mais responder pelos atos na terra dos vivos, então não tenho motivos para pensar nisso.

Dayana e eu assentimos. Valdir olhou para nossos copos e notou que depois de tomarmos um gole nunca mais tocamos neles. Eu e minha parceira bebemos um pouco mais do conteúdo nos copos. Segurei uma forte vontade de cuspir aquele líquido.

- O senhor, por acaso, sabe se podemos encontrar uma cópia dessa carta na delegacia? - Perguntou Dayana que disfarçou muito bem o gosto ruim do café.

Valdir sorriu, um sorriso que deveria trazer terror aos detentos na época em que estava na polícia.

- Venham comigo.

Nós adentramos a casa. Uma música raíz tocava no rádio. Dona Dulce cuidava pacientemente do almoço. Um cheiro veio até nós, um cheiro que eu até gosto, mas que naquele dia fez meu estômago se revirar. Era cheiro de fígado fritando. Será que os voraces prepararam o fígado de Tamara com o mesmo esmero de Dona Dulce?

Continuamos seguindo Valdir. Na parede, além das fotos das

pescarias que Valdir realizava, tinham também fotos de viagens e da família composta pelo casal e quatro filhos, três meninas e um menino. O cheiro do fígado fritando nos seguiu pelo corredor que levava a uma porta.

Lá dentro, havia um escritório. Uma estante repleta de livros, a maioria de direito. Um carpete felpudo no chão e diplomas e fotos dos tempos de polícia pendurados nas paredes pintadas de branco.

- É aqui que venho relembrar os velhos tempos - Disse Valdir de maneira solene.

- Sei como é - Dayana disse com o mesmo tom. Os olhos dela pareciam brilhar.

Lembrei-me do meu mural e tive vontade de ir para casa.

Valdir fez sinal para nos sentarmos nas cadeiras confortáveis de frente à uma mesa. Ele foi para o outro lado dela e abriu uma das gavetas. De lá tirou uma pequena pasta e depois se sentou na cadeira giratória atrás da mesa repleta de fotos da família.

- Há certos registros de certos crimes que não queremos nos livrar - Empurrou a pasta até nós - Esse é um deles.

Dayana abriu a pasta. Lá havia fotos da cena do crime, páginas de um relatório, uma ficha de Tamara e de Osnir e, por último, uma carta. As fichas possuíam uma foto de cada um deles. Tamara tinha sardas no rosto e cabelos pintados de vermelho em um corte Chanel, ela sorria de maneira provocadora e Osnir tinha cabelos e barba longos e castanhos, expressão séria. Dayana leu a carta de maneira apreensiva e depois me entregou. A carta estava escrita com uma letra tremida e desleixada. Nela estava escrito:

“ Sei que o que estou fazendo é errado, mas não aguento mais ver os condenados em meus sonhos. Sei que provavelmente o que me aguarda do outro lado não será um paraíso, pois cometi crimes imperdoáveis. Não só vi três pessoas serem mortas, como também devorei seus corações. Me arrependo muito de tudo isso, mas sei que é tarde demais, eu não devia ter seguido o bom samaritano e o conselho estígio. Minha última palavra neste mundo é perdão. Perdão. Oh Senhor, por favor perdoe essa alma pecadora.”

Meus olhos se perderam nos de Dayana. Ambos olhamos cheios de dúvida para Valdir que tudo que fez foi assentir.

- Como foi que ele se matou? - Perguntei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Ele cortou os pulsos, mas... - Os olhos dele se moveram vagorosamente até os meus - antes ele escreveu com uma faca no braço: Filho do pecado.

Aquele cômodo foi velado pelo silêncio.

- Você tiraria uma cópia para nós? - Pediu Dayana.

- Claro.

Valdir pegou a carta e a levou até seu scanner. Dayana e eu nos entreolhamos mais uma vez. O olhar que falava mais do que as palavras. O olhar que deixava claro que estávamos no caminho certo.

Dez minutos depois estávamos deixando a propriedade de Valdir e Dulce e seu pequeno paraíso verde. Com um semblante sério e falando baixo como se estivessemos sendo observados, Valdir nos deu um conselho:

- Cuidado ao ficarem desenterrando cadáveres - Aproximou-se - , pois são os vivos que vocês irão incomodar.

Agradecemos e fomos embora com aquelas palavras nos chicoteando.

Um pouco a frente, havia uma árvore desprovida de folhas e contorcida como se tivesse sido torturada. Corvos atravessaram o céu e se empoleiram nela. Eles pareceram nos encarar assim que passamos por eles, as pequenas cabeças negras se movendo em nossa direção, o bico semi aberto como se fossem contar algum segredo sombrio. Assim que eles ficaram para trás alguns deles cantaram.

Minha avó sempre disse que corvos são os anunciante de mau presságio.

Ela estava certa.

CAPÍTULO

XV

Como parte do acordo, o almoço ficaria por minha conta. Dayana preferiu comer em Novo Caminho, então estávamos nos dirigindo para lá. A pequena e calma cidadezinha de Luiz Pedroso estava ficando para trás e encolhendo no retrovisor.

Dayana explicava para o marido que estava tudo bem e que ele não precisava se preocupar. Mesmo sendo via celular, era perceptível que ele estava bravo, o que era compreensível, mas após ela explicar que estávamos investigando pessoas desaparecidas - Ela deixou de fora que os suspeitos eram uma suposta seita de canibais -, garantir que não voltaria atrás, por mais que ele insistisse, e prometer que tomaria todos os remédios, o homem enfim se acalmou. Depois de uma intensa conversa que durou mais de dez minutos, ambos riram de alguma piada e trocaram aquela frase antiga que nunca sai de moda:

Eu te amo.

Quando ela desligou eu falei:

- Acho que seu marido está uma fera comigo.

Dayana deu um risinho.

- Está, mas expliquei para ele o que está acontecendo. Armando é bem compreensivo, e vou explicar tudo hoje quando chegar em casa,

então não se preocupe.

- Bom ouvir isso, pois ele é bem maior do que eu.

Dayana riu novamente...De repente, o riso deu lugar a uma tosse que ficou tão forte que parecia que logo destruiria os pulmões de Dayana.

- Dayana? Dayana? - Não percebi na hora que eu estava gritando - Quer que eu encoste?

Ela fez um gesto com a mão espalmada para frente e balançou a cabeça em negativa. Eu não sabia se olhava para frente ou para ela.

- Quer que eu pegue um dos seus remédios?

Dayana repetiu o gesto. Eu podia notar uma dor percorrendo o corpo dela. O medo cresceu em mim. Felizmente a tosse começou a diminuir. Ela respirou fundo quando a tosse cessou.

- Você está bem? - Perguntei

- Estou sim, obrigada. Isso acontece às vezes.

Ela retirou da bolsa um frasco com pílulas, havia pelo menos cinco frascos lá dentro. Ela engoliu as pílulas e tomou um gole de água da garrafa térmica que trouxera e fechou os olhos em seguida. Ao abri-los pude ver a mulher que prendeu inúmeros bandidos voltar à tona.

- Tem certeza que está bem?

Dayana me encarou com as sobrancelhas erguidas.

- Já entendi - Falei.

- Se vamos trabalhar juntos, Sam, você precisa aprender a não se preocupar tanto comigo. Se você se preocupar demais comigo, não irá se concentrar cem por cento no que estamos fazendo. Pode ficar tranquilo que tenho tudo aqui - Levantou o estojo de remédios - Tudinho que preciso para estar na ativa. Então nada de preocupações, combinado?

- Ok, vou tentar.

Ela sorriu e me deu tapinhas no ombro. Dayana parecia alguém bem diferente. Na ida, praticamente não conversamos. Ela ficou ouvindo algumas das gravações que eu tinha no notebook e lendo minhas anotações.

- Algo mais que devemos entrar em acordo? - Perguntei sorrindo para ela.

- Na verdade...Sim. Precisamos entrar em acordo sobre essas suas músicas.
- Ah, nem pensar! Não vou ouvir música sertaneja.
- Se tocar música sertaneja, eu te bato. Vamos ouvir um pouco mais de mpb, pode ser?
- Acho que posso aceitar isso, contanto que você não me olhe igual olhou agora pouco.

Ela gargalhou novamente.

- É, acho que vamos nos dar bem.
- Assim espero - Concordei rindo também.

Mudei a estação de rádio e encontramos uma onde estava tocando Caetano Veloso, quase que de imediato, Dayana aumentou o volume. Lá fora, o verde dos canaviais e colinas predominavam por uma distância imensurável.

- Sabe, Sam, acho que “O bom samaritano “ é um título - Contou Dayana segurando a carta que Valdir copiou para nós.
- E por que acha isso?
- Muitos seguidores criam títulos para seus líderes, por que com os vorazes seria diferente?
- Faz sentido, mas a parábola do bom samaritano simboliza misericórdia. Não vejo misericórdia no que eles fazem.
- Sim, mas no final Jesus pede para que o perito da lei siga o exemplo do bom samaritano. Um líder seria isto, um exemplo, agora que tipo de exemplo uma seita de assassinos deve achar bom o suficiente para se seguir?
- Talvez assassinar um número alto de “filhos do pecado”. Tem razão. Muito bem observado.
- Obrigada, mas mesmo sendo uma boa observação, não nos ajuda em muita coisa.

Ela percorreu as linhas das folhas com o olhar.

- Agora essa parte onde ele fala do conselho estígio eu não entendi. O que é esse conselho?

- Na obra de John Milton, “O paraíso perdido” o conselho estígio é um grupo de demônios que foram expulsos do paraíso junto de satã que se tornou líder deles.

Dayana se mostrou surpresa.

- Que combinação estranha, não acha? - Perguntou ela - O bom samaritano e um grupo de demônios reunidos em um mesmo relato como se fossem parte da mesma coisa.
- Essa combinação combina bem com os voraces. Pessoas que matam, ou seja, fazem o mal acreditando que é a coisa certa a se fazer da mesma maneira que o bom samaritano achou que seria quando ajudou o homem na estrada. Acho que Osnir podia estar fazendo uma metáfora.
- Bem observado - Disse Dayana - Bom, vamos descobrir então se Osnir era um deles ou se estava delirando.

Dayana se voltou para a paisagem. Encostou a cabeça no vidro como se fosse o ombro de um velho amigo. O reflexo dela no vidro mostrava a tranquilidade em suas feições e aparentava vulnerabilidade. Por um momento, desejei poder ter uma ideia de como ela via o mundo. Uma pessoa que foi boa na área que escolheu, que viu coisas ruins que muitas pessoas nunca verão, teve um casamento feliz, formou uma família e teve que lidar com uma doença cruel.

- Sempre quis ser policial, Dayana?

Ela me olhou surpresa com a pergunta. Após refletir ela respondeu:

- Pode se dizer que sim. Meu pai era um policial muito respeitado no bairro em que cresci. Eu admirava a integridade dele e o fato de fazer algo que ajudava o mundo a ser melhor - Dayana olhou novamente para o azul do céu do outro lado do vidro - Eu sempre quis algo que fizesse alguma diferença e decidi que poderia fazer isso na polícia, então fiz de tudo para entrar. Não me arrependo nem um pouco da carreira que escolhi - Ela olhou para mim sorrindo e eu sorri para ela - Se eu voltasse no tempo eu faria a mesma escolha.
- Uau, isso foi lindo.
- Lembro do dia em que fui contar para minha mãe - Ela riu - Eu achava que ela iria surtar, mas ela sorriu e falou que já esperava. Disse

que sabia que eu me sairia bem. Meus pais me apoiaram muito. Alguma coisa sempre me dizia que era na polícia que eu ia encontrar meu lugar.

- Confesso que pesquisei sobre você, Dayana.

Ela gargalhou deliciosamente.

- Eu imaginei - Respondeu - , eu teria feito o mesmo.

- Todos disseram que você foi uma das melhores investigadoras. Seu pai, com certeza, teve muito orgulho de você.

- Sim, ele tinha muito orgulho de mim - Os olhos dela pareciam brilhar com a lembrança do pai que havia morrido há cinco anos, vítima de ataque cardíaco.

Dayana se virou para mim.

- E você, sempre quis ser jornalista?

Voltei-me para ela com um sorriso.

- Na verdade, eu queria ser bombeiro.

Dayana riu audivelmente.

- Acho que esse é o sonho de todo o garoto.

- Sim - Afirmei sem conter uma risada - , mas mudei de ideia na sétima série. Nossa professora passou um trabalho que deveríamos encontrar um tema e fazer uma pesquisa sobre ele.

A lembrança daqueles anos passaram à minha frente como a paisagem em movimento da estrada. Anos que a vida parecia tão simples e tão distante do labirinto sombrio que muitas vezes é.

- Havia uma estátua do fundador na entrada da escola - Prossegui - Eu reparei que não conhecia bem a história da escola em que eu passava várias horas durante a semana, então decidi investigar. Descobri que, há vinte cinco anos, a escola foi uma prisão e que certa vez, durante uma rebelião, aconteceu um incêndio onde vários presos morreram queimados.

Lembrei que ao entrar na sala de aula que décadas atrás fora queimada, eu tive a perturbadora impressão de ouvir os gritos das pessoas ardendo nas chamas. Corpos sendo incinerados até os ossos. Vozes clamando pelo socorro que só chegou tarde demais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Lembro que todos ficaram de boca aberta ao saberem disso. Entrevistei pessoas que trabalharam lá na época e consegui fotos da cadeia, do incêndio e de quando tudo foi derrubado e reformado. Consegui inclusive fotos da inauguração da escola e da primeira turma - Um sorriso se formou - Eu não só ganhei a nota máxima pelo trabalho como também tive meu trabalho exposto em um mural na entrada. Me senti o máximo.

- E nesse dia decidiu que seria jornalista?

- Na verdade, decidi quase um mês depois. Um homem foi me procurar na hora do recreio. Ele estava chorando - Dayana se impressionou. Mesmo depois de tanto tempo, lembrar daquela imagem, de um homem grande se desfazendo em lágrimas, partia meu coração - O homem viu meu trabalho no mural e contou que o pai dele era um dos carcereiros da prisão e inclusive salvou a vida de três dos presos no incêndio. Falou que o pai dele contava histórias sobre o que aprendeu ao trabalhar naquele lugar e de como era importante ser uma pessoa honesta. Ele e o pai não se falavam há três anos e depois de ver o meu trabalho ele decidiu ir conversar com o velho dele e eles acabaram fazendo as pazes.

Virei-me para Dayana que sorria.

- O pai dele morreu duas semanas depois.

O sorriso dela se desfez feito um castelo de areia destruído por ondas na praia.

- O homem disse que se eu não tivesse trazido à tona uma história que poucos se lembravam ou conheciam, ele teria perdido o pai sem ter dito o quanto o amava.

Olhei para a paisagem sem vê-la. Eu via apenas um garoto aprendendo sobre o que é a vida. Um garoto meio solitário e muito curioso pensando em qual caminho iria trilhar. Logo vi esse mesmo garoto crescendo e ganhando uma bolsa de estudos em uma das melhores faculdades do estado e anos depois conseguindo chegar onde sempre desejou.

- Naquele dia, eu decidi que iria me dedicar a descobrir coisas escondidas, revelá-las para o mundo e ver que mudanças essas descobertas trariam.

Dayana bateu palmas.

- Samuel, você leva jeito com palavras. Já pensou em escrever um livro?

- Já - Deixei uma risada escapar - Na verdade, alguns meses antes do trabalho que te falei eu pensava em ser escritor.

Nós dois rimos.

- Acho que deveria tentar escrever alguma coisa - Falou ela.

- Quem sabe?

- Acho que temos uma coisa em comum, Sam - Disse ela admirando o horizonte à nossa frente.

- E o que seria?

- Nós não fazemos o que fazemos só por dinheiro. Acho que se você faz as coisas pensando só no dinheiro, você perde o essencial para fazer algo bem feito - Virou-se para mim -, a paixão.

Tive uma grande vontade de abraçá-la.

- Você tem razão - Falei - Acho que você também deveria escrever um livro.

- Quem sabe?

Gargalhamos, mas parei subitamente ao avistar o lugar.

- Que lugar é aquele? - Perguntei de cenho franzido.

Um pouco mais à frente, uma grande casa se erguia. Era toda pintada de um marrom escuro, igual a terra que tinha em volta, e possuía janelas que mais pareciam portas devido ao tamanho. Árvores descomunais a cercavam feito sentinelas.

- É a casa do Wilson Mauá - Disse Dayana olhando para aquela casa como se nunca a tivesse visto - Ele cresceu aqui, mas depois que o pai morreu ele quase nem vem mais para este casarão. Aqui eles cultivam seringueiras.

Prestei atenção e do outro lado da estrada havia um emaranhado de árvores que supus serem as seringueiras, mas de um outro lado dava pra ver que havia outras espécies de árvores muito grandes e de troncos grossos.

- Esse tal Wilson certa vez cruzou comigo na rua quando eu estava

saindo de uma entrevista com o padre Tony. Ele me olhou de uma maneira bem hostil e pouco tempo depois alguém espionou a casa em que eu estava.

Dayana me encarou atônita.

- Ele deve ter me reconhecido e, por algum motivo, não gostou de ter um jornalista na cidade - Falei olhando à casa que ia aumentando diante de nós.
- Ainda mais você. Qualquer um que te ver na cidade, sabendo quem você é, vai imaginar que desaparecimento está investigando.

Marcelo praticamente me disse a mesma coisa. Ouvir aquilo novamente me fazia pensar que mesmo tendo cautela, não seria o bastante para não chamar a atenção dos voraces, caso Heloísa tenha mesmo alguma ligação com eles.

- Só para ajudar, hoje acabei encontrando Wilson em um posto e ele partiu para cima de mim, só se controlou porque havia pessoas em volta.

O olhar de Dayana deixava claro que ela pensava o mesmo que eu. Havia um segredo que Wilson queria manter escondido.

Estacionei o carro no acostamento. Dayana me observava com um semblante curioso.

- Benício disse que estava amarrado em um altar dentro de uma casa grande - Falei olhando fixamente os olhos dela - Essa casa é bem grande, fica praticamente dentro de Novo Caminho e também na estrada que leva para algumas das cidades da região, é um lugar com privacidade e... Olhe ao redor.

Ela olhou em volta minuciosamente e quando se voltou para mim disse:

- Tem lugar o suficiente para enterrar corpos.

Eu assenti.

- Vamos dar uma olhada? - Perguntei.
- Deve ter câmeras.
- Não chegaremos muito perto.

Dayana concordou com um aceno de cabeça. Ela parecia animada.

Aproximei-me um pouco mais da casa com o carro e quando ficamos a mais ou menos cinquenta metros dela o estacionamos. Caminhamos até ficarmos perto da cerca, e, mesmo assim, ficamos a pelo menos vinte metros da residência. Eu levava comigo uma mochila onde guardava minha câmera e um binóculo. Dayana levou uma bolsa pequena de couro que provavelmente devia conter os remédios.

A casa era imensa e tinha dois andares. Olhando por fora, devia ter pelo menos doze cômodos. Parecia estar vazia, mas não desabitada, pois o gramado estava bem cuidado. Da posição em que estávamos, o lugar tinha um aspecto ameaçador.

Tirei da bolsa meu binóculo. Dayana me observou sorrindo.

- Um binóculo?
- Nunca se sabe o que vai aparecer no seu caminho - Falei rindo -, então gosto de estar preparado. Tenho também um canivete suíço.

Sorrimos um para o outro e depois comecei a observar a propriedade com o binóculo.

- Vê alguma coisa? - Perguntou ela.
- Não. Parece vazia e realmente tem câmeras. Um grupo de mais de dez pessoas caberia facilmente nessa casa e...

Um homem com roupas negras apareceu. Dei um pulo que assustou Dayana.

- O que aconteceu?
- Um homem apareceu do nada!

O sujeito varria a casa, estava com fones de ouvido e usava moletom e boné pretos. Ele cantarolava alguma canção.

- Deve ser o caseiro - Disse a ela.
- Posso ver?
- Claro.

Entreguei o binóculo para ela que olhou para a imagem distante.

- É um rosto familiar, mas não sei quem é. Deve ser mesmo o caseiro.

Ela me devolveu o binóculo. Quando o segurei uma coisa chamou a

atenção dela, pois ela pareceu congelar ao ver alguma coisa atrás de mim. Virei-me e vi um carro vindo.

Um golf preto se aproximava, era impossível ver os ocupantes. O carro estacionou a pelo menos dez metros de nós. Durante segundos, que pareceram horas, ninguém saiu do veículo. De súbito, a porta se abriu. Dois homens desceram e ficaram nos encarando. Um tinha cabelos longos em um tom de loiro escuro e usava uma jaqueta jeans; já o outro, uma jaqueta de couro e tinha o cabelo raspado. As sombras deles se projetavam na estrada e uma aura de dúvida pairava em torno deles, mas havia algo mais. Era hostilidade.

Os sujeitos andaram um passo e colocaram as mãos dentro dos casacos. Senti o braço de Dayana apertar o meu.

- Corre, Sam! - Gritou ela.

Não pensei, apenas obedeci.

- Puta que pariu! - Disse um deles

Um som ecoou. O som ensurdecador de um tiro.

Dayana e eu corremos para a mata do outro lado da pista. Eu olhei para trás e vi os homens correndo em nossa direção, um deles parou e tentou mirar mas desistiu gritando um palavrão que não consegui ouvir. Meu coração batia impetuosamente enquanto o braço de Dayana parecia me guiar pelas árvores que despontavam à nossa frente. O som de outro tiro explodiu atrás de nós e lascas da árvore alvejada voaram. Os sujeitos corriam em nosso encalço com as armas nas mãos. Pude vê-los atirando novamente e senti os fragmentos da árvore, que foi atingida em seguida, nos acertarem. Um medo, que nunca pensei sentir novamente, se expandia dentro de mim a cada passo que era dado. O mar de árvores parecia se espalhar infinitamente.

- Ali! - Gritou Dayana que estava ficando esgotada pelo esforço.

À nossa frente, havia algumas árvores, aqui e ali, que eram mais grossas que as que passamos antes e, em meio a elas, havia uma pequena casa branca abandonada. Possuía duas aberturas, as janelas e, uma maior, a porta; a poucos metros dela, tinha um espaço minúsculo, talvez um pouco maior que um banheiro químico que provavelmente devia ser onde guardavam ferramentas. Nós dois corremos para dentro da casa maior. Era possível olhar através de um buraco na parede ou pela porta ou janelas e ver os homens

correndo até nós. Dayana respirava pesadamente. Eles estavam próximos e exibiam um sorriso vitorioso. Virei para Dayana que estava abrindo a bolsa. Através do buraco olhei novamente para os dois que se aproximavam rapidamente. Meu coração batia com violência pela adrenalina e pelo pavor. O vento frígido do fim se aproximando soprava em minhas costas. Com lentidão, os homens começaram a caminhar em nossa direção. O sujeito de cabelos longos abaixou a arma e olhou para o companheiro com um sorrisinho no rosto, este, por sua vez, também se virou para o amigo. Foi nesse momento que Dayana se levantou e ficou na direção da janela e, antes que eu pudesse berrar o nome dela, o estrondo de tiros reverberou três vezes.

Um corpo caiu depois de uivar de dor.

Dayana se abaixou novamente e o sujeito de cabeça raspada atirava aos gritos de raiva ao ver o amigo caído e sangrando enquanto dava seus últimos gritos agonizantes. A arma dele descarregou e, nesse instante, Dayana voltou para o lado exposto e atirou novamente acertando o braço do homem que correu para trás da casa pequena. Um dos tiros de Dayana por pouco não o atingiu nas costas.

- Merda! - Bradou Dayana
- Sua puta desgraçada, eu vou te matar! - Vociferou o homem ferido.

Dayana correu com um visível e desconfortável esforço para trás da casa que estávamos para ter uma visão melhor do abrigo do oponente.

- Eu vou te matar! - Gritou ele novamente.

Eu tinha uma chance se ele saísse de trás daquela casa. Ele o fez. O homem segurava duas armas nas mãos e com uma delas atirou na direção de onde Dayana estava posicionada. Ele começou a caminhar até Dayana. Ele pareceu se esquecer de mim. Concentrava-se em matar ela primeiro.

- Venha brincar, sua puta. Eu vou te...

Quando ele me viu eu já havia saltado sobre ele e ambos caímos no chão, eu caí por cima e, com o ato, uma arma escapou da mão dele. Alcancei a mão que ele usava para segurar a outra arma e, com minha livre, desferi um soco em seu rosto. Ele tentou se desvencilhar de mim e então o golpeei de novo e o nariz dele explodiu em sangue. Foram necessários mais quatro socos para que ele perdesse a consciência.

Sai de cima dele com horror. Minhas mãos doíam, tremiam e o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sangue as aquecia. Só a quietude era ouvida. Estávamos a salvo.

De repente ouvi uma risada. Uma risada que eu conhecia muito bem. Uma risada fria, aguda e desumana.

Do outro lado entre as árvores, Laura me observava com a cabeça tombada carinhosamente para o lado. Os cabelos imundos grudados no corpo. Laura parecia ter se deliciado com um banho em um rio de sangue, pois todo o corpo estava inundado do líquido vermelho e o rosto dela...Era a pior parte. O rosto estava infestado de vermes que se moviam lentamente como se eles estivessem saboreando a pele morta que cobriam. Apenas os olhos e o sorriso eram perfeitamente visíveis. Laura começou a gargalhar enquanto sangue jorrava da boca feito vômito. Ela não parava de gargalhar, uma gargalhada que parecia mais os ganidos de uma besta.

Meu corpo se paralisou e um arrepio cortou a minha espinha, enquanto a gargalhada de Laura ecoava em minha cabeça.

Ela parou de rir e então gritou:

- VOCÊ FALHOU, SAM!

Eu estava prestes a gritar quando ouvi outra voz:

- Você está bem? - Perguntou Dayana que vinha até onde eu estava. A aparência dela mostrava um imenso desgaste.

A olhei sabendo que estava com os olhos arregalados e provavelmente pálido.

- Estou.... Estou sim - Menti -, obrigado e você?

- Nada que um banho não resolva.

Eu sorri forçadamente para ela e olhei para o lado. Laura não estava mais lá, nunca esteve, pois ela estava apodrecendo de baixo da terra a quilômetros de distância.

- Rápido, me dê seu cinto - Falou Dayana com aquele tom de ordem.

Retirei o cinto e entreguei a ela.

- Esse cinto custou uma fortuna - Disse a ela com a voz trêmula.

Ela deu um sorriso que clareou aquela expressão cansada.

Olhei para o cadáver ensanguentado bem próximo de mim. Os olhos não estavam fechados. Imaginava que ele logo iria se levantar e sorrir para nós igual a Laura. Caminhei até ele e fechei-lhe os olhos e fui ajudar Dayana
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com o homem desmaiado.

Voltei meus olhos para minhas mãos sujas de vermelho. A lembrança de um dia que fazia parte do passado, quase um ano, surgiu em minha mente. A vontade de gritar pareceu me corroer. Ignorei esse desejo enquanto ao longe corvos cantavam.

...

Amarramos o agressor no tronco de uma árvore envolvendo o pescoço dele com meu cinto e levamos as mãos dele para a parte de trás do corpo, as prendemos com o cinto de Dayana. Ela rasgou um pedaço da camiseta do sujeito e enfiou na boca dele justificando da seguinte maneira:

- Se ele me chamar de puta mais uma vez...Vou estourar os miolos dele!

Eu não consegui ter total certeza se ela estava brincando ou falando sério.

Dez minutos depois, a polícia já estava lá. Era visível o afeto e o respeito que tinham por Dayana, mas ao me verem a expressão deles se modificou instantaneamente. Eu podia ver os pensamentos e as perguntas deles como se fossem balões de pensamentos de algum personagem de história em quadrinhos. “ O que você faz aqui?”, “ O que você tem a ver com isso?”, “ Porque estariam querendo te matar?”.

Os olhos deles peregrinavam entre o corpo estirado no chão feito um velho capacho e para nós. Eu tinha a impressão que no dia seguinte grande parte da cidade estaria formando teorias sobre o que realmente aconteceu.

Os policiais fizeram perguntas e ouviram nossa história, mas quem falou mesmo foi Dayana que, sem dúvida, era quem eles estavam interessados em ouvir. O caseiro comprovou que os dois homens atiraram em nós de repente. Foi revelado que o homem amordaçado era Alisson Vieira, um morador de Novo Caminho que trabalhava em uma usina, e o morto era Junior Lopes, dono de uma conveniência. Eles não tinham porte de arma e, até então, não eram fichados na polícia.

Enquanto Dayana e os dois casais de policiais conversavam, eu me sentei em um tronco caído com os olhos cravados no corpo que em breve estaria em um caixão se decompondo devagar debaixo da terra e sendo

esquecido por aqueles que caminham acima dela. Não era a primeira vez que eu ficava a tão poucos metros de uma pessoa morta e uma voz vinda de algum lugar sussurrava em meus ouvidos que não seria a última.

Uma caminhonete prata estacionou próximo do meu carro e de lá um negro colossai saiu. Os cabelos tinham um corte militar, usava uma camisa azul quase grudada ao corpo musculoso, jeans e botas de cowboy. Além da força física, a arma em um coldre, um distintivo no cinto e as feições de alguém que não costuma estar de bom humor, tornavam ele uma presença incômoda e ameaçadora. Era o mais temido investigador de polícia de Novo Caminho. Ele falou algo para os policiais que se afastaram deixando a sós Dayana, ele e eu. Ele a cumprimentou com um aperto de mão rápido e firme.

- Quando ouvi seu nome no meio dessa história, eu precisei vir. Como você está, Dayana?

- Estou bem, Otávio, obrigada.

Otávio me olhou e, ao fazer isso, semicerrou os olhos. Caminhou até mim e eu me levantei lhe estendendo a mão.

- Como vai? Sou Samu...

- Samuel Dias. Eu vejo jornais, sei quem é você.

Otávio nem sequer olhou para minha mão, apenas a deixou ali no ar como se o ato de tocá-la fosse transmitir alguma doença mortal.

- Também é um prazer te conhecer, Otávio Dantas de Oliveira - Falei olhando firmemente em seus olhos enquanto ele fazia uma expressão de surpresa ao ouvir o próprio nome. Ele não tinha crachá.

Otávio olhou para Dayana que não demonstrou nenhum tipo de emoção. Prossegui:

- Não foi ela quem me disse. Eu sei fazer perguntas, sei quem é você.

Ele respirou fundo.

- O que aconteceu aqui? - Perguntou.

- Nós estávamos...

- Dayana? - Otávio falou dando as costas a mim.

Dayana se aproximou dele olhando nos olhos com uma certa frieza.

- Dois homens nos atacaram quando estávamos olhando para a casa

do Wilson. Eles atiraram em nós e nos perseguiram, mas conseguimos dar um jeito neles. Eu matei um e o outro foi nocauteado pelo Samuel.

Otávio me fitou como se estivesse constatando se eu realmente podia ter nocauteado um homem. Mesmo eu estando em boa forma, ele deve ter pensado que um homem de botas, jeans, camisa e cardigan não parece o tipo de sujeito que se mete em brigas e sim em discussões verbais.

- Por que estavam vasculhando a casa do Wilson? - Interpelou ele voltando a encarar Dayana.

- Estamos investigando o desaparecimento de pessoas... Pessoas que achamos que podem estar mortas e olhamos o lugar que, sem sombra de dúvida, é perfeito para dar sumiço em corpos.

Otávio cruzou os braços.

- Está dizendo que o Wilson é um assassino? - Perguntou em um tom zombeteiro.

- Depois que o pai dele morreu, ele quase nem vem mais aqui e aquele homem ali - Apontou para o caseiro - vem cuidar da casa três vezes na semana. Cinco dias livres para algum intruso vir até aqui e fazer o que quiser no meio de todo esse matagal. A casa tem câmeras, eu sei, mas veja o tamanho dessa propriedade, alguém pode se esconder facilmente por aqui e nem o caseiro ou as câmeras o veriam. Mas, vamos ficar com os cinco dias, Otávio - Ela se aproximou mais dele - Quantos corpos podem ser enterrados nesse número de dias?

A pergunta ficou no ar.

- Por que está investigando desaparecimentos em Novo Caminho? - Otávio se voltou para mim subitamente - Não tem desaparecimentos suficientes em São Paulo para você bisbilhotar? - Deu alguns passos para mais perto de mim - Por que veio até aqui?

Dayana me olhou com a palavra “fodeu” estampada no rosto.

- Se eu te contar eu perco meu furo. Desculpe - Respondi calmamente.

O grande homem ficou me encarando e eu sustentei o olhar.

- Desculpe, Otávio, mas estamos perdendo tempo - Disse Dayana com irritação.

Nós dois nos voltamos para ela. Aqueles olhos azuis encaravam Otávio com uma frieza que congela almas.

- É óbvio que existe alguma coisa errada aqui, então está fazendo as perguntas erradas para a pessoa errada - Prosseguiu sem desenterrar os olhos dos dele - Seja o que for que encontremos aqui, será graças ao Sam.

Os dois ficaram se encarando em silêncio.

- Você não mudou nada, Dayana - Disse Otávio com um tom estranhamente divertido.

Dayana deu de ombros e disse:

- Precisamos estar na delegacia quando forem interrogá-lo.

Otávio soltou uma gargalhada debochada.

- Vão para casa, agora é com a gente - Disse ele.
- Eu adoraria ir para casa - Falei atraindo a atenção dos dois -, mas infelizmente aquele cara tem respostas para perguntas que somente Dayana e eu sabemos fazer - Eu diminui a distância entre mim e o investigador com dois passos - Pode ter algo maior nisso tudo e nós podemos te ajudar a descobrir, o que é bem rápido. Mas se preferir, pode tentar resolver tudo de um jeito mais difícil e demorado. Se esta for sua escolha acho bom começar a pensar no que irá dizer para a família do próximo desaparecido que esta cidade vai ter.

O semblante de diversão desapareceu e ele apenas me encarou profundamente. A compreensão e a raiva presentes nas feições dele, uma lutando furiosamente contra a outra para ver quem seria vitoriosa.

- Vou deixar claro para vocês dois - O tom era de ameaça -, não vamos ficar com esses joguinhos por muito tempo. Logo vocês dois terão de responder às MINHAS perguntas.
- É justo - Repliquei dando de ombros.
- Ótimo.

Otávio se afastou de nós como se fôssemos um casal de leprosos.

Caminhei até Dayana.

- Obrigado, Dayana - Disse a ela.
- Estamos nessa juntos, Sam. Vamos!

- Vamos lá.

Fomos em direção ao meu carro e, durante a caminhada até lá, olhei uma última vez para trás, não para ver o homem morto que em pouco tempo seria levado dali para o necrotério e sim se Laura ainda estava lá sorrindo para mim enquanto sangue jorrava de dentro dela. Não estava, mas o som de uma risada pareceu ecoar. Uma risada que apenas eu pude ouvir. Uma risada depravada e insana que nada se assemelhava a de um ser humano... Pelo menos não a de um ser humano vivo e sim a de algum espírito maligno e faminto se aventurando no mundo dos vivos pronto para devorar-lhes à alma. Tentei desviar a atenção para algum outro lugar, na expectativa de não pensar no que sempre vinha à minha mente em algum momento do dia ou da noite. Imagens de muffins caindo, de sangue de baixo de uma porta, de corpos ensanguentados cobertos por lençóis. Também havia o som do grito. Quando dei por mim estava de novo vivendo tudo aquilo.

Uma pergunta para você:

O passado está realmente morto e enterrado? Ou ele está te abraçando neste exato momento?

Se for a segunda opção cuidado, pois, o passado tem garras.

...

A delegacia não era muito grande, talvez isto somado aos tons de cinza que dominavam o lugar tanto nas paredes quanto nos uniformes dos policiais e o fato de lá ser uma delegacia que deixavam aquele local um tanto desagradável.

Alisson estava sentado de frente com um policial forte e de corte militar. Havia uma mesa entre eles e uma policial os observava próxima à porta. O interrogador estava ficando nervoso, todos os estágios da técnica de Reid estavam falhando com Alisson que apenas mantinha a cabeça voltada para o chão. Parecia que o que estava diante dos policiais era só uma casca vazia cuja a alma estava mendigando em terras longínquas.

Dayana, Otávio, quatro policiais e eu estávamos assistindo com apreensão tudo que se passava naquela sala através do espelho de observação. A fúria de Otávio era visível. Os policiais tratavam Dayana com respeito e a mim se limitavam a fingir que não estava lá. Um fantasma em meio aos vivos que ainda não se manifestou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O policial que interrogava Alisson saiu da sala com um ar de raiva, pois estava claro no comportamento do interrogado que ele havia invocado o direito ao silêncio.

Otávio suspirou e olhou para Dayana.

- Agora é com vocês!

Todos nos olharam, parecia ser a primeira vez que me viam ali. “Que porra esses dois poderão fazer que nós não pudemos?” Estava praticamente escrito nos rostos deles. Dayana e eu nos entreolhamos e seguimos para a sala de interrogatório. Otávio disse para um policial nos seguir o que me fez sentir como um condenado sendo guiado pelo carrasco em direção à forca.

A sala era gelada o que devia fazer o interrogado sentir constantes calafrios. Alisson e a policial nos seguiram com o olhar. O olhar do prisioneiro era agressivo. Alisson tinha uma gaze no nariz, cicatriz na boca, olho roxo e o braço em uma tipóia. Nos sentamos de frente a ele, o arrastar da cadeira ecoou pela sala como um grito. Dayana sorria o encarando profundamente. O homem não conseguiu sustentar o olhar e o levou para o chão.

- Vou ser direta, Alisson, você está encrencado. Não só podemos como iremos, com muito prazer, te encencar mais ainda - A maneira prazerosa com que ela falou tais palavras era inquietante.

As palavras o afetaram, pois ele ficou em estado de alerta.

Dayana se inclinou e falou baixo o suficiente para que só nós três ouvíssemos.

- A quanto tempo está nos voraces?

Não sei dizer se o rosto dele ficou em choque ou aterrorizado. Talvez um pouco dos dois.

- Diga-me, Alisson - Disse eu quase aos sussurros - você comeu o coração de quantas pessoas? Lembra pelo menos do nome delas? Se não souber poderemos refrescar a sua memória.

Ele engoliu um seco.

Foi minha vez de me inclinar

- Benício, Roseane, Beatriz, Mário, Juliano... Agora sua vez, quais nomes quer adicionar à lista?

A mão de Alison tremia. Alguma imagem de terror percorreu a mente dele.

Dayana sorriu.

- “Bom samaritano” tem algum significado para você?

Ele a olhou como se algum segredo antigo e perturbador tivesse sido revelado.

O homem se levantou o que fez com que os policiais colocassem as mãos nos coldres. Alisson deu as costas a nós e caminhou até a parede.

- Ei, volte para a cadeira. Volte agora! - Falou o mais jovem dos dois policiais se desencostando do beiral da porta - Ei, estou mandando voltar para a cadeira AGORA!

O policial se aproximou dele com a arma em punho. A policial se aproximou, mas não tanto quanto o outro.

E, então aconteceu.

Com uma velocidade incrível, Alisson chocou o corpo contra o peito do policial próximo dele e quando este caiu, Alisson já estava com a arma em punho.

- Ei, seu merda, solte essa arma - Gritou a policial que estava longe caminhando cautelosamente em direção ao prisioneiro - Eu mandei soltar.
- Solte ou você irá morrer, Alisson - Disse Dayana que já havia se levantado e dava alguns passos para frente - Não seja burro.

Alisson apontou a arma em nossa direção. A porta atrás de nós explodiu e Otávio e mais três policiais entraram apontando a arma na direção de Alisson.

Uma aura de terror pairava sobre o prisioneiro como uma tempestade.

- Abaixе essa arma, seu miserável, abaixe agora ou vou matar você!
- Gritou Otávio.

Um alvoroço reverberou por aquelas quatro paredes cinzas. Ameaças e palavrões proferidas aos brados. Alisson olhava apavorado para todas as direções.

Os olhos dele encontraram os meus e então ele levou a arma à boca.

Todos gritaram em uníssono a palavra não.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Alisson fechou os olhos, como se fosse dormir, e apertou o gatilho.

A parede atrás dele se tingiu de vermelho. Ele realmente foi dormir. Um sono eterno. A última coisa que ele viu foi a escuridão, a mesma para qual ele acabara de mergulhar de braços abertos como se fosse dar um abraço.

Todos na sala, principalmente Otávio, gritaram palavrões que não consegui ouvir, tudo pareceu ficar mudo. Era como se alguma divindade ou demônio tivesse silenciado o mundo.

Meus olhos ficaram grudados na parede onde pequenos pedaços de carne deslizavam pela parede agora escarlate.

No chão, Alisson jazia de olhos fechados e boca aberta. Um mar de sangue se formando debaixo da cabeça esfaqueada.

Só restou o silêncio. O silêncio que só a morte traz. Um pensamento fincou violentamente em minha mente feito uma estaca, tão forte que tive a impressão que destruiria aquele mutismo. Era uma pergunta que tinha certeza chegou até Dayana que me observava não horrorizada, mas confusa.

Uma pergunta que logo pareceu ocupar todo aquele cômodo até adensar o ar:

Com o que estamos lidando?

SEGUNDA PARTE

O

cerco

“Quando se encara
por muito tempo o abismo
O abismo
também encara você”

Friedrich Nietzsche

CAPÍTULO

XVI

- Estamos quase lá - Falei ofegante.

Ela me olhou como se eu tivesse dito uma péssima piada.

- Você disse isso a uns dois quilômetros atrás - Disse ela com desânimo.

- Sério? Bom, desta vez eu tenho certeza, estamos chegando - Pisquei para ela que sorriu sutilmente e em seguida revirou os olhos lentamente erguendo a cabeça até completar o movimento com os olhos. Eu adorava essa mania que ela tinha.

Vê-la com aquele semblante cansado e a camisa rosa marcada de suor, contrastando com o verde que nos cercava, fez-me lembrar da primeira vez que fiz aquela travessia. Eu estava quase para desistir e voltar para o hotel, mas um dos membros da equipe, a qual eu estava acompanhando, disse que iria valer a pena, e no final realmente valeu.

- Valerá a pena, você vai ver - Garanti a ela.

- Acho bom, senão te joga daqui de cima. - A ameaça soou impressionantemente séria.

Pisquei de novo e seguimos em frente subindo um pouco mais a colina. O silêncio era cortado pelo suave farfalhar das árvores. Parecia que

elas estavam se comunicando umas com as outras através do sopro do vento. Quando vi a escadaria que nos levaria até o nosso destino, fui para trás de Camila e tapei-lhe os olhos.

- O que está fazendo? - Perguntou ela rindo.
- Quero que seja uma surpresa. Continue subindo.

Depois de subirmos vinte degraus finalmente retirei as mãos dos olhos dela.

- Chegamos! - Gritei levantando os braços em comemoração.
- Deixa eu ver...

Quando os olhos dela encontraram o que eu queria mostrar, ela ficou sem palavras. O grande mirante estava repleto de pessoas das mais diversas idades. Grupos de amigos, casais e pais com filhos adolescentes. Alguns estavam deitados em colchonetes e outros sentadas em panos. Via-se em toda parte churrasqueiras, mesinhas com petiscos e bebidas e toalhas forradas na grama com várias guloseimas em cima. Havíamos cruzado com alguns deles, mas a maioria devia estar lá fazia algum tempo, deleitando-se da tranquilidade e da visão que se estendia à nossa frente.

- Uau, Sam, isso é lindo! - Disse ela contemplando a vista e o cansaço de segundos atrás parecendo se esvair.
- Falei que era.

O sol estava se pondo e espalhando o que restava da luz pelo horizonte. Era possível ver toda a cidade, os vales e colinas ao redor dela, um conjunto de cachoeiras e um lago, todos sendo cobertos primorosamente pelo manto dourado do sol. A luz que nos iluminava fazia-nos parecer seres com auras celestiais que me fizeram pensar em anjos. Ela parecia um anjo.

Camila soltou a mochila com prazer evidente, sentou-se na grama, tirou as yellow boots e abraçou os joelhos. Eu também tirei a mochila e as botas, sentei-me junto de Camila e passei o braço em torno de seus ombros.

- Perfeito, não é? - Perguntou ela sem deixar de olhar o pôr do sol.

Todos ao redor pareciam estar hipnotizados, ninguém dizia uma só palavra, como se tal ato fosse quebrar a magia daquele momento. Todos apenas olhavam o espetáculo diante de nós.

- Sim, é perfeito - Afirmei olhando para ela. Camila se voltou para mim e depositou um beijo em meus lábios.

Eram nossas primeiras férias juntos. Sempre ia passar uma semana naquele hotel fazenda que tinha o adequado nome de “ hotel fazenda da paz”. O mirante era um dos destinos mais procurados da região, junto das águas cristalinas perfeitas para mergulho, as grutas, cachoeiras, culinária caseira e atividades ao ar livre. Naquelas férias fomos também para a praia, que era uma das paixões de Camila. Ainda me lembrava dela correndo em direção ao mar alegremente como se fosse dar o último mergulho da vida dela.

Foram férias inesquecíveis.

Sob a luz do sol que se despedia de nós, Camila apoiou a cabeça em meu ombro. Ficamos de ali sentados até o laranja desvanecer-se do céu.

...

Eu estava segurando meu celular e olhando incrédulo para a mensagem que recebi. Era do hotel fazenda da paz. Eles tinham uma promoção e me enviaram. Aquela mensagem me fez viajar no tempo e tê-la novamente em meus braços. Senti meu coração apertar, mas sorri com a lembrança. Sorrir era algo que não esperava que fosse acontecer naquela delegacia.

Quando a lembrança se dispersou, a imagem que antes flagelava meus pensamentos retornou de imediato. A imagem de um corpo estirado no chão como uma marionete sem ventríloquo. O sangue dele deslizando pelo chão.

Estava sentado na recepção voltando a ficar inquieto e piorando cada

vez mais toda vez que olhava para o cinza das paredes. Todos os policiais alarmados dirigiam olhares curiosos a mim. Sempre que nossos olhares se cruzavam, eu tinha a impressão que algum de nós diria algo. Algo nada agradável. Todos tínhamos perguntas, mas as respostas pareciam que estavam distantes de cada um de nós, como a alma de Alisson estava do corpo que em breve iria para o necrotério.

Uma porta se abriu e Dayana apareceu. Ela lançou um sorriso sem graça e veio até mim. Sentou-se ao meu lado.

- Você está bem? - Perguntou.
- Estou sim e você?
- Precisando me segurar para não socar o Otávio, mas estou bem.

Ela não era a única querendo bater em Otávio.

- Como foi a conversa?
- Quando ele está nervoso não se tem uma conversa, e sim uma gritaria que não leva a nada.
- Então foi uma conversa inútil?

Dayana deu uma risadinha maliciosa.

- Não, não foi, pois eu consigo gritar mais alto e não me preocupo em xingar a mãe dele.

Outra coisa inesperada aconteceu. Eu gargalhei e ela me acompanhou.

- Cuidado - Disse a ela - Aquelas botas de cowboy são ameaçadoras.

Nós dois rimos intensamente e todos os olhares dos policiais se voltaram para nós como se fôssemos personagens de algum show de horrores. Quando as risadas cessaram a expressão de Dayana ficou abruptamente séria.

- Temos que sair daqui. Precisamos conversar - Falou ela com os olhos faiscando.
- Tudo bem, eu também não aguento mais ficar aqui dentro.

Sáímos e notei as cabeças dos policiais nos acompanharem. Dayana dirigiu um olhar ameaçador a eles, percebi que alguns deles se voltaram para o chão.

Havia uma pequena, e bem arborizada, praça na frente da delegacia, nos sentamos em um banco embaixo de uma grande árvore. A praça era simples e agradável, na outra extremidade, havia um trailer de lanches e vi uma borboleta de asas azuis voar e desaparecer no meio das árvores. Um silêncio incômodo apoderou-se de nós.

- Desculpe, Sam - Ela quebrou a quietude -, tive de contar tudo para o Otávio. Tudo, desde o livro até o tiroteio.

Respirei fundo e sorri para ela. A surpresa ficou estampada no rosto dela.

- Se você não tivesse contado eu contaria, Dayana - Virei-me no banco para vê-la melhor - As coisas mudaram. Toda a ajuda será bem vinda, e com a ajuda da polícia teremos mais chances. Dayana... Acho melhor você abandonar essa investigação. Pode ser perigoso. Deixe isso comigo e com...

- Você se lembra bem do que aconteceu agora pouco no meio daquelas árvores? - Perguntou com o rosto assustadoramente sério e uma voz severa.

- Mas é claro.

- Então sabe que precisa da minha ajuda!

Dayana tinha razão, se não fosse por ela eu estaria morto naquele exato momento. Dayana salvou minha vida ao ver que eles iriam atirar, eliminou um dos perseguidores, feriu outro e se não fosse por Alisson estar concentrado nela eu talvez não tivesse o derrubado.

- E eu não sou do tipo que abandona uma investigação, Samuel. Eu tenho que ir até o fim ou eu não vou me perdoar e não irei TE perdoar -

A voz dela se acalmou - Meu pai sempre me disse que tudo que você pode resolver, você deve resolver ou essa coisa não vai te deixar respirar em paz. Não vou te deixar sozinho nessa até ter certeza que resolvemos tudo isso e ponto final.

Ficamos apenas nos observando atentamente. A borboleta pousou próximo de nós como se desejasse saber o que seria decidido ali.

- Eu preciso muito de sua ajuda - Admiti - , mas ninguém simplesmente chegaria atirando em duas pessoas só porque estavam olhando uma casa. Eles nos reconheceram, Dayana. ME reconheceram, e como você estava junto acharam mais seguro te apagarem também. Eu não quero ver mais alguém se machucar por minha...

Não consegui terminar, mas mesmo assim as palavras não ditas queimaram minhas entranhas. Pude ver que Dayana sabia do eu estava falando.

- Eu... Bom eu... Agora que falharam em nos matar, não tenho dúvidas que eles vão fechar o cerco.

Dayana semicerrou os olhos e fechou os punhos.

- Então você precisa de mim mais do que imagina.

Ela estava novamente correta.

- Falei com o Otávio - Prosseguiu ela parecendo encarar a observadora silenciosa à nossa frente - e ele não acreditou muito, mesmo com todas as evidências. Para ele existe um mal entendido em tudo isso. Conheço o Otávio e, mesmo sendo um idiota, ele é competente e irá investigar minuciosamente os homens mortos e o Wilson para tentar encontrar o elo entre eles, mas garanto a você que Otávio não estará procurando uma seita maldita... Nós estaremos. Se conseguirmos mais provas e mostrarmos a ele, tenho certeza que Otávio vai com tudo para cima dos voraces e então será o cerco deles

que irá se fechar.

Aquelas palavras me deram coragem.

- Será que eles já sabem que os dois morreram? - Perguntei - Se não sabem podem achar que nós estamos mortos, isto nos daria uma vantagem.

A expressão dela ficou sombria.

- Por isso temos que correr.

Eu estava feliz em tê-la ao meu lado para atravessar o caminho que estava diante de nós.

- Vamos? - Perguntei a ela.

Dayana sorriu. Nos levantamos e fomos direto para o meu carro. Quando adentramos o veículo, vi a borboleta voar novamente em direção às árvores. Ouvi falar que borboletas azuis significam sorte. Torci para que isso fosse verdade, pois iríamos precisar.

...

Apertamos a campainha e dois minutos depois uma moça magra na casa dos trinta anos apareceu.

- Boa tarde, como vai? - Perguntei dando-lhe meu melhor sorriso.

- Boa tarde! - Ela sorriu de volta fitando o chão com timidez.

O nome dela era Mirelle Ferreira. Tinha sardas no rosto jovial e cabelos longos escuros.

Dayana estava do meu lado. Antes de eu falar alguma coisa, Mirelle perguntou:

- Você não é aquele...

- Sim, sou aquele jornalista - Respondi com uma frieza que não consegui controlar.

A expressão dela ficou confusa e vi que, por baixo de tal confusão,

havia algo mais. Esse algo mais foi ficando evidente nas feições dela. Mirelle estava amedrontada.

- E... O que querem... Comigo?
- Há dois anos você era namorada de Alisson Vieira?

Quando saímos da praça, disse para Dayana que não tinha ideia de como os membros dos voraces eram escolhidos e convidados a entrar na sociedade. Achei que seria correto afirmar que eles poderiam convidar pessoas próximas a eles. Por que não uma namorada?

As pessoas não saem por aí contando detalhes sobre suas vidas, certo?

Não exatamente. Nas redes sociais é possível saber muito sobre as pessoas.

No facebook de Alisson - Que postava muitas coisas - conseguimos descobrir que ele estava solteiro há um ano e meio e que a última namorada se chamava Mirelle. Ainda havia fotos deles juntos datadas de dois anos antes do término. Bastou em seguida encontrar o nome dela em uma lista telefônica.

- Alisson... - Ela respondeu com um arzinho enojado - Eu deveria ter imaginado. Desculpe, mas não gosto muito de falar dele. Acho que os amigos dele não irão se importar em falar com vocês sobre...

Dayana deu um passo à frente e disse em um tom sério:

- Ele acabou de dar um tiro na própria boca.

Foi como se o cadáver de Alisson tivesse se projetado diante de Mirelle e caminhasse tropegamente em direção a ela para lhe dar um beijo ominoso. A mulher ficou pálida e de olhos arregalados. Encarei Dayana severamente. Ela deu de ombros.

- En... Entrem - Convidou Mirelle.

A seguimos para o interior da casa. O lugar era pequeno e seria bem sem-graça e deprimente pelas cores mortas se não fosse a decoração repleta

de personagens da cultura pop. Posters, quadros, pequenos bonecos e esculturas de super-heróis, seriados de tv, personagens de livros e bandas de rock and roll estavam depositados em vários cantos da sala. Fiquei particularmente interessado em um poster da banda “Engenheiros do Hawaii” que estava próximo à televisão. Mirelle se sentou no pequeno sofá, Dayana e eu no maior, que ficava bem à frente de onde ela estava. A jovem recuperou a cor, mas continuava assustada com a notícia.

- Mirelle, sinto muito termos de te informar isso. Sei que tiveram seus bons momentos - Disse a ela.

Mirelle assentiu sem nos olhar. Ela olhava para o tapete que havia a imagem de um disco de vinil desenhado.

- Temos motivos para acreditar que seu ex-namorado pode estar envolvido com um... Uma gangue que estamos investigando.

Mirelle se mostrou chocada como se alguma peça de um quebra-cabeças sombrio tivesse finalmente se encaixado nas profundezas dos pensamentos que percorriam-lhe a mente.

- Em algum momento ele, de alguma forma, tentou te convidar a fazer parte ou conhecer algum grupo de pessoas, ou algum lugar onde faziam... Algum tipo de atividade? Um alguém ou lugar a qual você deveria manter sigilo?

Ela engoliu um seco.

- Se sabe precisamos que nos ajude, Mirelle - Disse Dayana com tom de urgência - Achamos que coisas ruins irão acontecer se não acharmos essa gangue.

A mulher assentiu novamente, mas desta vez com nervosismo.

Todos ficamos quietos. Dayana e eu apenas a observamos. Os olhos dela se levantaram até nós.

- Uma... Uma vez ele me convidou para um lugar. Disse que ele

tinha amigos incríveis que queria que eu conhecesse - O volume da voz dela era baixo como se temesse que o espírito de Alisson pudesse estar vigiando - Foi uma semana antes de nos separarmos. Ele estava empolgado. Disse que eles estavam fazendo algo que tornaria este mundo melhor.

Dayana e eu trocamos um rápido olhar.

- Eu aceitei, mas brigamos dois dias antes de irmos e ele falou que eu não era digna e me fez jurar que não contaria a ninguém.

- O que ele disse que aconteceria se você dissesse? - Interpelou Dayana.

Era possível ver o medo enlaçando Mirelle.

- Ameaçou me bater até não aguentar mais e arrancar a minha língua.

Senti um vento frio sendo soprado na minha nuca.

- Depois desse comportamento, eu decidi terminar com ele. Nunca mais nos falamos.

- Sabe qual lugar era esse?

- O sítio das palmeiras - Ela pronunciou cautelosamente como se fosse um nome amaldiçoado.

Reparei que Dayana cerrou os punhos ao ouvir o nome.

Mirelle trabalhava no shopping em uma loja de decoração pop e disse que tinha que ir, mas eu tinha experiência o suficiente para saber que ela queria na verdade era se livrar de nós, pois falar de pessoas que já não estão no mundo dos vivos incomoda. Não é?

Agradecemos a ela pela colaboração e, quando estávamos saindo, Mirelle nos chamou e disse quase sussurrando:

- Não sei o que houve com ele. Alisson era um bom homem, mas no nosso último ano juntos ele ficou estranho.

- Como assim estranho? - Perguntei.
- Mais agressivo e começou a tratar algumas pessoas com uma certa... Repugnância.
- Como se ele fosse superior a elas?

Ela confirmou com um aceno de cabeça. Envolvi as mãos dela com as minhas.

- Obrigado, Mirelle, você nos ajudou imensamente. Muito obrigado mesmo.

Mirelle corou e sorriu.

Deixamos a casa e quando entramos no carro, Dayana me encarou. Os olhos dela irradiavam uma luz que por um momento me espantou.

- Sabe o sítio que ela falou? - Perguntou ela.
- O que tem ele?
- É propriedade do Wilson.

...

Depois que Wilson me seguiu com um olhar ameaçador eu decidi investigá-lo. Não foi difícil. Precisei apenas ter uma conversa amigável com o simpático atendente da sorveteria da qual Wilson havia saído. Depois de elogiar o time na camiseta do rapaz - E nem sou fã de futebol - foi bem fácil descobrir o nome do dono do lugar. O dono era o próprio Wilson, que raramente visitava o estabelecimento. Após descobrir o nome dele realizei uma pesquisa.

Wilson Mauá era o filho mais velho de uma família de ricos fazendeiros da cidade. Possuía um irmão e uma irmã. Os três parecem não se dar muito bem. Wilson se formou em engenharia agrônômica, mas levava jeito com vendas e, juntando as duas especialidades, conseguiu se dar bem com os negócios da família e com os próprios. Prosperou e, graças ao forte

carisma, foi duas vezes eleito vereador da cidade. Consegui encontrar vídeos de alguns dos comícios dele e o sujeito era o típico homem que dizia o que a classe dominante queria ouvir. Um ser de palavras doces, braços que estão sempre abraçando alguém, mãos que sempre apertam outras e lábios que jamais deixam de formar sorrisos. Um verdadeiro político.

Será que por baixo de todo aquele encanto poderia existir um assassino?

Até aquele momento tudo indicava que sim.

Dayana e eu estávamos nos dirigindo para o sítio dele. Enquanto olhávamos a paisagem de um verde brilhante e uma pequena fumaça mais à frente que devia ser de uma pequena queimada de cana, minha amiga explicava que Otávio tentou ligar para Wilson, mas caía sempre na caixa postal.

- Será que eles fazem a cerimônia nas duas casas? - Perguntei.
- Não, acho o sítio bem pequeno para o ritual deles. E também não acho que Alisson a levaria para conhecer o “grupinho” deles em um dia de ritual - Respondeu ela olhando o horizonte - Acho que ele iria levá-la a um outro tipo de encontro.

Dayana se virou para mim com um o semblante de quem está vislumbrando alguma visão em outro tempo ou espaço.

- Seria assustador demais um dia, de repente, você se ver em uma sala cheia de estranhos indo matar alguém. Acho que eles convencem os “escolhidos” a membro aos poucos.

Absorvemos em silêncio os pensamentos trazidos pelas palavras.

- Tem razão, Dayana. Primeiro você diz que faz algo que torna o mundo melhor...
- Depois tenta alimentar o ódio por certas pessoas no coração do escolhido...

- E aí quando ele estiver certo que eliminar os “filhos do pecado” fará deste mundo um lugar melhor...
- Você o leva para a cerimônia.

Palavras não foram mais necessárias, era como se pudéssemos ler os pensamentos um do outro. Talvez aquele sítio pudesse ser um lugar para reuniões, seleções ou para fazer lavagens cerebrais em pessoas para que elas matassem outras e acreditassem que isso era um ato divino. Alguém carismático e com palavras doces seria bem vindo para ajudar neste processo. Concorda? Quem sabe até liderar uma seita de assassinos.

Estávamos na área rural de Novo Caminho. Não víamos sítios por pelo menos dois quilômetros, apenas o mar de canaviais.

- Wilson... - Falou Dayana - aquele desgraçado. Só de pensar que votei...

A voz dela morreu. No exato momento, eu entendi com assombro o porquê.

Em nossa frente erguia-se a mesma fumaça negra, mas vimos que não era uma queimada de cana.

Acelerei e nos deparamos com o que temíamos. O pequeno sítio, que era rodeado por palmeiras, estava ardendo em chamas.

- Mas que desgraça! - Gritou Dayana.

Encostei o carro de qualquer jeito e corremos em direção a casa na esperança de achar alguma coisa. O calor começou a se intensificar, mas mesmo assim eu sentia meu sangue gelar.

Antes de chegarmos mais perto alguma coisa lá dentro explodiu e destroços voaram.

- Cuidado!- Gritei segurando Dayana pela mão e nos agachando antes que os fragmentos de alguma coisa nos atingissem.

Nos levantamos e corremos dando voltas na residência, que devia ter

cinco cômodos, tentando encontrar algo, mas quase nada além do fogo era visível. Chegamos ao maior cômodo onde a porta estava escancarada. De onde estávamos, era possível ver que móveis estavam sendo carbonizados. Alguns objetos estavam emitindo ruídos que se assemelhavam a gemidos de dor. Quatro bancos de madeira, não muito grandes, enfileirados dominavam o cômodo. Chegamos a tempo de ver uma imagem que quase me fez perder a firmeza nas pernas e cair de joelhos como um condenado rezando por piedade. Um rosto queimando. Um rosto pintado em um quadro. Uma face que eu conhecia muito bem. O quadro que devia ter mais de um metro e meio estava encostado na parede e o fogo já havia alcançado a moldura dele. Um pano que estava sobre ele escorregou e estava caído no chão quase todo queimado.

Antes de raciocinar sobre o que iria fazer, eu adentrei a casa antes do fogo se alastrar pelo caminho livre. Ao fundo, ouvi Dayana gritar meu nome. O calor era infernal e sentia que minha pele iria descolar do meu corpo. Os sons das chamas estalando apunhalaram meu tímpanos e me fizeram voltar ao meu pesadelo. Logo ouvi os gritos agonizantes dos condenados.

- AJUDA A GENTE, SAM!

Com um ligeiro tremor, peguei o celular do bolso e aumentei o zoom da câmera. Tirei uma foto. Corri dali o mais rápido que pude com a perturbadora impressão de ter visto algum corpo sendo incinerado pelas chamas me estender as mãos em um gesto de súplica.

Cheguei ao lado de fora tossindo e com as pernas bambas.

- Você está bem, seu maluco? - Perguntou Dayana que correu até mim.
- Estou sim - Falei ainda tossindo.
- Vamos sair daqui.

Deixamos o fogo para trás e fomos para perto do carro. O ruído dos

estalos continuava zunindo em meus ouvidos.

Ficamos de longe olhando a casa ser devorada vorazmente. Ainda me perguntava se realmente havia visto um corpo lá dentro ou se foi uma ilusão. Eu imaginava que logo um bramido de dor iria vir lá de dentro. Mas, felizmente, nada veio.

- Não sei se isso foi coragem ou burrice, mas espero que tenha valido a pena - Disse Dayana secamente.
- Valeu sim - Respondi segurando meu celular.
- Era mesmo ela no quadro? - Perguntou ela com um traço de temor no rosto.

Eu assenti com pesar. Mostrei a foto a ela tentando não olhar a imagem no celular. Dayana a observou com uma expressão enojada. Devolveu o telefone para mim como se segurasse a carcaça de algum animal estripado. Olhei para foto e tive vontade de atirar o celular para as chamas.

Na pintura, que continha uma pequena assinatura que não reconheci, uma mulher estava nua em um fundo repleto de árvores de um verde lustroso que estavam embaçadas. O corpo branco e esbelto da moça estava de perfil e ela caminhava delicadamente com os cabelos esvoaçando. A mulher estava com o rosto virado na direção de quem olhava à pintura realista. Ela sorria, não um sorriso lascivo e sim um sorriso sereno e quase angelical.

A mulher era Heloísa Albertini.

Dayana pegou o celular dela e ligou para alguém.

- Otávio, aqui é a Dayana. Preciso que venha... Ouça, preciso que venha até o sítio das Palmeiras. Escute... Por favor, Otávio... Deixe eu terminar... CALA BOCA E ESCUTE...

Aquele grito me libertou do torpor que eu me encontrava.

- Alguém incendiou o sítio das palmeiras, aquele sítio pequeno do

Wilson. Sim, você ouviu certo. Queimaram o sítio. O Sam e eu estamos aqui... Sim, ele está comigo... Vamos explicar quando vocês chegarem, entendeu? Falou com o Wilson?

Dayana ficou em silêncio ouvindo o que Otávio dizia e então de repente a boca se contraiu e os olhos se arregalaram um pouco.

- Não pode ser! - Disse ela de uma maneira perturbada - Meu Deus... Certo, estaremos aqui.

Dayana ficou paralisada após baixar o celular do ouvido. Os olhos dela brilhavam com o reflexo das chamas que crepitavam e terminavam de se alimentar dos restos da casa.

- Dayana? Tudo bem?

Ela se virou lentamente para mim.

- O que houve?

- O Wilson, Sam.

- O que tem ele?

- Ele... Ele foi morto a facadas e deixaram o corpo dele em uma caçamba de lixo. Acreditam que houve luta, pois o braço dele estava quebrado e havia hematomas no rosto dele.

Senti uma pontada no peito.

- Uma mulher disse ter visto dois homens de preto jogarem o corpo dele lá.

Não existiam palavras para serem ditas. Tudo que fizemos foi olhar para as chamas e a fumaça negra que se erguia.

CAPÍTULO

XVII

Não demorou para que os policiais chegassem. Vieram duas viaturas e, para minha surpresa, a familiar caminhonete prata de Otávio. As chamas já haviam dilacerado a casa que era visível apenas alguns contornos da construção.

Os policiais desceram das viaturas com a atenção voltada para o que restara da residência. Otávio vinha logo atrás com passos rápidos e uma visível fúria. Ele empurrou os policiais que estavam no caminho com muita facilidade devido ao porte físico. Foi o único que ignorou o fogo, era como se não estivesse havendo um incêndio a não muitos metros dele. O homem mirava apenas uma pessoa. Eu.

Otávio me agarrou pela camisa e me prensou contra meu carro.

- O que você pensa que está fazendo? - Gritou Dayana.
- Para trás, Dayana - Ordenou ele com rispidez -, já passou da hora de eu ter uma conversinha com esse sujeitinho. Não se aproxime, não me obrigue a pedir para te segurarem.
- Vai ter que pedir mesmo - Vociferou ela e começou a andar.
- Não, Dayana - Disse a ela - Fique aí, por favor.

Dayana e Otávio se mostraram chocados. Otávio e eu nos encaramos.

- O que foi que você descobriu? - Perguntou ele pronunciando cada palavra com ênfase agressiva e tão perto que pude sentir o hálito dele.
- Acho que você já sabe, Otávio.

- O que você descobriu? FALA! - Gritou de uma forma quase animalasca fazendo gotas de saliva respingarem em mim.

Ele apertou com mais força a minha camisa, eu tinha certeza que logo ele a rasgaria. Desvencilhei com violência dos braços dele, o que fez a fúria presente nele aumentar.

- Não te falaria nem que minha vida dependesse disso - Disse com calma batendo com o indicador no peito dele conforme pronunciava cada palavra.

Otávio cerrou os punhos e falou quase em um sussurro.

- Você não sabe, mas talvez a sua vida dependa disso.

Encurtei a distância entre nós com um passo.

- Está me ameaçando, Otávio?

Ele não respondeu, ficou apenas me encarando seriamente. Eu retribui o olhar enquanto o som do fogo brandia em nossos ouvidos e o cheiro de objetos sendo carbonizados subjugava o ar.

- Você não sabe com o que está lidando! - Disse ele com um ameaçador brilho nos olhos.

- Então por que não me diz com o que estou lidando? - Repliquei com a voz sugerindo um desafio.

Otávio soltou a gargalhada mais sem graça do mundo e deu as costas a mim.

- Saiam daqui antes que eu prenda vocês dois.

- Espera. Descobrimos algo - Falou Dayana.

O homem congelou. Antes que ele se virasse pronunciei para Dayana sem emitir som a palavra não.

- O que descobriram? - Quis saber Otávio com um forte interesse.

Fitei Dayana com preocupação. Ela não me olhou, manteve-se fixa em Otávio e berrou:

- QUE VOCÊ É MAIS IDIOTA QUE PENSÁVAMOS!

Uma veia saltou no pescoço de Otávio enquanto o rosto dele assumia um semblante de pura cólera.

- SUMAM DAQUI!

Dayana veio até mim e deu uma piscadela.

- Vamos, Sam, antes que eu dê um tiro nele - Falou ela em um volume bem audível, o que fez Otávio fulminá-la com o olhar.

Entramos no carro. Dei partida e, enquanto deixávamos o lugar, observei Otávio uma última vez. O sujeito olhava o fogo como se considerasse a hipótese de se jogar nas entranhas ardentes da casa ou como se as chamas pudessem lhe revelar algum segredo há muito tempo cobijado.

Pela segunda vez naquele dia, eu desejei poder ver o mundo pelos olhos de outra pessoa. Assim eu poderia saber o que Otávio estava escondendo de nós.

- O que você sabe sobre o Otávio, Dayana? - Perguntei vendo os policiais pelo retrovisor.

- O mesmo que você. Ele é filho de um casal de policiais daqui da cidade, é conhecido pela ferocidade, é divorciado, gosta de futebol e de andar a cavalo. Apenas isso - Ela me fitou - O que está passando pela sua cabeça? Não acha que ele é um vorace, acha?

Não conseguia desviar a atenção da fumaça que se agigantava no céu e do fogo abaixo dela. Ainda reparando no cenário tórrido que ficava para trás respondi:

- Ele está muito interessado no que sabemos. Este caso está mexendo muito com ele, como se o que nós sabemos pudesse colocá-lo... Em perigo

Um caminhão de bombeiros passou por nós a toda velocidade. O verde já não parecia mais tão brilhante como antes.

- É cedo pra afirmar isso, mas acho que devemos tomar cuidado com ele. Muito cuidado.
- Eu entendo seu ponto de vista, mas trabalhei com ele e, mesmo sendo um babaca, o Otávio é um cara que moveria montanhas pela justiça.
- Ouvi falar sobre isso, mas você também não achou estranho o jeito que ele está se envolvendo nos crimes de hoje?
- Na verdade, eu reparei que ele tem algo contra você... E parece pessoal.

Aquela afirmação me atingiu como um soco. Não havia pensado sobre aquilo. Desde que me viu pela primeira vez, Otávio mostrou uma grande aversão a mim, igual...

- Igual ao Wilson - Disse a ela.
- Virei-me e nossos rostos ficaram frente a frente.
- Algo que eu sei, algo que eles pensam que sei ou algo que eles não querem que eu saiba está os incomodando muito.
 - Acredito que são as três coisas, Sam.

Após ver que eu assenti, Dayana contemplou silenciosamente a paisagem à nossa frente.

- Aquele quadro te sugere alguma coisa? - Perguntou ela ainda contemplando o caminho adiante.
- Fiquei mudo pensando na pintura.
- Não, Dayana.
 - Está claro, Sam, ela devia ter um amante que fazia parte da seita. Um amante com dotes artísticos.
 - E se eles a obrigaram a posar para a pintura? - Notei tarde demais que elevei minha voz.
 - Certo, então ela para fugir desse artista matou o marido e foi

embora? - O sarcasmo na voz dela me incomodou. Eu a encarei - Você já desconfiava que ela era parte da seita, esse quadro pode ser uma prova - O rosto dela voltou aquela expressão severa - Lembro que você havia me dito que acreditava que ela poderia ter matado o Felipe, mas acho que você mentiu sobre isso.

Por longos instantes aquelas palavras ficaram ecoando em minha cabeça. Ela ficou apenas me olhando como se estudasse os efeitos das palavras que proferiu.

- Temos de descobrir mais sobre Otávio, Dayana. Vamos deixar Heloísa para depois, se o Otávio for membro da seita as coisas vão ficar difíceis.
- Já estão ficando. - Ela socou a palma da mão e voltando os olhos para a estrada - Como eu queria ter colocado as mãos no Wilson. Poderíamos ter descoberto muita coisa.
- Não consigo acreditar. Se Wilson era mesmo um vorace, quer dizer que eles estão matando uns aos outros. Isso é muito insano.
- São um bando de psicopatas tentando manter a matança em segredo. Wilson virou um elo fraco na corrente, eles tiveram que dar um jeito nele - Voltou-se para mim com um tom que antecede uma notícia ruim - Acho que eles serão capazes de coisa bem pior para não serem descobertos.

Ela estava correta mais uma vez. Os voraces não mediriam esforços para manterem a “cruzada” deles viva, nem que fosse necessário eliminar o companheiro ao lado.

- Wilson era divorciado, não era? - Perguntei preocupado.
- Sim, ele foi casado com a diretora...

Dayana compreendeu onde eu queria chegar.

- A Carmen talvez saiba de alguma coisa - Continuou ela - , então

ela corre perigo - O semblante dela se anuviou - Se estivermos certos sobre o Wilson é certo dizer que ela pode saber de alguma coisa... Ou ter sido uma deles... Ou que ainda seja.

- Teremos de ir até lá e descobrir o que ela sabe e se iremos protegê-la ou dar um jeito de prendê-la. Sabe como chegar à escola que ela trabalha?

- Claro, estudei lá.

Nuvens escuras deslizavam no céu de uma maneira quase assustadora, parecia que desejavam devorar as nuvens brancas que estavam no caminho delas.

Acelerei torcendo para que um grupo de pessoas não estivessem indo em direção à Diretora Carmen, igual aquelas nuvens.

...

Deixamos para trás os canaviais e estávamos percorrendo, às pressas, as ruas calmas de Novo Caminho. Dayana e eu mal conversamos durante o trajeto, estávamos absortos na torrente de pensamentos que vinham até nós.

Passamos em frente a um grande muro de uma escola que, em sua frente, as árvores eram tão grandes que as sombras dominavam a rua. Ao passar nessa rua, uma coisa me chamou a atenção. Um desenho feito em grafite fora feito naquele muro acinzentado. Um desenho que me surpreendeu. Um fecho de luz que trazia vida e alegria à melancolia carregada pelas sombras. Na ilustração, um grande risco ziguezagueava simbolizando o batimentos cardíacos, as linhas formavam um gigantesco coração no centro e depois voltavam os zigue-zagues. Dentro do coração, lia-se em letras de mão: Carla e Murilo para sempre.

Uma cicatriz do amor nas ruas. Quantos suspiros e reflexões aquele desenho já não deve ter trazido às pessoas que passaram lá em frente?

Quantos já não se pegaram sonhando em um dia serem alvos de uma declaração de amor como aquela? Quantos pares de olhos se iluminaram diante daquele gesto?

Infelizmente aquela imagem me fez lembrar de Laura.

Era o primeiro natal que eu passava com Camila. Roberto possuía um agradável rancho, e como ia passar o natal com a esposa e os três filhos no Rio de Janeiro, ele o emprestou para minha comemoração. O lugar era pequeno e aconchegante, tinha piscina, uma churrasqueira, fogão a lenha e uma área onde se poderia armar uma rede e ficar deitado respirando o límpido ar e ver as árvores que se estendiam à frente.

Mamãe preparava a fantástica feijoada que apenas ela sabe fazer, papai estava na churrasqueira, meus sogros cuidavam das guarnições e conversavam com meus pais. Eu estava sentado em um banco embaixo de uma árvore que fazia uma boa sombra e ficava não muito distante da piscina. Eu olhava de relance às crianças dentro da água brincando com minha irmã e meu cunhado, tinha certeza que algum deles iria tentar me agarrar e jogar na água. Quando não os observava, mantinha minha atenção no livro “A Sangue Frio” de Truman Capote. Olhei desconfiado para Karen que saiu da piscina, mas ia apenas tomar refrigerante. Vi Camila vindo em minha direção com os cabelos negros soltos balançando a cada passo. Ela estava brava e eu sabia o motivo, havia discutido com Laura. Camila puxou uma cadeira e se sentou à minha frente.

- O que aconteceu, Mila? - Perguntei posicionando o marcador de página e fechando o livro
- Laura! - Respondeu.
- O que foi desta vez?
- Te falei do rapaz que ela estava namorando? - A voz dela estava tomada pela revolta.

- Aquele que é professor de educação física?
- Ele mesmo.

Camila havia apresentado um professor que dava aula na mesma universidade que ela. O rapaz loiro era bem humorado e, ao que parecia, tinha muito em comum com Laura que era instrutora em uma academia e também gostava de uma boa ficção-científica.

- E o que tem ele? - Indaguei já sabendo o que ela responderia.
- Laura o dispensou! - O tom de revolta aumentou.
- E por quê? Só por que eles não entram em um acordo sobre se a saga Star Wars é melhor que Star Trek? - Brinquei me preparando para soltar uma gargalhada.

Camila me olhou com os dizeres “ estou falando sério” escritos no rosto.

- Ela simplesmente ligou pra ele dizendo que não queria mais vê-lo!
- A tonalidade da voz dela saiu mais alta do que ela provavelmente esperava.

Fiquei surpreso, não com o volume da voz, mas com a maneira que Laura terminou o namoro.

- Sério? E qual foi o motivo?
- Laura falou que - Começou a imitá-la falando de um jeito despreocupado - não estava mais a fim de viver um relacionamento sério, porque quer realizar outras coisas no momento.
- Realizar o quê?
- Nada, Sam! - A voz se elevou novamente - Era só uma desculpa para chutar o coitado. Ele havia acabado de comprar alianças de compromisso e dar a ela de presente de natal. O Nando estava tão feliz, tinha dito que iria pedir para o amigo dele, que sabe fazer arte em grafite, escrever uma mensagem de amor para ela em um muro

próximo do trabalho dela. Acho que ele já ligou centenas de vezes para ela e ela não está nem aí e ainda por cima jogou a aliança no rio Tietê. Quase a puxei pelos cabelos.

Camila ficou me olhando como se esperasse minhas palavras.

- Nossa, Mila, isso que ela fez foi bem cruel. Realmente quando vi os dois juntos eu achei que se davam bem, parecia que dessa vez iria para frente. E como ela está?

Camila revirou os olhos lentamente erguendo a cabeça com gesto e começou a falar com frustração:

- Laura age como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse namorado e iludido o rapaz por quatro meses, fingindo que gostava dele. Eu não entendo como ela consegue ser tão... Fria.

Pelo que Camila me contara, sempre que Laura entrava em um relacionamento ela nutria esperanças e expectativas no companheiro e de repente ela o deixava de lado sem o mínimo de delicadeza. No dia seguinte ao término, agia como se o ex-namorado nem sequer tivesse existido e recusava todas as tentativas que o sujeito fazia para reatar. Nando havia sido o que durou mais tempo. O que mais incomodava Camila era que a irmã mais nova não demonstrava nenhum remorso e sim - Camila, teve uma ligeira impressão certa vez - prazer.

- Mila, deixa isso para lá, é inútil - Disse a ela segurando-lhe a mão - Você vai insistir e tudo que vai conseguir é que ela fique brava com você. Laura ainda não achou alguém que mexa com o coração dela, quando encontrar duvido que fará o que fez com o Nando. E quem sabe esse amor acabe fazendo o mesmo com ela e aí sim a Laura vai cair na real. Deixe ela cair sozinha. Esqueça.

Camila suspirou e pousou a cabeça na mesa. Levantou os olhos até mim.

- Espero que quando se cansar de mim, não termine comigo do jeito que ela terminou com o Nando - Pediu fazendo beicinho.

Soltei uma risada, me ergui e a beijei por cima da mesa.

- E quem disse que um dia vou me cansar de você, sua bobinha?

Camila me beijou.

- Vou lá ver se o peru está pronto - Levantou-se e começou a caminhar e, após se distanciar um pouco, ela voltou o olhar para mim - Não entre na piscina sem mim.

- Pode deixar.

Ela entrou na casa. Voltei a atenção para o livro.

- Sempre com um livro na mão, Sam.

Desviei meus olhos das páginas e então a vi caminhando serenamente, parecendo que em breve iria flutuar. Laura, com aqueles cabelos escuros até a altura dos ombros, usava um vestidinho verde escuro e chinelos. Ela não se assemelhava nem um pouco com alguém que na noite passada se desfez do namorado e sim alguém que acabou de despertar de uma prazerosa e revigorante noite de sono, que comeu seus pratos favoritos na mesa do café da manhã e agora rumava para um dia cheio de promessas alegres.

Sentou-se à minha frente e trocamos um sorriso.

- Livros são um dos meus vícios que não consigo largar! - Respondi com ânimo.

- Acho que você não corre nenhum risco com esse vício - Falou ela erguendo uma garrafa de cerveja.

- Não tenho tanta certeza, Mark Chapman matou Lennon inspirado por um livro.

Ela simulou medo e depois começou a gargalhar.

- Espero não estar na sua lista negra, Sam.

- Não, não está, mas seu chefe vai entrar se ele não parar de me olhar

feito toda vez que me vê com a Mila.

Laura soltou uma alta e calorosa risada.

- Ele tinha uma quedinha pela Camila, até hoje não entende o porquê de ela não querer ter ficado com um empresário maromba - Respondeu rindo e repentinamente assumiu pose de quem considera uma possibilidade - Provavelmente ele teria me dado um aumento se estivesse namorando minha irmã...Mas eu ainda gosto mais de você do que dele, Sam.

- Estou honrado - Disse solenemente -, e também gosto bastante de você, mesmo sabendo da crueldade que fez com o Nando.

Laura revirou os olhos e ao mesmo tempo ergueu um pouco a cabeça até completar o movimento dos olhos. O mesmo hábito de Camila.

- Ela não vai me deixar esquecer daquele cara.

Pelo jeito que ela falou “aquele cara” parecia que se referia a um estranho que veio perguntar-lhe as horas no metrô.

- É que a Mila tem muita amizade com ele e gostava de ver vocês juntos, o Nando é um cara legal - Inclinei-me abaixando a voz - Você não acha que foi muito dura com ele?

Laura fez um muxoxo e tomou um demorado gole da garrafa de cerveja, o que deixou claro qual era a opinião dela.

- Ele vai sobreviver. Tem milhares de mulheres nesta cidade que sonham em achar um cara musculoso, ele vai achar alguém rapidinho. Não se preocupem, não arranquei as bolas dele fora. Ele ainda poderá ter filhos um dia.

Tomou outro gole e olhou para as árvores ao redor com uma serenidade encantadora e quase invejável.

- Vi você lendo um livro esses dias, qual era? - Perguntei para mudar de assunto.

A mulher se mostrou alegre.

- “A origem das espécies” - Disse ela.
- Aquele do Charles Darwin?
- Esse mesmo. É meu livro favorito, já é a quinta vez que leio ele. Você com certeza já o leu.
- Na verdade, não. Nunca fui muito fã de biologia, mas já ouvi dizer que é um livro ótimo.
- Ótimo é pouco, foi um dos motivos para eu querer estudar educação física - Os olhos castanho-escuros, quase negros, dela reluziam .
- Sério? O que nele te fez escolher educação física e não biologia ou antropologia?

Ela se inclinou um pouco para frente.

- Porque fomos esculpidos durante milhões e milhões de anos até sermos como somos. Pense em quantas espécies que hoje não existem mais que serviram de escada para que chegássemos ao corpo perfeito. Sam, nosso corpo é nossa dádiva mais importante, ele é a prova da evolução e de que podemos chegar muito mais longe, então é nosso bem mais valioso e deve ser bem cuidado.

Fiquei surpreso, nunca havíamos conversado sobre o motivo dela escolher a profissão que executava tão bem.

- É um pensamento muito interessante, Laura.

Ela sorriu e se inclinou um pouco mais.

- Você acredita em evolucionismo, Sam? Ou acredita que uma mulher que gosta de maçãs e um homem sem costela deram à luz a todos nós?

Por experiência própria, eu sabia que a fé de como tudo começou é um assunto delicado, mas não resistia a debater sobre ele.

- Bom, Laura, não acredito em Adão e Eva, mas é impossível dizer que tudo foi como Darwin diz. Embora eu ache que estamos sempre evoluindo como espécie em muitos aspectos, em outros estamos andando para trás. Então, acho que todas as teorias tem algo de válido. Se fomos criados por um Deus, Ele pode ter criado tudo para que fossemos evoluindo, não é? Evoluirmos até encontrarmos nossa melhor versão. Quem sabe uma espécie de humano mais tolerante, mais sábio e mais forte.

Laura riu e me olhou com uma admiração que nunca havia me olhado antes e que nunca mais chegou a olhar.

- É nisso que acredito, Sam. Se Deus nos criou, Ele nos criou para evoluirmos cada vez mais até o alcançarmos - Um sorriso se estendeu nos lábios dela - Uma espécie poderosa como os deuses. Mas, isso só será possível se superarmos as fraquezas da nossa espécie.

- E qual das fraquezas você acha que devemos superar primeiro? - Perguntei com empolgação, pois aquele ponto de vista era novo para mim.

Os olhos de Laura brilharam ao pensar na resposta. Ela respondeu baixo como se fosse um segredo:

- A forma que buscamos amor, Sam.

Empertiguei-me na cadeira.

- Como assim?

Uma excitação por falar daquele assunto transparecia nela.

- Olhe ao redor, todos só querem saber de serem amados, apenas isso. As pessoas abandonam tudo que possuem e tudo que poderiam possuir, apenas para serem amadas e aceitas. Isso é um erro, pois, essa busca nos afasta da nossa natureza.

- E qual é a nossa natureza? - Perguntei já me sentindo incomodado

pelo que ela dizia.

Um sorriso que me causou um arrepio se formou no rosto dela.

- Evoluir, Sam. Evoluir o máximo que o tempo deixar. Buscar ser amado é um erro, pois ele te faz querer se igualar a alguém em vez de buscar o máximo do seu ser, entende? - Centelhas ardiam no escuro daqueles olhos - Imagine como seríamos grandiosos se não estivéssemos o tempo todo correndo atrás de um sentimento que não nos leva a lugar nenhum e que só nos afunda na mediocridade. Poderíamos criar o mundo perfeito... Uma utopia.

Por alguns segundos ficamos nos fitando. Laura continuava sorrindo enquanto as palavras dela despedaçavam minha mente. Palavras se espalhando por toda minha cabeça como as orações que se espalham pelo infinito.

- Uau, Laura, é um pensamento... Instigante. Obrigado por compartilhá-lo comigo.

Ela sorriu novamente e mordeu os lábios. Laura me olhava de uma maneira estranha. Por um minuto imaginei que ela desejava a minha alma.

Laura se recostou na cadeira e respirou o ar rural.

- Gosto deste lugar - Mudou de assunto - , é muito bonito. Lembra o sítio do meu tio Edir.

- Mila falou desse seu tio, mas não sabia do sítio - Respondi aliviado por ela não estar me olhando como antes.

- É porque dificilmente ela vai até lá, meu tio quase nunca está lá - Laura se curvou na mesa e abaixou a voz - Vou lá escondida quando quero relaxar e ficar sozinha, fiz uma cópia das chaves dois anos atrás quando ele me emprestou o lugar para fazer uma festa.

Soltei uma risada.

- Pelo volume da sua voz, acho que a Mila não sabe disso, ou seja,

temos nosso segredinho?

Laura deu uma piscadela.

- Garoto esperto - Ela disse e depois suspirou - Eu poderia morar aqui.
- Acho que você deveria experimentar a rede que tem do outro lado.
- Boa ideia, vou fazer isso depois do almoço que, pelo que estou vendo, será fantástico.
- Modéstia à parte, a feijoada da minha mãe é a melhor que você irá comer na sua vida.
- O cheiro não deixa dúvidas de que você tem razão.

Outro gole de cerveja e aí ela fechou os olhos como se degustasse de pensamentos deliciosos. Fiquei observando-a e pensando quais pensamentos peregrinavam-lhe à cabeça.

Laura era três anos mais nova que Camila, elas possuíam um inteligentíssimo irmão mais novo chamado Maicon que estudava medicina em uma faculdade federal. Maicon, que estava na piscina naquele momento, havia se dado bem comigo por também gostar de filmes. Os três eram bem unidos, mas as duas irmãs eram quase como planta e a terra, pareciam não viver uma sem a outra. Ambas até moravam juntas. Quando Camila conseguiu o emprego como professora de literatura e línguas em uma bem conceituada universidade, as duas decidiram morar juntas, pois, Laura iria cursar educação física na faculdade onde a irmã lecionava. Elas compraram juntas a casa e decidiram que quando fossem se separar, caso uma se casasse ou algum outro motivo, venderiam a casa e dividiriam o dinheiro entre si.

No início de meu namoro, eu tinha a ligeira impressão de que Laura me via como um invasor na pequena fortaleza dela e da amada irmã, o par de mãos que arrancaria com violência a planta da terra. Por duas vezes a vi me observar gelidamente quando nossos olhos se encontravam, Laura esboçava

um sorrisinho. Com o passar do tempo, essa impressão foi diminuindo e pareceu que Laura passou a aprovar que Camila e eu estivéssemos juntos e que, possivelmente, no futuro ela a deixaria para viver ao meu lado. Um futuro para irmã, sem ela. Vendo-a desfrutar da alegria naquele rancho em um dia de natal, perguntei a mim mesmo:

Será que aprovou mesmo?

Laura abriu os olhos e os levou até mim, sorriu como se tivesse notado que era nela que eu estava pensando.

- Tudo bem? - Perguntou.
- Tudo sim, é que, às vezes, sua irmã faz a mesma coisa que você. Fecha os olhos e se perde em pensamentos.

Laura alargou o sorriso e apoiou o rosto nas mãos. Os olhos dela perfuraram os meus e um brilho irradiava daqueles olhos quase negros. Um brilho que, não naquele dia, mas algum tempo depois, me assustaria.

- Você gosta muito da Camila, não é, Sam?

A pergunta me impressionou.

- Eu a amo, Laura - Afirmei vendo Camila levar pratos à grande mesa de madeira na varanda e conversando com Karen que a ajudava - A amo mais do que imagina.

Mirando o lugar onde meus olhos apontavam, Laura viu a irmã. Camila se virou retribuiu o olhar de Laura e colocou as mãos na cintura, apontou o dedo indicador na direção da moça e o moveu como se estivesse disparando uma arma. Laura por sua vez, fingiu ter sido atingida segurando o peito com as duas mãos e deixou a cabeça pender para baixo, quando a levantou soprou um beijo na direção da irmã que balançou a cabeça e entrou na casa. Laura se voltou para mim apoiando o rosto novamente nas mãos.

- Posso te dizer uma coisa, Samuel?
- Mas é claro, o que quiser.

- Você faz minha irmã muito feliz. Ela merece alguém que a trate bem, a faça sorrir e que a ame bastante. Você está sendo esse alguém.

Uma onda de bons sentimentos inundou meu âmagô. Quase me levantei para abraçá-la, mas, apenas sorri para ela.

- Obrigado, Laura. Fazê-la feliz é tudo o que quero.

Ficamos apenas contemplando o rosto um do outro. De repente, a linha que formava o sorriso de Laura foi diminuindo e os olhos brilhantes se estreitaram um pouco, parecia que meu corpo havia sido trocado pelo de um estranho.

- Se você a magoar, Samuel... Eu mato você.

Um calafrio vagueou meu corpo. Imaginei que ela iria rir para mostrar que era uma brincadeira, mas não aconteceu, Laura ficou apenas me encarando, sugando-me para o negror dos olhos dela. Ficamos nos observando cobertos pelo silêncio que nos abateu. Repentinamente ela começou a gargalhar vorazmente.

- Estou brincando.

Comecei a rir junto dela, mas sem a mesma intensidade, pois as palavras “mato você” continuavam sendo repetidas em meus ouvidos.

- Essa foi boa, Laura, me assustou.

Ela piscou para mim. Ao longe, vimos os pratos sendo levados à mesa pelos meus pais e os de Laura.

- Pronta para provar a melhor feijoada do Brasil? - Perguntei com teatral entusiasmo.

- Opa, estou faminta.

Nos levantamos e seguimos para a mesa. Senti alguém cutucar meu ombro e me virei. Deparei-me com Karen que dava risadinhas.

- O que foi, Karen? - Eu quis saber com desconfiança.

Foi aí que senti os braços de meu cunhado me agarrarem e então

Karen me segurou pelos pés. Ignorando meus gritos, eles me jogaram na piscina. Cheguei ao fundo da piscina; quando retornei à superfície, ouvi gargalhadas explodiram ao meu redor. Laura era a que mais ria ao lado de Camila. Laura parecia feliz.

Eu não fazia ideia na época, mas por baixo daquele sorridente rosto bonito existia uma besta.

- Sam? Sam? Samuel? - Chamou Dayana.

Despreendi-me do passado e olhei para a mulher ao meu lado. Ela me observava curiosa enquanto comia uma das barras de cereais que trazia na bolsa e que eu recusei, por mera educação, tempos antes.

- Desculpe, Dayana eu estava pensando longe.

- Reparei. Isso é perigoso quando se está no volante! - Repreendeu ela.

- Desculpe, eu não... Não consegui evitar.

- Bom, estamos chegando - Falou ela apontando o dedo para um grande telhado que se erguia algumas quadras à frente.

Viramos a esquina e chegamos a um lugar em que os muros e as paredes do prédio eram pintados de um agradável azul, grandes palmeiras se elevavam do outro lado do muro. Segundo Dayana, aquela escola já fora eleita uma das melhores escolas públicas da região.

Havia algo mais ali, algo que fez meu corpo se enrijecer. Ao olhar para Dayana eu podia ver o choque que lhe atravessava.

Na frente da escola, havia uma multidão olhando para alguma coisa dentro do círculo que elas formavam. Uma viatura estava estacionada próximo das pessoas. A ambulância acabara de fechar as portas e deu partida. Meu coração batia forte, mas os batimentos ficaram mais furiosos quando vi que no chão da rua havia um rastro de sangue.

- Ah, meu Deus! - Disse Dayana.

- Vamos!

Descemos do carro e nos dirigimos até o meio da multidão nos desviando dos inúmeros rostos ao nosso redor. Muitos deles estavam horrorizados, alguns até pálidos. Bem no meio do círculo e da agitação, dois policiais conversavam com uma mulher morena que estava tentando inutilmente conter o choro. Um dos policiais, que devia ter seus quarenta anos, veio até nós.

- Vocês dois outra vez? Estão em toda cena de crime que aconteceu hoje. Parecem até mosquitos voando na merda!- Aproximou-se apontando o dedo em nossa direção - Acho que Otávio tem razão, vocês estão escondendo alguma coisa.

Não consegui expressar reação ao que ele disse, eu ouvi sem escutar o que ele dizia. Meus olhos se perdiam nas faces ao meu redor. Além do assombro, existia a dúvida naqueles rostos. Meu olhar procurava outra coisa em meio a tudo aquilo. Um sinal de que Carmen estava viva.

- Vá à merda, Luíz! - Disse Dayana e apontou para uma câmera na entrada - Acho que sei onde encontrar nossas respostas, Sam.

Cinco minutos depois, estávamos todos em uma apertada sala olhando para as imagens das câmeras de segurança. A mulher que antes estava chorando, e que descobrimos que era a vice-diretora, estava mais calma. Um inquieto inspetor de alunos nos mostrava as filmagens no computador e os policiais deixavam claro que não éramos bem vindos naquele lugar. Dayana e eu os ignorávamos mantendo nossos olhos fixos na imagem à nossa frente.

Na filmagem, via-se Carmen sair da sala com o celular na mão, o rosto era uma máscara de pavor. Caminhava cautelosamente como se estivesse tentando evitar um doloroso encontro, então ela saiu de dentro do prédio e caminhou pelo gramado até atravessar o portão e foi aí que aconteceu, de maneira tão súbita, que a vice-diretora soltou um grito.

Dois homens surgiram do nada, feito fantasmas, e agarraram Carmen com brutalidade. Vestiam roupas escuras e capuzes balaclava. Ambos estavam armados. De frente com a escola, um senhor de idade fumava um cigarro e quando fez menção de se mover um dos agressores inesperadamente sacou a arma e atirou nele. Carmen se debatia violentamente nos braços de um dos sujeitos e então o homem com a arma desferiu-lhe um soco no estômago que a fez se dobrar em agonia. Carmen caiu de joelhos. O homem se agachou e disse algo a ela, Carmen começou a gritar. O homem socou-lhe o rosto e a mulher caiu no chão não se movendo mais. Tão rápido quanto surgiram, os agressores se foram. Um deles ergueu a mulher nos braços como se fosse uma carcaça. O outro homem começou a andar, mas parou. Ele olhou em direção à câmera e com calma levou o dedo aos lábios. Senti que ele se dirigia a mim. Um arrepio transpassou meu corpo. O sujeito se foi e a única figura que restou foi um homem caído no chão com o sangue deixando-lhe o corpo.

Os soluços da vice-diretora era o único som proferido naquele espaço minúsculo.

Uma raiva cresceu em mim. Empurrei a porta e sai daquela sala desejando quebrar tudo em torno de mim, em vez disso, sentei-me na escada do lado de fora da escola bem em frente do lugar onde tudo aconteceu. Um pouco de sangue ainda estava na calçada do outro lado da rua e as pessoas já haviam ido embora. Olhei para trás e vi colado na parede um retrato de Carmen que provavelmente estava naquele exato momento dentro do porta malas de um carro. Se a mulher naquela foto que havia me conhecido de manhã pudesse me dizer algo naquele momento, acho que sei o que ela teria me dito:

- Me ajude, Sam.

Voltei o olhar para o sangue na calçada e afundei o rosto nas mãos.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO _XVIII_ --- ---

Ergui o rosto das mãos quando ouvi a voz de Dayana chamar meu nome. Ela estava sentada ao meu lado.

- Não foi culpa sua, Sam.

- E agora, Dayana? Já não tínhamos muitos suspeitos, e os que tínhamos ou estão mortos ou desaparecidos! - Repliquei quase gritando.

Dayana desviou os olhos azuis dos meus e observou o sangue não muito longe de nós.

- Temos a família e os amigos dos caras que atiraram em nós - Ela falou sem se voltar para mim - , o Wilson tinha vários conhecidos, alguém vai nos levar à alguma pista, Sam. Levante essa cabeça, temos que ir para o próximo passo.

Finalmente nossos olhos se acharam.

- E qual será o próximo passo?

Inesperadamente, Dayana sorriu.

- Não sei, mas acho que teremos uma ideia melhor depois de um banho e uma refeição.

Apesar de tudo que vi naquele dia, eu estava faminto.

- Seria ótimo uma boa refeição, mas... Estamos em perigo - Notei um certo medo em minha voz.

Dayana olhou para o alto como se procurasse a resposta nas nuvens.

- Vou ligar para o Otávio, ele já reparou que tem algo errado aqui, vou pedir proteção até que tenhamos pego os desgraçados.

- O Otávio? Mas, Dayana...

- Não temos escolha. Se ele fazer algo estará se sujando, não vai querer levantar suspeitas então tenho certeza que ele irá aceitar.

- E se ele mandar algum policial nos matar?

Dayana sorriu novamente.

- Quero vê-los tentar. Tenho câmeras escondidas e alarmes pela minha casa e vou garantir que eles fiquem fora dela. Tenho mais uma arma em casa e meu marido também tem porte, qualquer coisa que acontecer será legítima defesa - O tom não era de alguém correndo o risco de ser assassinada.

- Mas eu não tenho nada disso, e minha casa está bem longe daqui.

- Eu imaginei, por isso acho melhor você ficar na minha casa até tudo ser resolvido e, provavelmente, eles imaginam que você tentará voltar para casa, não acha?

Empertiguei-me.

- Mas e seu marido, ele provavelmente não irá gostar da ideia.

Ela gargalhou deliciosamente.

- Continua se preocupando demais, Sam. Vamos, eu tenho que fazer ligações.

Dayana se levantou e foi se dirigindo até meu carro. Eu a segui olhando uma última vez para as gotas de sangue no chão, então meu celular tocou. Era o padre Tony. Eu atendi.

- Alô?

- Sam? Tudo bem?

- Padre! Como vai?

- A vice-diretora Liandra me ligou e disse que a Carmen foi sequestrada! - Havia desespero na voz dele.

Coloquei no viva-voz para que Dayana nos ouvisse.

- Foi, padre, estamos aqui na escola.

- Eu sei, ela sabe que somos amigos e aí ao te ver se lembrou de me avisar da Carmen. Vocês têm alguma ideia do que aconteceu?

- Temos certeza de que tem a ver com o Wilson.

- Wilson?

Eu havia me esquecido de que o assassinato tinha acontecido há pouco tempo, a notícia ainda não tinha se espalhado.

- Sim, padre, o Wilson... Ele foi assassinado.

Do outro lado da linha só pude ouvir a respiração do padre.

Dayana se aproximou.

- Padre, aqui é a Dayana Rangel. Sinto muito, sei que vocês eram amigos. Carmen em algum momento mencionou com o senhor se tinha alguma coisa estranha acontecendo com o Wilson na época do casamento e depois do divórcio?

Pelo silêncio do outro lado da linha, ficou claro que aquelas informações trágicas ainda retumbavam nos ouvidos de Tony. Ele ainda não havia digerido aquelas notícias.

- Padre? - Chamou Dayana.

- Desculpe... Ela... Bom, foi pouco tempo depois de se separarem. Ela me disse que tinha uma sensação estranha. Dizia que parecia que... Que demônios a seguiam.

Dayana e eu nos entreolhamos.

- Durante o casamento - Prosseguiu Tony - , principalmente nos últimos meses antes de se separarem, ela me contava que ele estava ficando violento e passou a ter ódio por um grupo de pessoas.

- Pessoas não exemplares? - Perguntei.
- Pode se dizer que sim. Eram bêbados, vagabundos, viciados. Ele dizia que todos mereciam... Morrer.

“Foi um tempo depois de ela ter sido agredida que me contou isso - Prosseguiu Tony que estava com a voz de quem está segurando a vontade de chorar - Meu Deus, o que o Wilson fez?

- Bom, padre...
- Ainda não temos certeza - Interrompi. Não queria dar ao padre a notícia de que Wilson era membro de uma seita de assassinos.

Dayana me olhou com dúvida, mas vi que ela logo compreendeu meus motivos.

- Acreditamos que o Wilson devia saber sobre algum crime que alguém queria esconder - Prossegui.

Eu sabia que a quietude que se seguiu na outra linha era porque o padre estava sentindo o baque daquelas palavras.

- Tony, preciso que me mande nomes de possíveis contatos do Wilson. Pessoas próximas a ele, pode fazer isso por mim?
- Claro. Vou pensar nos nomes e te ligo - A voz de choro se intensificou.
- Obrigado, Tony. Tome cuidado, seja quem for que está por trás disso pode imaginar que você sabe de alguma coisa.
- Não se preocupem comigo, tomem cuidado...
- Padre?
- Tem... Tem alguém que eu acho que vocês podem procurar.
- Quem? - Perguntamos ao mesmo tempo Dayana e eu.
- O nome dele é Saulo Franco. Carmen uma vez me disse que Wilson começou a ser outra pessoa quando começou a ter mais contato com Saulo - Um assombro havia dominado a voz do sacerdote - Ambos

ficaram próximos mais ou menos três anos antes dela se separar de Wilson, ela me disse que eles saíam com frequência à noite e sumiam por horas.

- Eu sei quem é ele - Disse Dayana.
- Tomem cuidado vocês dois. Saulo, assim como Wilson, é meio descontrolado.
- Pode deixar, Tony, obrigado - Disse a ele.
- Até mais. Boa sorte.

Ele desligou.

- Quem é Saulo Franco? - Perguntei para Dayana.
- É dono de uma oficina. Abra seu carro, precisamos da lista telefônica.

Fomos até meu carro e, enquanto eu dava partida, ela ligava para a oficina de nome “ Franco center-car”.

Meu coração batia acelerado e algo me dizia que o de Dayana também.

- Alô? - Disse ela e ao fazê-lo quase dei um pulo.

Eu não sabia para onde direcionar o meu olhar. Agucei meus ouvidos e fiquei de olho no caminho à minha frente.

- Eu gostaria de falar com Saulo.

Olhei para ela. Dayana segurava o celular com tanto força que imaginei que ela o quebraria.

- PUTA QUE PARIU! - Vociferou ela e desligou o aparelho.
- O que houve?

Uma luz ardia nos olhos dela.

- Saulo não voltou do almoço.

Antes que eu tivesse ideia do que estava fazendo, comecei a socar o volante.

- Talvez ele fosse um dos homens que sequestraram a Carmen - Disse Dayana, recuperando o controle - Ele era amigo do Wilson, então devia conhecê-la bem. Seria o mais indicado para cumprir essa missão e... Pensando bem, ele tinha o porte físico do homem que bateu na Carmen e também tem um irmão. Um irmão que sempre está ao lado dele...

De repente, ela começou a folhear as páginas em um ritmo alucinado. Ela encontrou o número e começou a discar.

- Alô, gostaria de falar com João Augusto, por favor - Disse ela.

Nossos olhares se acharam enquanto ela esperava.

- Sim? Ele disse aonde ia? Certo. Obrigada.

Ela fechou o celular. Fechou os olhos e suspirou.

- E, então? - Perguntei.

- Ele precisou deixar o escritório. Ao que parece, ele recebeu uma ligação urgente de um amigo - Virou-se para mim - Ele também não voltou para casa.

...

Após uma gritaria com Otávio, que como sempre estava irritado, Dayana falou satisfeita:

- Conseguimos, ele vai dar um jeito de mandar uma viatura para vigiar a casa.

- Espero que eles não sejam tão simpáticos quanto o Otávio.

Estávamos seguindo para a casa dela. Depois de uma conversa, decidimos que o melhor era descansarmos e esperarmos até o dia seguinte para vermos se os irmãos voltariam para casa e para o trabalho.

Ela ligou para o marido, pude notar que estava quase explodindo de preocupação. Ambos conversaram e ela lhe contou tudo que ocorrera naquele

dia e sempre aumentava a voz quando ele ia protestar alguma coisa. Em dez minutos, estávamos na casa de Dayana. Uma viatura já estava lá. O casal de policiais pareciam simpáticos felizmente e - O que não impressionava - tinham respeito pela ex-investigadora.

Dayana abriu o portão e entramos. O baque do portão se fechando fez com que eu me sentisse seguro. Antes de chegarmos na porta de entrada, o marido dela saiu e veio até nós. A alegria em vê-la era visível nas feições dele. O homem alto abraçou a esposa com vigor e imaginei que acabaria machucando-a. Fiquei congelado no lugar sem saber para que lado olhar e o que dizer quando ele viesse até mim.

- Eu estava preocupado com você, amor - Expressou ele sem soltá-la
- Você está bem?
- Estou bem sim, Armando, não se preocupe - Confortou ela docemente.

Ele pareceu relaxar e apoiou o queixo na cabeça da mulher que parecia não querer largá-lo.

- Você deve ser o Samuel? - O homem perguntou quando soltou a esposa.
- Sou sim, é um prazer - Respondi sem jeito

O homem negro com cabelos um pouco maiores que os meus, ombros largos e um rosto quadrado caminhou até mim. Usava o uniforme da usina onde trabalhava no qual dava para se ler encarregado, Dayana veio logo atrás um pouco apreensiva. Eu esperava um soco, o que eu não iria revidar pois eu entendia os motivos. Armando, em vez disso, estendeu a mão e eu a apertei.

- Eu devia estar nervoso com você, e estou, mas conheço bem a mulher com quem me casei - Falou ele com tranquilidade - e no seu lugar teria pedido ajuda a ela. Na nossa conversa vi um ânimo que não via nela há muito tempo - Armando mirou a mulher com quem estava

casado há vinte cinco anos - Não aprovo o que estão fazendo, mas não posso pedir para minha mulher abrir mão disso também, ela já abriu mão de muita coisa por mim.

Dayana beijou o rosto do marido.

- Entrem, devem estar famintos.

Minha barriga roncou naquele momento.

Entramos e fomos direto para a cozinha. Na mesa, havia três embalagens de comida que não nos permitia ver o que havia lá dentro.

- Ah, amor, não me diga que é o que penso que é? - Quis saber Dayana com as mãos nas bochechas. Se você a visse fazendo aquela expressão, você jamais acreditaria que há quatro horas aquela mulher matou um homem.

- Não sei - Brincou ele sacudindo os ombros e sorrindo.

Olhei para mesa com curiosidade. Quando Dayana abriu uma das embalagens ela soltou um gritinho de alegria e eu soltei um gemido.

- Sério? - Deixei escapar.

Os dois me olharam.

- O que disse, Sam? - Perguntou Dayana.

- Ah, nada, desculpe.

Ela abriu as outras duas embalagens o que aumentou meu desapontamento. As três estavam cheias de comida oriental. Sushis variados em duas e hot holls no outro. Ouvi a gargalhada de Armando.

- Você não gosta de comida japonesa, Samuel? - Perguntou ele.

- Bom, não é minha comida favorita.

- Eu entendo, também não sou muito fã.

Armando se dirigiu ao armário onde repousavam mais quatro embalagens. Pegou-as, depositou na mesa e as abriu. O cheiro fez minha barriga uivar. Em uma havia feijão gordo, na outra arroz tropeiro, em outra

bifes acebolados com um molho suculento e na última uma caprichada maionese.

- Obrigado! - Exclamei com alegria sentindo minha boca salivar.

...

A atmosfera não estava animadora na mesa. Eu sentia que Armando me espreitava. Eu quase podia ler os pensamentos dele:

“Como se atreve colocar minha esposa em risco?”

“Ela está em tratamento, não deveria estar brincando de detetive!”

“Que merda você tinha na cabeça para arrastar minha esposa para outra cidade e para o meio de um tiroteio?”

“Vou matar você por tê-la colocado em perigo”.

Fiz o que pude para manter os olhos na comida.

Ouvi o homem suspirar e olhei-os a tempo de ver que ela o mirava furiosamente.

- Fiquei muito emocionado com sua matéria sobre a miséria, Samuel
- Admitiu Armando enquanto me observava devorar avidamente a comida em meu prato.

Quase engasguei de surpresa.

- Sério? Muito obrigado, foi uma matéria muito marcante. Foi trabalhosa, mas gratificante - Respondi olhando para Dayana que me dera uma piscadela e me lembrei dela no celular dizendo ao marido que se tinha alguém que poderia impedir que mais vidas fossem perdidas, éramos nós dois. Recordei que Dayana o avisara que nunca o perdoaria se atrapalhasse a investigação e tentasse impedi-la de fazer parte daquilo. Gritou que estava lá por livre e espontânea vontade.

A reportagem em questão era sobre pessoas que cresceram em meio à miséria e as muitas coisas que precisaram realizar em momentos de

desespero. Foi a última matéria que realizei antes de Heloísa sumir e a “vampira da vila dos cedros” iniciar os assassinatos.

- Até hoje não me esqueço dela - Continuei - , é uma das matérias que mais me orgulho de ter feito.

- E posso entender o porquê - Comentou Dayana após engolir um sushi - , eu fiquei com um nó na garganta quando terminei de ler.

- Pode não parecer, mas ela tem coração mole - Falou Armando com uma voz vagamente bem humorada, mas uma expressão séria.

Ela lhe cutucou nas costelas se entregando aos risos.

- É bem difícil acreditar nisso depois de vê-la com uma arma na mão, eu sei, mas ela é bem chorona.

Dayana se pôs a rir enquanto mastigava outro hot-roll.

Lá fora, uma leve chuva salpicava Novo Caminho.

- E então, como foi que se conheceram? - Perguntei após admirar por algum tempo aquele casal.

Os dois não se surpreenderam com a pergunta.

- Conheci essa encenqueira graças a uns amigos que diziam que eu estudava demais na época da faculdade - Começou Armando com as feições se abrilhantando com a lembrança, acho que finalmente começava a me aceitar - Nossos amigos organizaram um encontro e a garota era esta ruivinha aqui.

Ele bagunçou os cabelos curtos dela com carinho.

- Deve ter sido uma noite inesquecível - Disse a eles.

Os dois se entreolharam e soltaram calorosas risadas.

- Foi, mas não porque a noite foi legal - Afirmou Dayana - Eu estava brava porque as provas da polícia estavam chegando, eu queria estudar e ele era muito tímido. Confesso que não facilitei porque queria ir embora, então fui bem antipática. Mal nos falamos e nem me lembrava

do nome dele quando fui embora.

- Sério?

- Seríssimo - Confirmou Armando finalmente transparecendo verdadeiro bom-humor - , eu nem me esforcei para que ela ficasse, eu também queria ir embora estudar, não queria perder a bolsa e, para isso, tinha que me sair bem naquele semestre. Por acaso nos encontramos no ônibus, nos desculpamos pela outra noite e começamos a conversar. Foi aí que tudo começou e aí sim...

O casal disse em uníssono: Foi legal!

- Foi de uma maneira bem inesperada pelo visto - Falei e eles assentiram - Vi em uma foto que vocês têm duas filhas.

- Sim, são gêmeas. Elisabeth e Emily - Dayana disse os nomes com um evidente orgulho - As duas estudam em faculdades federais de Minas Gerais. Elisabeth faz engenharia elétrica e Emily relações públicas.

Em cima do armário, repousava uma foto da família sentada em uma mesa com um bolo de aniversário, todos usavam chapeuzinhos de festa. As gêmeas aparentavam ter em média vinte anos.

- Tenho certeza que são filhas maravilhosas - Disse a eles.

Ela pareceu pensar nas filhas e em alguma memória delas. Uma lembrança feliz. Talvez o dia em que elas chegaram ao universo e foram postas em seus braços.

- São sim, não tenho do que reclamar - Afirmou com uma pontada repentina de tristeza. Eu podia reconhecer o motivo. Ela temia morrer por causa do câncer.

- Tem filhos, Samuel? - Perguntou Armando mexendo de novo nos cabelos de Dayana para afastá-la da tristeza.

- Não, não tenho.

- Quantos anos você tem mesmo, Sam? - Quis saber Dayana.
- Trinta e cinco.

Dayana me fitou de uma maneira que quase me fez encolher os ombros.

- Olha, Sam, se você pretende ter filhos é bom não demorar. Você não irá ficar mais jovem.

Não sabia responder se queria me apaixonar de novo, casar e ter filhos um dia. Pensar em tal coisa me fazia imaginar como seria minha vida se Camila ainda estivesse viva.

Estariamos juntos ainda? Casados e com filhos?

Quantos sonhos teríamos realizado?

Perguntas que o tempo nunca irá responder.

- Não tenho pensado muito nisso ultimamente - Respondi encarando o prato que estava vazio.
- Se decidir ter - Começou Armando - , não reclame quando eles fazem barulho na casa, porque quando eles se forem você irá reclamar do silêncio.

Subitamente Dayana estalou os dedos.

- Tenho uma prima que vai gostar de você! - Disse ela.
- Aquela gorda e caolha? - Perguntou Armando.

Mergulhamos em uma gostosa gargalhada.

Estar ali com eles compartilhando de um momento alegre sob o som das risadas e do tilintar da chuva no telhado me fez esquecer por um minuto de tudo que aconteceu naquele dia. De que quase fui morto e que, provavelmente, homens em algum lugar queriam me ver enterrado embaixo da terra.

Depois de comer fui até meu carro e peguei uma bolsa que eu sempre levava comigo quando ia para outra cidade a trabalho; nela, eu colocava três

mudas de roupas limpas. Voltei para dentro da casa e fui tomar banho. Pedi que Dayana fosse primeiro, mas ela disse que eu precisava mais e, a julgar pelo estado das minhas roupas e de como eu devia estar cheirando, ela tinha razão.

Em nenhum canto de minha memória me lembro de um banho tão prazeroso quanto aquele. A água que caía e deslizava pelo meu corpo parecia levar os pensamentos inquietantes para o ralo.

Ao sair me sentia eu mesmo.

Eu iria dormir no quarto de Elizabeth. O quarto era aconchegante e pintado em um azul acalentador. Uma coleção de ursos de pelúcia ocupava uma pequena estante. Em uma prateleira repousavam alguns livros, a maioria de fantasia e ficção-científica. Sorri ao ver que ela também gostava dos livros de Philip K. Dick igual a mim. Alguns posters de bandas estavam colados nas paredes e um autografado da banda “Capital Inicial” ficava na cabeceira da cama que era confortável. Olhei pela janela e vi que o cinza do céu estava começando a enegrecer.

Dayana, após se banhar, me desafiou para um jogo de xadrez. Demos boas risadas durante a partida a qual ganhei duas vezes.

Estávamos na terceira quando eu notei que, apesar do perigo nos espreitar, aquela tarde com eles foi uma das melhores que tive no último ano.

E então o interfone tocou.

- Com licença - Dayana se levantou e foi atender.

Armando estava assistindo uma reprise de um jogo de futebol. Ele me perguntou se eu era fã de esportes, respondi que não era muito ligado a isso e que preferia ver filmes. Ele me pedia dicas de filmes de ação quando Dayana entrou. Nós dois nos voltamos para ela e os sorrisos foram varridos de nossos rostos quando a vimos.

Dayana estava com um semblante enevoado.

- O que foi, amor? - Perguntou Armando preocupado.

O rosto dela se virou lentamente até me encontrar.

- Tem alguém lá fora querendo te ver, Sam.

O medo me perfurou.

Fui até a saída da casa com um guarda-chuva que Dayana me entregou, Armando e ela vieram logo atrás com um guarda-chuva grande. Ambos estavam apreensivos, da mesma maneira que o meu rosto devia demonstrar. O cinza já havia sido tragado pela noite da mesma forma que o temor estava tragando o meu ser.

Chegamos no portão após um tempo que pareceu ter se alastrado demais. Armando o abriu e me deparei com um carro familiar. Era o carro do Sr. Pedro, o dono da casa onde eu havia ficado no início da investigação. Os policiais próximos a ele estavam assustados.

- O que aconteceu? - Perguntei para os policiais.

- Não sabemos, ele disse que falaria apenas quando você chegasse - Respondeu o policial. Ele não desviava o rosto tenso do carro - Disse que... Tem um recado.

A porta do veículo se abriu e quando vi o rosto do idoso meus olhos se arregalaram.

- Meu Deus, o que fizeram com o senhor?

O rosto dele estava dominado pelo terror e pela dor. As mãos tremiam e a chuva lavava o sangue do rosto dele. Sangue escorria do supercílio, do nariz e da boca e o olho esquerdo estava roxo e inchado.

- Três homens armados e encapuzados... Eles invadiram a minha casa - Falou ele começando a tremer com violência. Aproximei-me e coloquei o guarda chuva sobre ele - Os malditos apontaram uma arma para minha cabeça e a da minha mulher... Jesus... eu pensei que Pensei que fosse morrer quando eles começaram a me bater.

- Quem eram eles?

Os olhos dele estavam nebulosos, mas naquele momento o medo os fez brilharem.

- Falaram que você saberia quem são - Disse ele.

Senti meu corpo gelar.

- Por que fizeram isso com o senhor?

- Por sua causa! - Ele respondeu e senti como se algo se fragmentasse no meu interior - Eles disseram que era por sua culpa!

- Meu Deus... Me perdoe, Pedro, me perdoe...

Pedro pareceu não ouvir, continuava a me observar com pavor. O medo naquele rosto torturado se avolumou.

- Pediram para eu te trazer um “presente” - Sussurrou ele.

Antes que eu respondesse Pedro se virou, foi até o carro, abriu a porta de trás do gol e retirou uma caixa de tamanho mediano que estava embrulhada. Quando ele abriu a porta vi que a esposa dele, Luzia, estava no banco de trás. A mulher não tinha ferimentos nos rosto, mas quando ela me olhou eu vi que os ferimentos estavam em um lugar mais profundo. Na alma. Pedro caminhou tropeçadamente até mim e depositou a caixa em minhas mãos com um ardente desejo de se ver longe dela. Ele se afastou e entrou no carro sem fechar a porta. Quando estava lá dentro ele se agarrou a um rosário e fechou os olhos.

Os policiais se aproximaram, Dayana e Armando também. As batidas do meu coração fustigavam brutalmente meu peito. Coloquei a caixa no chão e com calma eu a abri.

Então eu vi o que estava lá dentro.

Senti que minhas entranhas estavam sendo dilaceradas. Dayana, Armando e os policiais se afastaram estarecidos daquilo que estava dentro da caixa, brancos como fantasmas.

Encarei a escuridão acima de mim tentando organizar a desordem que aquilo criou em minha cabeça. Voltei a me aproximar do “presente” cautelosamente e estiquei minha mão trêmula para o conteúdo da caixa. Quando minha mão tocou o que repousava naquele interior, senti o horror se apossar perversamente do meu corpo. Minha mão se fechou e tirei-a de lá dentro e a ergui para a noite.

Eu segurava pelos cabelos, grisalhos e sujos, uma cabeça humana. A cabeça de uma mulher fora decepada. Estava sem cor, os olhos verdes e nebulosos me encaravam, a boca repleta de dentes amarelos estava aberta como se fosse proferir palavras. Na testa estava escrito a faca:
FILHA DO PECADO

CAPÍTULO XIX

Fomos cobertos pelo manto do silêncio.

Então os gritos vieram.

Parecia que cada homem, mulher e criança daquela rua decidiu abrir os portões para ver o que acontecia. No mesmo instante se arrependeram

amargamente. Os rostos deles se mortificaram. O ar ao nosso redor logo ficou impregnado pelo horror.

Guardei a cabeça na caixa e notei que havia algo mais lá dentro. Enquanto os policiais pediam para as pessoas voltarem para as residências, eu a guardei no bolso da bermuda.

De repente outro som rasgou a noite. Um som que eu conhecia, o barulho de uma camionete.

- Vocês ligaram para ele? - Berrei para os policiais.

O policial moreno, que recuperara a cor, deu de ombros.

- Ele mandou que informássemos tudo que acontecesse aqui - Respondeu olhando para a caixa de relance. Tufos de cabelo estavam para fora.

A camionete parou a cerca de cinco metros de nós, quando a porta se abriu, eu agi.

Corri para o policial que olhava para os curiosos e peguei a arma que estava segura no coldre dele e o empurrei.

Ouvi Dayana vociferar atrás de mim junto dos policiais. O policial moreno apontava a arma para mim. Otávio estava fora do carro e me fitava estarecido. Eu apontava a arma para ele, uma fúria que eu sentira há um ano, que eu rezava para nunca mais sentir, havia se apossado de mim.

Várias vozes se misturaram como um coro apavorado. As vozes dos moradores fora das casas, os policiais, Armando e Dayana. Otávio estava calado, só me observava como se existissem apenas nós dois naquela rua e uma arma entre nós.

- Foi você, seu desgraçado! - Gritei me sobrepondo as vozes ao meu redor - Você fez isso. Por que não confessa a todos aqui em alto e bom som? Você é o maldito por trás disso. Confesse!

Encurtei a distância entre mim e o homem do outro lado da arma.

- Acha mesmo que sou eu? - Finalmente ele perguntou.
- Acho sim. Desde que nos viu hoje, você tem mostrado que esse caso é especial para você. O que você tem medo que seja revelado, seu maldito? Tem medo que saibam que você é parte de um grupo de assassinos?

Todos se aquietaram e moveram as cabeças em direção a Otávio que os encarou mostrando um desconforto que nunca pensei que veria nele.

- Não se preocupe, prometo para você que farei o possível para que todos saibam o que está escondido embaixo dessa fachada de justiceiro.
- Está cometendo um erro, seu idiota! - Bradou ele.
- Então por que não me corrige? - Desafiei gritando mais alto.

Otávio continuou a me fitar e lentamente se voltou para o chão como se desejasse ser sugado por ele. Quando ele ergueu os olhos, pareceu encolher como se toda a fúria e imponentia tivessem sido levadas pela chuva. De longe podia ver que era um homem com um segredo doloroso. Então ele gritou:

- Rita Menezes.

No momento as peças se encaixaram.

Rita Menezes era um nome que eu conhecia. Uma mulher que diziam ter um caso com um homem casado, uma mulher que diziam ter se entregado aos prazeres do álcool, uma mulher que no passado seguiu a carreira de modelo, mas o uso de anfetaminas, para estar sempre magra, logo se tornou um vício que destruiu a vida da jovem. Boatos diziam que ela havia deixado o vício em anfetaminas, mas não o do álcool.

Por que eu sabia disso? Porque a foto daquela bela mulher negra de cabelos cacheados e olhos cor de mel estava em meu mural na parte de pessoas desaparecidas. Ela viveu em Novo Caminho

Abaixei a arma.

Otávio levou o olhar novamente para o chão encharcado.

O som da chuva reinou entre nós.

- Dayana, podemos ter uma conversa particular com Otávio? - Perguntei me virando para Dayana que demonstrava alívio por eu não ter feito uma loucura.
- Claro - Respondeu ela.

...

Estávamos sentados em cadeiras na varanda, Dayana, Armando, Otávio e eu. O homem estava de mãos entrelaçadas no colo olhando para a grama molhada.

- Rita Menezes foi sua amante? - Perguntei depois de um longo silêncio.

Otávio aquiesceu com a vergonha marcando-lhe as feições. Dayana e Armando se mostraram em dúvida.

- Não me leve a mal, Otávio - Eu prossegui após os olhares cheios de perguntas de Dayana caírem sobre mim - , mas eu precisava saber para quem eu entregaria minhas descobertas sobre os voraces, precisava saber em quem eu poderia confiar, então pesquisei sobre você. Fiquei sabendo que seu casamento acabou e muitos suspeitavam que foi infidelidade.

O homem apenas acenou com a cabeça.

- Quando você falou o nome, percebi que o divórcio aconteceu pouco tempo depois do desaparecimento de Rita Menezes há dois anos. Sinto muito, Otávio.

Outro menear de cabeça.

- Por que não nos contou desde o começo, Otávio? - Interpelou Dayana - Por que teve que agir feito um idiota?

Após alguns segundos olhando o pouco que era possível ver da grama, devido à escuridão, Otávio começou a falar em um tom suave e cheio de dor que contrastava com a imagem que ele sempre tentou mostrar a todos em volta dele.

- Eu... Eu a conheci por acaso. Eu gostava de ir para um bom bar da avenida para beber alguma coisa e clarear as ideias. Ela trabalhava lá e às vezes aparecia no lugar para beber também nos dias de folga. Todos diziam que ela era uma alcoólatra cheia de problemas na vida - Ele se voltou para nós com um pequeno sorriso - Acabou que ela era isso mesmo, mas vi muito mais que isso quando começamos a nos encontrar, vi um ser humano cheio de qualidades. Corajosa, carinhosa, divertida... Havia luz por baixo de toda aquela bagunça. Quando ví, estávamos apaixonados um pelo outro. Eu continuava amando minha esposa, então não consegui dar um fim no meu casamento, então continuamos a nos amar em segredo.

Ele fez uma pausa e voltou o olhar para a grama e depois para o negrume além dela. O sorriso havia morrido.

- Na investigação que fiz, ouvi dizer que ela estava abandonando o vício em álcool. Foi por sua causa? - Perguntei.
- Sim, ela disse que eu a ajudei a... Achar a melhor parte dela. Uma parte que estava perdida.

O homem voltou a atenção para nós. O semblante carregado de uma grande tristeza.

- Tivemos momentos felizes - Fez uma pausa revivendo algum daqueles momentos - Fiquei arrasado quando ela desapareceu. Fiz de tudo para encontrá-la, mas, como sabem, foi inútil! - Ele cerrou os punhos - Alguns dias antes de sumir, ela me disse que foi à conveniência do Junior, o Alisson também estava lá, disse que eles

ficaram a observando de uma maneira estranha. Um jeito que a fez sentir medo. Eu os ameacei, gritei, jurei que eles pagariam caro se não me dissessem a verdade, mas eles sempre juravam que a olharam daquele jeito porque ela estava mais bonita e se sentiram atraídos. Nunca consegui provas ou qualquer coisa para incriminá-los, no fim, pensei que eles eram mesmo inocentes - Otávio suspirou pesadamente - Então, recebi a notícia de que vocês haviam sido atacados pelos dois, então tinha esperanças de que tivessem descoberto algo que me levasse até Rita.

“Quando soube que você estava envolvido, Samuel, fiquei receoso que descobrisse algo sobre Rita e eu, confesso que não gosto de jornalistas também, mas eu não queria manchar a memória dela, já haviam feito isso. Sempre que eu ia ao bar alguém dizia coisas ruins sobre ela e eu me segurava para não arrancar os dentes do miserável. Eu precisava descobrir o que sabiam, precisava saber mais sobre a história da seita que Dayana mencionou, necessitava que revelassem o que estavam escondendo, então disse e fiz coisas que não deveria. Desculpe pela maneira que agi, por pressioná-los tanto, mas... Mas...

Ele não encontrava as palavras, era visível o quão doloroso estava sendo para ele falar da mulher amada e morta.

- Eu entendo - Disse a ele.

Otávio mostrou-se grato.

- No início, Dayana - Continuou ele - , não acreditei no que você dizia sobre a seita de assassinos, porque seria o mesmo que admitir que Rita...Morreu...Mas depois de pensar, eu...Eu Acho que eu sempre soube, mas não tive coragem de aceitar... Depois...Depois de tudo que aconteceu hoje, tenho que aceitar...Minha Rita está morta.

Uma lágrima resvalou pelo rosto dele e ele a limpou com a mão logo

olhando-a como se nunca tivesse visto uma lágrima sair dos próprios olhos.

- Não sei o que vocês planejam, mas podem contar comigo para o que precisarem - As mãos se fecharam ferozmente - Vamos acabar com esses desgraçados!

Dayana e eu assentimos. Otávio se levantou.

- Tenho que ir. Desculpem por tudo.

Levantei-me e estendi a mão para ele. Após observá-la, Otávio a apertou.

- Não se preocupe, não contarei a ninguém sobre Rita.
- Obrigado, Samuel.
- Pode me chamar de Sam.
- Ok... Sam.
- Te ligamos assim que descobrirmos algo mais - Falou Dayana sorrindo para Otávio que correspondeu. Um sorriso que devia ser raro ele dar a alguém - Temos dois nomes: Saulo Franco e o irmão dele João Augusto, temos suspeitas de que eles podem estar envolvidos com os voraces. Ligamos para lá à tarde e ele não havia voltado do almoço.
- Vou averiguar isso! - Disse ele com convicção.

O homem acenou com a cabeça, deu as costas e sumiu no escuro. Armando o acompanhou para trancar o portão.

Ficamos lá, Dayana e eu vendo as silhuetas irem desaparecendo.

- Quem era aquela mulher que eles... Que eles arrancaram a cabeça?
- Perguntei.
- Dagma, conhecida como “Dagma a louca”. Era uma mulher com trabalho e família, mas por causa das drogas afundou até virar uma moradora de rua abandonada. Perdeu tudo, menos os vícios e a coragem para cometer furtos.

Continuei olhando o negrume.

- Deveríamos ter desconfiado que eles tinham uma vítima.

Dayana me encarou. Havia raiva naqueles olhos azuis.

- Não se atreva, Sam! - Ordenou ela - Não se atreva a se culpar, deu o seu melhor a cada segundo do dia, então não venha me dizer o que deveria ter feito ou não!

Retribui o olhar e respondi friamente:

- Estou cansado de o meu melhor não ser o bastante.

A boca dela se abriu, mas nada veio, então ela a fechou. Ficamos apenas com os olhos fixos uns nos do outro. Ouvimos os passos de Armando voltando ao lado claro da varanda.

- Isso tem que acabar agora! - Informou ele tentando conter o assombro presente na voz.
- Não, Armando, não vai... Não pode acabar - Replicou Dayana.
- Você viu o que fizeram com a Dagma, Dayana? Está na hora de parar e deixar a polícia cuidar disso.

Ela se levantou em um salto e foi em direção ao marido até ficarem frente a frente. Separados por poucos centímetros ambos começaram a aumentar os volumes das vozes.

- Eles mataram por trinta anos e ninguém, ninguém descobriu. Se não fosse pelo Sam, ninguém saberia de nada! - Afirmou ela.
- Agora eles sabem, já podem agir, não precisam que você fique por aí se arriscando. Você não é mais parte da polícia, Dayana, seu tempo já era, aceite isso! - Confrontou ele furioso.
- Não me diga o que eu devo ou não aceitar, Armando.
- Se eu não disser, você irá continuar ignorando a realidade.
- E qual é?
- Que acabou! - Berrou - Seu tempo como combatente do crime chegou ao fim... Sinto muito, mas você precisa entender isso!

Dayana ficou em silêncio, as mãos trêmulas se fechando.

- Chega! - Gritei me levantando.

Os dois se voltaram para mim.

- O Armando está certo, Dayana, está na hora disso acabar.

Ela me encarou como se eu a houvesse ofendido.

- Até você, Sam? - A voz dela estava carregada pela incredulidade.

Tirei do bolso o papel que eu havia lido quando todos estavam de costas indo em direção aos bancos da varanda. Entreguei-o para Dayana, Armando se aproximou para ler também. No papel estava escrito em letras de forma desleixadas:

**LHES DAREMOS UM ULTIMATO
DESISTAM DESSA BUSCA
AGORA
FINJAM QUE NADA ACONTECEU
ESQUEÇAM TUDO QUE DESCOBRIRAM
ESQUEÇAM DE NOS ENCONTRAR
E SERÃO POUPADOS
SE CONTINUAREM
SABEM O QUE IRÁ LHES ACONTECER**

Dayana leu duas vezes antes de se dirigir a mim.

- Eles estão blefando, Sam, sabe disso.

- Não, não sei. Mas é tudo o que temos.

Armando tinha uma expressão aliviada no rosto.

- Não posso acreditar... Vai desistir? - Não sou como incredulidade e sim como repugnância.

- Não temos escolha, Dayana. Está claro como água, somos alvos fáceis e estamos longe de encontrar qualquer coisa que leve até eles. Tudo que podia nos levar para algum lugar ou está morto ou queimado,

se não está logo estará. É o fim da linha, não podemos vencer. Sinto muito.

Dayana me encarava como se eu fosse um inimigo.

- Você vai poder viver sabendo que pessoas estão morrendo lá fora porque desistimos de encontrá-los? - Perguntou ela com uma perturbadora frieza na voz - VAI? Se puder me diga como, porque eu não vou conseguir.

Logo pensei nos pesadelos que viriam me visitar e nos gritos dos condenados que iriam assolar meus ouvidos.

- Vamos ter de aprender - Respondi secamente e dei as costas.

Segui em direção ao quarto ignorando os três gritos de Dayana. Os três diziam a mesma coisa:

- NÃO DESISTA!

Quando cheguei ao quarto nem me dei ao trabalho de ligar a luz. Joguei-me na cama atordoado como se tivesse saído de uma guerra. A noite se aquietou, mas os gritos de horror dos vizinhos aos verem a cabeça decepada e os berros de Dayana as minhas costas continuavam ressoando em meus ouvidos.

Antes de adormecer eu desejei - Pela segunda vez na vida - fechar os olhos e nunca mais ter de abri-los.

CAPÍTULO

XX

Abri os olhos após ouvi-la.

As trevas consumiam o quarto, exceto por uma luz avermelhada e intensa que vinha da janela. O ruído que me despertara havia sumido e um silêncio sepulcral engoliu o cômodo.

Então o mutismo foi dilacerado pelo som de um risada. Uma risada aguda, perversa e desumana. Subitamente alguém se levantou de uma cadeira que rangeu assustadoramente ao ser arrastada. Uma silhueta feminina surgiu contra a luz vermelha, era perceptível que os cabelos dela chegavam até os ombros.

A mulher caminhou calmamente até o criado mudo ao lado da cama onde eu me encontrava paralisado. Quando ela acendeu o abajur pude vê-la e sufoquei o desejo de gritar.

Parte do rosto da mulher estava na penumbra, e a outra iluminada estava lacerada como se tivesse sido devorada, em decomposição e suja de terra. Sangue sujava-lhe os cabelos e partes do rosto. Um sorriso se formou na boca deformada de Laura.

Com um assomo de terror eu percebi que ela não estava sozinha.

Das trevas, surgiu um grupo de pessoas, talvez dez. Eles caminharam bem devagar em direção à minha cama. Eu via apenas os contornos da maioria delas, mas de algumas era visível metade do corpo. Pedacos das

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vísceras continuavam penduradas na abertura que fora feita no estômago de cada um deles, mas a maior parte estava caída no chão do quarto.

Todos se juntaram e formaram um círculo ao meu redor.

Era como se meu corpo tivesse sido transformado em pedra. A ânsia de gritar queimava meu interior, mas nada saía.

Laura se aproximou de uma maneira quase carinhosa e sussurrou em meus ouvidos:

- Você falhou, Sam!

Antes que o impacto daquelas palavras me devorasse, Laura começou a rir. Uma risada demoníaca que retumbou tão alto que senti que minha cabeça iria rachar.

Então os “filhos do pecado” rastejaram até mim estendendo as mãos tão ossudas que pareciam garras. Muitos pisaram nas próprias vísceras.

Não, eles não imploraram desta vez.

Fizeram pior... Muito pior. Todos os homens e mulheres ali presentes uivaram em uníssono:

- VOCÊ FALHOU, SAM!

E, então consegui gritar, mas já era tarde, os mortos já haviam agarrado o que puderam. Minhas pernas, meus pés, meus braços e minhas mãos.

Laura ria, ria intensamente. A gargalhada dela se sobrepunha a meus brados e ao dos mortos.

Então, os mortos puxaram meus membros.

Acordei com um sobressalto, o corpo banhado de suor e o coração batendo com furor. Acendi o abajur e olhei ao redor, o quarto estava vazio. O relógio do celular marcava onze e cinquenta e três da noite, apenas sete minutos para a hora das bruxas. Eu dormi por uma hora, mas eu tinha a sensação de que havia sido dias, dias longos e amaldiçoados.

Levantei-me sabendo que não conseguiria dormir tão cedo e acendi a luz. A chuva continuava a cair serenamente. Apanhei meus fones de ouvido do criado mudo e fui pegar meu rádio am/fm, mas por acidente ao pegá-lo derrubei um exemplar de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, um livro que eu costumava deixar na bolsa com roupas. Era uma lembrança de Camila, ela adorava aquele livro. O livro caiu aberto e quando o ergui e o fechei vi que algo caíra dele. Ao ver o que era, senti que uma mão de aço apertou meu coração.

Uma foto. Peguei-a e a admirei. Nela, eu estava com o braço em torno dos ombros de Camila que vestia um vestido de praia branco, ao fundo um restaurante de cor amarelo canário anunciava ser o lar do melhor bobó de camarão do Rio de Janeiro. Nós dois sorriamos. Eram nossas segundas férias juntos e estávamos visitando uma praia e acabávamos de sair daquele restaurante, quando ela quis tirar uma foto. Pedimos para um dos garçons, que serviam às mesas do lado de fora, para nos fotografar. Três semanas depois, Camila revelou as fotografias da viagem e me deu aquela. Eu estava com pressa e tinha o livro na bolsa, o melhor lugar para guardá-la. Não me lembrava onde eu havia colocado ela.

Com a fotografia em mãos, desabei sentado na cama com o olhar perdido na noite visível da janela. Uma noite sem estrelas. Apenas trevas.

Por alguns segundos, ouvi nossas risadas ecoando por aquele quarto. Consegui sentir o cheiro daquele perfume doce que ela sempre adorou e que se impregnou em mim quando ela se aconchegou em meu abraço naquele mesmo dia diante do mar.

Antes que eu pudesse contê-las, as lágrimas brotaram de meus olhos.

- Sam? - Chamou uma voz feminina.

Olhei para o lado pensando que Camila estaria na porta chamando-me para ir ao encontro dela. Dizer que estava com saudades e que ficaria tudo

bem. Convidar-me para um abraço.

Não era Camila, era Dayana que estava junto de Armando.

- Desculpe, não quis acordar vocês - Desculpei-me vendo ela adentrar o quarto seguida por Armando.

- Não precisa se desculpar - A voz dela estava surpreendentemente acalentadora, o que fez com que eu me sentisse um pouco melhor - , não estávamos dormindo. Ouvimos os gritos e viemos ver se estava tudo bem.

- Gritos? - Perguntei sem conseguir esconder o choque.

- Sim, você gritava “não” e “me perdoem” - respondeu Armando me fitando de maneira preocupada.

Levei o rosto às mãos.

- São os malditos pesadelos - Confessei com os olhos fechados e o rosto enterrado nas mãos - , às vezes eles vêm com força total... Desculpe.

Dayana se sentou ao meu lado na cama. Eu havia deixado a fotografia deitada sobre ela, Dayana a pegou e a admirou com um sorriso nos lábios. Aquele sorriso a fez parecer mais jovem que há uma hora na varanda.

- Ela era linda, Sam.

Armando se aproximou e se sentou próximo da esposa que lhe mostrou a foto.

- Dá para ver o quanto estavam felizes, deve ter sido um dia incrível

- Disse ele - Qual o nome dela, Samuel?

- O nome dela era Camila - Ao dizer aquele nome senti que as lágrimas voltariam a lavar meu rosto.

Ele passou a foto para Dayana que a entregou a mim. Demorei a observar aquela imagem novamente.

- O que exatamente aconteceu naquele maldito dia? - Perguntou

Dayana com aquela voz pacífica como o cair da chuva lá fora.

A pergunta me apunhalou inesperadamente retalhando a paz que vinha surgindo em meus pensamentos.

- Estava tudo naquela revista que você me mostrou, Dayana - Falei sem encarar aqueles olhos azuis penetrantes - Está tudo lá, quase todos os jornais falaram sobre aquilo e...

- Mas, gostaria de ouvir toda a história direto de você - Dayana pousou levemente a mão em meu ombro - Tem certas coisas que ficam melhores sendo contadas do que escritas - Finalmente me permiti olhá-la nos olhos - , não só para quem escuta, mas principalmente para quem conta.

Um sorriso se formou novamente no rosto dela e em um tom sereno ela começou a falar:

- Tem certas coisas dentro de nós que se não deixarmos sair, poderão devorar a nossa alma. Deixe-as sair, Sam.

Levantei e caminhei até a janela. Não conseguia ver o meu reflexo nela, apenas a escuridão do outro lado.

Senti que a mão de aço arrancaria meu coração.

E então, contemplando as trevas, iniciei o meu relato:

- Conheci Camila enquanto eu entrevistava pessoas do bairro depois do segundo assassinato cometido pela “vampira da vila dos cedros”. Nos esbarramos em um restaurante no meu intervalo, duas semanas depois trocamos telefones e em junho estávamos namorando.

“Namoramos por dois anos.

“ Na noite de onze de agosto do ano passado, Camila veio aos prantos até meu apartamento. Havia discutido com Laura, sua irmã. Laura havia quebrado o nariz de uma mulher em um shopping center por uma discussão boba.

Minha voz vacilou ao falar daquela noite. Foi a última noite que passei com Camila.

- Camila estava cansada do comportamento da irmã e queria que ela mudasse ou não poderiam viver sob do mesmo teto. Eu havia notado também que no último ano Laura ficou mais rebelde, mais impulsiva... Mais fria.

Dois meses antes do ultimato de Camila, eu fui buscá-la para irmos ao cinema e ela saiu nervosa de casa. Laura saiu algum tempo depois e começou a me encarar com uma hostilidade inquietante. Dias depois, quando nos vimos, ela agiu como se aquele episódio nunca tivesse ocorrido.

- Laura debochou da irmã - Prossegui - dizendo que não era perfeita igual a ela e nunca seria. Zombou dizendo também que não tinha vontade de ter um senhor perfeito como namorado para viver um conto de fadas infantil. Camila explodiu e disse que era o fim e que iriam vender a casa e dividir o dinheiro. Foi embora sem esperar a resposta da irmã.

“Naquela noite, Camila perguntou se podia vir morar comigo... Eu aceitei.

Lembrei que Camila sorriu ao ouvir minha resposta.

Eu não queria olhar para trás e ver a expressão de pena no rosto do casal que ouvia minha história.

- Ela iria acertar os detalhes com a Laura, e viria morar comigo. Eu estava feliz com ideia, muito feliz.

E então me peguei revivendo de novo aquele dia. Estava novamente na manhã de doze de agosto.

...

Era um sábado ensolarado, mas ainda sim estava frio. Camilla e eu estávamos metidos em suéteres e sentados nos bancos do parque próximo a

meu apartamento, observando o despertar do dia.

- Você não se importa de eu conversar sozinha com a Laura? - Perguntou ela fitando o chão.

- Tem certeza? - Quis saber, pois eu havia dito que entraria com ela e, mesmo não ficando no mesmo cômodo em que elas estariam dialogando, eu queria estar por perto para apoiá-la.

- Tenho sim - Afirmou ela se virando para mim e esboçando um sorriso cansado -, se ela te ver vai ficar mais brava. Quero conversar a sós com ela para resolvermos logo isso.

- Tudo bem então, mas qualquer coisa você só precisa me ligar.

Camila olhou para as árvores. Ela parecia se perder nas ondas dos pensamentos, pensamentos dos bons e dos maus momentos que vivera com a irmã caçula.

- O que está te incomodando, Mila? - Perguntei segurando uma das mãos dela.

- Não queria que as coisas terminassem assim, Sam. Laura sempre agiu como se tivesse apenas a mim, será que ela vai ficar bem quando ver que não estarei mais por perto?

Apesar dos comportamentos de Laura, sempre ficou evidente o quanto ela adorava a irmã mais velha a quem apoiou.

- A Laura sabe se cuidar, e também é hora dela pensar a respeito das atitudes que tem tomado - Respondi calmamente.

- Já passou da hora, na verdade - Admitiu ela com pesar.

Seguimos para o carro dela e cinco minutos depois, quando chegamos lá, segurei o rosto dela nas mãos.

- Vai ficar tudo bem, Mila.

Camila assentiu. Nos beijamos e depois ela apoiou gentilmente a cabeça em meu peito e então eu a abracei. Ficamos ali por alguns segundos

sentindo o calor vindo da alma um do outro.

- Lá pelas nove horas você passa lá para me ajudar a pegar algumas coisas? - Perguntou ela sem me soltar.

- Mas é claro.

Dayana me beijou mais uma vez antes de entrar no carro. Quando ela já estava lá dentro nossos olhares se cruzaram e ambos trocamos um sorriso. Camila piscou e se foi.

Um pressentimento ruim me atravessou enquanto eu a via desaparecer nas linhas do horizonte.

Era quinze para as nove quando eu estava a cinco quadras da casa das irmãs. Como tinha tempo, decidi parar em uma padaria e comprar alguns muffins para ajudar a animar Camila. Entrei, comprei os muffins que acabavam de sair do forno e voltei para o carro. Demorei aproximadamente cinco minutos.

A rua onde elas moravam era tranquila, principalmente aos sábados, pois era o dia em que alguns moradores saíam para fazer longas caminhadas na praça; outros trabalhavam e tinham aqueles que dormiam até tarde, então era difícil ver alguém fora de casa tão cedo naquela rua no último dia da semana, mas, conforme aquela casinha branca ia aumentando, eu reconheci uma figura solitária vestida de preto sentada embaixo da grande amoreira. Estacionei, sai do carro e caminhei até a casa sentindo o vento do inverno soprar em minha direção e tendo a impressão de que Laura me acompanhava com os olhos.

Abri o portão de grades e acenei. Laura não se mexeu, ficou apenas me olhando de longe com os cabelos tremulando ao vento. Uma paz parecia emanar dela sob as sombras da árvore.

- Olá, Laura. Como vai? - Perguntei assim que me aproximei dela e notei que embaixo da cadeira havia uma bolsa pequena.

A mulher não respondeu. Continuou me fitando com um sorriso levado nos lábios. O sorriso de alguém que pode estar escondendo uma surpresa.

- Tudo bem? - Perguntei novamente.

Então me virei para a porta e vi.

Os muffins caíram de minhas mãos quando o terror se apossou de mim.

Três grossos fios de sangue escorriam por debaixo da porta.

- AH MEU DEUS! - Gritei e corri em direção à entrada da residência.

Eu empurrei a porta com força e quando vi o que estava do outro lado, senti que minha alma havia sido extirpada de mim pelas garras de um demônio. Minhas pernas perderam as forças e caí de joelhos.

- Não, não... NÃO! - O choro se fundiu ao grito.

A grande sala estava despida de móveis e praticamente vazia, exceto por Camila que estava caída no chão. O buraco de uma bala na testa, outros cinco em diversas partes do corpo e o sangue dela se espalhando pelo piso claro. Laura pelo menos fechara-lhe os olhos, fazendo parecer que ela estava dormindo serenamente.

Arrastei-me até Camila e a segurei em meus trêmulos braços ignorando o sangue e começando a soluçar enquanto abraçava o corpo gelado da mulher que eu amava e tendo a perturbadora sensação de que o chão iria roer e o céu desabar.

Uma sombra me cobriu.

Sem desviar os olhos de mim, Laura fechou a porta com uma das mãos enluvadas e com a outra apontou uma arma com silenciador para minha direção. Ela usava uma peruca loira.

- DESGRAÇADA! COMO PODE? ELA ERA SUA IRMÃ!

Laura me encarou com desprezo.

- Não, Samuel, não era mais - Falou de uma maneira lenta e fria - Se tornou minha inimiga na noite passada. Mas, não se preocupe, ela não sofreu. Atirei na cabeça dela e quando já estava morta dei os outros, não consegui me controlar.

Os olhos dela deslizaram até a irmã em meus braços e logo ela os ergueu até mim. Um brilho insano irradiava daqueles olhos castanho-escuros.

- Parte disso foi culpa sua. Você tirou minha irmã de mim. Ela era tudo para mim e você a roubou! - O ódio dominava cada traço do rosto de Laura, mas a voz dela continuava gélida e calma.

- TUDO PARA VOCÊ? E MESMO ASSIM VOCÊ A MATOU, SUA MALDITA!

- Eu te falei, ela não era mais minha irmã - Respondeu serenamente.

- Eu vou matar você, sua desgraçada! - Ameacei com o rosto banhado em lágrimas - EU JURO QUE VOU MATAR VOCÊ!

A risada aguda de Laura ecoou pelo cômodo. Ela se afastou da porta e se aproximou um pouco mais de mim. Uma distância de talvez cinco passos nos separavam. A risada cessou e deu lugar a um sorriso quase encantador. Os olhos escuros estavam me devorando avidamente.

- Não fique assim. Tenha fé, afinal, se existe algo do outro lado, quem sabe vocês não se encontrem lá? Em breve.

Ela soltou um risinho capaz de causar um frio na espinha.

- Você é a “vampira da vila dos cedros”, não é? - Perguntei a encarando.

O sorriso de Laura se estendeu deixando os dentes à mostra.

- Sim, sou eu! - O tom de voz dela transbordava um assombroso orgulho.

- Por que matou todas aquelas pessoas inocentes? - Perguntei

soltando suavemente o corpo de Camila me posicionando de frente a ele cobrindo a parte do bolso onde se encontrava o celular de Camila que estava um pouco para fora.

Laura me observou deitar a irmã. Só ao ver que tinha minha atenção ela revelou a alegria que minha pergunta tinha lhe provocado.

- Eu ouvi direito, Samuel? Você disse pessoas inocentes?

Laura riu intensamente. Ela revirou lentamente os olhos. Eu sabia que o movimento dos olhos era acompanhado por um leve erguer de cabeça. Ela gastaria em média quatro segundos para realizar o movimento e voltar os olhos para mim. Assim que ela começou a revirar os olhos, puxei rapidamente o celular do bolso de Camila que estava atrás de mim. O pesado celular não saiu de uma vez, menos da metade ainda estava no bolso.

- Aquelas pessoas, Samuel - Prosseguiu ela baixinho com a voz impregnada de asco -, eram pessoas fracas que mancharam a evolução humana. Todos eram um bando de pessoas tão desesperadas, repugnantes, carentes e podres por dentro que seriam capazes de vender a alma ao diabo apenas para garantir que todos os olhos se voltassem para eles; talvez para ganhar atenção igual àquela velha amargurada gritando com o mundo, um orgasmo igual àquela lésbica e aqueles caras hipócritas, ou ser aceito em um grupo de idiotas como aquele moleque ignorante.

Laura gargalhou com uma excitação doentia e mais uma vez revirou os olhos e ergueu a cabeça. Consegui puxar rapidamente o celular do bolso de Camila e encostá-lo no chão atrás de mim. Por um milésimo de segundo, ela teria me visto, mas felizmente minha mão já voltara para a posição inicial.

- Criaturas - Prosseguiu ela com um perturbador tom de deboche - tão medíocres que bastou que eu aparecesse com um sorriso e palavras doces para que abrissem as portas de suas casas para mim ou

aceitassem me encontrar em algum lugar - O tom mudou se tornando quase solene, como o de um pregador - Você consegue me entender, Sam. Eu sei que consegue. Não evoluímos milênios para criar pessoas fracas. O sangue que mancha os livros de história, não foi derramado para termos essa gentinha pelas ruas rastejando feito vermes só para terem um pouco de amor. Não fomos criados e nem evoluímos para isso! - Os olhos incendiados se arregalaram - Nós evoluímos para ficarmos mais próximos dos deuses!

Ela baixou os olhos até o corpo de Camila com um semblante sombrio.

- Eu achei que Camila fosse diferente - Ela abaixou a voz , os olhos quase negros perfurando o corpo da irmã - Achei que era igual a mim, um ser humano superior, autossuficiente, um modelo a ser seguido. Mas quando ela trocou alguém que se importava com ela para viver com um qualquer, eu vi que estava enganada, era só mais uma criatura fraca sujando a evolução.

Um desejo imenso de quebrar aquele pescoço, de fazê-la sofrer, de ouvi-la urrar de dor me governou.

- DESGRAÇADA, COMO SE ATREVE?... A Camila era o dobro do ser-humano que você nunca, nunca vai ser.

A raiva feriu as feições dela. Laura ergueu um pouco mais a arma como se mirasse minha cabeça.

Lembrei que fazia quatro dias que uma família residente na vila dos cedros havia desaparecido.

- E a família Fagundes? - Perguntei.

O ódio deu lugar a um semblante carregado por uma assustadora presunção. Enquanto a arma se mantinha apontada para minha testa, ela respondeu:

- Vai ser lindo quando as pessoas encontrarem os corpos deles, Samuel - Uma luz brilhou naqueles olhos escuros enquanto ela soltava uma estridente gargalhada - Já era hora de expandir, não acha? Aquela família é só o começo. Logo serão dezenas de fracos sendo exterminados, logo, quando seguirem meu exemplo, serão - Um sorriso excitado surgiu e os dentes ficaram novamente a mostra - centenas. Que tipo de histórias irão contar sobre mim? Ah...

Laura revirou os olhos ainda sorrindo. Foi aí que eu agi.

Joguei o celular com força e não pude acreditar quando vi que ele acertou o rosto dela. Laura deu dois passos cambaleantes para trás e eu avancei na direção dela. Por instinto, a mulher atirou e a bala raspou meu ombro. Ignorando a dor, dei-lhe um soco no rosto que a fez cair no chão. Chutei a arma para longe e me sentei em cima dela, usando os joelhos presei-lhe os braços que se agitavam. Antes de pensar no que eu estava fazendo, envolvi o pescoço dela com minhas mãos e comecei a estrangulá-la.

Tudo que eu queria era sentir aquele corpo parar de se debater e ficar inerte como estava o de Camila. Apertei com mais força a carne macia daquele pescoço e pouco tempo depois senti que ela estava perdendo as forças, o rosto dela estava ficando cada vez mais vermelho, os olhos parecendo que iriam saltar das órbitas, os gemidos sufocados quase se calando, então... Um pensamento rasgou minha mente e eu a soltei.

O pensamento de que estava sendo como ela:

Alguem matando apenas para se sentir melhor.

Levantei-me ignorando Laura que tossia furiosamente.

Minhas mãos tremiam e meu coração parecia uma fera acorrentada lutando para sair da prisão. Laura se arrastou para o canto da parede com a cor voltando ao rosto. Caminhei até a arma e a peguei do chão, ficando de costas para a mulher.

- Você merecia, mas nem por isso te matei - Afirmei sem olhá-la. Meus olhos estavam fixos em Camila, a vontade de chorar retornava a mim - Isso te faz ver a realidade, Laura? Você não é um ser-humano modelo, é só uma louca que procurava desculpas para matar.

Olhei para a arma e pensei por um instante no que quase havia feito.

Ao me virar, Laura estava vindo em minha direção empunhando uma faca. Desviei a tempo, mas a faca cortou meu braço e deixei a arma cair. Laura avançou novamente e eu desviei. Ela investiu outra vez e, por pouco, não cortou um dos meus olhos, mas rapidamente brandiu a faca e conseguiu fazer um grande corte em meu peito. Nos encaramos por um curto instante e um sorriso vitorioso se formou no rosto de Laura, após lambe-la parte do grande filete de sangue dos lábios.

Ela correu até mim e consegui segurar o braço em que estava a faca e dei-lhe um soco nas costelas o que a fez se curvar para o lado de dor, a empurrei e depois chutei-lhe o estômago fazendo-a se desequilibrar e cair.

Não tive tempo de pegar a arma, que era meu próximo passo, pois assim que Laura caiu o grito veio.

Um grito que parecia vir de um animal no abate. Um bramido de agonia misturado com ódio.

Quando a olhei minhas entranhas reviraram.

Laura estava se contorcendo no chão. Ela caiu em cima da faca que segurava e que se enterrou na região dos rins. Uma poça de sangue se formava em volta dela.

Fiquei paralisado olhando a mulher em sofrimento e ouvindo os gritos dela torturarem meus ouvidos.

Laura se levantou dolorosamente.

Sangue escorreu pela boca dela quando nossos olhos se encontraram.

Ela desabou no chão inundado de sangue.

Foi como se os segundos olhando o cadáver a minha frente tivessem se arrastado por horas.

Antes de me permitir sentir dor, eu me lembrei que uma família talvez estivesse viva em algum lugar. Como nenhum corpo dos integrantes daquela família fora achado, havia uma remota chance de salvá-los.

Mas onde estão eles? Uma voz perversa sussurrou em meus ouvidos.

Com as mãos trêmulas sujas de sangue peguei meu celular. Após alguns segundos uma voz masculina atendeu:

- Alô? - Perguntou a voz.
- Maicon? Aconteceu... Aconteceu um... Uma coisa e logo você ficará sabendo...
- Você está bem, Sam? Você parece...
- Me escute, Maicon, preciso saber como chegar ao rancho do seu tio Edir.

Depois dele me explicar desliguei sem dizer o que havia acontecido, liguei para a polícia e contei o que ocorrera, mesmo pelo telefone pude sentir que um arrepio perpassou a mulher que me atendeu, quando disse que a assassina morta era a “vampira”. Ao desligar o celular, o dia correu de uma maneira estranha. Era como se eu estivesse em um pesadelo realizando ações desconexas enquanto o grito de dor de uma mulher ecoava infinitamente em meus ouvidos. Um pesadelo onde eu era uma alma errante presa no corpo de um estranho.

Revirei o quarto de Laura até achar um molho de chaves em uma gaveta. Peguei dois lençóis e cobri as duas mulheres me demorando em Camila, a quem depositei um beijo nos lábios frios como se o ato pudesse trazê-la à vida igual aconteceria em um conto de fadas. Fechei a porta da sala e fiquei sentado no chão da grama enfaixando meus ferimentos com pedaços de lençol e tentando não pensar no que havia acontecido e sim na família que

estava em algum lugar.

Uma viatura chegou junto de uma ambulância pouco tempo depois da ligação.

Os olhares deles se demoraram em mim, um homem banhado a sangue e pálido.

Antes que os dois homens me dissessem algo me levantei e abri a porta. Ao verem a carnificina no interior daquela casa os homens ficaram estáticos. Voltaram a me olhar.

- Não temos tempo, tenho uma ideia de onde está a família Fagundes
- Respondi desviando o olhar dos cadáveres.

Os homens se entreolharam e depois fitaram-me curiosos. Eles recusaram-se a sair sem que eu respondesse as perguntas que os afligiam.

- Conto para vocês no caminho - Garanti com rispidez.
- Ouça... - Retorqui um dos dois policiais.
- Não. Ouça você, em algum lugar dois garotos podem estar mortos ou amarrados perto dos corpos sem vida dos pais. Temos que ir agora e eu vou com vocês, sei como chegar ao lugar - Embora o tom fosse urgente um choro reprimido ainda era perceptível em minha voz.

O olhar de um dos policiais estava carregado não só de reprovação, mas de pena, no do outro só existia piedade. Por um minuto, preferi encarar o cadáver de Laura do que aqueles olhares.

- Vamos precisar de reforço? - Perguntou o moreno.
- Tenho certeza que não, pelo que entendi ela agiu sozinha.
- Certo. Espero que saiba o que está fazendo.

Não respondi, apenas assenti e entramos na viatura. Quando estávamos nos afastando da casa, pessoas se aproximaram curiosas para saberem o que estava acontecendo. Outra voz sussurrava em meus ouvidos que logo eu estaria no mundo real, acordando com os braços envoltos em

Camila.

Depois de desagradáveis trinta minutos, chegamos ao rancho acompanhados de mais uma viatura. Era um lugar pequeno com talvez quatro cômodos, cercado por uma cerca de madeira e um pouco mal cuidado, precisando ser repintado e podado. Na maior das poucas árvores, havia um balanço feito de pneu onde a pequena Laura um dia brincou. Estava assustadoramente silencioso. Com as chaves de Laura abrimos o lugar e após atravessarmos a grande varanda abrimos a porta.

Os policiais ficaram boquiabertos diante do que vimos. Um alívio e um gélido assomo de horror me atingiram.

Quatro seres humanos estavam amarrados firmemente e amordaçados, cada um em uma cadeira na sala com expressões desesperadas. Uma mulher e um homem, ambos de meia idade, um garoto de talvez quatorze anos e uma garota na casa dos dezoito. A mulher começou a chorar e igual a mim cada um deles tinha o semblante de quem duvidava que o que estava acontecendo era real.

Logo chegaram duas ambulâncias e juntos deles e dos policiais fomos embora.

Levaria uma semana para eu me encontrar com a família Fagundes, ou melhor eles me encontrarem. Foram até a revista me agradecerem e quebrarem o silêncio, pois se recusaram a contar a história a algum dos muitos jornalistas que os abordaram.

Era apenas um casal se divorciando por infidelidade de uma esposa na crise de meia-idade e com a auto-estima se diluindo. Um marido devotado demais ao trabalho e desiludido que se tornou agressivo após saber da traição da mulher que ainda amava. Filhos que não sabendo lidar com a fragmentação da família passaram a cometer atos estúpidos. Pessoas que, para Laura, eram seres fracos que sujaram a evolução. Pessoas que só

queriam buscar amor. O amor do outro e o por si próprio.

Quantos de nós não buscamos o mesmo?

Laura, que sempre realizava caminhadas, fez amizade com a matriarca que também corria e um certo dia apareceu na casa da família a convite da nova amiga. Laura usava uma peruca loura e com a arma em punho os obrigou a entrarem no carro sem fazerem perguntas e os conduziu ao lugar que seria o cativeiro deles. Os dava comida separadamente, apontando a arma enquanto comiam. Não sabiam como ela pretendia matá-los, ela só dizia que seria rápido.

Depois de tudo o que aconteceu, o casal se divorciou de uma maneira amigável e os filhos passaram a viver com o pai e conseguiram encontrar a eles mesmos.

Após resgatar a família, fui medicado e duramente interrogado. Em outra sala, eu sabia que o patriarca da família Fagundes também o estava sendo, já que ele não quis ir ao médico antes de contar o que passara. Acredito que ao verem que Laura era quem eu dizia ser as coisas ficaram claras e fui liberado.

Não senti alívio em ver que eu estava sendo libertado e muito menos quando alguns policiais, que souberam da história, bateram palmas para mim enquanto outros vinham apertar minha mão. A porta que levava à saída, parecia não chegar e sim se afastar; antes que eu finalmente chegasse a ela, eles entraram.

Os pais de Laura e Maicon estavam diante de mim com as feições açoitadas pelas lágrimas.

Foi naquele momento que a realidade, que eu estava tentando evitar, finalmente veio me devorar. Foi como se a dor da perda se espalhasse por cada molécula do meu corpo, uma dor tão terrível que desejei arrancar meu coração para não ter de senti-la.

Camila se fora.

...

Dei as costas à escuridão e olhei o casal. Ambos me escutaram em silêncio e, como eu imaginava, seus rostos estavam marcados pela piedade. O mesmo olhar que vi em meus familiares, amigos, colegas de trabalho e desconhecidos, fazendo eu me sentir um homem marcado, igual a Caim.

- E depois disso, me chamaram de herói - Falei desviando o olhar para o chão.

Antes que eu pudesse me conter, um desejo avassalador que corroía meu âmago sempre que olhos penosos caíam sobre mim me dominou. E então, comecei a gritar as palavras reprimidas. Palavras que sempre ansiei gritar, mas nunca o fiz, sempre tendo a sensação de que uma faca adentrava minha carne cada vez mais fundo quando não eram ditas:

- EU NÃO SOU UM HERÓI... EU FALHEI... A ASSASSINA ESTEVE SEMPRE AO MEU LADO E EU NÃO VI, EU DEVERIA TER VISTO... DEVERIA TER IMPEDIDO... SE EU TIVESSE... ELA... A... A CAMILA ESTARIA AQUI AGORA...

Ao gritar tudo o que queria há um ano, senti como se algo tivesse se desprendido do meu corpo e caído por terra. Como se alguma entidade maligna tivesse sido repelida de mim como fora do homem de Gerasa por Jesus Cristo.

Senti-me mais leve conforme o silêncio ia se apoderando daquele quarto.

Quando dei por mim, estava chorando.

Dayana se levantou e veio até mim. Ela depositou a mão em meu ombro.

- Sinto muito, Sam - A voz dela continuava calma e reconfortante -

Não consigo imaginar a sua dor, mas... Quando fiquei sabendo da minha doença, tentei me manter firme, mas a ideia de que eu poderia morrer em breve me fez chorar por muito tempo, se não fosse pelo Armando não sei o que seria de mim.

Não conseguia imaginar aquela mulher chorando, depois daquele dia sombrio eu a via como um ser à prova de balas e de sofrimento. Mas, foi aí que pensei em uma das verdades da humanidade:

Poder sentir dor é uma das indesejáveis características que nos permitem sermos seres humanos.

Dayana sorriu.

- Nessa época, Sam, eu vi aquilo que ignoramos às vezes. Nós vamos morrer. Não somos eternos e um dia seremos só lembranças - O sorriso dela se estendeu - Vi que tudo que eu deveria fazer era garantir que tivessem boas lembranças de mim e fazer essa vida valer a pena.

Forcei um sorriso enquanto limpava as lágrimas.

Dayana foi até a cama e pegou a foto minha e de Camila e a entregou para mim. Eu a segurei e admirei novamente.

- Olho para essa foto e sei que Camila lhe diria que valeu a pena - Ela levou o olhar até a escuridão - Sei que isso pode não te ajudar a esquecer a dor, sei que sempre irá se perguntar o que deveria ter feito - Voltou-se para mim serenamente -, mas, depois de hoje, eu tenho certeza que se houvesse algo que você pudesse ter feito, você o teria feito e arriscado sua vida se necessário, Sam.

Foi como se uma onda de calor tivesse inundado minha alma.

- Obrigado - Respondi sabendo que aquela palavra era pouco para demonstrar minha gratidão.

Dayana segurou minha mão e a apertou. Sorriu mais uma vez e deu as costas.

- Acho que todos precisamos dormir - Disse ela e se virou.

Armando se levantou, sorriu para mim e junto de Dayana saiu fechando a porta atrás de si.

Peguei-me olhando novamente para a foto.

Armando tinha razão, foi um dia maravilhoso.

Apaguei a luz e me deitei. Fiquei ali ouvindo os suaves toques da chuva no telhado.

Antes de adormecer pensei em Camila e no tempo que tivemos juntos. Um tempo de luz, uma luz intensa feito a explosão brilhante de uma supernova em meio à incomensurável escuridão do cosmos.

Pensei comigo mesmo:

Valeu a pena!

CAPÍTULO

XXI

Tive outro sonho naquela noite.

Eu estava subindo uma colina, conhecia aquele lugar cercado pelo verde das árvores. Se eu subisse mais um pouco, chegaria ao mirante e de lá poderia ver o sol se despedir, mas eu estava cansado, sentindo que devia desistir.

- Samuel?

Virei-me e a vi.

Camila estava mais abaixo, usando o mesmo vestido branco de quando fomos à praia. Trocamos um sorriso. Eu queria perguntar se ela não queria me acompanhar, mas antes que eu pudesse dizer, ela ergueu o braço e acenou. Eu retribui o aceno, mas desejava que ela não tivesse de ir e sim ficar ao meu lado, pelo menos até o sol se pôr. Camila soprou um beijo para mim e, antes de dar as costas e caminhar, ela exibiu um último sorriso. Fiquei ali vendo-a partir. Quando não podia mais vê-la, segui em direção ao mirante. O cansaço me abandonara, eu estava pronto para chegar ao meu destino.

Despertei. Por um segundo não reconheci o quarto onde eu estava. Levantei e notei como a casa estava silenciosa, Armando e Dayana deviam estar dormindo. Calcei os chinelos e fui até a janela. O cinza do céu se fora, agora eu via um azul reconfortante, as nuvens negras do dia anterior estavam brancas e imaculadas.

Consultei as horas, era nove e quinze da manhã, um horário que aos

sábados uma de minhas rádios favoritas tocava clássicos do rock. Peguei o rádio, sintonizei na estação desejada, coloquei os fones de ouvido e fiquei me banquetando da boa música e do céu azul.

Perdi a noção do tempo enquanto a música tocava, só dei por mim quando Armando bateu na porta e pediu licença.

- Bom dia, Armando.
- Bom dia, Sam. A Day pediu pra ver se você acordou e te chamar pra tomar café... É um rádio am/fm?
- Ah sim, é meio antiquado eu sei.

Armando estava com uma expressão sombria, provavelmente ainda tinha a imagem da cabeça decepada de Dagma nítida na memória, mas o rosto dele se desanuviou um pouco após ver o rádio.

- Não é por isso, é porque eu tive um e eu o adorava. Lembro que ouvi a copa de dois mil e dois pelo rádio e foi uma experiência ótima. Meu pai diz que só o rádio consegue romantizar uma partida de futebol e até a derrota fica bonita nele.

Ele forçou um sorriso.

- E ele tem razão, digo isso porque meu pai torce pra um time que só perde, por isso trocou a tv lcd pelo rádio - Respondi.

Nós dois rimos uma risada que teria sido muita mais entusiasmada se as circunstâncias fossem diferentes.

- Venha, vamos tomar café - Convidou ele.

O acompanhei e me surpreendi ao ver que já era dez e dezoito da manhã. Ao me aproximar de Armando, notei que ele não teve a melhor das noites.

Dayana estava sentada à nossa espera. Diante dela, havia uma mesa com guloseimas matinais pronta para nós.

- Bom dia, Sam - Disse ela enquanto eu me sentava.

- Bom dia, Dayana, que mesa linda.
- Não dizem que o café da manhã é a refeição mais importante? - Comentou Armando tentando parecer bem-humorado, enquanto puxava uma caneca onde lia-se “papai”.
- Concordo!
- Dormiu bem, Sam? - Perguntou Dayana com um sutil sorriso. Ela também parecia não ter tido a melhor das noites.

Confirmei com um balançar de cabeça.

Dayana se inclinou e o sorriso foi desaparecendo até dar lugar a uma expressão séria.

- Que bom, porque temos de decidir nosso próximo passo, isso se você quiser continuar.

Senti-me encurralado. Eu havia pensado um pouco sobre o próximo passo naquela manhã durante as pausas das músicas do rádio. Mesmo me sentindo mais capaz, decidir o que fazer estava sendo um dilema que me perturbava. Inesperadamente, até para mim mesmo, olhei para Armando como se pedisse socorro. Ele ergueu as mãos.

- Não me olhe assim - Falou ele - , mesmo depois de vinte cinco anos de casado não me acostumei com essas mudanças de humor dela.

Dayana olhou para o marido que também a olhou, ambos estavam sorrindo, talvez o primeiro sorriso verdadeiro daquela manhã.

- Viu só? Agora ela está sorrindo - Comentou ele parecendo melhor. Não pude deixar de rir e, depois de me aquietar, respondi:

- Ainda não decidi, Dayana. Acho que vou precisar de iluminação.

Os dois me olharam como se eu tivesse dito alguma palavra em outro dialeto.

...

Trinta minutos depois, eu estava acomodado no banco traseiro do carro da polícia, Dayana estava sentada ao meu lado. Ela recusou ficar em casa mesmo com a minha insistência e a de Armando. Meus olhos se perdiam na visão através da janela. As pessoas caminhavam tranquilamente, algumas delas passeando com cães, outras correndo, alguns idosos reunidos em uma pracinha gargalhavam de alguma piada, uma mulher andava com duas crianças se deliciando com casquinhas de sorvete nas mãos, todos recortados contra o céu azul. Espiando-os do outro lado do vidro, eu tinha a sensação de que vivíamos em dimensões diferentes.

Os grandes portões da igreja estavam fechados, então seguimos para a casa grande de muro alto, toda pintada de salmão que ficava em frente a ela. Pouquíssimas pessoas observaram demoradamente - E nada sutilmente - Dayana e eu, quando saímos da viatura. Percebi que elas cochichavam entre si. As notícias da noite passada já estavam correndo, logo jornalistas da região estariam à nossa procura.

- Se importam de eu entrar sozinho? - Perguntei aos dois policiais e a Dayana.
- Por quê? - Quis saber Dayana com um semblante de reprovação.
- Acho que ele se sentirá mais à vontade se formos só eu e ele, meio que irá parecer uma confissão, entende?

Dayana deu de ombros.

- Você quem sabe - Afirmou ela fulminando com o olhar duas senhoras que a encaravam e sussurravam entre si, as duas baixaram a cara para o chão e se puseram a caminhar - Te esperamos aqui fora, então. Boa sorte!
- Obrigado!

Apertei o interfone e olhei ao redor enquanto a resposta não vinha. As demais pessoas que passavam pareciam ainda não saberem do ocorrido da

noite, mas depois do jornal regional do meio-dia, saberiam e iriam comentar para quem estivesse mais próximo que passaram perto do tal jornalista.

- Bom dia! - Desejou a voz calma de Tony.
- Bom dia, Tony, é o Samuel.
- Só um minuto, Sam.
- Ok.

Poucos segundos depois, o padre abriu o portão. Por cima da roupas, estava um avental sujo de tinta e os óculos repousavam no alto da cabeleira grisalha.

- Como vai, Sam? - Perguntou ele estendendo a mão.
- Tudo ótimo, padre, obrigado - Respondi apertando-a.
- Vamos, entre - Ele viu a viatura e não mostrou reação, apenas sorriu, acenou para as três pessoas e então entrou na residência. Eu o segui.

Atravessamos a grande varanda e adentramos a casa. Os móveis eram simples e não eram muitos, apenas o essencial, mas nas paredes via-se inúmeros quadros, todos, eu tinha certeza, pintados por ele e também várias fotos dos quase quarenta anos de serviço ao sagrado. Havia ido lá poucas vezes com Heloisa e Felipe, e nunca havia dado muita atenção à foto emoldurada, mas naquele dia ela arrebatou minha atenção. Na fotografia, três pessoas estavam sentadas em um banco de parque, no meio estava uma mulher gordinha de cabelos grisalhos, óculos e rosto bondoso que reconheci ser Giulia, a mãe de Tony; de um lado estava um Tony de cabelos longos e negros e do outro um adolescente que eu sabia ser Felipe. O padre me guiou a um quarto grande que foi transformado em ateliê. O cômodo todo pintado de branco estava praticamente vazio, havia alguns quadros encostados ao lado, alguns nas paredes, outros em uma pequena estante no canto próximo à janela e no centro, de frente a uma poltrona confortável, havia o suporte onde

repousava a tela que ele estava pintando, do lado dela tinha uma mesinha com pincéis.

- Tony, este quadro está ficando incrível! - Comentei ao admirar a pintura quase finalizada.

Na tela, via-se em meio a um campo verdejante uma pequena igreja onde um grupinho de fiéis se dirigia. Tony a olhou como se outro a tivesse pintado.

- Obrigado, Sam, está quase pronto. Está dando trabalho, mas está valendo a pena.
- Está, mesmo.

Tony, admirou mais uma vez o desenho e então puxou um banquinho no canto e se sentou.

- Não quer se sentar? - Perguntou apontando a poltrona
- Ah, sim, obrigado.
- Aceita um café? Que tal café com bolo?
- Eu adoraria, mas acabei de comer, obrigado.
- Não por isso. Bom, em que posso te ajudar? Tem alguma coisa a ver com o Saulo?

Durante o trajeto, enquanto eu pensava sobre como abordaria minha dúvida, reparei como minhas visitas a ele estavam ficando incômodas, pois tanto na anterior quanto naquela os mortos fariam parte da nossa conversa.

- Não encontramos o Saulo. E eu queria falar sobre outra coisa com você, Tony.
- Sim?
- O senhor soube das coisas que aconteceram ontem?

Tony assentiu devagar e cruzou os dedos.

- Uma das vantagens de cidades pequenas é que as notícias correm rápido, e uma ruim é que a maioria das vezes elas estão longe da

realidade.

- O que o senhor ouviu falar, Tony?

Tony se voltou para os próprios dedos, pude ver o horror transparecer brevemente no rosto dele quando o levantou.

- Que te mandaram a cabeça de “Dagma, a louca” - falou ele baixinho e pronunciando o nome em um tom respeitoso.

- Sim, me mandaram a cabeça dela.

Tony fitou o chão. Acredito que ele esperava que tudo fosse um boato surgido na união de más línguas.

- Que Deus lhe conceda o descanso eterno - Disse tais palavras com os olhos fechados e depois os abriu - Aquela mulher sofreu muito na vida, Sam. Foi muito triste o caminho que ela escolheu trilhar, espero que não a julgue por tudo que vai ouvir falar dela.

Eu assenti desviando o olhar para a pintura.

- Meu Deus. Wilson, Carmen, Dagma... - Falou ele ainda olhando para chão - O que está acontecendo, Sam? Você tem alguma ideia?

Eu esperava que aquela pergunta viesse.

- Digamos, Tony, que eu descobri um... Mal. Esse mal estava agindo em segredo e agora que foi descoberto está tentando silenciar algumas pessoas e me intimidar. O que fizeram com Dagma foi justamente para isso, me fazer desistir.

Tony parecia não piscar, observava-me como se eu tivesse deixado algo de fora, algo importante.

- É por causa desse mal que está aqui, Sam? - Perguntou sem deixar de mirar meu rosto.
- Isso mesmo.

O padre assentiu e se empertigou no banco. Inesperadamente, ele sorriu.

- Tudo bem, me diga como um velho pode te ajudar, e se eu puder vou ajudá-lo com prazer.

Ao ouvir aquelas palavras, naquele tom calmo, logo pensei em Felipe. Um jovem rebelde, que, muitas vezes, precisou de ajuda para encontrar uma melhor versão de si mesmo. Felipe provavelmente se sentou naquele mesmo lugar em que eu estava, ele pronto para desabafar e Tony pronto para ouvir e ajudar.

- Tony, eu preciso de um conselho.
- O que está te incomodando? - Perguntou ele se inclinando para me ver melhor.

Os acontecimentos da última noite assaltaram minha mente.

- As pessoas que mataram Dagma, me deram um ultimato. Tenho que esquecer tudo o que descobri e ir embora, aí eu serei perdoado, não apenas eu, mas a Dayana, que é quem esta me ajudando na investigação, também, e se nós nos recusarmos e continuarmos... Irão nos matar.

Por um alguns segundos ficamos quietos, apenas sentindo o reverberar das palavras.

- Bom - Começou ele em tom sereno -, não me parece uma escolha difícil.
- E não seria se eu não tivesse a certeza de que eles não vão parar de matar. Eles vão apenas ficar mais cuidadosos.

Novamente o silêncio nos enlaçou.

- O que você teme? - Perguntou Tony seriamente com os olhos cravados nos meus.

Os rostos das pessoas desaparecidas vieram aos meus pensamentos. Pessoas que não foram salvas, que não receberam justiça e nem um enterro decente diante dos familiares. Quantos mais teriam o mesmo destino

sangrento rumo ao esquecimento?

- Não vou me perdoar, Tony - Respondi sem conseguir encará-lo - Toda vez que eles matarem alguém, vou sentir... Vou sentir que... Que eu fui cúmplice! - Voltei-me para ele - Dayana quer seguir em frente, pois ela acredita que podemos vencê-los, eu também acredito, mas eu... Eu não sei o que fazer, Tony.

O homem à minha frente ficou me fitando por algum tempo. Por um instante imaginei que ele podia ler meus pensamentos e estar vendo os rostos dos mortos.

- O que a razão te aconselha a fazer, Sam? - Perguntou ele calmamente.
- Ir embora e esquecer - Não precisei pensar para responder.
- E seu coração? - Perguntou em um tom baixo e lento.
Era justamente a voz do coração que me incomodava.
- Aconselha a continuar.

Tony pareceu satisfeito com a resposta pois a expressão dele se iluminou.

- Samuel, sei que todos sempre nos aconselham a ouvir a razão - Ele gargalhou, uma risada sem alegria - Eu disse isso muitas vezes para o Felipe. “Ouça a voz da razão, garoto!” - A lembrança o entristeceu, mas logo ele voltou a sorrir. Se inclinou um pouco mais em minha direção - Mas, se tem algo que este homem velho aqui pode te garantir, é que nossos maiores arrependimentos são causados por não escutarmos o coração.

Foi como se a luz do sol tivesse invadido as frestas da casa e caído sobre mim. Naquele momento eu tive certeza do que teria que fazer.

- Obrigado, Tony - Disse eu sorrindo.
O padre assentiu alegre.

- Espero que tome cuidado, Sam.
- Vou tomar.

Repentinamente, Tony se levantou e foi para um canto do cômodo. De cima de uma mesinha, tirou um quadro e o levou até mim.

- O quadro que me pediu, lembra?

Eu não me lembrava.

- Ah, claro. Nossa, obrigado!

Admirei a pintura. Era o desenho realista de uma pomba voando sobre um rio.

- Sua irmã, vai gostar? - Quis saber Tony.
- Ela vai adorar, muito obrigado e parabéns ficou magnífico. Quanto te devo?
- Nada.
- O quê? Não diga isso, deve ter dado um trabalhão.
- Deu sim, mas foi um trabalho prazeroso.
- Desculpe, mas não posso aceitar.

O padre fingiu estar ofendido.

- Não é você que tem que aceitar. Não é para você, é para sua irmã.
- Nós dois nos pusemos a rir.
- Certo, Tony. Muito obrigado mesmo. Acho que vou indo.
 - Mas você acabou de chegar.
 - É que eu tenho muito trabalho para fazer.
 - É verdade. Bom, foi um prazer, Sam.

Apertamos as mãos.

- Obrigado pelo conselho.
- Estou aqui para ajudar.

Dirigi-me para a porta e então vi que próximo dela havia uma pintura colada na parede. Ao vê-la, os pelos da minha nuca se eriçaram.

- Algum problema? - Perguntou Tony. A voz dele parecia vir de muito longe.

Meu coração começou a bater com força.

- Este quadro - Falei sem desviar a atenção da pintura -, foi você que pintou?

Tony se voltou para o quadro e sorriu.

- Ah, não - Respondeu ele bem humorado -, esse aí foi feito por um artista melhor. Esse artista foi meu professor, ele levou essa pintura nas aulas e nos fez tentar fazer uma igual. Ele dizia que para se pintar tem de se ter delicadeza e essa pintura exige muita delicadeza e domínio da arte - Tony pôs-se a rir - Entendo sua cara de espanto, sei que é estranho um padre ter um quadro desses, mas essa pintura me traz boas lembranças da juventude, sabe? Foi quando descobri a paixão pela arte e também quando iniciei minha vida como padre. Gosto tanto desse quadro que o comprei duas vezes.

- Duas vezes?

- Sim, um amigo que também pintava se interessou por ele, então lhe dei de presente o quadro que comprei na exposição do meu antigo professor. Me arrependi e aí pedi para meu professor pintar outro para mim. Ele é o único que consegue pintá-lo com perfeição. Acredita que ele tem oitenta e dois anos e ainda pinta? Ele mora em São Paulo caso queira conhecê-lo para uma entrevista.

Virei-me para encarar o padre. Tony olhava o quadro com uma evidente fascinação faiscando nos olhos.

- Qual era o nome do amigo para quem você deu o quadro, Tony?

Uma compreensão feriu o rosto de Tony. Uma compreensão assombrosa.

- O nome dele é João Augusto... Irmão de...

- Saulo Franco.

Nós dois olhamos para o quadro como se estivéssemos diante de um cadáver esquartejado.

- Existia a possibilidade de João conhecer Heloísa? - Perguntei.

Aquele semblante de assombro se intensificou em Tony.

- João Augusto era amigo de Felipe. Jogavam bola juntos toda a semana, foi Felipe quem me apresentou a ele.

O arrepio se se alastrou pelo meu corpo.

- Tenho que ir padre. Muito obrigado.
- De... De nada, Sam, venha.... Venha mais vezes e espero que dê tudo certo.

Tony me acompanhou até a saída. Não trocamos uma palavra, tudo que eu desejava era estar do lado de fora daquela residência que pareceu ter se dobrado de tamanho.

- Até mais, Sam - Despediu Tony que pude notar estava com as mãos trêmulas quando nos cumprimentamos.
- Até mais, padre.

Meu coração se acalmou apenas quando ouvi o portão se fechar. A imagem do quadro se enterrou em minha cabeça.

Na pintura, uma mulher estava nua em um fundo repleto de árvores de um verde lustroso que estavam embaçadas. O corpo branco e esbelto da moça estava de perfil e ela caminhava delicadamente com os cabelos loiros esvoaçando. A mulher de olhos verdes estava com o rosto virado na direção de quem olhava à pintura realista. Ela sorria. Não era o rosto de Heloísa, era o rosto de alguma outra mulher. O quadro, que naquele momento deveria ser apenas cinzas nos escombros do sítio do falecido Wilson, era bem pintado, mas não se comparava ao que estava na parede de Tony. O quadro pintado pelo professor de Tony era mais primoroso e não era tão grande quanto o que

pertencia aos voraces.

Lembrei-me do comentário de Dayana quando deixamos o sítio e o quadro dentro dele para trás:

Um amante com dotes artísticos.

CAPÍTULO _XXII_ ---

Corri até Dayana que estava em uma padaria próxima da praça. Ela estava sentada em uma mesa com uma xícara à frente dela. Otávio estava com ela. Os dois não pareciam estar conversando um assunto agradável.

- Sam, espero que tenha conseguido sua iluminação, porque... Você está bem, está pálido? - Perguntou ela quando adentrei o lugar.
- Acho que sei quem pintou aquele quadro que estava queimando, Dayana.
- Quem? - Perguntou ela se levantando e vindo até mim com os olhos azuis cintilando pela curiosidade e a expectativa.
- João Augusto Franco - Disse a ela e ela se impressionou - Ao que parece, Tony deu um quadro para o João. Então ele usou a pintura como base para pintar o quadro que encontramos na casa do Wilson. O fundo e o corpo são idênticos ao original, ele apenas mudou o rosto. Então pode ser que ele... Que ele...
- Fosse o amante de Heloísa - Terminou ela.
Aquele ideia me dava asco.
- Sim, o quadro é mais uma prova de que ele era um vorace. Estamos no caminho certo.

Dayana suspirou, deu as costas para mim e se sentou novamente.

- Conte a ele, Otávio - Disse ela enterrando o rosto nas mãos.
- Contar o quê? - Perguntei.

Otávio tinha um semblante cansado. Ele se levantou e se aproximou de mim.

- Eu conversei com a esposa do João Augusto - Começou ele - Ela estava no trabalho quando ele ligou pra ela dizendo que recebeu uma ligação de um amigo de São Paulo que queria contratar os serviços dele e que ele estava indo para lá. Isso foi pouco tempo antes de vocês encontrarem a casa queimando. Já Saulo, não voltou do almoço ontem. Falei com a namorada dele e ela não sabe nada sobre o sumiço dele. Uma das vizinhas disse que Saulo foi para casa, saiu de lá com uma mala e então entrou no carro e se foi.

Foi como se todo o meu vigor tivesse se esvaído do meu corpo.

- Eles provavelmente sequestraram a Carmen... Tudo isso foi uma encenação - Disse a ele tentando não soar desesperado.
- Eu também acho isso, mas a questão é que não temos ideia de para onde eles foram.
- E a casa do Wilson, encontraram alguma coisa lá?

Otávio fitou o chão com os punhos cerrados.

- Revistamos cada centímetro daquele lugar, é só uma casa grande onde ninguém mora. Vamos escavar o que pudermos e ver o que acontece.

Ele fechou os olhos, quando os abriu havia fúria os incendiando.

- PORRA! - Vociferou ele fazendo os poucos clientes saltarem e as atendedoras recuaram - QUE DESGRAÇA!

Ele caminhou até a porta e ficou contemplando o dia azul diante dele como se procurasse os rostos dos vorazes em meio às pessoas que seguiam

para os mistérios de mais um dia de suas vidas, fosse com sorrisos nos rostos ou com semblantes de desânimo.

- Eles estão escapando por entre nossos dedos - Disse ele mais para si mesmo do que para mim.

Dayana mantinha os olhos azuis fixos na xícara.

- Avisei a polícia da região - Continuou Otávio - Uma hora eles terão que aparecer. Eles não poderão se esconder por muito tempo.

Dayana riu com amargura. Cada rosto naquela padaria se voltou para ela.

- Eu disse a mesma coisa quando a Heloísa desapareceu, Otávio - Disse ela encarando Otávio.

Ficamos todos em silêncio sendo enlaçados dolorosamente pelos pensamentos que aquelas palavras carregavam.

Dayana levantou e se dirigiu até a saída.

- Mas o Sam tem razão, estamos no caminho certo - Continuou ela parando e olhando o céu -, o problema é que nosso alvo pegou um desvio.

Ela foi até a viatura, entrou no carro, sentou no banco de trás e encostou a cabeça nas costas do banco da frente.

Otávio parecia alguém que queria se trancar em algum lugar. Ficar longe de tudo e de todos, ser esquecido e esquecer.

- É. Espero que esteja se sentindo mesmo iluminado, Sam.

Após dizer tais palavras ele caminhou até o carro.

- Venha no meu carro e peça para Dayana vir também, vamos poder conversar - Gritou ele.

Assenti e saí da padaria sentindo que eu deixava para trás todas as minhas esperanças.

...

Dayana e eu estávamos sentados no banco de trás da camionete de Otávio. Ninguém dizia uma palavra. Todos pareciam absortos nos próprios pensamentos.

Meus olhos vagavam pelo quadro que Tony havia dado para mim. Realmente Karen iria adorá-lo.

No caminho, passamos em frente a uma farmácia onde uma funcionária chorava. Otávio estacionou o carro, mas não desceu. A mulher estava com um corte no supercílio e outros três funcionários demonstravam medo, várias pessoas os rodeavam. Pelo que eles falavam, entendi que havia acontecido um assalto. Uma mulher levou as mãos aos céus ao ver a viatura da polícia.

Otávio fez sinal para que os policiais que nos escoltavam fossem ver o que aconteceu e nós seguimos caminho.

Nenhum de nós deu muita atenção para aquele acontecimento na farmácia. Diante de um grupo de assassinos canibais meticulosos que estão sempre um passo à frente, um assalto parece algo engraçado.

Seguimos nosso caminho quietos.

- É um quadro bonito, Sam - Disse Dayana. Por um minuto eu havia esquecido do quadro.
- Obrigado.

Ela recostou a cabeça no vidro da janela. Lá fora, passávamos próximos ao lago da cidade. De onde eu estava, dava para ver parte da água que refletia o dourado do sol, o que mais se via eram as árvores e a vegetação que o cercavam. Chegou um ponto onde não se via mais nada da água, apenas verde e pássaros voando acima. Do meu lado, tinha uma ladeira de mais ou menos seis metros, adiante dela, uma pequena descida e depois o caminho ficava plano e levava ao emaranhado de árvores que escondiam o

lago.

- Vou dar ele para minha irmã, ela tem vários espalhados pela casa, mas ela sempre arruma espaço para mais um - Disse para Dayana na tentativa de nos afastarmos um pouco dos sentimentos de impotência que nos dominavam.

Sorri para Dayana que correspondeu, mas nossos sorrisos eram sem vida. Parecíamos pessoas que se dirigiam para um funeral, ou para a própria sepultura.

Voltei a olhar para o quadro. Havia algo ali que eu vi, mas não dei atenção. Meus olhos se demoraram no que eu encontrei.

Foi como se uma luz recaísse sobre mim, uma luz quente e intensa.

- Ah meu Deus! - Disse ao mesmo tempo grato e assombrado.

Dayana se virou para mim.

- O que foi, Sam?

Deixei meu olhos acharem os dela.

- Acho que descobri uma coisa, Dayana.... Eu...
- SEGUREM-SE! - Gritou Otávio.

Do lado de Dayana, uma van preta vinha a toda a velocidade em nossa direção. Otávio acelerou, a van fez o mesmo e se chocou contra a lateral do carro. Pelo retrovisor, vi que um sujeito vestido de preto dirigindo uma moto corria até nós. Ele estava armado. Dayana tirou a arma da bolsa, mas antes que pudesse agir ouvimos os tiros que foram dados pelo motoqueiro e o estouro de nosso pneu. A van se chocou com violência na camionete que estava descontrolada. O carro foi jogado para cima da calçada.

Foi aí que o carro capotou ladeira a baixo.

Foi como se a gravidade tivesse perdido o poder sobre o mundo, enquanto barulhos de coisas se despedaçando fundiam-se aos gritos de Dayana, Otávio e os meus.

Depois de três voltas, o carro parou. Por sorte não foi de cabeça para baixo.

Dayana estava desacordada. Eu sentia algo quente escorrer pelo meu rosto. Felizmente estávamos todos com cinto de segurança.

- Otávio... Você... Você está bem?

Ele não respondeu.

- Otávio?

- Sai... Do carro... Eles... Est...Vindo.

- Mas, você...

- SAI DO CARRO!

Eu me soltei do cinto com dificuldade, sai do carro e os vi.

Quatro homens vestidos com roupas negras e usando capuzes balaclava nos observavam do alto da ladeira feito abutres famintos. Cada um deles segurava uma arma.

Dei as costas a eles e corri em direção às árvores como uma presa fugindo de um predador. Olhei para trás e vi que eles desciam a ladeira com calma. Estavam diante de alvos faceis.

As batidas furiosas do meu coração faziam meu peito doer. Minha perna latejava e o verde ao meu redor parecia estar se fechando em volta de mim como se fosse me esmagar.

Foi ai que ouvi os tiros. E depois um grito agonizante de homem.

O medo se espalhou por minha alma, feito veneno na corrente sanguínea, enquanto eu corria em meio às árvores. De repente eu me encontrei de frente para o lago onde na margem algumas pedras do tamanho de uma mão fechada repousavam. Atrás de mim, os tiros ecoavam.

Os tiros cessaram.

Pensar que Dayana e Otávio deveriam estar mortos fez com que uma lágrima deslizesse pelo meu rosto.

Quando eu estava prestes a entrar na água, escutei a voz.

- Finalmente nos encontramos, Samuel.

Era uma voz grave e fria.

Virei-me. Um dos homens vestidos de negro estava parado e apontando a arma para mim.

- Finalmente, só você e eu - Disse o sujeito e começou a caminhar até mim - Você e seus amigos nos deram muitos problemas, Samuel.

Ele parou a cerca de um metro de mim.

- Não sabe o quanto eu adoraria acabar com você agora mesmo - Disse ele e eu senti o ódio que envolvia cada palavra.

- E por que não o faz? - Perguntei o encarando.

- Porque querem você vivo para o ritual. Você é um homem de sorte - Aproximou mais um passo - Mas uma hora a sorte acaba.

Ficamos apenas nos encarando. O silêncio sendo quebrado apenas pelo som do lento correr do lago. Eu me via acorrentado em um altar e cercado por seres vestidos em roupas negras. Em breve eu estaria como os mortos vivos de meus pesadelos.

- Pessoal? - Gritou ele - Pessoal?

Nada se movia no lugar de onde os companheiros dele deveriam vir.

- Acho que você está sozinho - Disse a ele sentindo uma pontada de esperança.

Ouvimos passos distantes vindo do meio das árvores.

O vorace olhou para as árvores.

Nesse momento eu avancei e soquei a mão em que ele segurava a arma fazendo com que ela fosse para longe e rapidamente lhe dei um soco no rosto, antes que eu pudesse golpeá-lo novamente, ele me socou no estômago e depois no rosto o que me fez cair bem na margem do lago. O homem saltou sobre mim com uma faca em mãos, consegui segurar a mão dele antes que ele

conseguisse cravar a faca em meu peito.

- Vou adorar comer o seu coração! - Disse ele, forçando a faca agora com as duas mãos. Os olhos castanhos dele brilhavam feito brasas ardendo.

- Eu não estou no menu! - Repliquei.

Empurrei para o lado as mãos do sujeito e a soltei enquanto movia meu corpo para o lado. A faca deslizou cortando meu braço esquerdo, consegui alcançar com a outra mão uma pedra e com ela eu golpeei com força a cabeça do vorace que gritou. Ele caiu na água atordado. No momento em que ele brandiu a faca em minha direção, eu lhe dei outro golpe com a pedra usando toda a força que pude reunir. Tive a nauseante sensação de sentir algo se quebrando no crânio do homem e que a região onde eu acertei afundou.

Ele não se mexeu mais.

Levantei e joguei a pedra longe como se ela estivesse em chamas. Virei-me a tempo de ver que alguém vinha do meio das árvores.

Cai de joelhos ao vê-los.

Dayana e Otávio vinham até mim. Dayana mancava e se apoiava em Otávio que estava com um corte feio no braço e com alguns cortes no rosto. Dayana sangrava no nariz e no supercílio. Ambos estavam armados.

- Graças a Deus que estão bem. Nunca estive tão feliz em ver vocês dois! - Disse a eles me levantando.

- Te digo o mesmo - Falou Otávio que olhou para o homem no lago e depois para mim. Ele se mostrou impressionado.

Otávio ajudou Dayana a sentar no chão.

- Pensei que eles tivessem matado vocês.

- Foi por pouco - Disse Otávio -, um deles correu atrás de você, os outros três vieram em nossa direção, por sorte eu consegui pegar minha

arma e Dayana acordou. Os surpreendemos. Eles não tiveram chance.

Dayana esboçou um sorriso que se misturou a uma careta de dor.

- Otávio matou dois deles, eu não estaria aqui se não fosse ele - Disse ela dando tapinhas no ombro de Otávio que fez uma cara feia pela dor.

- Você estava zozza. Se não estivesse, acho que você teria acertado os três - Falou ele com um bom humor inesperado.

- Quem sabe?

- E aquele ali, Sam? Está vivo?

Olhei para o homem inerte.

- Não sei - Respondi desviando o olhar e tendo a certeza de que o sujeito estava morto.

Otávio se levantou e foi até ele. Ele se agachou, tirou o capuz do sujeito e mediu o pulso.

- Está morto. Adivinhem quem é...

- Quem? - Perguntei.

- João Augusto Franco.

Dayana e eu nos entreolhamos.

- Tenho certeza que no meio dos outros três está o Saulo - Falou Dayana - Eles eram irmãos inseparáveis, sabe?

Otávio chutou o cadáver.

- Esses desgraçados nos emboscaram! - Disse ele fitando o cadáver como se desejasse que ele revivesse para poder tortura-lo - Tenho certeza que eles estão por trás do assalto na farmácia.

Não havia pensado naquilo.

- Se tivéssemos descido na farmácia, eles teriam nos atacado ali mesmo. Talvez esse fosse o plano deles, mas eles tinham um plano b. Temos de admitir, esses filhos da puta são bons no que fazem - Falou

Dayana mirando o homem morto.

- Agora é nossa vez de termos um plano, não acham? - Disse Otávio com os punhos cerrados.

Deitei no chão e olhei para o céu. Um velho hábito que só naquele instante eu reparei que não realizava há mais de um ano. Eu adorava me deitar na grama do parque e olhar para o céu. Assim eu sentia que os medos e preocupações eram sugados de mim e que todos os males que assombram a humanidade jamais me alcançariam. Fechei os olhos e pensei no quadro destruído que estava na camionete.

- Tenho uma coisa para contar a vocês - Disse sem abrir os olhos e ainda deitado no chão, mas sem aquela sensação de que o mal estava distante. Na verdade, eu tinha o incômodo pressentimento de que em breve eu estaria nas garras do mal.

Eu estava certo.

CAPÍTULO XXIII

Dayana, Armando e eu estávamos sentados em cadeiras na varanda, cada um segurando uma tigelinha de sorvete e contemplando a noite estrelada e seu frescor.

Depois do ataque, naquele mesmo dia, Dayana, Otávio e eu fomos levados ao hospital e, para desgosto dos médicos, não quisemos ficar para mais observações depois que eles nos disseram que estávamos bem. Tínhamos trabalho a fazer.

Em meio aos cadáveres, estavam os irmãos Franco, um contador chamado André Madureira e um professor chamado Inácio Melo; todos na casa dos quarenta anos e nenhum deles possuía passagem pela polícia. Com exceção dos irmãos, os outros não tinham nenhuma ligação entre si. Todos que os conheciam lhes viam como bons homens, trabalhadores honestos,

cristãos e pais de famílias decentes. Pessoas que os pais desejam que seus filhos se espelhem. Saulo era o único do grupo que não era casado, mas todos tinham filhos. As parceiras, até o momento, alegaram não terem ideia de que os homens que viviam ao lado delas faziam parte de algum grupo criminoso. Até então, não havia nenhuma evidência de que elas eram membros dos voraces. Ao que parecia, aquelas mulheres desconheciam o lado obscuro existente nos parceiros.

Enquanto tomávamos nossos sorvetes sob a luz do luar, falávamos de assuntos aleatórios, ríamos de piadas e elogiávamos o delicioso jantar enquanto fazíamos comentários sobre filmes. Mas, em algum momento vinha o silêncio. Ele trazia para superfície todos os pensamentos assombrosos que desejávamos afogar.

- Você não precisa fazer isso, Sam - Disse Dayana quando o silêncio se tornou insuportável.
- Não tenho escolha, Dayana - Respondi fitando a tigela vazia em minhas mãos.
- Podemos achar um outro jeito. Sei lá, tem que existir uma outra opção. Algo menos arriscado...

Eu a olhei e vi naqueles olhos azuis que ela sabia. Não havia um outro jeito. Não consegui dizer nada, apenas voltei a mirar a tigela como se ela pudesse me levar para outro lugar. Um lugar distante e isolado.

O medo ardia dentro de mim.

- Sei que é perigoso e pode parecer até insano isso que querem fazer
- Disse Armando - Mas, temos que admitir que o plano do Samuel pode deixar vocês um passo à frente deles.

Dayana e eu apenas assentimos.

- Esse é aquele momento em que tudo que se pode fazer é dar o passo de fé.

Armando segurou a mão de Dayana.

- Lembra, Day, o que minha mãe sempre dizia sobre o salto de fé? -
Perguntou ele sorrindo para a esposa e depois para mim.

Dayana sorriu. Parecia que o receio dentro dela havia se dissipado.

- É o que traz resultados mais gratificantes - Respondeu ela.

Acabei por sorrir também.

- Acho que sua mãe tem razão, Armando - Disse a ele.

Levei meus olhos para o céu. Um céu negro com salpicos de luz.

- Pessoal, eu amo a vista que vocês têm do céu aqui em Novo Caminho - Contei a eles.

Eles também se voltaram para o céu.

- Aqui vocês conseguem ter uma visão limpa das estrelas. Nada de prédios no caminho, nenhuma janela de apartamento, nenhuma sacada onde alguém está no telefone brigando com alguém. Parece que é só você e as estrelas. Gosto disso.

O silêncio que se seguiu foi prazeroso. Aquela quietude pacífica que vem quando estamos diante de uma maravilha.

- Tem razão - Falou Dayana -, é lindo. Imagino que você fica ouvindo aquela sua velharia enquanto olha pro céu da sacada do seu apartamento.

Nenhum de nós segurou a risada.

- Não leve a mal, Samuel, ela nunca ouviu um jogo pela rádio -
Falou Armando.

- E nem irei. Já pensou em comprar um ipod, Sam? - Disse Dayana que estava sorridente.

- Na verdade, eu tenho um ipod - Respondi.

Os dois me olharam como se eu tivesse feito uma grande revelação e caíram na gargalhada.

Pouco tempo depois Armando e Dayana foram dormir. Fiquei lá fora por mais algum tempo deixando meus olhos navegarem no oceano de estrelas acima de nós.

Quando decidi que iria dormir, olhei uma última vez para o alto antes de fechar a porta para a noite. Desta vez não foi para contemplar, foi uma oração silenciosa. Um pedido de proteção contra aquilo que estava à minha espera. Proteção contra o mal que em breve estaria diante de mim.

...

No dia seguinte, eu pude ter uma ideia de como deve ser o último dia de vida de um condenado à pena de morte.

O dia parece mais brilhante, as coisas ao redor mais belas, as horas parecem voar para longe de você como pássaros assustados e memórias perdidas encontram o caminho da luz dos seus pensamentos. Logo nos vemos pensando no que sentiremos falta.

Embora Dayana, Armando e eu não tenhamos conversado muito naquele dia, cada olhar e sorriso que eles enviaram a mim dizia que tudo ficaria bem, que eles estariam ao meu lado. Não existiam palavras para evidenciar a gratidão que eu sentia por eles estarem ao meu lado.

Quando dei por mim, o sol já estava se pondo. A luz do sol se resumia a um vermelho-sangue no horizonte. Uma luz que se fechava ao longe como um olho que não quer ver algo assustador.

Eu estava pronto.

Eu seguia em direção ao portão.

- Bela camisa, Sam - Disse Dayana.
- Ah, obrigado. É minha camisa da sorte.
- Ela sorriu um sorriso sem alegria.
- E por que essa é sua camisa da sorte?

- Foi um presente da Camila.

A compaixão que se formou no rosto deles não me incomodou.

- É como se ela estivesse comigo quando a visto - Soltei uma risada forçada - Hoje vou precisar de sorte, achei apropriado usá-la.

Os dois assentiram.

- Nos vemos em breve - Disse a eles sorrindo.
- Sim, muito em breve - Falou Armando.

Inesperadamente, Dayana veio até mim e me abraçou. Foi um abraço rápido, mas que me deu um pouco mais de coragem.

Armando veio em seguida e apertamos as mãos.

- Vai dar tudo certo, Sam - Disse ele.
- Tenho certeza que sim.

Sorri para eles uma última vez e me dirigi ao portão.

A viatura me esperava do outro lado. Cumprimentei os dois policiais. Outra viatura estava lá para proteger Dayana e Armando. Entrei no carro e segundos depois estávamos seguindo para meu destino sendo iluminados pela luz moribunda do sol poente.

...

Apertei o interfone. Nenhuma voz respondeu. Pouco tempo depois o portão foi aberto.

- Oh, Sam! Como é bom ver que está bem, soube do que aconteceu ontem.
- Boa noite, Tony, desculpe a hora.
- Não tem nada a ser desculpado. Vamos, entre.

Fiz um sinal de jóia para os policiais, no caminho eu havia dito a eles que entraria sozinho.

A luz do sol já estava quase toda extinta e algumas estrelas já

despontavam. A casa de Tony estava arrumada como sempre.

- Sinta-se em casa, Sam - Disse ele indicando o sofá a qual me sentei.

- Obrigado, Tony.

- Em que posso te ajudar? - Perguntou ele. Os jeans e a camiseta preta estavam sujas de tinta, ele deveria estar pintando um dos quadros que seriam levados à quermesse. Eu estava com vergonha de dizer que o que ele me deu estava destruído.

- Eu preciso novamente de iluminação - Disse a ele meio constrangido.

O padre sorriu e pôs a mão em meu ombro.

- Qual ser humano não precisa de iluminação, Sam?

- Eu estou diante de um dilema, Tony, e não sei qual decisão tomar. Precisava falar com você antes de... De partir para a próxima etapa.

- Eu entendo. Ficarei feliz em te ajudar, e você chegou na hora certa. Eu acabei de preparar uma macarronada que aprendi com minha mãe. Não é boa como a do Felipe, mas é de lamber os beijos - Disse ele - Aceita?

- Mas é claro. Não posso recusar uma receita italiana.

Lembrei das muitas vezes que me reuni com o padre, Felipe e Heloísa. Todos diante de uma primorosa macarronada, sem imaginar a nuvem negra que em breve iria pairar sobre nós.

- Vou na cozinha, é só um minuto. Está com fome ou está faminto? - Perguntou ele.

- Faminto!

- Ótimo, então serão dois pratos fundos e bem cheios para nós dois. Já volto, Sam.

Tony foi até a cozinha.

Ouvi o som de tampas sendo retiradas de panelas. Uma sinfonia estava sendo tocada no rádio da cozinha. Uma das minhas sinfonias preferidas de Mozart

- Wilson, Carmem, os irmãos... - Falou Tony - O que está acontecendo com as pessoas desta cidade, Sam?

- Segredos, Tony. Segredos estão sendo revelados e tenho experiência para garantir que as pessoas não gostam disso.

O som na cozinha cessou.

- Que tipo de segredos?

- É melhor comermos primeiro para eu poder te contar. Não é nada agradável.

- Entendo. O conselho que você precisa tem a ver com isso?

A música chegou em um dos pontos mais belos.

- Tem, padre, estou desesperado. Está sendo um pesadelo lidar com esse caso. Estou com medo, Tony.

Tony ficou em silêncio.

- Tem uma passagem na bíblia, Sam, que Jesus faz um pedido a um pai de uma menina que diziam estar morta - A voz do padre possuía uma calma invejável - o pedido era: Não tenha medo. Basta ter fé.

Aquela sensação de que a coragem dentro de mim aumentava retornou até mim.

- Você tem razão, padre.

- Já estou indo aí e então poderemos conversar.

Ouvi os passos dele em direção à sala.

- Você prefere comer aqui ou na cozinha...

Quando ele me viu ele deixou o pano de prato que segurava cair. O semblante dele não era de medo e sim de incompreensão.

- O que significa isso, Sam?

- Que sua máscara caiu - Respondi.

Eu estava em pé, a bolsa que levei comigo aberta e jogada no sofá. Em minhas mãos estava a arma de Dayana.

- Do que está falando?
- Levante as mãos, Tony.
- Sam...
- LEVANTE AS MÃOS, DROGA.

O padre obedeceu. O medo ainda não o atingira.

- Sam, pelo amor de Deus, não sei o que significa isso, mas posso garantir que foi um mal entendido.
- Não existe mal entendido, nenhum. Eu sei quem é você...Quem é você de verdade. Eu sei o que você esconde por baixo dessa imagem de homem santo. Sei que por baixo de todas essas palavras bonitas e boas ações existe um demônio.

Pela primeira vez nos anos que conheci aquele homem havia rancor no rosto dele.

- Como se atreve a dizer isso de mim? - Perguntou ele com um ódio que parecia machucá-lo.

Diminui a distância que nos separava com alguns passos. Abaixei a arma e o encarei. Os olhos dele deixavam claro que ele queria me ver sofrer.

- Eu sei que você é um vorace, Tony.

Ele não disse nada, apenas ficou me fitando como se procurando o ponto em meu corpo onde o sofrimento seria maior.

- Você matou todas aquelas pessoas, Tony! - O ódio me dominava.

Não consegui me controlar, eu não queria me controlar. Aproximei mais um passo de Tony e dei-lhe um forte soco no rosto. O sangue de Tony esguichou na parede e após cair ao chão ele cuspiu dois dentes banhados em

sangue.

- Você... Ficou maluco? - Guinchou Tony.
- Não, você quem ficou quando decidiu entrar para aquela seita de assassinos, seu desgraçado. Me diga como é mentir em todas as missas? Como é dizer a todas as pessoas que o amor é a salvação, que devemos perdoar...
- Cale-se...
- Dizer que existe um paraíso para os bons e justos...
- Cale a boca...
- Como consegue olhar nos olhos das pessoas quando elas se confessam? Como consegue falar tanto sobre o bem e no final do dia matar pessoas?
- CALA ESSA MALDITA BOCA!

A voz não parecia a do mesmo homem. Parecia a voz de um monstro.

Tony se levantou. Ele ficou me encarando. Os olhos verdes queimavam.

- Eu sei que você é um deles, Tony. Chega de mentir.

E então a feição de Tony se modificou. Foi como se um espírito maldito tivesse se apossado do corpo dele. O semblante calmo e benevolente deu lugar a um semblante sombrio e ameaçador.

O demônio se revelou. Aquele era o verdadeiro Tony Albertini.

No mesmo instante, eu apontei a arma para ele.

O homem riu. Uma risada grave que deixava claro a escuridão no coração daquele ser. Senti vontade de recuar, mas me mantive no mesmo lugar.

- Estou impressionado, Samuel. Eu sempre me considerei cauteloso, então mate minha curiosidade - Ele deu um passo em minha direção - Como foi que descobriu?

A calma dele incomodava, mas o brilho em seus olhos dele me incomodava ainda mais.

- Aquele quadro que você deixou queimar na casa do Wilson, lembra? Aquele onde fizeram uma pintura da Heloísa nua.

- E o que isso revela?

- Não havia revelado nada, mas ontem, quando você me deu aquela pintura, eu vi sua assinatura. A mesma assinatura que estava no quadro que queimava. Todo o artista gosta de deixar sua marca, não é?

Tony riu novamente.

- Bem observado, mas não acho que isso seja o suficiente para me entregar.

- E não foi, ele só me fez abrir os olhos. No mesmo dia, dei muitos telefonemas e descobri que Osnir...

Ele se impressionou.

- Osnir? Nem me lembrava dele, acredita? - Disse ele bem-humorado como se não tivesse uma arma apontada para o peito dele.

- Sim. Osnir. Você me disse que está aqui em Novo Caminho há mais de vinte e quatro anos, e a morte de Osnir aconteceu há vinte e seis anos! Então quando mataram Tamara você morava na mesma cidade que ele, descobri que vocês eram bem próximos, ele era um dos seus ministros. Osnir estava sempre em contato com o você, e então entendi o que ele quis dizer na carta quando falou do “bom samaritano”.

O sorriso presunçoso no rosto de Tony vacilou.

- E descobri que Wilson e os quatro homens que nos atacaram ontem não tinham nada em comum, exceto que eram católicos e sempre estavam presentes nas suas missas e os quatro costumavam “dar uma palavrinha” com você sempre que a missa acabava. Uma maneira

inteligente de passarem informações, não é?

“ Eu sei que você preside um encontro semanal de alcoólatras e narcóticos anônimos. Três das vítimas sumiram quando estavam a caminho desses encontros. E também é uma boa maneira de encontrar vítimas, certo? Pelo que soube muitas vezes você vai até a pessoa e a convida para irem conhecer o grupo. Desses três que sumiram, dois foram convidados por você e nem eram católicos, eram ateus.

O sorriso de Tony desapareceu de seu rosto. O cintilar nos olhos dele deixavam claro quais pensamentos rasgavam-lhe a mente. O pensamento de me ver acorrentado a um altar tendo as entranhas arrancadas.

Eu prossegui com calma, degustando o choque dele por ter sido desmascarado:

- Descobri que existe grupos de apoio a alcoólicos e usuários de drogas nas quatro cidades onde pessoas desapareceram. Você faz parte de todos eles. Sei também que você está sempre perguntando sobre pessoas que precisam de ajuda para abandonarem os vícios não só aqui, mas nas outras cidades em que você cometeu seus crimes. Um bom jeito de encontrar novas vítimas, seu desgraçado.

Tony bateu palmas.

- Parabéns, Samuel.
- Obrigado... Bom samaritano.

O ódio flagelou o rosto de Tony.

- O que vem agora? - Perguntou ele.
- Você vem comigo até a polícia e me dá o nome de todos seus seguidores... Pelo menos dos que sobraram.

Tony deu um passo à frente dominado pela fúria.

- Isso, venha, facilite para mim - Disse a ele com calma e sorrindo.
- Samuel, é preciso ter muita coragem para matar.

- É, eu sei, quem você acha que matou João Augusto Franco?

O ódio novamente queimou os olhos dele. Olhos verdes incendiados por um rancor desumano.

- Vamos acabar com tudo isso, Tony. Se você nos ajudar poderemos te ajudar de algum jeito.

- E se eu me recusar? Vai atirar em mim? Como pretende encontrar os outros sem minha ajuda? - Perguntou ele sorrindo.

Eu gargalhei. Dei alguns passos à frente. A arma ficou a poucos centímetros do peito do padre.

- Tony, pode ser andando ou sendo arrastado, mas você vai vir comigo.

Por alguns segundos ficamos apenas nos encarando. Cada um sendo dilacerado por sentimentos que fazem o ser humano cometer atrocidades. O rancor, o desejo de vingança o sentimento de que é nosso direito e dever causar dor para conseguirmos aquilo que queremos.

- Vamos, então - Disse ele limpando o sangue do rosto.

- Pelo menos sua sensatez era verdadeira e não uma mentira como todo o resto.

Tony pôs-se a andar e eu o segui com a arma em mãos apontada para as costas dele. O vorace abriu a porta e seguiu rumo à varanda com passos lentos. Lá fora, o sol já havia se escondido no horizonte e as estrelas brilhavam no céu.

Tony estacou e se virou. Ele sorriu. Parte dos dentes dele estavam vermelhos pelo sangue.

- O coração de um homem corajoso igual a você deve ter um gosto bom, Samuel - Disse ele baixinho.

Os pelos da minha nuca se eriçaram.

- Cale a boca...

Senti uma pancada forte na cabeça e desmoronei no chão.

Eu olhei para o alto e duas pessoas me olhavam. Uma era Tony e o outra era uma mulher segurando um taco na mão. Mesmo perdendo a consciência eu reconheci aquela mulher. Era Carmen. Ambos sorriam. Sorrisos que deveriam se assemelhar ao sorriso de demônios.

Antes de desmaiar uma voz perversa gritava em meus ouvidos que quando eu acordasse eu estaria no inferno.

TERCEIRA PARTE

NAS GARRAS DO LOBO

“ A razão é dada a vós
para que possas discernir o
bem e o mal”

Dante Alighieri

CAPÍTULO

XXIV

No sonho, eu me encontrava no vazio da escuridão. Era como se eu não tivesse mais corpo e fosse parte do negror.

Então, do mutismo sepulcral vieram os gritos.

Gritos de dor, de homens e mulheres, vinham de todas as direções, cada vez mais próximos, cada vez mais intensos, cada vez mais aterrorizantes.

Em uníssono, as vozes gritaram em agonia:

- SAM!

Acordei nesse momento.

A escuridão foi se dissipando lentamente até o mundo brilhar novamente diante de meus olhos. As trevas deram lugar às luzes poderosas que pendiam de um lustre.

Eu estava seminu e deitado em uma superfície dura, minha cabeça latejava. Tentei me levantar, mas meus braços, pernas e tronco estavam presos por correntes fixas ao gélido altar. Olhei ao redor. O lugar era amplo e impecavelmente branco. Azulejos, pisos e teto. Era como se eu estivesse preso em meio ao nada. Ao meu lado, a mais ou menos dois metros, repousava um banco e à frente dele uma pequena mesa coberta por um véu negro. Uma câmera estava apontada para mim bem no alto de uma das paredes. Um silêncio perturbador governava aquele lugar. O silêncio que em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

breve seria estraçalhado pelos servos de satã.

Quantos não estiveram naquele altar antes de mim?

Mas, diferente deles, eu sabia o que estava me esperando. Tinha conhecimento do que viria do negrume lá de fora para o branco lá de dentro. Eu sabia que o branco em breve seria maculado pelo vermelho do meu sangue.

Uma porta se abriu emitindo um som semelhante a um grito de dor.

Um homem alto de cabelos grisalhos adentrou. Tony vestia uma túnica negra como a mais sombria das noites. Ele caminhava como um ser intocável, à prova de dor e eterno. A sombra dele se alastrava pelo chão parecendo que possuía vontade própria. Ele veio calmamente até o banco com as mãos unidas, como se estivesse orando, e se sentou. Um feio hematoma marcava o rosto dele. Um colar dourado adornava-lhe o pescoço; no final do adereço, havia um símbolo que lembrava uma cruz, mas as pontas eram pontiagudas como navalhas e no centro havia um V. O símbolo dos voraces. Tony não me olhou em nenhum momento. Ele retirou o véu da pequena mesa e eu senti um arrepio perambular pelo meu corpo acorrentado. Em cima dela, havia um conjunto de facas brilhantes. Uma faca grande, outra média e duas pequenas. O homem pegou a faca maior e a segurou com carinho. Os olhos de Tony se moveram até os meus e tive a impressão de que eles emitiram um ruído. O reflexo prateado das facas davam um brilho sobrenatural para aqueles olhos verdes. Tony sorriu.

Por algum tempo, tudo que fizemos foi nos encararmos. O silêncio era tão intenso que ouvíamos a respiração um do outro e me perguntei se ele ouvia os batimentos do meu coração apavorado.

- Sabe por que ninguém sente falta dos “filhos do pecado”, Samuel?
- Perguntou ele com uma voz calma.

Recordei das lágrimas de Otávio e Marina quando falavam das

peessoas amadas e mortas que tiveram seus corpos estripados e arrastados para algum lugar onde seus cadáveres não seriam coroados por flores.

Ninguém sentia falta dos “filhos do pecado”?

- Por que Tony? - Perguntei sentindo o asco por aquele homem superar o medo.
- Porque, no fundo, todos sabem que eles trazem a semente do mal - Ele tinha o ar solene como se falasse da maior verdade do mundo - Todos sabem que o mundo é um lugar melhor sem eles.

Tony se levantou do banco com a faca em mãos e caminhou para mais próximo de mim. Tony gentilmente posou a mão em meu ombro.

- Nenhuma família irá perder a vida porque um motorista bêbado estava atrás de um volante - O tom de voz continuava solene e o semblante dele era sonhador - ; nenhum filho irá crescer tendo como exemplo pais consumidos pelo pecado; sonhos não irão para o cemitério sem serem realizados porque um viciado matou alguém em um assalto; vidas não serão corrompidas e perdidas por vermes insignificantes que rastejam entre nós deixando um rastro repugnante por onde passam, rastros que muitas vezes são seguidos e atraem mais vermes.

“Sei que não vê assim, Samuel, mas pense em quantas vidas puderam prosperar graças ao que eu e meus dedicados irmãos realizamos. A bíblia nos alerta que a ira divina cairá sobre os pecadores, mas os “filhos do pecado” ignoram e continuam espalhando o veneno deles pelas ruas e casas. Uma hora a ira chega para fazer uma limpeza. É inevitável...

- MAS VOCÊ NÃO É DIVINO! - Gritei sentindo o rancor se apossar de meu corpo.

O semblante de Tony não se alterou. Ele continuava sereno.

- Essa sua “cruzada” não te levará para o paraíso quando sua hora

chegar, Tony... Quando sua hora chegar, você irá queimar.

Aqueles olhos verdes, que subitamente ficaram insanos e cruéis, pareciam sugar a energia de cada átomo do meu corpo. Tony pôs-se a rir. Uma risada gélida que ecoou pelo vazio daquele espaço feito trovões. Ele se inclinou. O rosto dele ficou a centímetros do meu. Vi toda escuridão que estava por trás daqueles olhos. Tony falou suavemente, dando ênfase a cada palavra, a seguinte citação de Dante:

- “Os lugares mais quentes do inferno estão reservados para quem se manteve neutro em tempos de crise.”

Os lábios dele se estenderam em um sorriso. O homem se levantou. O semblante dele se escureceu como se a besta que habita nas trevas daquela alma fosse se erguer do corpo dele para me devorar.

- A crise está em nossas casas, nas casas de nossos vizinhos, em cada esquina, até em nossas igrejas... Eu não a ignoro como a maioria faz, Samuel.

Tony pousou a ponta da faca em meu ombro e a deslizou lentamente pelo meu braço fazendo um rastro de sangue.

- Eu a estraçalho - Disse ele baixinho só parando quando a faca chegou perto do meu antebraço.

Apesar da dor eu não gritei e sequer desviei meus olhos dos dele.

Tony recolocou a faca de volta ao lugar com cuidado, como se segurasse uma pedra preciosa. A faca que para ele era o instrumento da libertação dos pecados de corpos acorrentados ao altar.

O homem se voltou para mim e segurou minha mão.

- Sinto muito que não veja a grandeza do que faço e que as coisas terminem assim, meu amigo - A voz dele era calma, quase acalentadora.

O vorace deu as costas e então fiz a pergunta que me atormentava

desde o dia em que o maldito livro negro veio até mim.

- Heloísa era uma de vocês?

Tony se petrificou. Ele se virou me fitando como se eu tivesse dito um inaceitável absurdo.

- Heloísa? Uma de nós? Claro que não.

Ouvir aquelas palavras trouxeram um alívio que fez com que eu esquecesse a dor no braço por curtos segundos. Uma imagem de Heloísa sorrindo perpassou meus pensamentos.

Então Tony falou:

- Felipe que era.

Foi como se o tempo congelasse. Tive a impressão que tudo iria se desfazer ao meu redor.

- Não... Não pode ser... - Disse eu sentindo meu coração encolher no peito.

Tony sorriu e me olhou como um professor diante de um aluno que tem muito a aprender, mas que está no caminho certo.

- Ele não era tão dedicado à nossa causa, mas fazia a parte dele -
Falou ele com orgulho na voz - Eu tinha muito orgulho dele.

“Ele pretendia nos entregar, Samuel. Você não faz ideia do trabalho que tivemos para destruir as provas que ele reuniu para nos destruir... Eu amava meu sobrinho, mas este grupo é minha prioridade... Este grupo é minha missão na terra. Foi um sacrifício necessário. Não tem um dia em que eu não peça perdão a Deus.

O tom de voz dele não era de alguém que se arrepende de um ato, apenas de alguém justificando um fato para um ignorante.

Senti vontade de vomitar. Imagens dos muitos momentos que passei ao lado de Felipe rasgavam meus pensamentos. Era como se eles estivessem sendo arrancados do meu cérebro.

- Mas a Heloísa... Ela o matou...

Tony riu. Riu como se estivesse diante de um bobo da corte se pavoneando em um picadeiro.

- Heloísa não faria mal a uma mosca, Samuel. Você sabe disso, você a conhecia.

Ele caminhou até mim e se sentou na beirada do altar. O preto das vestimentas criavam uma incômoda disparidade com o branco e as luzes ao fundo.

- Eu o matei - Disse ele baixinho. Era bem sutil, mas havia prazer naquela voz.

Meus pensamentos, minhas teorias, as pistas que eu investiguei, as lembranças de minhas visitas ao casal com Tony junto deles... tudo isso criou um pandemônio em minha cabeça que parecia que em breve iria rachar.

- Mas... Heloísa foi vista na cena do crime... Ela fugiu, queimou o carro... Não entendo.

Tony se inclinou um pouco. O semblante dele era o de um pai compreensivo, do tipo que te dá um abraço para dizer que vai ficar tudo bem.

- Ela realmente o matou, ou será que eu que fiz que todos acreditassem que ela o matou? - Perguntou mansamente.

Então me lembrei da ligação que Marcelo recebeu.

- Você armou tudo?

Ele sorriu. O professor ficou orgulhoso do aluno.

- O plano era matar os dois, afinal, não sabia o que Felipe revelou para a esposa, então tinha que dar um jeito neles - Disse ele com uma tranquilidade que me assombrou - Mas Felipe foi esperto, ele desconfiou e deu um jeito de escondê-la. Então foi sozinho para o encontro que havíamos marcado na mata.

- Mas e a mulher que foi vista correndo?

Tony riu com vontade. Uma risada que me deu calafrios.

- Ficou bem convincente, não? Aquela não era Heloísa, era a Carmen com uma peruca, Samuel.

Meu coração parou.

- Vocês iam matar os dois e então ela sairia correndo e todos pensariam que foi a Heloísa quem matou o Felipe - Disse eu assombrado - Vocês deixariam o corpo dele na mata e sumiriam com o dela... Seu desgraçado!

O sorriso de Tony se alargou. Tentei me mexer na esperança de alcançá-lo e machucá-lo, mas meu corpo não se mexia.

- Você é esperto, Samuel. Admita, foi um plano perfeito.

A risada que se sucedeu era do tipo que seria capaz de lhe trazer pesadelos. Uma risada que deve se assemelhar a dos carrascos do inferno.

Ele se calou quando eu disse:

- Você amava a Heloísa, não amava?

Tony se mostrou surpreso. Aquela tranquilidade não se abalou, pelo contrário, ele pareceu feliz em ouvir aquelas palavras.

- Foi por isso que pintou aquele quadro, não foi? - Perguntei.

O homem se voltou para o branco da parede como se estivesse diante de uma tela gigante na qual pintaria seus desejos mais ocultos. Desejos sombrios.

- Sim, Samuel, eu a amava como nunca ameí ninguém - Eu tive certeza de que imagens de Heloísa singravam a mente dele. Não havia tristeza e nem culpa naquela voz - É como eu te disse, somos seres feitos de carne, e se não tivermos um espírito forte, a carne nos leva para o abismo. Mas como pode ver, a carne não me levou.

- Seus amigos psicopatas não sabem, não é? Por isso o quadro estava coberto quando o colocou lá para queimar.

Tony se virou para mim. Um sorriso presunçoso no rosto.

- Claro que sabiam. Fui para eles o exemplo de que podemos vencer a carne, diferente dos “filhos do pecado”, não é? Afinal, eu planejava matá-la. Às vezes temos que deixar o passado queimar, Samuel, por isso deixei o quadro lá, ele simbolizava a fraqueza. Não pode haver lugar para fraqueza neste mundo.

Ele me fitou por alguns instantes. O semblante sonhador retornou para aquele rosto.

- Fico pensando em como você teria sido valioso para a nossa ordem.

Aquelas palavras me enojaram. Eu cuspi nele. A saliva acertou-lhe o rosto. Com a raiva perfurando meu coração, eu falei:

- Dante tinha uma outra citação, Tony. “A razão vos é dada para discernir o bem do mal.”

“Diferente de você, eu fiz a escolha certa. Eu jamais me uniria a um bando de doentes que acham que tornam este mundo melhor fazendo aquilo que o torna pior: Matar uns aos outros.

Ele limpou o rosto tranquilamente e riu como se o ato o divertisse.

- Sente falta da Camila, não é? - Perguntou ele amistosamente e quando aqueles olhos verdes e frios acharam os meus, tive vontade de gritar - Vou te mandar para junto dela, meu amigo. Tenho certeza que ela ficará feliz em te ver. Mande lembranças e não tema, será rápido.

O vorace se levantou. Tony caminhou para fora do meu campo de visão. Os segundos se arrastaram e de repente uma música começou a tocar, uma música semelhante a um canto-gregoriano. Uma música que anunciava que o fim estava próximo e que invocava toda a escuridão escondida para aquele cômodo.

Tony retornou e estava usando um capuz negro. Ele se inclinou até

encostar a testa na minha, fechou os olhos e começou a sussurrar palavras em uma língua que eu não conhecia me deixando aterrorizado. Ele abriu os olhos e se calou. Os olhos brilhantes não pareciam mais os de um ser humano. A potência da maldade escondida por trás daquela calma finalmente podia ser sentida como a lâmina fria que penetra na carne.

O homem se ergueu e bateu palmas.

Então da mesma porta de onde Tony havia vindo, os voraces entraram.

Havia sete deles, todos estavam encapuzados. Todos vestiam túnicas negras como se tivessem se materializado das trevas que haviam deixado para trás para adentrarem o lugar branco e silencioso, que nada mais era que um abatedouro de vidas humanas. Paredes que enclausuravam gritos de agonia e morte.

Durante segundos que continham toda a eternidade, eles ficaram me observando a distância. O ódio que eles deviam sentir por mim devia estar os corroendo. Graças a mim, seus companheiros estavam naquele momento dormindo o sono eterno. Agora eles me tinham nas mãos deles. Indefeso e sozinho. Eles contemplavam e degustavam a vitória, mas não da forma que desejavam degustar meu coração quando tudo aquilo acabasse.

Todos eles caminharam levemente até onde eu estava. Formaram um círculo ao meu redor. Senti tudo escurecer à minha volta quando as sombras deles me subjugaram. Os voraces começaram a entoar um assustador cântico em outra língua. Pouco tempo depois, eles o estavam gritando, era uma oração e o prelúdio da morte entoado por almas perdidas com os olhos famintos voltados para mim.

O medo dilacerava a carne do meu corpo. Um medo que chegava até os ossos. Um medo que perfura até chegar em sua alma.

Tony fechou as mãos e todos se calaram.

Só o silêncio reinou naquele lugar maldito onde não existe perdão e nem esperança. Um lugar sem Deus, mesmo que aqueles seres tivessem a certeza de que estavam fazendo aquilo em nome Dele.

Tony se dirigiu à mesinha onde estavam as facas e segurou a maior delas com ternura. Os olhos dos demônios ao redor reluziam diante do brilho frio daquela lâmina e o ar parecia se adensar pela ansiedade deles.

Havia chegado a hora.

Todos naquele salão se voltaram para mim com os olhares confusos.

Eu estava rindo.

- Acabou, Tony. Acabou para você e todos os seus amigos desgraçados. Vocês caíram em uma armadilha.

Novamente me pus a rir. Minha risada vitoriosa ecoou.

- Do que você está falando? - Perguntou Tony.

- Está acabado, Tony.

Por alguns instantes Tony e eu ficamos nos olhando como se não existisse mais ninguém ali, além de nós e o mutismo.

E então a porta explodiu.

Uma dezena de policiais adentrou, todos com as armas apontadas para os voraces, todos usando coletes a prova de balas. Otávio estava entre eles.

- PARADOS, LEVANTEM AS MÃOS! - Ordenou Otávio - ESTÃO TODOS PRESOS, SEUS DESGRAÇADOS!

Tony se voltou para mim. A fúria cintilava naqueles olhos feito fogo.

- Hora de vocês pagarem pelos seus pecados - Disse a eles sorrindo

- ESTOU AVISANDO, PARADOS! VOCÊ AÍ, SOLTE A FACA AGORA!

Todos os voraces ergueram as mãos, mas Tony continuava segurando a faca e o ódio lhe devorava avidamente a alma.

- EU MANDEI VOCÊ SOLTAR A FACA, SEU MISERÁVEL! -

Gritou Otávio - QUER MORRER?

Tony não a soltou. Então ele veio em minha direção com a faca erguida. Tudo aconteceu rápido demais como o clarão de um relâmpago em uma noite de tempestade.

Ouvi o som de tiros e o corpo de Tony caiu ao chão, após ele gritar.

Alguns dos voraces começaram a chorar enquanto outros gritavam para os policiais, mas não se atreviam a fazer qualquer movimento ameaçador. O som do choro deles era perturbador, mas a maneira que eles me olhavam era pior.

- Levem eles daqui. Agora! - Disse Otávio.

Otávio veio até mim, chutando para longe a faca que estava próxima da mão de Tony, enquanto os voraces eram todos jogados ao chão, desmascarados e algemados. Tony não estava morto, mas gemia de dor enquanto sangue escorria dele.

- Cuidem desse verme aqui! - Disse Tony.

Otávio me alcançou e inesperadamente sorriu.

- Você está bem, Sam?

- Estou sim, mas vou ficar melhor quando me tirarem daqui.

- É para já, meu amigo. Tragam um alicate.

- Acabou! - Disse uma voz. A voz de alguém que acabara de entrar.

Dayana vinha em nossa direção com Armando do lado dela. Ambos sorriam.

- É, Dayana, acabou - Respondi e naquele momento me senti leve como se não tivesse mais corpo, medos ou com o que me preocupar. Uma alma serena no mundo dos vivos.

Os rostos de todas as pessoas que foram assassinadas naquele altar por aquelas mãos que agora estavam algemadas, passaram diante de meus olhos. Pessoas, que diferente de Benício, perderam a chance de se

encontrarem.

Naquele momento, eu encaminhei um pedido ao infinito acima de nós:
Que as vítimas pudessem saber que a justiça fora feita.

CAPÍTULO _XXV_

Depois de termos sido atacados pelos voraces e estarmos sentados à beira do lago esperando os policiais e a ambulância chegarem, contei à Dayana e Otávio que suspeitava de que Tony poderia ter alguma ligação com

os voraces. A primeira reação deles foi de choque e descrença, mas logo eles perceberam que as chances de eu estar certo eram grandes.

Ao sairmos do hospital, fomos direto para o escritório de Otávio na delegacia. Lá lhes contei meu plano.

- Você é corajoso, Sam, mas não podemos fazer isso... Você pode morrer! - Disse Otávio.
- Otávio está certo, Sam - Concordou Dayana.
- Não temos muitas escolhas, essa é a melhor chance que teremos de pegar todos eles - Disse a eles, com as imagens do que me esperava atravessando meus pensamentos.

Otávio se inclinou na mesa e Dayana se levantou da cadeira, deu as costas a Otávio e a mim, e deixou o olhar se perder no dia lá fora do outro lado da janela como se visse um quadro. Lá fora, o céu de um azul límpido cobria o mundo. Um azul que seria reconfortante se não estivéssemos com nossos corações e corpos feridos pela seita.

- Até agora eles foram cuidadosos, Sam - Falou Otávio me encarando - O que garante que não haverá uma armadilha te esperando na casa do Tony?

Era justamente aquilo que eu temia, mas tinha certeza que é o que estaria à minha espera.

- Eu tenho certeza que terá.
- E mesmo assim quer entrar sozinho na casa daquele filho da puta?

Inclinei-me para encarar melhor o homem à minha frente. O rosto dele estava com alguns cortes.

- Duas coisas podem acontecer: O Tony aceita entregar o nome dos voraces que sobraram e aí pegamos todos eles. Ou - A que eu acredito - eles vão me levar para o ritual, aí vocês os seguem e prendem todos eles. Benício disse que tem câmeras lá, teremos as filmagens e além do

mais eles serão presos em flagrante. Não correremos o risco de que algum deles se safе.

- Ou eles te matam na casa do Tony.

Mesmo eu tendo pensado naquela possibilidade, ouvi-la por outra pessoa congelou meu sangue.

- Acredite, eles não vão fazer isso - Disse eu tentando soar calmo - Lá no lago, o vorace me disse que eles me queriam vivo para o ritual. É nossa melhor chance, Otávio.

O homem se calou. Ele manteve os olhos enterrados nos meus. Otávio sabia que eu estava certo.

- Como acha que o Tony vai te tirar da casa dele e levar para algum lugar com uma viatura na porta da casa? - Perguntou Otávio.

- Ele vai dar um jeito. Eles sempre dão.

Otávio suspirou, recostou na poltrona e o cansaço, que o castigava ficou nítido. Em seguida disse:

- Então vamos colocar alguém para vigiar a casa do vizinho de trás do Tony. Acho que a melhor chance dele seria sair por uma porta dos fundos. Se ele é esperto como imaginamos, ele tem como sair pela casa do vizinho. Ele sai e o seguimos.

Sem se desviar da janela, Dayana disse:

- Acho que podemos embosca-los se estivermos os esperando no local onde fazem o ritual.

Otávio e eu nos voltamos para ela confusos.

- Boa ideia - Disse Otávio com um tom de deboche - Só precisamos bater em portas de lugares grandes e perguntar se eles recebem visitantes que usam vestidos negros e capuzes.

- Não, Otávio - Ela se virou com um sorriso malicioso nos lábios. Os olhos azuis dela faiscavam - Sabe o salão do rancho onde fazem as

festas beneficentes da igreja e algumas quermesses?

- Sim, eu...

A voz de Otávio morreu. Ele se levantou em um salto que derrubou a cadeira.

- Filhos da puta! - Disse ele com os olhos arregalados.

Logo me lembrei do lugar. Fui à quermesse três vezes. O salão pertencia a um rico empresário da cidade que não o alugava, mas sempre cedia para eventos da igreja. Era um salão grande com as paredes adornadas com pinturas feitas por Tony e outras compradas pelo proprietário, longos tapetes revestiam o chão. Se você retirasse os quadros e os tapetes restaria apenas um lugar amplo e impecavelmente branco. O salão ficava a apenas um quilômetro de Novo Caminho, não havia casas perto da propriedade, apenas árvores, mato e sossego. Uma fortaleza onde seus gritos de dor não seriam ouvidos.

Não eram necessárias palavras. Todos nós nos entreolhamos. Cada detalhe do plano se formava em nossas cabeças. Um pequeno traço de esperança surgiu no negror do horizonte.

- Você tem certeza, Sam? - Perguntou Otávio.

Pensei nas fotos de pessoas mortas que estavam em meu mural.

- Tenho sim.

Dayana veio até mim e pôs a mão em meu ombro.

- Vamos estar te vigiando, Sam - Disse ela - Você não estará sozinho. Se virmos que a coisa está feia nós vamos entrar e acabar com os malditos.

- Tem janelas lá, Sam - Falou Otávio com o tom de voz surpreendentemente reconfortante - Vamos estar de olho em você o tempo todo. Vou colocar alguém para vigiar a casa do Tony e a do vizinho dele, e então nós os seguiremos até a saída da cidade. Mesmo

que ele não vá para o salão, nós poderemos prendê-lo. Vai ficar tudo bem, cara.

O apoio deles me encorajou.

- Obrigado, pessoal. Eu tenho dúvidas, vou dar um jeito deles contarem. Assim que eu tiver tudo que preciso vou dar um sinal, será a deixa para vocês entrarem.

- Certo, qual será seu sinal? - Perguntou Otávio.

- Lembrando que você vai estar acorrentado - Disse Dayana.

- Bom, vou... Rir.

- Rir? - Perguntaram eles ao mesmo tempo.

O medo não me impediu de rir naquele momento.

- Sim, eles não vão entender o motivo de eu estar rindo. Pena que eles vão estar encapuzados. Eu queria ver a cara deles.

- Eu também - Falou Dayana sorrindo.

...

Vinte minutos depois, Dayana e eu estávamos saindo de lá com os olhares presos na paisagem e os pensamentos bem distantes. Pensamentos fixos no dia que estava por vir. Decidimos reunir mais pistas sobre Tony e todos concordamos em descansarmos, aquele havia sido um dia e tanto e o outro dia poderia ser pior. Otávio iria passar o plano para os companheiros e iria dar uma discreta volta no local onde suspeitávamos ser o local do ritual. Ele queria ter tudo bem planejado, pois era nossa melhor chance de acabar com tudo aquilo de uma vez por todas. A melhor chance de vingarmos Rita Menezes e outras quase quarenta pessoas.

Duas viaturas nos escoltavam e iriam vigiar a casa de Dayana. Assim que chegasse lá, eu iria fazer ligações para desvendar um pouco mais o passado de Tony. Ainda tinha a impressão de que aquilo era um pesadelo.

Tony Albertini, o homem que eu tanto respeitava e que sempre foi um símbolo de virtude naquela cidade e na vida do sobrinho, era um assassino em série? Aquilo não entrava na minha cabeça, mas uma hora depois a certeza estaria cravada nela.

O mal nunca vem como esperamos.

CAPÍTULO **_XXVI_**

Novamente eu me via diante do céu negro. Estávamos sentados em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

um banco de madeira na entrada do salão onde haviam acabado de tentar me assassinar. Dayana e Armando estavam ao meu lado. Dayana estava com a cabeça apoiada no ombro de Armando. Acima de nós, uma lua cheia banhava a noite com sua luz prateada e as suas filhas estrelas a rodeavam como guardiãs.

O último vorace estava sendo levado para a delegacia rumo à condenação pelos crimes cometidos. Alguns deles ao me virem gritavam ofensas e eu apenas ria.

Otávio vinha em nossa direção parecendo outra pessoa. Ele parecia feliz. Otávio se sentou ao meu lado. Dayana, Armando e eu olhamos para ele que por sua vez estava olhando para as estrelas.

- Bonito não é? - Disse ele
- Muito bonito - Falei.
- Rita amava olhar as estrelas... - Vi que a expressão dele pareceu se iluminar ao lembrar da mulher amada. Expressão de alguém relembando dos bons momentos que apenas o amor pode trazer - Ela dizia que elas são a prova de que fazemos parte de algo maior.
- Ela tinha razão.
- Tenho que te agradecer, Sam. A justiça só foi feita hoje porque você começou tudo isso - Ele se voltou para mim - Graças a você, Rita e todos os outros poderão descansar em paz e muitas outras vidas não serão perdidas.

Otávio estendeu a mão para mim e eu a apertei.

- Obrigado, Sam.
- Eu que agradeço, nada disso seria possível sem vocês.

O investigador voltou o olhar para as estrelas. O brilho que vi nos olhos dele não foi pelo reflexo das estrelas e sim uma lágrima.

- Você fez uma tremenda bagunça, Sam - Disse Dayana sorrindo.

- Eu tive uma ótima ajuda para isso - Respondi.

Nós rimos um para o outro. Eu sabia que havia ganhado uma amiga para o resto da vida.

- Agora que todos sabemos que Heloísa é inocente e todos os assassinos foram pegos, o que vocês acham que vem por aí? - Perguntou Armando afagando os cabelos de Dayana.

Dayana, Otávio e eu nos entreolhamos.

- Acho que só nos resta esperar - Disse a ele.

Voltamos nossos olhares para o céu e ficamos ali mais um tempo antes de irmos embora. Todos em silêncio, contemplando e nos sentindo parte de algo maior. Pequenas estrelas em uma vasta constelação reunidos em um imenso céu.

CAPÍTULO _XXVII_

Os sete voraces que estavam presentes na cena do crime, além de Tony, eram:

Francisco Junqueira de cinquenta e um anos, o rico empresário que era dono do salão onde era realizada a matança;

Alexandre Menezes de quarenta e oito anos, era subgerente de um dos supermercados da cidade e também ministro da igreja. A casa dele ficava atrás da de Tony e um portão, que fora feito em um quartinho nos fundos da casa do padre, ligava as duas casas. Foi assim que Tony passou despercebido pelos policiais que haviam me levado até a casa dele, ele só não sabia que estavam observando a casa de Alexandre;

Carlos Ribeiro, um funcionário público de quarenta e seis anos;

Almir Camargo, um bem sucedido farmacêutico da cidade que tinha quarenta e nove anos e possuía treinamento militar;

Magda Ribeiro de quarenta e dois anos, esposa de Carlos e uma das químicas da usina onde Armando trabalha. Eles tinham um filho de vinte anos;

Liandra Peres de quarenta e sete anos, era ninguém menos que a vice-

diretora da escola onde Carmen trabalhava e que estava chorando quando me conheceu. Era divorciada e tinha uma filha de quatorze anos que vivia com ela;

Carmen Moura que dispensa apresentações.

A polícia descobriu na casa de Tony uma coleção de gravações dos assassinatos que realizou nos últimos dez anos. Pequenas lembranças de suas “purificações”. Reunindo esses vídeos, mais as evidências de minha investigação e o fato de que foram presos em flagrante, todos sabiam que não havia escapatória. Todos foram condenados.

Embora ninguém soubesse, eles haviam sido sentenciados à outra pena por outro juiz que ao mesmo tempo era júri e carrasco.

Poucos dias após Tony e seus quatro amigos voraces terem sido enviados à prisão, houve uma rebelião no presídio. Tudo aconteceu durante a revolta, por isso que ninguém ouviu os gritos e só perceberam que algo mais terrível acontecia em meio aquele caos quando sentiram cheiro de carne queimada.

Quando os voraces foram encontrados, a vida já havia deixado seus corpos que estavam queimados.

Tony e os amigos dele estavam na cela quando foram atacados. Foram esfaqueados e em seguida os banharam com gasolina e chamas. Eles morreram pelas facadas, mas ainda estavam vivos quando atearam fogo neles. Na parede, foi escrito com sangue a palavra:

JUSTIÇA

Descobriram que o responsável foi Charles Honório de vinte e nove anos e mais seis amigos que ele não entregou.

O motivo?

Vingança.

Charles era irmão de Anita Honório, uma mulher de trinta anos que

todos diziam se prostituir e que estava desaparecida há cinco anos. Foi vista pela última vez indo ao grupo de alcoólicos anônimos que era presidido por Tony. Ela foi uma das vítimas do voraces e o assassinato dela estava entre as gravações. A irmã era a única na família que o visitava depois de ele ter sido preso por tráfico de drogas, formação de quadrilha e furto a mão armada. Ele disse que a irmã era a única que o tratava como um ser humano e não como um animal.

As três mulheres, que estavam em uma prisão feminina, viram na televisão que o “bom samaritano” e seus companheiros haviam sido mortos. Não se sabe se foi por temor de terem um destino igual, visto que foram espancadas por outras detentas, ou se foi apenas para se unirem aos amigos no lugar para onde vão as almas dos assassinos. Em uma manhã, as três foram achadas mortas e com o sangue delas lavando o chão encardido.

As amigas haviam cortado os pulsos com vidro. Estavam de mãos dadas e com os rostos serenos.

Foi o fim dos voraces.

QUARTA PARTE

RECOMEÇO

“ A força não é demonstrada apenas
pela persistência,
mas pela capacidade de
recomeçar”

F. Scott Fitzgerald

CAPÍTULO **XXVIII**

O cemitério estava vazio, exceto pelos ocupantes que ali habitam até retornarem ao pó de onde vieram. A primavera havia chegado e a vida que voltava com ela estava visível nas flores que desabrocharam como se despertas de um agradável sono.

Eu caminhava ainda vestido com meu terno preto e o engrandecedor som dos aplausos que eu recebi ao ser premiado como jornalista do ano continuava ecoando em meus ouvidos. Eu me alegrava por minha matéria sobre os crimes do voraces estar repercutindo em jornais do mundo inteiro e sendo incrivelmente premiada, mas essa alegria não se comparava a que eu tinha ao receber ligações dos familiares. Parentes das vítimas me ligavam, mandavam e-mails e até cartas de agradecimento; Benício foi uma dessas pessoas, escreveu uma carta comovente que dizia não saber a extensão dos horrores que os voraces espalharam e me parabenizou por ter dado fim a tais horrores. Sempre que recebia o agradecimento eu sentia meu coração se apertar, mas foi a voz consumida pelo choro de Dona Marina que mais me emocionou. A mãe que não possuía mais uma filha, me agradeceu poucos

dias depois da matéria ter sido publicada e disse ser grata por eu ter ajudado a fazer a justiça que cabe aos homens fazerem. Quando desliguei o telefone, estava com os olhos marejados.

Que tipo de pessoa a filha dela poderia ter sido? É mais uma daquelas perguntas que irão viajar pelo infinito sem serem respondidas. Mas eu tenho certeza que ela teria sido uma pessoa brilhante como muitas das vítimas poderiam ter sido.

Cheguei ao meu destino. Sentei-me na grama bem em frente ao túmulo de Camila onde depus um ramalhete de goivos azuis, ela adorava goivos. Um pequeno pássaro se encontrava em cima da lápide. Ele não voou ao me ver, ficou ali por alguns segundos como se me fitasse e compreendesse o porquê de eu estar ali. Ele voou para um galho onde outro passarinho estava, ambos ficaram lado a lado como amantes.

- Oi, Mila - Disse eu com um sorriso - Desculpe a demora pra vir, mas eu andei meio ocupado, sabe?

Fiquei em silêncio e uma recordação caminhou gentilmente até mim.

Não fazia muito tempo que estávamos namorando e era aniversário de Camila, felizmente ela fora surpreendida pelos amigos do trabalho que lhe levaram comida japonesa no almoço, então à noite fomos jantar em uma churrascaria.

- Isso sim é comida de verdade! - Disse eu enquanto mastigava uma costela de cordeiro.

Camila semicerrou os olhos.

Ela vestia um belo vestido branco que eu havia lhe dado naquela manhã. O mesmo vestido que Laura me disse ter visto a irmã cobiçando no shopping. Ela estava linda como nos sonhos e pesadelos que tive com ela após perdê-la.

- Já é a terceira vez que você diz isso. Se falar de novo vou te espetar

com esse osso - Falou ela brandindo o osso da costelinha.

Ergui as mãos como se estivesse sendo assaltado. Ela riu.

- Você disse que viu uma palestra de um filósofo hoje, como foi?

Ficou evidente que aquela pergunta a deixou animada.

- Sam, foi ótima, fazia tempo que não via uma palestra tão boa. Ele me lembrou um pouco você.

- Sério, por quê?

- É que você deixa pontos para reflexão nas suas matérias, e esse professor faz o mesmo. Acho que você se daria bem apresentando uma palestra, já pensou nisso?

Fiz pose de pensativo levando a mão ao queixo.

- Na verdade não. Seria uma boa experiência, mas sei lá... Se eu expor demais meus encantos você vai ganhar concorrentes.

Camila riu e jogou uma azeitona em mim que bateu em meu peito.

Juntei-me a ela na gargalhada.

- E sobre o que ele falou? - Perguntei quando paramos de rir.

- Falou que a filosofia, como toda a ciência que se preze, tenta explicar a vida e onde vivemos. Ele levantou uma ideia interessante.

- Qual ideia?

Camila se endireitou na cadeira e pude ver a professora universitária se manifestar.

- Que talvez em vez de só questionar o mundo, deveríamos questionar a forma que vivemos. Eu concordei inteiramente com isso.

- Ele tem razão, quantos morreram tendo só passado pela vida sem de fato vivê-la?

Camila deu aquele sorriso que toda a professora entrega ao aluno que entende o que ela está tentando explicar.

- Ele pediu que fizéssemos um exercício - Disse ela ainda sorrindo.

- Qual?
- Que imaginássemos o epitáfio de nossas lápides.

Fiquei surpreso e Camila riu da cara que fiz.

- Diferente não é? - Disse ela.
- Muito... Meu Deus! Achei bem interessante.

Inclinei-me colocando meus cotovelos na mesa.

- E o que você imaginou para sua lápide, senhorita Camila Vidal?

Ela me imitou e também se apoiou sobre os cotovelos. Com os olhos cintilando, ela disse:

- “Voe rouxinol, voe em direção ao céu”.

Sorri.

- Mila, isso é lindo! Escolheu bem. Parabéns!

Camila me lançou uma piscadela.

- Mas, por que escolheu essa frase?
- O canto do rouxinol inspirou artistas por toda a história. Acho que se eu pudesse inspirar pessoas de alguma maneira, eu diria que minha vida valeu a pena.

Pousei minha mão sobre a dela e a acariciei.

- Você me disse que queria ser professora para inspirar alunos a seguirem um bom caminho.

Camila pareceu surpresa.

- Você é bom de memória, nem lembrava que tinha te dito isso - Ela pegou minha mão e a beijou eu fiz o mesmo.
- Acho que pode ficar orgulhosa, você me inspira - Disse a ela e o sorriso que ela deu em seguida foi um dos mais belos que já vi em minha vida.

Ela realmente me inspirava e algo me dizia que sempre me inspiraria. Inspirava a ser o melhor que eu pudesse ser.

Naquela noite, quando chegamos em casa, ela me pediu para pensar na minha frase e lhe disse que pensaria com carinho.

Camila nunca ouviu a minha resposta.

Olhando o túmulo de Camila e encharcado pelas águas calmas das lembranças, eu disse:

- Pensei na minha frase, Mila, acho que você vai gostar:
“Semeador de boas lembranças”.

Levantei-me e caminhei para mais próximo dela.

- Obrigado por ter feito parte da minha vida e me inspirado, rouxinol. Eu te amo.

Beijei a palma da minha mão e a pousei na lápide fria. Algo me dizia que ela estava sorrindo para mim em algum lugar que eu e você ainda não pertencemos.

Peguei um goivo azul e caminhei para uma lápide que estava mais adiante. Uma lápide onde não havia epitáfio, onde embaixo dela enterrado estava um corpo que não recebia muitas visitas e que não pôde contar com mais ninguém além da família quando fora sepultado. Na pedra branca estava escrito:

Laura Vidal Seixas

Agachei e deposei o goivo sobre a grama.

- Espero que você também possa descansar em paz, Laura.

Dei as costas à sepultura e caminhei em direção à saída. Avistei com um sorriso no rosto um bando de pássaros voando e se movimentando no ar como se dançassem uma música que nós humanos não podemos ouvir.

Já fazia três meses que eu havia sido acorrentado ao altar dos voraces, desde então não houve mais pesadelos ou alucinações. Eu finalmente podia dizer, com sinceridade, que estava bem.

Chegando à saída do cemitério, eu avistei Dayana em seu belo vestido

preto longo e Armando com um terno azul marinho. Ambos me esperavam do lado de fora. Dayana esbanjava vitalidade, o médico disse que ela estava quase curada. Outra que podia dizer que estava bem. Eles e Otávio estavam na premiação comigo e também receberam comoventes agradecimentos dos familiares das vítimas de Novo Caminho e das outras cidades. Otávio já devia ter chegado à casa dos meus pais onde haveria um generoso jantar de comemoração e também onde Roberto lhes contaria que seria lançado um documentário sobre a nossa investigação.

- Eu estava com medo de que fossem embora e me deixassem sem carona.
- Pensamos nisso - Disse Armando -, mas a Dayana me ameaçou caso eu pensasse em te deixar para trás.
- É bem típico dela ameaçar - Falei rindo.
- Eu já estou acostumado.
- Vão se foder vocês dois - Falou Dayana também rindo.
- Olha a boca, estamos em um lugar sagrado - Disse Armando a cutucando.
- Ok. Vocês dois podem, com todo o respeito, irem se ferrar? Melhorou?

Todos rimos. Era como se eu tivesse entrado em outro mundo ao atravessar o portão do cemitério. Um mundo mais quente e colorido.

- Ela tem algo pra te dizer, Sam.
- Sério? E o que é? - Perguntei a olhando.
- Sam, o Armando e as minhas filhas me convenceram a escrever um livro.

Impressionei-me.

- Sério? Isso é um máximo!
- Não é não, estou vendo que é muito trabalhoso - Falou ela fingindo

cansaço - Vou precisar de ajuda e pensei em te convidar a ser meu parceiro de novo.

Fiquei mais surpreso do que antes. Por um segundo, lembrei de quando escrevi em uma redação na escola dizendo que queria ser escritor.

- Eu disse a ela que ninguém leu mais livros que você, Sam - Contou Armando - Seria a ajuda perfeita... Isso é se você aguentar as ameaças e as mudanças de humor dela.

- Cala a boca - Disse ela em tom sério, mas com um sorriso escapando.

- E ouvir essas palavras também. Acredite, ouço isso umas dez vezes por dia há mais de duas décadas.

Dayana riu e apoiou a cabeça no ombro do marido.

- Armando, vai ser difícil. Mas, depois dos voraces, acho que lidar com isso será fácil.

- Boa sorte - Disse ele rindo.

- E sobre o que é o livro?

Dayana esboçou um sorriso malicioso.

- Uma investigação cheia de suspense.

- Uou! Já gostei. Qual o título?

- Entre lobos.

- Título interessante, escolheu bem. Mas, por que esse nome?

Ela se aproximou e falou com aqueles olhos azuis fixos nos meus.

- Quando se lida com criminosos iguais aos voraces, você está em um território de lobos. Se você não for esperto e cuidadoso, ou eles fogem ou te atacam; E existe os lobos que criamos, lobos que vivem dentro de nós se alimentando de nossa dor e fraquezas e se não os superarmos, os lobos nos devoram - Suas orbes azuis brilharam - Todos corremos o risco de viver entre lobos, por isso temos que ser fortes,

Sam.

Eu sorri. Ela estava certa, não estava?

- Adorei! - Respondi - Então acho que vamos trabalhar juntos de novo... Parceira.

- É isso aí, parceiro - Disse ela rindo.

Fizemos um high-five.

- Estão prontos para comerem a melhor feijoada do Brasil? -

Perguntei a eles.

- Opa, mais do que prontos. E estou curioso pela tal torta que você disse que sua irmã faz - Falou Armando.

- Então o que estamos esperando? Vamos?

- É pra já - Disse Dayana.

Entramos no carro e nos dirigimos para a casa dos meus pais, olhei uma última vez para o cemitério e depois deixei meu olhar se perder no mundo à minha frente.

...

Eu estava sentado na sacada do meu apartamento pensando no que poderíamos pôr no livro quando o telefone tocou. Corri até ele e o atendi.

- Alô?

- Samuel? Boa noite, aqui é o Tadeu.

Tadeu era o simpático porteiro do apartamento.

- Boa noite, Tadeu, tudo bem?

- Tudo joia. Samuel, tem uma moça aqui querendo falar com você.

- Ok, já estou descendo aí.

Calcei meu chinelos e fui até a entrada do apartamento tentando imaginar quem iria até minha casa à meia-noite. Chegando lá, ao longe, eu vi uma mulher em pé perto dos sofás da recepção do apartamento com três

grandes malas ao seu lado. A mulher de cabelos muito curtos e negros estava de costas e olhando pela frente de vidro da entrada do condomínio os imensos edifícios que dominavam a paisagem da cidade feito gigantes de alguma lenda antiga. Mesmo de costas era perceptível que ela estava admirando a vista.

Aproximei ainda sem reconhecer a mulher e quando estávamos a mais ou menos três metros eu falei:

- Olá?

Ela se virou e por um minuto pensei estar em um sonho e que havia chegado na parte mais importante dele. Aquela parte que antecede o despertar para o mundo real. Não era um sonho, ela realmente estava lá. Lágrimas deslizavam pelos olhos verde escuros da mulher.

Não dissemos nada, apenas corremos um em direção ao outro e nos abraçamos. Um abraço apertado que me fez viajar no tempo e relembrar momentos de uma outra época.

Quanto não havíamos sofrido e aprendido nos anos que se seguiram?

Abracei Heloísa com mais força. Quando notei também estava chorando. Ficamos ali por mais alguns segundos nos afogando no calor daquele abraço.

...

Eu ainda a olhava como se estivesse diante de um sonho. Estávamos sentados nos sofás da sala dando algumas risadas, pois eu fiz a piada de que aquela cor de cabelos e aquele corte não combinavam com ela. Tentamos manter distância das certezas e dúvidas que eu tinha sobre o desaparecimento dela. Ficamos apenas lá como se nada tivesse acontecido nos últimos três anos, tanto a ela, quanto a mim.

Heloísa encostou o prato, onde estivera um generoso pedaço da torta

que eu havia trazido da casa dos meus pais, na mesinha de centro. Havia tristeza nos olhos dela.

- Tenho muito para te falar, Sam. Não sei por onde começar.

Levantei-me, fui para mais perto dela e segurei-lhe a mão.

- Não precisa contar isso hoje. Por que não dorme aqui? Pode usar minha cama, eu fico no sofá e pode pegar o que quiser na geladeira a hora que quiser ... Mas aviso que não tem comida japonesa lá.

A expressão dela desanuviou um pouco graças a um sorriso.

- Não aprendeu a usar os hashis, não é? - Perguntou ela.

- Olha que retiro a minha oferta.

Ela riu novamente, mas assim que se silenciou a tristeza retornou.

- Eu preciso te contar tudo, Samuelzinho. Só assim eu vou sentir que... Que tudo acabou.

- Acabou, Helô... E não me chame de Samuelzinho.

Nós dois rimos como nos velhos tempos de faculdade e das minhas visitas à casa dela depois que se casou.

- Acho que é uma boa ideia você pegar seu gravador - Disse ela.

Eu vi no rosto dela o quanto ela queria e precisava contar o que havia acontecido no fatídico dia em que Felipe foi assassinado.

- Certo. Eu não demoro - Disse a ela.

Fui até meu escritório, peguei meu gravador e meu bloco de anotações. Voltei para a sala e me sentei no sofá novamente ficando frente a frente com ela.

- E então, Heloísa, está pronta para contar sua história para o mundo?

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

- Mais do que pronta! - Disse ela abrindo os olhos que irradiavam determinação.

Tive a sensação de que ao nosso redor o tempo parou. Toda minha atenção estava concentrada na mulher à minha frente como se nela estivessem as respostas para todos os mistérios do cosmos.

- Certo, vamos lá - Liguei o gravador - “A verdade sobre o caso Heloísa Albertini”. Heloísa foi você quem me mandou o livro “Then”?

Heloísa fitou a janela aberta e a escuridão além dela. O véu que cobre as lembranças que queremos esquecer foi rasgado. As feridas foram expostas à luz.

- Sim. Fui eu - Respondeu ela se voltando para mim. Os olhos verde-escuros cintilavam pela convicção.

- E por que você só marcou aquele trecho do livro em vez de escrever informações sobre os voraces?

- Porque aquilo era tudo o que eu sabia. Na manhã do dia em que eu fugi, Felipe me mostrou aquele trecho no livro que foi achado na bolsa dele - Ela levou os olhos para as mãos - Os anos foram se passando e eu vi que nada havia sido descoberto sobre os assassinos, então eu decidi fazer alguma coisa, mas eu estava sozinha, tendo que me esconder e com poucas informações sobre os culpados pela morte do Felipe - Ergueu os olhos fulgurantes até os meus - Você era minha única esperança, Sam. Então, depois de tanto procurar, eu consegui achar o livro, e aí marquei o mesmo trecho que o Felipe tinha me mostrado e mandei ele para você. Eu sabia que você ligaria o livro ao Felipe, eu tinha certeza que você chegaria a algum lugar, mas eu... Eu não sabia que te colocaria em tantos perigos, Sam.

O olhar dela se encheu de lágrimas.

- Por favor, me perdoe, Sam. Foi egoísmo meu, foi burrice, eu não deveria ter te envolvido nisso...

- Olha para mim, Helô - Disse a ela gentilmente.

Heloísa me olhou.

- Eu não tenho o que perdoar, Heloísa. Se você não tivesse me mandado aquele livro, neste exato momento alguém estaria sendo morto pelos voraces e assim seria por anos. Pense em quantas vidas foram poupadas. Aquele livro iniciou o movimento que derrubou aqueles malditos. Você começou esse movimento. Muita gente tem que te agradecer Helô... EU tenho que te agradecer.

Minha velha amiga limpou as lágrimas. Ficamos em silêncio até ela se recompor. Ela meneou a cabeça para assinalar que estava pronta para continuar.

- O que exatamente aconteceu no dia em que eles mataram o Felipe?

Heloísa levou a mão até o pescoço e segurou com força um colar que continha uma aliança dourada. Ela o segurava como se aquele ato lhe desse forças para reviver aqueles momentos.

Heloísa começou:

- Quando acordei naquela manhã, eu vi que tinha algo errado com o Felipe, ele parecia assustado e triste. Pediu que fôssemos ao parque e depois almoçar na churrascaria e então fomos. Chegando no parque, nos sentamos em um lugar distante e então ele começou a chorar.

Fez uma pausa como se aquela lembrança estivesse ferindo-a.

- Felipe me pediu para ler a passagem grifada em um livro que ele vinha lendo há algum tempo. Felipe me contou que aquela seita desgraçada não existia desde o século XV, mas há mais de vinte anos uma pessoa decidiu ressuscitá-los. Ele me disse que durante quinze anos ele fez coisas terríveis para esse grupo acreditando que estava colaborando para melhorar este mundo. Ele ainda chorava quando disse que meu amor retirou toda a escuridão que havia nele e que estava arrependido e queria remediar as coisas, desmascará-los e destruí-los...

Mas, no último mês, desconfiaram dele e por segurança ele tramou um plano para me tirar da cidade, pois eu poderia correr perigo. Me contou que torcia para não precisar executar o plano, mas na noite anterior pediram que ele se encontrasse com eles em um lugar e isso era o mesmo que dizer que eles descobriram o que ele queria fazer e iriam matá-lo e depois a mim. Me deu uma carta e pediu para que eu a lesse mais tarde, pois aquilo explicaria tudo o que estava acontecendo, mas naquele momento eu tinha que desaparecer. Felipe me deu uma bolsa onde estavam os cinquenta mil que tínhamos guardado em casa, todo o dinheiro da poupança, passagens, documentos falsos, uma peruca e lentes de contato - Um filete de lágrimas deslizou pela face dela - Eu implorei para ele me contar o que estava acontecendo, mas ele não disse nada, só me abraçou, disse que me amava e que eu fui a melhor coisa na vida dele.

As lágrimas aumentaram e ela as limpou.

- Felipe disse que não havia tempo, teríamos que nos apressar. Ele conheceu em um workshop, anos atrás, um amigo italiano, e esse amigo seria meu contato em Lamon. Ele me garantiu que era seguro já que ninguém sabia desse amigo. Lá, ele me conseguiria um emprego e já havia uma casa pronta para mim. Um amigo nosso de Novo Caminho me levaria em segurança para o aeroporto em São Paulo e o amigo dele estaria me esperando quando eu pousasse na Itália.

Heloísa limpou o novo filete que surgiu no olhar dela.

- Quando saímos do parque, ele me pediu para ficar de olho em um carro preto que me lembrei ter chegado lá junto conosco e eu o fiz. Assim que demos partida o carro fez o mesmo. Nós estávamos sendo seguidos.

“ Fomos para o restaurante e assim que saímos ele avançou um sinal fechado

e conseguimos despistar quem estava nos seguindo. Foram poucos segundos, mas foram o suficiente para eu saltar do carro com a mochila e me esconder.

Ela fez uma pausa e deixou o olhar se perder nas trevas do céu como se pudesse ver o reino divino para onde são encaminhadas as preces da humanidade.

- Antes de sair do carro, demos o nosso último beijo e ouvi pela última vez que ele me amava.

Heloísa voltou os olhos marejados até mim.

- Coloquei uma das perucas que ele me deu e fui até a casa do nosso amigo. Estava tudo combinado. Felipe disse a ele que estava correndo perigo, então ele tinha que me tirar da cidade, pagou dez mil ao amigo que tentou me devolver o dinheiro, mas recusei, e o combinado era que não revelasse nada sobre mim e que, independente do que acontecesse naquela noite, ele deveria se manter em silêncio, ou ele também iria correr perigo. Por segurança o Felipe não contou que eu estava fugindo pra Itália. Cortei o cabelo, o pinteí, coloquei as lentes... Não me reconheci quando olhei no espelho. Ele me levou até o aeroporto e de lá fui para meu destino. Fui recebida pelo amigo italiano do Felipe que me levou para onde seria minha casa e me conseguiu um emprego no restaurante em que ele trabalhava. Ele não sabia que eu era esposa do Felipe, achou que eu era só uma conhecida... Depois de um ano ele estranhou que não recebeu notícias do Felipe, foi quando contei que Felipe havia... Sido assassinado.

“ Depois que li a carta, Sam, eu admito que o odiei com todas as minhas forças e tentei manter esse ódio... Mas as lembranças de nossa vida juntos sempre vinham até mim. Lembranças de um homem que me fez feliz, que fez muito por mim, que sempre tentou ajudar as pessoas... Um homem que tentou consertar os erros... Quantos fazem isso, Sam?... Um homem que

quando o fim estava próximo fez de tudo não para se salvar, mas me salvar... Sei que eu deveria o odiar, Sam, mas eu não consigo.

Então ela se rendeu à dor e as lágrimas vieram com força.

Desliguei o gravador, me levantei e sentei ao lado de Heloísa. Não disse nada apenas passei os braços pelos ombro dela. Heloísa se apoiou em meu ombro e chorou permitindo que a dor a libertasse.

...

Eu estava sentado na sacada do apartamento segurando a carta que Felipe escrevera para Heloísa. Antes de ir dormir ela a entregou a mim para que eu a lesse. Eu a abri. Nela estava escrito:

Querida Heloísa,

Sei que você tem muitas dúvidas, mas infelizmente não poderei responder todas elas, apenas uma pequena parte delas. Perdoe-me por isso.

Lembra do Benício e da história que ele contou? Não era mentira como todos pensaram. Tudo aquilo aconteceu.

Eu estava lá. Eu era um dos homens de preto e fui eu quem não permitiu que ele fosse morto, porque não aguentava mais fazer parte daquilo.

Muitos assassinatos aconteceram em segredo em Novo Caminho e outras cidades da região e, mesmo eu não tendo os matado e nem participado da cerimônia que realizavam depois do crime, eu estive presente em todos os assassinatos que foram cometidos nos últimos quinze anos pela seita que lhe falei e ainda estaria se não houvesse acontecido um milagre: Conhecer você.

Você, Heloísa, salvou minha alma quando entrou em minha vida.

Desde que atrapahei o sacrifício de Benício, eles têm me observado e, nas últimas semanas, percebi que eles suspeitam que eu quero destruí-los e eles não irão permitir isso. Então, além de destruir as provas que eu estava

reunindo, terão de pôr fim a mim e a pessoa mais próxima de mim, por precaução caso você saiba de algo, então preparei cuidadosamente todo o necessário para que você esteja em segurança.

Se está lendo esta carta, isso prova que você está a salvo. Posso abraçar meu destino feliz e ir para o próximo passo de minha jornada.

Desculpe por só poder te contar isso, mas eu conheço você. Você iria querer achá-los e tentar fazer justiça, e essa busca te colocaria em risco.

Dói pedir isso, mas me esqueça. Eu cometi atos abomináveis, eu não mereço seu amor, nem sua compaixão e muito menos estar em seus pensamentos, pois se não bastassem meus crimes, eu ainda lhe coloquei em risco e tive de fazê-la deixar tudo para trás.

Sei que é pedir muito, mas imploro que possa me perdoar. Se não puder, eu entenderei. Se puder, saiba que onde quer que eu esteja vou ficar feliz.

Desejo que você possa ter toda a felicidade que merece e que encontre alguém melhor do que eu, que lhe ame e nunca te coloque em perigo, como eu fiz.

*Tenho muitas dúvidas e teorias sobre onde minha alma estará em breve, mas tenho uma única certeza:
Seja onde for, eu continuarei te amando.*

*Do sempre seu,
Felipe.*

Fechei a carta sentindo meu coração apertado e uma lágrima em meu olho.

Olhei para as estrelas imaginando o destino que nos aguarda depois de nossa viagem por este mundo e torcendo para que Felipe encontrasse a paz.

Coloquei meus fones de ouvido e deixei as ondas de pensamentos me

carregarem pela noite.

Adormeci ali, sob as estrelas.

EPÍLOGO

Era manhã de Natal, eu me encontrava sentado em um banco do parque em frente ao meu apartamento que, diferente dos dias comuns, estava quase deserto, o que dava a impressão de que aquela luz dourada cobrindo a grama e se misturando as cores do lago era um espetáculo feito exclusivamente para mim. Eu tinha algum tempo livre antes de ir para o almoço de natal que faríamos na casa dos meus pais. Dayana e Armando estariam lá, e eu finalmente conheceria as filhas deles e poderia discutir com Dayana sobre o primeiro capítulo do livro.

Havia acabado de desligar o celular. Heloísa me ligou para desejar feliz Natal e avisar que em breve estaria na cidade e queria que fossemos a um restaurante que acabara de abrir. Não era oriental, era de comida árabe.

Para minha surpresa, Heloísa se saiu muito bem com a poderosa cobertura que ela recebeu da mídia quando retornou ao país. Nossa matéria revelando o que realmente aconteceu com Felipe foi outro estrondoso sucesso e a história de Heloísa chocou e emocionou pessoas de todo o país e de muitos outros lugares no mundo. Nas ruas e redes sociais, víamos mensagens de apoio e boas-vindas à Heloísa que se mostrou grata.

Estive presente no dia em que os pais dela a viram pela primeira vez desde o retorno. Foi a cena mais emocionante da minha vida.

- Finalmente, eu mesma - Disse ela no dia seguinte a quando ela chegou ao meu apartamento depois de retirar a pintura no cabelo e novamente senti que eu viajava no tempo.

Heloísa, que naquela altura estava com os cabelos um pouco maiores e realmente mais idêntica à garota bem humorada que sempre adorei, decidi ir para a casa dos pais e ficar por lá até as festas passarem e os advogados esclarecerem todos os detalhes necessários para que ela tivesse direito ao que lhe pertencia por direito.

- Prefiro não me preocupar com isso, só quero comer a comida da minha mãe e ter férias - Falou ela pelo telefone quando chegou na cidade natal.

Os membros da franquia de restaurantes já haviam lhe garantido que ela teria o lugar dela na empresa e ela me garantiu que voltaria para lá em janeiro com muitas ideias que teve no tempo que passou na Itália e em conversas com Felipe antes do assassinato. Disse que iria ficar em São Paulo, já que Novo Caminho no momento era um cidade cheia de curiosos e ela queria poder ir ao banheiro sem se preocupar de um paparazzi aparecer lá dentro. Estava vendo para ela um apartamento perto de casa e tinha certeza que ela iria adorá-lo.

Heloísa me disse, no dia em que fomos ao cemitério depositar flores no túmulo, que conseguiu perdoar Felipe.

Ela olhou por um longo tempo o túmulo e então beijou a mão pousando-a na lápide. Antes de soltar as flores, ela disse:

- Tudo aquilo que é feito por amor, está além do bem e do mal.

Após dizê-lo, ela deixou as flores adornarem o túmulo e então as lágrimas vieram aos olhos dela.

- Nietzsche - Disse a ela.

Heloísa me olhou e, mesmo com os olhos marejados, sorriu.

- Droga - Falou ela - , eu achei que era Shakespeare, ele adorava Shakespeare.

Nós dois rimos e então eu a abracei. Ficamos ali até que ela se sentisse pronta para deixar o lugar e seguir o caminho que esperava por ela. Um caminho brilhante.

Levantei-me do banco do parque e caminhei para mais perto do lago com meu rádio em mãos. Sentei-me na grama a poucos metros do lago, coloquei meus fones de ouvido e deixei a música me abraçar. O reflexo do mundo tremeluzia com o correr da água. Realmente parecia o portal para outra realidade. Quem sabe uma realidade que Camila viria até mim, sentaria do meu lado e repousaria a cabeça em meu ombro?

Lembrei do dia em que saímos pela primeira vez.

Estávamos no restaurante oriental e eu não conseguia desgrudar os olhos dela. Eu já quase não ouvia mais o que ela dizia a respeito de Machado de Assis, eu só a olhava como se fosse a última coisa que veria em vida. A imagem que eu levaria para a outra vida.

- Você já leu “ Memorial de Aires”? - Perguntou Camila com um tom de voz calmo. Um tom de voz que ela usaria em uma briga que teríamos seis meses depois quando me perguntaria quando eu faria parte do século XXI e quando iria me desapegar um pouco do meu trabalho. O mesmo tom de voz que ela adotaria um ano depois para me agradecer pela festa de aniversário surpresa.

- Ainda não - Respondi.

Camila se mostrou impressionada.

- Como assim não? Você tem que ler. É um livro maravilhoso!

Pouco tempo depois, Camila me perguntou com o rosto apoiado nas mãos:

- E então, Samuel, por que essa paixão por um rádio am/fm? Por que

não compra um ipod ou usa a rádio do celular?

Quase disse que eu tinha um ipod, mas achei melhor deixar de lado.

- É que quando ouço música, eu me desligo do mundo. É como se fosse meu mantra para tirar o peso da vida e limpar a mente, sabe?

- Sei sim... Bom, muito mais barato que terapia - Disse ela sorrindo.

Eu ri e ela me acompanhou. Acho que nesse momento em que ríamos com os olhos admirando os do outro que tive certeza que estava apaixonado por Camila Vidal.

- Bem mais barato - Disse a ela - Eu não uso a rádio do celular porque ele pode tocar e quebrar a magia e... Bom, eu gosto de músicas da rádio porque é sempre uma surpresa, você nunca sabe qual será a próxima música.

Futuramente, ela começaria a ouvir com mais frequência músicas de rádio e me ensinaria muito sobre literatura brasileira. Camila me ensinou muita coisa, mas o mais importante é o que ela criou em minha vida:

Momentos inesquecíveis e imortais em minha memória e coração.

Camila foi uma das razões para esta vida ter valido a pena.

Não é isso que o amor deve fazer?

Pássaros voavam em círculos sobre o lago dourado como ouro e cantavam alegremente no parque.

Estar lá me fazia sentir grato por estar em um mundo primoroso. Um mundo onde o bem e o mal estão em todo lugar guerreando por nossa alma, mas, felizmente, podemos escolher entre eles.

Deitei-me na grama e abri os braços para o céu, para o universo, e então fechei os olhos.

Senti que o mal não poderia me alcançar e que todos os medos e dúvidas da humanidade eram insignificantes em meio à vastidão e perfeição do cosmos que nos rodeia.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

FIM

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por essa história que acabou de chegar ao fim e por toda a inspiração e ajuda que Ele me deu durante a escrita deste meu primeiro romance. Quero agradecer à minha família pelo apoio nessa pequena jornada. Sou imensamente grato às minhas irmãs Samanta, que corrigiu esse livro e me presenteou com valiosas sugestões, e Jane Kelly que criou a capa deste romance; e também, à minha grande amiga Jessica Majoni que me incentivou a escrever um livro e me presenteou com ótimos conselhos.

E um muito obrigado a você que leu este livro e lhe deu a honra de fazer parte de seus valiosos dias.